(n.t.)

REVISTA LITERÁRIA EM TRADUÇÃO

ANO IX - 1º VOL. - JUN. 2019 - EDIÇÃO BILÍNGUE SEMESTRAL - BRASIL

18

ISSN 2177-5141

tradução
μετάφραση
ترجمه
ਅਨੁਵਾਦ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
തഭതവാ
תרגום
vertaling
번역
käännös
translation
тәржемә
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canjı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳

Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 –
[recurso eletrônico].

Semestral, ano 9, n. 18, 1º vol., jun. 2019
Bilíngue: 7 idiomas
Editada por Gleiton Lentz e Roger Sulis; ilustrada por Aline Daka
Sistema requerido: PDF
Modo de acesso: https://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Archive.Org
ISSN 2177-5141

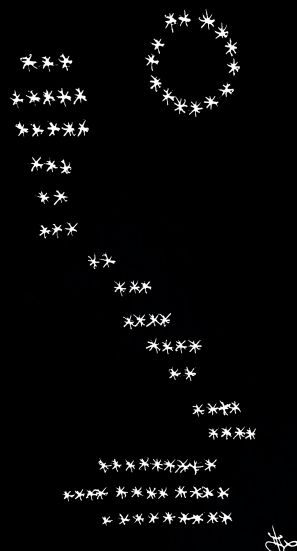
1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

Indexada no Latindex e Sumários.org

INTRO

“Inventa mundos novos e cuida tua palavra.”

Vicente Huidobro

EDITORIAL

www.notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

EDIÇÃO E COORDENAÇÃO
Gleiton Lentz

COEDIÇÃO E CONSULTORIA
Roger Sulis

ILUSTRAÇÃO E CURADORIA
Aline Daka

REVISÃO E ASSISTÊNCIA
Amanda Zampieri

CONSULTORIA LINGUÍSTICA
Scott Ritter Hadley

REVISÃO DOS ORIGINAIS
Equipe (n.t.)

AGRADECIMENTOS

Fac-símiles e originais: ▪ Perseus Digital Library (EUA), para "Ὁμηρικοὶ ̓́Υμνοι"; ▪ Biblioteca Nacional de Chile, para "El Espejo de Agua", de Vicente Huidobro; ▪ Gutenberg.Org (EUA), para "Whipperginny", de Robert Graves ▪ Aozora Bunko (Japão), para "のんきな患者", de Motojirō Kajii; ▪ Google Books (EUA), para "Bebuquin: Die Dilettanten des Wunders oder Die billige Erstarrnis", de Carl Einstein; ▪ Gutenberg.Org, para "The Withered Arm", de Thomas Hardy; ▪ Gutenberg.Org, para "Fiume, Belgrad, Budapest, Preßburg, Wien, München", de Ödön von Horváth; ▪ Google Books, para "Some aspects of the grotesque in Southern fiction", de Flannery O'Connor; ▪ Wikisource (EUA), para "Стихотворения Пушкина", de Púchkin. **Direitos de publicação:** ▪ Garzanti Editore (Itália), para "Lettera aperta", de Goliarda Sapienza; ▪ Editorial Gente Nueva (Cuba), para "Niños de Viet Nam", de Félix Pita Rodríguez; ▪ Editora Nova Fronteira (RJ), para "Poesias escolhidas", trad. José Casado, de Púchkin.

Por volta de 3500 a.C., uma quase esquecida cultura se desenvolveu ao longo do rio Indo, na Ásia, estendendo-se pela Índia e pelos atuais Paquistão e Afeganistão, a Harappa ou Civilização do Vale do Indo. Seu apogeu ocorreu entre 2.600 e 1900 a.C., época de seus principais centros urbanos, as cidades de Harappa e Mohenjo-Daro, no Paquistão, e Lothal e Rakhigarhi, na Índia. Ao lado dos sumérios, egípcios, gregos, chineses e maias, os harappianos são um dos povos mais antigos do mundo, que legaram, além de um modelo de pesos e medidas padronizado e de técnicas aprimoradas de engenharia hidráulica, um possível sistema logográfico que ainda permanece indecifrado, a escrita harappa.

As inscrições, cujo registro mais antigo remonta a 3500 a.C., se encontram gravadas em tabletes de terracota, vasos de cerâmica e, principalmente, em selos feitos de esteatito (pedra-sabão) e terracota. Até o momento foram achados mais de 4000 desses artefatos e catalogados cerca de 400 símbolos, o que seria muito para configurar uma língua fonética, e pouco para uma língua ideográfica. Além de curtas, as inscrições de estilo caroste apresentam combinações diferentes de símbolos, o que torna sua interpretação uma tarefa árdua pela falta de sequências mais longas e repetidas. Junto delas, os selos (que ilustram a capa desta edição) trazem gravados também animais (elefantes, tigres, bisões, etc.), humanos (alguns em posição de lótus), criaturas fantásticas (unicórnios e seres tricefálicos) e divindades (possivelmente pré-védicas).

No entanto, há uma possibilidade de que a escrita do Indo tenha sido utilizada para fins comerciais e administrativos, indicando talvez a identidade de mercadores ou fabricantes, já que foram achados selos na Mesopotâmia, no Golfo Pérsico, além de evidências de contatos com a ilha de Creta e o Egito. Caso já estivesse nesse estágio quando veio a desaparecer por volta de 1500 a.C, poderia ter se desenvolvido até formar um sistema ainda mais complexo, talvez com literatura, como ocorreu com a escrita cuneiforme, que iniciou da mesma forma, com tabuinhas. E apesar das inúmeras tentativas de decifração por parte de epigrafistas, linguistas e tradutores desde a publicação do primeiro selo, em 1872, a mais recente última descoberta indica que se trata de uma escrita logográfica (*Revista Nature*) e não logossilábica, como se conjecturava há décadas, e que esse consenso agora pode levar a uma futura tradução.

E se o silêncio ainda paira sobre a escrita harappa, o mesmo não ocorre mais com os escritos originais presentes neste número, pois finalmente rompem décadas, séculos e até milênios desde que

foram *cunhados* em seus idiomas de origem até chegar à sua contraparte, a tradução ao português. Como de costume, a revista abre com as seleções poéticas, primeiro, com os *Hinos Homéricos* | *Ὁμηρικοὶ Ὕμνοι*, atribuído a Homero, por Rodrigo Bravo; depois, com *O Espelho d'Água* | *El Espejo de Agua*, do chileno Vicente Huidobro, por Marcus Vinícius Lessa; com *Jimmy e seus blues e outros poemas* | *Jimmy's blues and other poems*, do estadunidense James Baldwin, por Rafael de Arruda Sobral; e por fim, com *Whipperginny* | *Whipperginny*, do britânico Robert Graves, por Sergio Ricardo Alves de Oliveira.

Na sequência, quatro escritores, de quatro nacionalidades, dão uma mostra da literatura universal: o japonês Motojirô Kajii, com o conto *Um paciente despreocupado* | のんきな患者, traduzido por Karen Kazue Kawana; o alemão Carl Einstein com seu livro-manifesto *Bebuquin: Os Diletantes do Milagre ou A Petrificação barata* | *Bebuquin: Die Dilettanten des Wunders oder Die billige Erstarrnis*, por Maria Aparecida Barbosa; a italiana Goliarda Sapienza, com sua *Carta aberta* | *Lettera aperta*, por Cláudia Tavares Alves; o britânico Thomas Hardy, com o conto *O braço mirrado* | *The Withered Arm*; e o cubano Félix Pita Rodríguez, com suas narrativas sobre as *Crianças do Vietnã* | *Niños de Viet Nam*, por Scott Ritter Hadley.

Nos textos ensaísticos, Mariana Holms traduz *Fiume, Belgrado, Budapeste, Bratislava, Viena, Munique* | *Fiume, Belgrad, Budapest, Preßburg, Wien, München*, de Ödön von Horváth, e Ana Resende e Lais Alves, a quatro mãos, *Alguns aspectos do grotesco na ficção sulista estadunidense* | *Some aspects of the grotesque in Southern fiction*, de Flannery O'Connor.

E na última seção, através de uma breve seleção, homenageamos a primeira tradução de Púchkin feita no Brasil a partir do russo, a do prosador e tradutor alagoano José Casado, *Poesias escolhidas* | *Стихотворения Пушкина*, publicada em 1992, pela Editora Nova Fronteira.

E nesses termos entregamos mais um número ao leitor da (n.t.), praticamente um conluio entre autores e tradutores que utilizam um caminho que busca, etimologicamente, e sem precisar recorrer a metáforas, "conduzir além". É esse mesmo caminho que os decifradores da antiga escrita harappa tentam encontrar cada vez que se debruçam sobre os selos de terracota, assim como o fizeram os tradutores sobre as páginas dos livros. Analogias à parte, enquanto a escrita abre caminhos, a tradução constrói pontes.

Boa literatura atemporal! ■

Os editores
Desterro, agosto de 2020.

(n.t.) | 18°

Publicada na Ilha do Desterro, em Santa Catarina, Brasil.

ISSN 2177-5141

SUMÁRIO

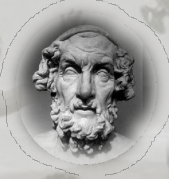
POESIA

CONTOS

poesia

(n.t.) | Erebuni

Hinos Homéricos

Anônimo (atribuído a Homero)

O texto: Os *Hinos Homéricos* são uma compilação da Antiguidade de poemas dedicados a narrativas de origem, a feitos do passado e ao louvor das divindades do panteão helênico. Embora de menor extensão, assemelham-se, por seu tema, ritmo e linguagem, à épica jônica do período Arcaico. Os hinos variam de extensão ao longo da coletânea, pois há desde 3 versos a mais de 500. Isso leva a filologia atual a classificar a coletânea como um material didático, que era destinado a cantores que desejassem compor no gênero, sendo, portanto, os hinos maiores, modelos de composição, e os menores, seus inícios e conclusões obrigatórios, segundo o rito de cada deus. Esta tradução apresenta uma seleção dos *Hinos Homéricos* dedicada às divindades femininas do panteão grego.

Texto traduzido: Hesiod. "Homeric Hymns". In. *The Homeric Hymns and Homerica*. Translated by Hugh G. Evelyn-White. London/Cambridge: William Heinemann/Harvard University Press, 1914.

O autor: Pai mitológico da literatura ocidental, atribui-se a Homero a autoria dos dois poemas épicos que marcam as origens da prática literária, a *Ilíada* e a *Odisseia*. Conforme as fontes da Antiguidade, Homero teria nascido em Quios, na Jônia, filho do rio Meles e da ninfa Criteis; seria cego, o que alude à sua capacidade de memorizar e compor poemas oralmente, sem o uso da escrita. O conjunto de poemas atribuídos a Homero, além de serem fontes documentais primárias para muitos dos mitos da Grécia Antiga, influenciaram praticamente toda a literatura produzida desde então e representam um patrimônio de valor inestimável para toda a humanidade.

O tradutor: Rodrigo Bravo é doutorando em Tradutologia, mestre em Linguística e bacharel em Letras Clássicas pela USP. É autor de livros, artigos e capítulos de livro na área de tradução e crítica literária, cocriador e editor da revista eletrônica de poesia brasileira contemporânea traduzida para o inglês *Saccades/Sacadas* (2018), professor do curso de pós-graduação em Música Popular – Rock da Faculdade Santa Marcelina, dramaturgo e diretor da Cia. de Teatro Vento Áureo.

Ὁμηρικοι Ὕμνοι

"Σεῦ δ᾽ ἐγὼ ἀρξάμενος μεταβήσομαι ἄλλον ἐς ὕμνον."

ΆΓΝΩΣΤΟΣ ΣΥΓΓΡΑΦΕΑΣ
αποδίδονταν στον Όμηρο

5 – Εἲς Ἀφροδίτην

μοῦσά μοι ἔννεπε ἔργα πολυχρύσου Ἀφροδίτης,
Κύπριδος, ἥτε θεοῖσιν ἐπὶ γλυκὺν ἵμερον ὦρσε
καί τ᾽ ἐδαμάσσατο φῦλα καταθνητῶν ἀνθρώπων
οἰωνούς τε διιπετέας καὶ θηρία πάντα,
ἠμὲν ὅσ᾽ ἤπειρος πολλὰ τρέφει ἠδ᾽ ὅσα πόντος:
πᾶσιν δ᾽ ἔργα μέμηλεν ἐυστεφάνου Κυθερείης.
τρισσὰς δ᾽ οὐ δύναται πεπιθεῖν φρένας οὐδ᾽ ἀπατῆσαι:
κούρην τ᾽ αἰγιόχοιο Διός, γλαυκῶπιν Ἀθήνην:
οὐ γὰρ οἱ εὔαδεν ἔργα πολυχρύσου Ἀφροδίτης,
ἀλλ᾽ ἄρα οἱ πόλεμοί τε ἅδον καὶ ἔργον Ἄρηος
ὑσμῖναί τε μάχαι τε καὶ ἀγλαὰ ἔργ᾽ ἀλεγύνειν.
πρώτη τέκτονας ἄνδρας ἐπιχθονίους ἐδίδαξε
ποιῆσαι σατίνας τε καὶ ἅρματα ποικίλα χαλκῷ.
ἣ δέ τε παρθενικὰς ἁπαλόχροας ἐν μεγάροισιν
ἀγλαὰ ἔργ᾽ ἐδίδαξεν ἐπὶ φρεσὶ θεῖσα ἑκάστῃ.
οὐδέ ποτ᾽ Ἄρτέμιδα χρυσηλάκατον, κελαδεινὴν
δάμναται ἐν φιλότητι φιλομμειδὴς Ἀφροδίτη.
καὶ γὰρ τῇ ἅδε τόξα καὶ οὔρεσι θῆρας ἐναίρειν,

φόρμιγγές τε χοροί τε διαπρύσιοί τ᾽ ὀλολυγαὶ
ἄλσεά τε σκιόεντα δικαίων τε πτόλις ἀνδρῶν.
οὐδὲ μὲν αἰδοίῃ κούρῃ ἅδε ἔργ᾽ Ἀφροδίτης,
Ἱστίῃ, ἣν πρώτην τέκετο Κρόνος ἀγκυλομήτης,
αὖτις δ᾽ ὁπλοτάτην, βουλῇ Διὸς αἰγιόχοιο,
πότνιαν, ἣν ἐμνῶντο Ποσειδάων καὶ Ἀπόλλων:
ἣ δὲ μαλ᾽ οὐκ ἔθελεν, ἀλλὰ στερεῶς ἀπέειπεν:
ὤμοσε δὲ μέγαν ὅρκον, ὃ δὴ τετελεσμένος ἐστίν,
ἁψαμένη κεφαλῆς πατρὸς Διὸς αἰγιόχοιο,
παρθένος ἔσσεσθαι πάντ᾽ ἤματα, δῖα θεάων.
τῇ δὲ πατὴρ Ζεὺς δῶκε καλὸν γέρας ἀντὶ γάμοιο
καὶ τε μέσῳ οἴκῳ κατ᾽ ἄρ᾽ ἕζετο πῖαρ ἑλοῦσα.
πᾶσιν δ᾽ ἐν νηοῖσι θεῶν τιμάοχός ἐστι
καὶ παρὰ πᾶσι βροτοῖσι θεῶν πρέσβειρα τέτυκται.
τάων οὐ δύναται πεπιθεῖν φρένας οὐδ᾽ ἀπατῆσαι:
τῶν δ᾽ ἄλλων οὔ πέρ τι πεφυγμένον ἔστ᾽ Ἀφροδίτην
οὔτε θεῶν μακάρων οὔτε θνητῶν ἀνθρώπων.
καί τε παρὲκ Ζηνὸς νόον ἤγαγε τερπικεραύνου,
ὅστε μέγιστός τ᾽ ἐστὶ μεγίστης τ᾽ ἔμμορε τιμῆς.
καί τε τοῦ, εὖτ᾽ ἐθέλοι, πυκινὰς φρένας ἐξαπαφοῦσα
ῥηιδίως συνέμιξε καταθνητῇσι γυναιξίν,
Ἥρης ἐκλελαθοῦσα, κασιγνήτης ἀλόχου τε,
ἣ μέγα εἶδος ἀρίστη ἐν ἀθανάτῃσι θεῇσι.
κυδίστην δ᾽ ἄρα μιν τέκετο Κρόνος ἀγκυλομήτης
μήτηρ τε Ῥείη: Ζεὺς δ᾽ ἄφθιτα μήδεα εἰδὼς
αἰδοίην ἄλοχον ποιήσατο κέδν᾽ εἰδυῖαν.
τῇ δὲ καὶ αὐτῇ Ζεὺς γλυκὺν ἵμερον ἔμβαλε θυμῷ
ἀνδρὶ καταθνητῷ μιχθήμεναι, ὄφρα τάχιστα
μηδ᾽ αὐτὴ βροτέης εὐνῆς ἀποεργμένη εἴη,
καί ποτ᾽ ἐπευξαμένη εἴπῃ μετὰ πᾶσι θεοῖσιν
ἡδὺ γελοιήσασα, φιλομμειδὴς Ἀφροδίτη,
ὥς ῥα θεοὺς συνέμιξε καταθνητῇσι γυναιξί,
καί τε καταθνητοὺς υἱεῖς τέκον ἀθανάτοισιν,
ὥς τε θεὰς ἀνέμιξε καταθνητοῖς ἀνθρώποις.

Ἀγχίσεω δ᾽ ἄρα οἱ γλυκὺν ἵμερον ἔμβαλε θυμῷ,
ὃς τότ᾽ ἐν ἀκροπόλοις ὄρεσιν πολυπιδάκου Ἴδης
βουκολέεσκεν βοῦς δέμας ἀθανάτοισιν ἐοικώς.
τὸν δὴ ἔπειτα ἰδοῦσα φιλομμειδὴς Ἀφροδίτη
ἠράσατ᾽, ἔκπαγλος δὲ κατὰ φρένας ἵμερος εἷλεν.
ἐς Κύπρον δ᾽ ἐλθοῦσα θυώδεα νηὸν ἔδυνεν,
ἐς Πάφον: ἔνθα δέ οἱ τέμενος βωμός τε θυώδης.
ἐνθ᾽ ἥ γ᾽ εἰσελθοῦσα θύρας ἐπέθηκε φαεινάς:
ἔνθα δέ μιν Χάριτες λοῦσαν καὶ χρῖσαν ἐλαίῳ
ἀμβρότῳ, οἷα θεοὺς ἐπενήνοθεν αἰὲν ἐόντας,
ἀμβροσίῳ ἑδανῷ, τό ῥά οἱ τεθυωμένον ἦεν.
ἑσσαμένη δ᾽ εὖ πάντα περὶ χροῒ εἵματα καλὰ
χρυσῷ κοσμηθεῖσα φιλομμειδὴς Ἀφροδίτη
σεύατ᾽ ἐπὶ Τροίης προλιποῦσ᾽ εὐώδεα Κύπρον,
ὕψι μετὰ νέφεσιν ῥίμφα πρήσσουσα κέλευθον.
Ἴδην δ᾽ ἵκανεν πολυπίδακα, μητέρα θηρῶν,
βῆ δ᾽ ἰθὺς σταθμοῖο δι᾽ οὔρεος: οἳ δὲ μετ᾽ αὐτὴν
σαίνοντες πολιοί τε λύκοι χαροποί τε λέοντες,
ἄρκτοι παρδάλιές τε θοαὶ προκάδων ἀκόρητοι
ἤισαν: ἣ δ᾽ ὁρόωσα μετὰ φρεσὶ τέρπετο θυμὸν
καὶ τοῖς ἐν στήθεσσι βάλ᾽ ἵμερον: οἳ δ᾽ ἅμα πάντες
σύνδυο κοιμήσαντο κατὰ σκιόεντας ἐναύλους:
αὐτὴ δ᾽ ἐς κλισίας εὐποιήτους ἀφίκανε:
τὸν δ᾽ εὗρε σταθμοῖσι λελειμμένον οἶον ἀπ᾽ ἄλλων
Ἀγχίσην ἥρωα, θεῶν ἄπο κάλλος ἔχοντα.
οἳ δ᾽ ἅμα βουσὶν ἕποντο νομοὺς κατὰ ποιήεντας
πάντες: ὃ δὲ σταθμοῖσι λελειμμένος οἶος ἀπ᾽ ἄλλων
πωλεῖτ᾽ ἔνθα καὶ ἔνθα διαπρύσιον κιθαρίζων.
στῆ δ᾽ αὐτοῦ προπάροιθε Διὸς θυγάτηρ Ἀφροδίτη
παρθένῳ ἀδμήτῃ μέγεθος καὶ εἶδος ὁμοίη,
μή μιν ταρβήσειεν ἐν ὀφθαλμοῖσι νοήσας.
Ἀγχίσης δ᾽ ὁρόων ἐφράζετο θαύμαινέν τε
εἶδός τε μέγεθός τε καὶ εἵματα σιγαλόεντα.
πέπλόν μὲν γὰρ ἕεστο φαεινότερον πυρὸς αὐγῆς,

καλόν, χρύσειον, παμποίκιλον: ὡς δὲ σελήνη
στήθεσιν ἀμφ᾽ ἁπαλοῖσιν ἐλάμπετο, θαῦμα ἰδέσθαι:
εἶχε δ᾽ ἐπιγναμπτὰς ἕλικας κάλυκάς τε φαεινάς:
ὅρμοι δ᾽ ἀμφ᾽ ἁπαλῇ δειρῇ περικαλλέες ἦσαν.
Ἀγχίσην δ᾽ ἔρος εἷλεν, ἔπος δέ μιν ἀντίον ηὔδα:
χαῖρε, ἄνασσ᾽, ἥ τις μακάρων τάδε δώμαθ᾽ ἱκάνεις,
Ἄρτεμις ἢ Λητὼ ἠὲ χρυσέη Ἀφροδίτη
ἢ Θέμις ἠυγενὴς ἠὲ γλαυκῶπις Ἀθήνη,
ἤ πού τις Χαρίτων δεῦρ᾽ ἤλυθες, αἵτε θεοῖσι
πᾶσιν ἑταιρίζουσι καὶ ἀθάνατοι καλέονται,
ἤ τις Νυμφάων, αἵτ᾽ ἄλσεα καλὰ νέμονται
ἢ Νυμφῶν, αἳ καλὸν ὄρος τόδε ναιετάουσι
καὶ πηγὰς ποταμῶν, καὶ πίσεα ποιήεντα.
σοὶ δ᾽ ἐγὼ ἐν σκοπιῇ, περιφαινομένῳ ἐνὶ χώρῳ,
βωμὸν ποιήσω, ῥέξω δέ τοι ἱερὰ καλὰ
ὥρῃσιν πάσῃσι. σὺ δ᾽ εὔφρονα θυμὸν ἔχουσα
δός με μετὰ Τρώεσσιν ἀριπρεπέ᾽ ἔμμεναι ἄνδρα,
ποίει δ᾽ ἐξοπίσω θαλερὸν γόνον, αὐτὰρ ἔμ᾽ αὐτὸν
δηρὸν ἐὺ ζώειν καὶ ὁρᾶν φάος ἠελίοιο,
ὄλβιον ἐν λαοῖς, καὶ γήραος οὐδὸν ἱκέσθαι.
τὸν δ᾽ ἠμείβετ᾽ ἔπειτα Διὸς θυγάτηρ Ἀφροδίτη:
Ἀγχίση, κύδιστε χαμαιγενέων ἀνθρώπων,
οὔ τίς τοι θεός εἰμι: τί μ᾽ ἀθανάτῃσιν ἐίσκεις;
ἀλλὰ καταθνητή τε, γυνὴ δέ με γείνατο μήτηρ.
Ὀτρεὺς δ᾽ ἐστὶ πατὴρ ὀνομακλυτός, εἴ που ἀκούεις,
ὃς πάσης Φρυγίης εὐτειχήτοιο ἀνάσσει.
γλῶσσαν δ᾽ ὑμετέρην τε καὶ ἡμετέρην σάφα οἶδα.
Τρῳὰς γὰρ μεγάρῳ με τροφὸς τρέφεν: ἣ δὲ διαπρὸ
σμικρὴν παῖδ᾽ ἀτίταλλε, φίλης παρὰ μητρὸς ἑλοῦσα.
ὣς δή τοι γλῶσσάν γε καὶ ὑμετέρην εὖ οἶδα.
νῦν δέ μ᾽ ἀνήρπαξε χρυσόρραπις Ἀργειφόντης
ἐκ χοροῦ Ἀρτέμιδος χρυσηλακάτου, κελαδεινῆς.
πολλαὶ δὲ νύμφαι καὶ παρθένοι ἀλφεσίβοιαι
παίζομεν, ἀμφὶ δ᾽ ὅμιλος ἀπείριτος ἐστεφάνωτο.

ἔνθεν μ᾽ ἥρπαξε χρυσόρραπις Ἀργειφόντης:
πολλὰ δ᾽ ἐπ᾽ ἤγαγεν ἔργα καταθνητῶν ἀνθρώπων,
πολλὴν δ᾽ ἄκληρόν τε καὶ ἄκτιτον, ἣν διὰ θῆρες
ὠμοφάγοι φοιτῶσι κατὰ σκιόεντας ἐναύλους:
οὐδὲ ποσὶ ψαύσειν ἐδόκουν φυσιζόου αἴης:
Ἀγχίσεω δέ με φάσκε παραὶ λέχεσιν καλέεσθαι
κουριδίην ἄλοχον, σοὶ δ᾽ ἀγλαὰ τέκνα τεκεῖσθαι.
αὐτὰρ ἐπεὶ δὴ δεῖξε καὶ ἔφρασεν, ἦ τοι ὅ γ᾽ αὖτις
ἀθανάτων μετὰ φῦλ᾽ ἀπέβη κρατὺς Ἀργειφόντης:
αὐτὰρ ἐγώ σ᾽ ἱκόμην, κρατερὴ δέ μοι ἔπλετ᾽ ἀνάγκη.
ἀλλά σε πρὸς Ζηνὸς γουνάζομαι ἠδὲ τοκήων
ἐσθλῶν: οὐ μὲν γάρ κε κακοὶ τοιόνδε τέκοιεν:
ἀδμήτην μ᾽ ἀγαγὼν καὶ ἀπειρήτην φιλότητος
πατρί τε σῷ δεῖξον καὶ μητέρι κέδν᾽ εἰδυίῃ
σοῖς τε κασιγνήτοις, οἵ τοι ὁμόθεν γεγάασιν.
οὔ σφιν ἀεικελίη νυὸς ἔσσομαι, ἀλλ᾽ εἰκυῖα.
πέμψαι δ᾽ ἄγγελον ὦκα μετὰ Φρύγας αἰολοπώλους
εἰπεῖν πατρί τ᾽ ἐμῷ καὶ μητέρι κηδομένῃ περ:
οἳ δέ κε τοι χρυσόν τε ἅλις ἐσθῆτά θ᾽ ὑφαντὴν
πέμψουσιν: σὺ δὲ πολλὰ καὶ ἀγλαὰ δέχθαι ἄποινα.
ταῦτα δὲ ποιήσας δαίνυ γάμον ἱμερόεντα,
τίμιον ἀνθρώποισι καὶ ἀθανάτοισι θεοῖσιν.
ὣς εἰποῦσα θεὰ γλυκὺν ἵμερον ἔμβαλε θυμῷ.
Ἀγχίσην δ᾽ ἔρος εἷλεν ἔπος τ᾽ ἔφατ᾽ ἔκ τ᾽ ὀνόμαζεν:
εἰ μὲν θνητή τ᾽ ἐσσι, γυνὴ δέ σε γείνατο μήτηρ,
Ὀτρεὺς δ᾽ ἐστὶ πατὴρ ὀνομακλυτός, ὡς ἀγορεύεις,
ἀθανάτου δὲ ἕκητι διακτόρου ἐνθάδ᾽ ἱκάνεις
Ἑρμέω, ἐμὴ δ᾽ ἄλοχος κεκλήσεαι ἤματα πάντα:
οὔ τις ἔπειτα θεῶν οὔτε θνητῶν ἀνθρώπων
ἐνθάδε με σχήσει, πρὶν σῇ φιλότητι μιγῆναι
αὐτίκα νῦν: οὐδ᾽ εἴ κεν ἑκηβόλος αὐτὸς Ἀπόλλων
τόξου ἀπ᾽ ἀργυρέου προΐῃ βέλεα στονόεντα.
βουλοίμην κεν ἔπειτα, γύναι ἐικυῖα θεῇσι,
σῆς εὐνῆς ἐπιβὰς δῦναι δόμον Ἄιδος εἴσω.

ὣς εἰπὼν λάβε χεῖρα: φιλομμειδὴς δ᾽ Ἀφροδίτη
ἕρπε μεταστρεφθεῖσα κατ᾽ ὄμματα καλὰ βαλοῦσα
ἐς λέχος εὔστρωτον, ὅθι περ πάρος ἔσκεν ἄνακτι
χλαίνῃσιν μαλακῇς ἐστρωμένον: αὐτὰρ ὕπερθεν
ἄρκτων δέρματ᾽ ἔκειτο βαρυφθόγγων τε λεόντων,
τοὺς αὐτὸς κατέπεφνεν ἐν οὔρεσιν ὑψηλοῖσιν.
οἳ δ᾽ ἐπεὶ οὖν λεχέων εὐποιήτων ἐπέβησαν,
κόσμον μέν οἱ πρῶτον ἀπὸ χροὸς εἷλε φαεινόν,
πόρπας τε γναμπτάς θ᾽ ἕλικας κάλυκάς τε καὶ ὅρμους.
λῦσε δέ οἱ ζώνην ἰδὲ εἵματα σιγαλόεντα
ἔκδυε καὶ κατέθηκεν ἐπὶ θρόνου ἀργυροήλου
Ἀγχίσης: ὃ δ᾽ ἔπειτα θεῶν ἰότητι καὶ αἴσῃ
ἀθανάτῃ παρέλεκτο θεᾷ βροτός, οὐ σάφα εἰδώς.
ἦμος δ᾽ ἂψ εἰς αὖλιν ἀποκλίνουσι νομῆες
βοῦς τε καὶ ἴφια μῆλα νομῶν ἐξ ἀνθεμοέντων:
τῆμος ἄρ᾽ Ἀγχίσῃ μὲν ἐπὶ γλυκὺν ὕπνον ἔχευε
νήδυμον, αὐτὴ δὲ χροῒ ἕννυτο εἵματα καλά.
ἑσσαμένη δ᾽ εὖ πάντα περὶ χροῒ δῖα θεάων
ἔστη πὰρ κλισίῃ, κεὐποιήτοιο μελάθρου
κῦρε κάρη: κάλλος δὲ παρειάων ἀπέλαμπεν
ἄμβροτον, οἷόν τ᾽ ἐστὶν ἐυστεφάνου Κυθερείης,
ἐξ ὕπνου τ᾽ ἀνέγειρεν ἔπος τ᾽ ἔφατ᾽ ἔκ τ᾽ ὀνόμαζεν:
ὄρσεο, Δαρδανίδη: τί νυ νήγρετον ὕπνον ἰαύεις;
καὶ φράσαι, εἴ τοι ὁμοίη ἐγὼν ἰνδάλλομαι εἶναι,
οἵην δή με τὸ πρῶτον ἐν ὀφθαλμοῖσι νόησας;
ὣς φάθ᾽: ὃ δ᾽ ἐξ ὕπνοιο μάλ᾽ ἐμμαπέως ὑπάκουσεν.
ὡς δὲ ἴδεν δειρήν τε καὶ ὄμματα κάλ᾽ Ἀφροδίτης,
τάρβησέν τε καὶ ὄσσε παρακλιδὸν ἔτραπεν ἄλλῃ:
ἂψ δ᾽ αὖτις χλαίνῃ τε καλύψατο καλὰ πρόσωπα
καί μιν λισσόμενος ἔπεα πτερόεντα προσηύδα:
αὐτίκα σ᾽ ὡς τὰ πρῶτα, θεά, ἴδον ὀφθαλμοῖσιν,
ἔγνων ὡς θεὸς ἦσθα: σὺ δ᾽ οὐ νημερτὲς ἔειπες.
ἀλλά σε πρὸς Ζηνὸς γουνάζομαι αἰγιόχοιο,
μή με ζῶντ᾽ ἀμενηνὸν ἐν ἀνθρώποισιν ἐάσῃς

ναίειν, ἀλλ᾽ ἐλέαιρ᾽: ἐπεὶ οὐ βιοθάλμιος ἀνὴρ
γίγνεται, ὅς τε θεαῖς εὐνάζεται ἀθανάτῃσι.
τὸν δ᾽ ἠμείβετ᾽ ἔπειτα Διὸς θυγάτηρ Ἀφροδίτη:
Ἀγχίση, κύδιστε καταθνητῶν ἀνθρώπων,
θάρσει, μηδέ τι σῇσι μετὰ φρεσὶ δείδιθι λίην:
οὐ γάρ τοί τι δέος παθέειν κακὸν ἐξ ἐμέθεν γε,
οὐδ᾽ ἄλλων μακάρων: ἐπεὶ ἦ φίλος ἐσσὶ θεοῖσι.
σοὶ δ᾽ ἔσται φίλος υἱός, ὃς ἐν Τρώεσσιν ἀνάξει
καὶ παῖδες παίδεσσι διαμπερὲς ἐκγεγάοντες:
τῷ δὲ καὶ Αἰνείας ὄνομ᾽ ἔσσεται, οὕνεκα μ᾽ αἰνὸν
ἔσχεν ἄχος, ἕνεκα βροτοῦ ἀνέρος ἔμπεσον εὐνῇ:
ἀγχίθεοι δὲ μάλιστα καταθνητῶν ἀνθρώπων
αἰεὶ ἀφ᾽ ὑμετέρης γενεῆς εἶδός τε φυήν τε.
ἦ τοι μὲν ξανθὸν Γανυμήδεα μητιέτα Ζεὺς
ἥρπασε ὃν διὰ κάλλος, ἵν᾽ ἀθανάτοισι μετείη
καί τε Διὸς κατὰ δῶμα θεοῖς ἐπιοινοχοεύοι,
θαῦμα ἰδεῖν, πάντεσσι τετιμένος ἀθανάτοισι,
χρυσέου ἐκ κρητῆρος ἀφύσσων νέκταρ ἐρυθρόν.
Τρῶα δὲ πένθος ἄλαστον ἔχε φρένας, οὐδέ τι ᾔδει,
ὅππη οἱ φίλον υἱὸν ἀνήρπασε θέσπις ἄελλα:
τὸν δὴ ἔπειτα γόασκε διαμπερὲς ἤματα πάντα
καί μιν Ζεὺς ἐλέησε, δίδου δέ οἱ υἷος ἄποινα,
ἵππους ἀρσίποδας, τοί τ᾽ ἀθανάτους φορέουσι.
τούς οἱ δῶρον ἔδωκεν ἔχειν: εἶπεν δὲ ἕκαστα
Ζηνὸς ἐφημοσύνῃσι διάκτορος Ἀργειφόντης,
ὡς ἔοι ἀθάνατος καὶ ἀγήρως ἶσα θεοῖσιν.
αὐτὰρ ἐπειδὴ Ζηνὸς ὅ γ᾽ ἔκλυεν ἀγγελιάων,
οὐκέτ᾽ ἔπειτα γόασκε, γεγήθει δὲ φρένας ἔνδον,
γηθόσυνος δ᾽ ἵπποισιν ἀελλοπόδεσσιν ὀχεῖτο.
ὣς δ᾽ αὖ Τιθωνὸν χρυσόθρονος ἥρπασεν Ἠώς,
ὑμετέρης γενεῆς, ἐπιείκελον ἀθανάτοισι.
Βῆ δ᾽ ἴμεν αἰτήσουσα κελαινεφέα Κρονίωνα,
ἀθάνατόν τ᾽ εἶναι καὶ ζώειν ἤματα πάντα:
τῇ δὲ Ζεὺς ἐπένευσε καὶ ἐκρήηνεν ἐέλδωρ.

νηπίη, οὐδ᾽ ἐνόησε μετὰ φρεσὶ πότνια Ἠὼς
ἥβην αἰτῆσαι ξῦσαί τ᾽ ἄπο γῆρας ὀλοιόν.
τὸν δ᾽ ἤ τοι εἵως μὲν ἔχεν πολυήρατος ἥβη,
Ἠοῖ τερπόμενος χρυσοθρόνῳ, ἠριγενείῃ
ναῖε παρ᾽ Ὠκεανοῖο ῥοῇς ἐπὶ πείρασι γαίης:
αὐτὰρ ἐπεὶ πρῶται πολιαὶ κατέχυντο ἔθειραι
καλῆς ἐκ κεφαλῆς εὐηγενέος τε γενείου,
τοῦ δ᾽ ἤ τοι εὐνῆς μὲν ἀπείχετο πότνια Ἠώς,
αὐτὸν δ᾽ αὖτ᾽ ἀτίταλλεν ἐνὶ μεγάροισιν ἔχουσα,
σίτῳ τ᾽ ἀμβροσίῃ τε καὶ εἵματα καλὰ διδοῦσα.
ἀλλ᾽ ὅτε δὴ πάμπαν στυγερὸν κατὰ γῆρας ἔπειγεν,
οὐδέ τι κινῆσαι μελέων δύνατ᾽ οὐδ᾽ ἀναεῖραι,
ἥδε δέ οἱ κατὰ θυμὸν ἀρίστη φαίνετο βουλή:
ἐν θαλάμῳ κατέθηκε, θύρας δ᾽ ἐπέθηκε φαεινάς.
τοῦ δ᾽ ἤ τοι φωνὴ ῥέει ἄσπετος, οὐδέ τι κῖκυς
ἔσθ᾽, οἵη πάρος ἔσκεν ἐνὶ γναμπτοῖσι μέλεσσιν.
οὐκ ἂν ἐγώ γε σὲ τοῖον ἐν ἀθανάτοισιν ἑλοίμην
ἀθάνατόν τ᾽ εἶναι καὶ ζώειν ἤματα πάντα.
ἀλλ᾽ εἰ μὲν τοιοῦτος ἐὼν εἶδός τε δέμας τε
ζώοις ἡμέτερός τε πόσις κεκλημένος εἴης,
οὐκ ἂν ἔπειτά μ᾽ ἄχος πυκινὰς φρένας ἀμφικαλύπτοι.
νῦν δέ σε μὲν τάχα γῆρας ὁμοίιον ἀμφικαλύψει
νηλειές, τό τ᾽ ἔπειτα παρίσταται ἀνθρώποισιν,
οὐλόμενον, καματηρόν, ὅτε στυγέουσι θεοί περ.
αὐτὰρ ἐμοὶ μέγ᾽ ὄνειδος ἐν ἀθανάτοισι θεοῖσιν
ἔσσεται ἤματα πάντα διαμπερὲς εἵνεκα σεῖο,
οἳ πρὶν ἐμοὺς ὀάρους καὶ μήτιας, αἷς ποτε πάντας
ἀθανάτους συνέμιξα καταθνητῇσι γυναιξί,
τάρβεσκον: πάντας γὰρ ἐμὸν δάμνασκε νόημα.
νῦν δὲ δὴ οὐκέτι μοι στόμα χείσεται ἐξονομῆναι
τοῦτο μετ᾽ ἀθανάτοισιν, ἐπεὶ μάλα πολλὸν ἀάσθην,
σχέτλιον, οὐκ ὀνοταστόν, ἀπεπλάγχθην δὲ νόοιο,
παῖδα δ᾽ ὑπὸ ζώνῃ ἐθέμην βροτῷ εὐνηθεῖσα.
τὸν μέν, ἐπὴν δὴ πρῶτον ἴδῃ φάος ἠελίοιο,

Νύμφαι μιν θρέψουσιν ὀρεσκῷοι βαθύκολποι,
αἳ τόδε ναιετάουσιν ὄρος μέγα τε ζάθεόν τε:
αἵ ῥ᾽ οὔτε θνητοῖς οὔτ᾽ ἀθανάτοισιν ἕπονται.
δηρὸν μὲν ζώουσι καὶ ἄμβροτον εἶδαρ ἔδουσι
καί τε μετ᾽ ἀθανάτοισι καλὸν χορὸν ἐρρώσαντο.
τῇσι δὲ Σειληνοὶ καὶ ἐύσκοπος Ἀργειφόντης
μίσγοντ᾽ ἐν φιλότητι μυχῷ σπείων ἐροέντων.
τῇσι δ᾽ ἅμ᾽ ἢ ἐλάται ἠὲ δρύες ὑψικάρηνοι
γεινομένῃσιν ἔφυσαν ἐπὶ χθονὶ βωτιανείρῃ,
καλαί, τηλεθάουσαι, ἐν οὔρεσιν ὑψηλοῖσιν.
ἑστᾶσ᾽ ἠλίβατοι, τεμένη δέ ἑ κικλήσκουσιν
ἀθανάτων: τὰς δ᾽ οὔ τι βροτοὶ κείρουσι σιδήρῳ:
ἀλλ᾽ ὅτε κεν δὴ μοῖρα παρεστήκῃ θανάτοιο,
ἀζάνεται μὲν πρῶτον ἐπὶ χθονὶ δένδρεα καλά,
φλοιὸς δ᾽ ἀμφιπεριφθινύθει, πίπτουσι δ᾽ ἄπ᾽ ὄζοι,
τῶν δέ θ᾽ ὁμοῦ ψυχὴ λείπει φάος ἠελίοιο.
αἳ μὲν ἐμὸν θρέψουσι παρὰ σφίσιν υἱὸν ἔχουσαι.
τὸν μὲν ἐπὴν δὴ πρῶτον ἕλῃ πολυήρατος ἥβη,
ἄξουσίν σοι δεῦρο θεαὶ δείξουσί τε παῖδα.
σοὶ δ᾽ ἐγώ, ὄφρα κε ταῦτα μετὰ φρεσὶ πάντα διέλθω,
ἐς πέμπτον ἔτος αὖτις ἐλεύσομαι υἱὸν ἄγουσα.
τὸν μὲν ἐπὴν δὴ πρῶτον ἴδῃς θάλος ὀφθαλμοῖσι,
γηθήσεις ὁρόων: μάλα γὰρ θεοείκελος ἔσται:
ἄξεις δ᾽ αὐτίκα νιν ποτὶ Ἴλιον ἠνεμόεσσαν.
ἢν δέ τις εἴρηταί σε καταθνητῶν ἀνθρώπων,
ἥ τις σοι φίλον υἱὸν ὑπὸ ζώνῃ θέτο μήτηρ,
τῷ δὲ σὺ μυθεῖσθαι μεμνημένος, ὥς σε κελεύω:
φάσθαι τοι Νύμφης καλυκώπιδος ἔκγονον εἶναι,
αἳ τόδε ναιετάουσιν ὄρος καταειμένον ὕλῃ.
εἰ δέ κεν ἐξείπῃς καὶ ἐπεύξεαι ἄφρονι θυμῷ
ἐν φιλότητι μιγῆναι ἐυστεφάνῳ Κυθερείῃ,
Ζεύς σε χολωσάμενος βαλέει ψολόεντι κεραυνῷ.
εἴρηταί τοι πάντα: σὺ δὲ φρεσὶ σῇσι νοήσας,
ἴσχεο μηδ᾽ ὀνόμαινε, θεῶν δ᾽ ἐποπίζεο μῆνιν.

ὣς εἰποῦσ᾽ ἤιξε πρὸς οὐρανὸν ἠνεμόεντα.
χαῖρε, θεά, Κύπροιο ἐυκτιμένης μεδέουσα:
σεῦ δ᾽ ἐγὼ ἀρξάμενος μεταβήσομαι ἄλλον ἐς ὕμνον.

6 – Εἲς Ἀφροδίτην

αἰδοίην, χρυσοστέφανον, καλὴν Ἀφροδίτην
ᾁσομαι, ἣ πάσης Κύπρου κρήδεμνα λέλογχεν
εἰναλίης, ὅθι μιν Ζεφύρου μένος ὑγρὸν ἀέντος
ἤνεικεν κατὰ κῦμα πολυφλοίσβοιο θαλάσσης
ἀφρῷ ἔνι μαλακῷ: τὴν δὲ χρυσάμπυκες Ὧραι
δέξαντ᾽ ἀσπασίως, περὶ δ᾽ ἄμβροτα εἵματα ἕσσαν:
κρατὶ δ᾽ ἐπ᾽ ἀθανάτῳ στεφάνην εὔτυκτον ἔθηκαν
καλήν, χρυσείην: ἐν δὲ τρητοῖσι λοβοῖσιν
ἄνθεμ᾽ ὀρειχάλκου χρυσοῖό τε τιμήεντος:
δειρῇ δ᾽ ἀμφ᾽ ἁπαλῇ καὶ στήθεσιν ἀργυφέοισιν
ὅρμοισι χρυσέοισιν ἐκόσμεον, οἷσί περ αὐταὶ
Ὧραι κοσμείσθην χρυσάμπυκες, ὁππότ᾽ ἴοιεν
ἐς χορὸν ἱμερόεντα θεῶν καὶ δώματα πατρός.
αὐτὰρ ἐπειδὴ πάντα περὶ χροῒ κόσμον ἔθηκαν,
ἦγον ἐς ἀθανάτους: οἳ δ᾽ ἠσπάζοντο ἰδόντες
χερσί τ᾽ ἐδεξιόωντο καὶ ἠρήσαντο ἕκαστος
εἶναι κουριδίην ἄλοχον καὶ οἴκαδ᾽ ἄγεσθαι,
εἶδος θαυμάζοντες ἰοστεφάνου Κυθερείης.
χαῖρ᾽ ἑλικοβλέφαρε, γλυκυμείλιχε: δὸς δ᾽ ἐν ἀγῶνι
νίκην τῷδε φέρεσθαι, ἐμὴν δ᾽ ἔντυνον ἀοιδήν.
αὐτὰρ ἐγὼ καὶ σεῖο καὶ ἄλλης μνήσομ᾽ ἀοιδῆς.

9 - Εἰς Ἄρτεμιν

Ἄρτεμιν ὕμνει, Μοῦσα, κασιγνήτην Ἑκάτοιο.
παρθένον ἰοχέαιραν, ὁμότροφον Ἀπόλλωνος,
ἥθ᾽ ἵππους ἄρσασα βαθυσχοίνοιο Μέλητος
ῥίμφα διὰ Σμύρνης παγχρύσεον ἅρμα διώκει
ἐς Κλάρον ἀμπελόεσσαν, ὅθ᾽ ἀργυρότοξος Ἀπόλλων
ἧσται μιμνάζων ἑκατηβόλον ἰοχέαιραν.
καὶ σὺ μὲν οὕτω χαῖρε θεαί θ᾽ ἅμα πᾶσαι ἀοιδῇ:
αὐτὰρ ἐγώ σε πρῶτα καὶ ἐκ σέθεν ἄρχομ᾽ ἀείδειν,
σεῦ δ᾽ ἐγὼ ἀρξάμενος μεταβήσομαι ἄλλον ἐς ὕμνον.

10 – Εἲς Ἀφροδίτην

κυπρογενῆ Κυθέρειαν ἀείσομαι, ἥτε βροτοῖσι
μείλιχα δῶρα δίδωσιν, ἐφ᾽ ἱμερτῷ δὲ προσώπῳ
αἰεὶ μειδιάει καὶ ἐφ᾽ ἱμερτὸν θέει ἄνθος.
χαῖρε, θεά, Σαλαμῖνος ἐυκτιμένης μεδέουσα
εἰναλίης τε Κύπρου: δὸς δ᾽ ἱμερόεσσαν ἀοιδήν.
αὐτὰρ ἐγὼ καὶ σεῖο καὶ ἄλλης μνήσομ᾽ ἀοιδῆς.

11 – Εἰς Ἀθήναν

Παλλάδ᾽ Ἀθηναίην ἐρυσίπτολιν ἄρχομ᾽ ἀείδειν,
δεινήν, ᾗ σὺν Ἄρηι μέλει πολεμήια ἔργα
περθόμεναί τε πόληες ἀϋτή τε πτόλεμοί τε,
καί τ᾽ ἐρρύσατο λαὸν ἰόντα τε νισσόμενόν τε.
χαῖρε, θεά, δὸς δ᾽ ἄμμι τύχην εὐδαιμονίην τε.

12 – Εἰς Ἥραν

Ἥρην ἀείδω χρυσόθρονον, ἣν τέκε Ῥείη,
ἀθανάτων βασίλειαν, ὑπείροχον εἶδος ἔχουσαν,
Ζην`%ὸς ἐριγδούποιο κασιγνήτην ἄλοχόν τε,
κυδρήν, ἣν πάντες μάκαρες κατὰ μακρὸν Ὄλυμπον
ἁζόμενοι τίουσιν ὁμῶς Διὶ τερπικεραύνῳ.

13 – Εἲς Δημήτραν

Δημήτηρ᾽ ἠύκομον, σεμνὴν θεάν, ἄρχομ᾽ ἀείδειν,
αὐτὴν καὶ κούρην, περικαλλέα Περσεφόνειαν.
χαῖρε, θεά, καὶ τήνδε σάου πόλιν: ἄρχε δ᾽ ἀοιδῆς.

14 – Εἲς Μητέρα Θεῶν

μητέρα μοι πάντων τε θεῶν πάντων τ᾽ ἀνθρώπων
ὕμνει, Μοῦσα λίγεια, Διὸς θυγάτηρ μεγάλοιο,
ᾗ κροτάλων τυπάνων τ᾽ ἰαχὴ σύν τε βρόμος αὐλῶν
εὔαδεν ἠδὲ λύκων κλαγγὴ χαροπῶν τε λεόντων
οὔρεά τ᾽ ἠχήεντα καὶ ὑλήεντες ἔναυλοι.
καὶ σὺ μὲν οὕτω χαῖρε θεαί θ᾽ ἅμα πᾶσαι ἀοιδῇ.

24 – Εἲς Ἑστίαν

ἑστίη, ἥτε ἄνακτος Ἀπόλλωνος ἑκάτοιο
Πυθοῖ ἐν ἠγαθέῃ ἱερὸν δόμον ἀμφιπολεύεις,
αἰεὶ σῶν πλοκάμων ἀπολείβεται ὑγρὸν ἔλαιον:
ἔρχεο τόνδ᾽ ἀνὰ οἶκον, ἕν᾽ ἔρχεο θυμὸν ἔχουσα
σὺν Διὶ μητιόεντι: χάριν δ᾽ ἅμ᾽ ὄπασσον ἀοιδῇ.

25 – Εἰς Μούσας Καὶ Ἀπόλλωνα

μουσάων ἄρχωμαι Ἀπόλλωνός τε Διός τε:
ἐκ γὰρ Μουσάων καὶ ἑκηβόλου Ἀπόλλωνος
ἄνδρες ἀοιδοὶ ἔασιν ἐπὶ χθονὶ καὶ κιθαρισταί,
ἐκ δὲ Διὸς βασιλῆες: ὃ δ᾽ ὄλβιος, ὅν τινα Μοῦσαι
φίλωνται: γλυκερή οἱ ἀπὸ στόματος ῥέει αὐδή.
χαίρετε, τέκνα Διός, καὶ ἐμὴν τιμήσατ᾽ ἀοιδήν:
αὐτὰρ ἐγὼν ὑμέων τε καὶ ἄλλης μνήσομ᾽ ἀοιδῆς.

27 – Εἰς Ἄρτεμιν

Ἄρτεμιν ἀείδω χρυσηλάκατον, κελαδεινήν,
παρθένον αἰδοίην, ἐλαφηβόλον, ἰοχέαιραν,
αὐτοκασιγνήτην χρυσαόρου Ἀπόλλωνος,
ἣ κατ᾽ ὄρη σκιόεντα καὶ ἄκριας ἠνεμοέσσας
ἄγρῃ τερπομένη παγχρύσεα τόξα τιταίνει
πέμπουσα στονόεντα βέλη: τρομέει δὲ κάρηνα
ὑψηλῶν ὀρέων, ἰάχει δ᾽ ἔπι δάσκιος ὕλη
δεινὸν ὑπὸ κλαγγῆς θηρῶν, φρίσσει δέ τε γαῖα
πόντος τ᾽ ἰχθυόεις: ἣ δ᾽ ἄλκιμον ἦτορ ἔχουσα
πάντη ἐπιστρέφεται θηρῶν ὀλέκουσα γενέθλην.
αὐτὰρ ἐπὴν τερφθῇ θηροσκόπος ἰοχέαιρα,
εὐφρήνῃ δὲ νόον, χαλάσασ᾽ εὐκαμπέα τόξα
ἔρχεται ἐς μέγα δῶμα κασιγνήτοιο φίλοιο,
Φοίβου Ἀπόλλωνος, Δελφῶν ἐς πίονα δῆμον,
Μουσῶν καὶ Χαρίτων καλὸν χορὸν ἀρτυνέουσα.
ἔνθα κατακρεμάσασα παλίντονα τόξα καὶ ἰοὺς
ἡγεῖται χαρίεντα περὶ χροῒ κόσμον ἔχουσα,
ἐξάρχουσα χορούς: αἳ δ᾽ ἀμβροσίην ὄπ᾽ ἰεῖσαι
ὑμνεῦσιν Λητὼ καλλίσφυρον, ὡς τέκε παῖδας
ἀθανάτων βουλῇ τε καὶ ἔργμασιν ἔξοχ᾽ ἀρίστους.
χαίρετε, τέκνα Διὸς καὶ Λητοῦς ἠυκόμοιο:
αὐτὰρ ἐγὼν ὑμέων τε καὶ ἄλλης μνήσομ᾽ ἀοιδῆς.

28 – Εἲς Ἀθήναν

Παλλάδ᾽ Ἀθηναίην, κυδρὴν θεόν, ἄρχομ᾽ ἀείδειν
γλαυκῶπιν, πολύμητιν, ἀμείλιχον ἦτορ ἔχουσαν,
παρθένον αἰδοίην, ἐρυσίπτολιν, ἀλκήεσσαν,
Τριτογενῆ, τὴν αὐτὸς ἐγείνατο μητίετα Ζεὺς
σεμνῆς ἐκ κεφαλῆς, πολεμήια τεύχε᾽ ἔχουσαν,
χρύσεα, παμφανόωντα: σέβας δ᾽ ἔχε πάντας ὁρῶντας
ἀθανάτους: ἣ δὲ πρόσθεν Διὸς αἰγιόχοιο
ἐσσυμένως ὤρουσεν ἀπ᾽ ἀθανάτοιο καρήνου,
σείσασ᾽ ὀξὺν ἄκοντα: μέγας δ᾽ ἐλελίζετ᾽ Ὄλυμπος
δεινὸν ὑπὸ βρίμης γλαυκώπιδος: ἀμφὶ δὲ γαῖα
σμερδαλέον ἰάχησεν: ἐκινήθη δ᾽ ἄρα πόντος,
κύμασι πορφυρέοισι κυκώμενος: ἔκχυτο δ᾽ ἅλμη
ἐξαπίνης: στῆσεν δ᾽ Ὑπερίονος ἀγλαὸς υἱὸς
ἵππους ὠκύποδας δηρὸν χρόνον, εἰσότε κούρη
εἵλετ᾽ ἀπ᾽ ἀθανάτων ὤμων θεοείκελα τεύχη
Παλλὰς Ἀθηναίη: γήθησε δὲ μητίετα Ζεύς.
καὶ σὺ μὲν οὕτω χαῖρε, Διὸς τέκος αἰγιόχοιο:
αὐτὰρ ἐγὼ καὶ σεῖο καὶ ἄλλης μνήσομ᾽ ἀοιδῆς.

29 – Εἰς Ἑστίαν

ἑστίη, ἣ πάντων ἐν δώμασιν ὑψηλοῖσιν
ἀθανάτων τε θεῶν χαμαὶ ἐρχομένων τ᾽ ἀνθρώπων
ἕδρην ἀίδιον ἔλαχες, πρεσβηίδα τιμήν,
καλὸν ἔχουσα γέρας καὶ τίμιον: οὐ γὰρ ἄτερ σοῦ
5εἰλαπίναι θνητοῖσιν, ἵν᾽ οὐ πρώτῃ πυμάτῃ τε
Ἑστίῃ ἀρχόμενος σπένδει μελιηδέα οἶνον:
καὶ σύ μοι, Ἀργειφόντα, Διὸς καὶ Μαιάδος υἱέ,
ἄγγελε τῶν μακάρων, χρυσόρραπι, δῶτορ ἐάων,
10ἵλαος ὢν ἐπάρηγε σὺν αἰδοίῃ τε φίλῃ τε.
ναίετε δώματα καλά, φίλα φρεσὶν ἀλλήλοισιν
εἰδότες: ἀμφότεροι γὰρ ἐπιχθονίων ἀνθρώπων
εἰδότες ἔργματα καλὰ νόῳ θ᾽ ἕσπεσθε καὶ ἥβῃ.
χαῖρε, Κρόνου θύγατερ, σύ τε καὶ χρυσόρραπις Ἑρμῆς:
αὐτὰρ ἐγὼν ὑμέων τε καὶ ἄλλης μνήσομ᾽ ἀοιδῆς.

30 – Εἰς Γῆν Μητέρα Πάντων

γαῖαν παμμήτειραν ἀείσομαι, ἠυθέμεθλον,
πρεσβίστην, ἣ φέρβει ἐπὶ χθονὶ πάνθ᾽ ὁπόσ᾽ ἐστίν,
ἠμὲν ὅσα χθόνα δῖαν ἐπέρχεται ἠδ᾽ ὅσα πόντον
ἠδ᾽ ὅσα πωτῶνται, τάδε φέρβεται ἐκ σέθεν ὄλβου.
ἐκ σέο δ᾽ εὔπαιδές τε καὶ εὔκαρποι τελέθουσι,
πότνια, σεῦ δ᾽ ἔχεται δοῦναι βίον ἠδ᾽ ἀφελέσθαι
θνητοῖς ἀνθρώποισιν: ὃ δ᾽ ὄλβιος, ὅν κε σὺ θυμῷ
πρόφρων τιμήσῃς: τῷ τ᾽ ἄφθονα πάντα πάρεστι.
βρίθει μέν σφιν ἄρουρα φερέσβιος ἠδὲ κατ᾽ ἀγροὺς
κτήνεσιν εὐθηνεῖ, οἶκος δ᾽ ἐμπίπλαται ἐσθλῶν:
αὐτοὶ δ᾽ εὐνομίῃσι πόλιν κάτα καλλιγύναικα
κοιρανέουσ᾽, ὄλβος δὲ πολὺς καὶ πλοῦτος ὀπηδεῖ:
παῖδες δ᾽ εὐφροσύνῃ νεοθηλέι κυδιόωσι
παρθενικαί τε χοροῖς πολυανθέσιν εὔφρονι θυμῷ
παίζουσαι σκαίρουσι κατ᾽ ἄνθεα μαλθακὰ ποίης,
οὕς κε σὺ τιμήσῃς, σεμνὴ θεά, ἄφθονε δαῖμον.
χαῖρε, θεῶν μήτηρ, ἄλοχ᾽ Οὐρανοῦ ἀστερόεντος,
πρόφρων δ᾽ ἀντ᾽ ᾠδῆς βίοτον θυμήρε᾽ ὄπαζε:
αὐτὰρ ἐγὼ καὶ σεῖο καὶ ἄλλης μνήσομ᾽ ἀοιδῆς.

32 – Εἰς Σελήνην

μήνην ἀείδειν τανυσίπτερον ἔσπετε, Μοῦσαι,
ἡδυεπεῖς κοῦραι Κρονίδεω Διός, ἵστορες ᾠδῆς:
ἧς ἄπο αἴγλη γαῖαν ἑλίσσεται οὐρανόδεικτος
κρατὸς ἀπ᾽ ἀθανάτοιο, πολὺς δ᾽ ὑπὸ κόσμος ὄρωρεν
αἴγλης λαμπούσης: στίλβει δέ τ᾽ ἀλάμπετος ἀὴρ
χρυσέου ἀπὸ στεφάνου, ἀκτῖνες δ᾽ ἐνδιάονται,
εὖτ᾽ ἂν ἀπ᾽ Ὠκεανοῖο λοεσσαμένη χρόα καλόν,
εἵματα ἑσσαμένη τηλαυγέα δῖα Σελήνη,
ζευξαμένη πώλους ἐριαύχενας, αἰγλήεντας,
ἐσσυμένως προτέρωσ᾽ ἐλάσῃ καλλίτριχας ἵππους,
ἑσπερίη, διχόμηνος: ὃ δὲ πλήθει μέγας ὄγμος
λαμπρόταταί τ᾽ αὐγαὶ τότ᾽ ἀεξομένης τελέθουσιν
οὐρανόθεν: τέκμωρ δὲ βροτοῖς καὶ σῆμα τέτυκται.
τῇ ῥά ποτε Κρονίδης ἐμίγη φιλότητι καὶ εὐνῇ:
ἣ δ᾽ ὑποκυσαμένη Πανδείην γείνατο κούρην,
ἐκπρεπὲς εἶδος ἔχουσαν ἐν ἀθανάτοισι θεοῖσι.
χαῖρε, ἄνασσα, θεὰ λευκώλενε, δῖα Σελήνη,
πρόφρον, ἐυπλόκαμος: σέο δ᾽ ἀρχόμενος κλέα φωτῶν
ᾁσομαι ἡμιθέων, ὧν κλείουσ᾽ ἔργματ᾽ ἀοιδοί,
Μουσάων θεράποντες, ἀπὸ στομάτων ἐροέντων.

Hinos homéricos

"Quando teu canto termino, começo, depois, outro hino."

ANÔNIMO
Atribuído a Homero

5 – Afrodite

Musa, canta-me os feitos da plena de ouro Afrodite,
Cípris, aquela que incita nos deuses o doce desejo,
que sobrepuja e conquista estirpes dos homens mortais,
das aves que pairam nos céus, também de todas as feras
tanto as que vivem da terra como as que vivem do mar:
de todas cuidam seus feitos, do belo festão Citereia.
De três porém não consegue vencer e enganar o conselho:
a filha de Zeus porta-égide, Atena dos olhos brilhantes,
pois não se deleita dos feitos da plena de ouro Afrodite,
mas aprazem-lhe as guerras, bem como os feitos de Ares,
as contendas e prélios, e a fabricação de artefatos.
Primeiro, aos homens mortais, artífices, ela ensinou
a construir carruagens e vários carros de bronze;
também às meninas de tez macia, nos grandes palácios,
ensina as artes ilustres, e em cada mente as instiga.
Tampouco à estrepitante Ártemis, dardos dourados,
consegue domar nos amores Afrodite amante do riso;
apenas lhe aprazem o arco, caçar as feras nos montes,
as liras e coros e agudos uivos de timbre afiado,
os bosques envoltos em sombra e as urbes dos homens ditosos.
E, enfim, à menina louvada não cabe o fazer de Afrodite,

Héstia, a primeira que Crono de astúcia recurva gerou,
também a mais jovem, por força de Zeus o que a égide porta,
senhora a ser cortejada por Poseidon e Apolo;
ela, porém, não queria e declarou resoluta
jurando ingente promessa, com diligência cumprida,
tocando a cabeça do pai, Zeus, o que a égide porta,
que virgem seria por todos os dias, entre as eternas.
A ela Zeus pai concedeu honra maior que o casório:
sentar-se no meio da casa e haver-se a porção mais graúda;
ela, em todos os templos dos Deuses, honrosa se encontra
e, para todo mortal, das deusas tornou-se regente.
São estas quem não consegue vencer e enganar o conselho;
de todos os outros, porém, ninguém escapou de Afrodite,
nem dentre os deuses ditosos e nem dentre os homens mortais;
mesmo de Zeus, que o trovão aprecia, conduz o conselho,
dele que é o maior, e a maior lhe cabe das honras;
quando deseja, sua mente sólida ela enfeitiça,
e com facilidade o mescla a mulheres mortais,
despercebida por Hera, irmã de Zeus e esposa,
que tem a beleza maior de todas as deusas eternas,
a mais nobre das filhas de Crono de astúcia recurva
e de mãe Reia; e Zeus, de imperecíveis esquemas
dela, esposa direita, fez, recatada e zelosa.
Zeus, em Cípris, porém, pôs doce desejo no tino
de, com homem mortal, deitar-se, para que, logo,
nem a deusa estivesse livre do leito mortal,
pois ela, então, se gabava, diante de todos os deuses,
com melodioso gracejo, Afrodite, amante do rijo,
de que até mesmo os divinos mesclara a mulheres mortais
fazendo crianças mortais serem geradas de eternos,
e de que deusas casara, também, com homens mortais:
por Anquises lhe pôs um doce desejo no tino.
Este, então, nas alturas do Ida, pleno de fontes,
reses pastoreava e era símil aos deuses.
No momento em que o vira, Afrodite, amante do riso,
caiu-se de amor; violento, sua mente um desejo tomou;
e ela partiu para o Chipre, trancou-se na sé perfumada
em Pafos; é lá seu recinto e seu altar oloroso.

Ali, assim que chegou, trancou os portais radiantes;
e, então, ela foi, pelas Graças, lavada e ungida de azeite
sublime, da sorte que unta os corpos dos sempre existentes,
divinamente fragrante, que agora a deusa aromava.
Vestida bem e envolvida a pele com bela roupagem,
toda enfeitada de ouro, Afrodite, amante do rijo,
foi para Troia, apressada, deixando Chipre cheirosa,
passando por cima das nuvens, leve, cruzando o caminho.
Ao Ida, pleno de fontes, a mãe das feras chegava,
indo direto às estalas, no monte, e junto da deusa
de rabo abanando, grisalhos lobos e feros leões,
ursos e leopardos velozes sedentos de cervos
iam; e ela, de vê-los, em seu coração se deleita
e neles coloca no peito desejo; de modo que todos
deitam-se, enfim, em casais, ocultos em vales sombrios;
ela, então, às cabanas bem construídas chegava;
e o descobriu nas estalas, deixado só pelos outros,
Anquises, herói, que aos divinos tinha beleza semelha.
Eles, pastores, seguiam as reses, por verdes pastagens,
todos; e Anquises, na estala, quedava longe dos outros
andando de cá para lá a dedilhar sua cítara.
Diante dele parou a filha de Zeus, Afrodite,
de virgem donzela tomando a aparência e tamanho,
a fim de não assustá-lo na hora em que ele a notasse.
Anquises, ao vislumbrá-la, mirou-a e maravilhou-se
com sua aparência, grandeza e suas vestes brilhantes.
Ela trajava um vestido fulgente do fogo do Sol
belo, dourado e repleto de alindes, símil à Lua,
sobre seu colo macio luzindo, portento aos olhares,
e circinadas pulseiras, com rútilos brincos de flores,
colares, em torno do tenro pescoço, de extrema beleza.
E Anquises Amor enredou, palavras a ela dizendo:
Salve, senhora, quem dentre os ditosos vem a meu lar?
Ártemis és ou és Leto, talvez a dourada Afrodite,
Têmis de ímpar estirpe ou Atena dos olhos brilhantes?
Uma das Graças, serás, vinda cá? As quais aos divinos
todos são cortesãs e são chamadas eternas.
Ou és uma das Ninfas que os belos bosques ocupam,

ou das Ninfas que estes montes belos habitam
ou as fontes dos rios, ou os prados relvosos?
A ti, no alto de um pico, no ponto mais aparente,
um altar erguerei, e belas ofertas farei
todos os anos. E tu, de tino propício disposta,
dá que, dentre os Troianos, distinto, me torne varão;
faz que seja a vindoura taluda estirpe; que eu
viva bem e bastante, e veja o brilho do sol,
a alegria no povo; e que alcance a velhice.
Isso, então, respondeu a filha de Zeus, Afrodite:
Ó, Anquises, maior dos homens gerados da terra,
eu não sou uma deusa; por que me tens por eterna?
Sou apenas mortal, mulher gerou-me matriz.
O meu pai é Otreu; famoso, acaso o conheces?
Ele é quem toda Frígia de boas muralhas governa.
Língua, a vossa e também a nossa sei com certeza;
troiana, pois, quem no palácio nutriu-me; desde que eu
era pequena criou-me, tomando-me à minha mãe cara.
Eis porque minha língua e a vossa conheço fluentes.
Sequestrou-me, porém, o Argifonte da vara dourada
de um coral para Ártemis de flechas douradas, troante.
Lá com ninfas bastantes e virgens tão cobiçadas
dançava e, em torno, uma turba enorme nos circundava.
Foi de lá que me agarrou o Argifonte da vara dourada.
Por muitos, ele me levou, dos sítios dos homens mortais,
e tantos ermos e terras sem dono, por onde feras
carnívoras perambulavam ocultas em vales sombrios;
nunca meus pés tocariam de novo, pensei, terra fértil.
De Anquises, ele me disse, ao leito eu fora chamada
para que eu fosse sua esposa e excelsos filhos parisse.
Mas depois de explicar e falar, então, novamente
para a grei dos eternos voltou, potente Argifonte.
Eis que, enfim, chego a ti, e forte me assalta um desejo;
por Zeus diante de ti me curvo, também por teus pais
nobres, pois brutos jamais teriam alguém como tu;
virgem que sou me conduz, ainda inábil no amor,
mostra-me, então, ao teu pai e à tua mãe cuidadosa,
aos teus irmãos que da mesma estirpe foram gerados.

Nora não lhes serei indigna, mas a legítima.
Manda, logo, emissário aos Frígios de lestos cavalos
para falar com meu pai e minha mãe desolada,
e eles, montes de ouro e vestimentas tramadas
enviarão; e tamanha cópia recebe de dote.
Depois de fazê-lo oferece um deleitoso banquete
de alto valor para os homens e para os deuses eternos.
A deusa disse e lhe pôs um doce desejo no tino,
e Anquises Amor enredou, palavras lhe dirigindo:
Se és de fato mortal, mulher gerou-te matriz,
e teu pai é Otreu, famoso, como disseste,
e por desejo do eterno arauto foste trazida,
Hermes, e, a meu leito, entregue todos os dias,
pois ninguém, nem dos deuses, tampouco dos homens mortais
vai poder impedir de contigo, em amor, reunir-me
neste momento; nem mesmo se Apolo que atira de longe
com seu arco de prata lançasse um dardo dolente:
desejaria contente, mulher às deusas semelha,
depois de subir em seu leito, descer à alcova de Hades.
Falou e pegou suas mãos; e Afrodite, amante do riso
deslizou-se com ele, seu belo olhar desviando,
à cama de boas cobertas que fora feita ao senhor
com cobertores macios distensos, por cima dos quais
a pele de ursos jazia e de estrondosos leões
que ele próprio matara nas altaneiras montanhas.
Eles, assim, nessa cama bem arrumada subiram
e ele, em primeiro lugar, tirou-lhe à pele luzente
as circinadas fivelas, colares e brincos de flores;
soltou, então, sua cinta e as vestimentas brilhantes
tirou-as e colocou-as em cima de um banco de prata,
Anquises; e, em seguida, por lei e vontade dos deuses
deitou-se ao lado da eterna deusa, mortal, sem certeza.
Mas, no chegar do momento de à tenda os pastores voltarem
com seus bois e graúdas ovelhas, dos pastos floridos,
ela por cima de Anquises um doce sono derrama
mélico, e sua pele recobre com belos vestidos.
Toda, agora, coberta a sua pele de deusa
parou ao lado da cama, e o teto bem esculpido,

toca-lhe a testa; bonito brilho lhe emana das faces
eternas, da sorte que cabe à do belo festão, Citereia,
e ela o acorda do sono, palavras lhe dirigindo:
levanta, dardânio! Por que com sono pesado repousas?
Diz-me se para ti ainda a mesma pareço;
sou aquela que antes com os teus olhos notaste?
Disse; e ele do sono desperto presto escutou-a.
Mas, quando viu o pescoço e os olhos da bela Afrodite,
foi tomado de medo, voltando-se para o outro lado;
novamente se cobriu, seu belo rosto ocultou
e, a ela implorando, falou palavras aladas:
Quando primeiro te vi, deusa, através de meus olhos,
deusa sabia que eras; mas não me falaste a verdade.
Agora a ti me ajoelho, por Zeus, o que a égide porta,
não me fazes franzino vivente no meio dos homens
tornar-me, mas se apieda; pois íntegro homem nenhum
fica quando se deita com uma das deusas eternas.
Isso, então, respondeu a filha de Zeus, Afrodite:
ó, Anquises, maior de todos os homens mortais,
força! Não deixes que isso te cause pavor excessivo;
a ti não deve haver medo de males sofreres por mim,
ou pelos outros divinos; pois és amado entre os deuses.
Filho amado terás, o qual reinará sobre Troia
e, desse filho, mais filhos serão concebidos por eras;
este primeiro será Eneias, porque uma enervante
dor me invade por ter de um homem caído na cama.
Mais semelhos aos deuses que todos os homens mortais
sempre serão os da tua estirpe, em forma e estatura.
Era uma vez Ganimedes, o louro, que Zeus sapiente
fez refém porque belo, a fim de que em meio aos eternos
no palácio de Zeus aos deuses o vinho servisse,
portento aos olhares, por todos os imortais estimado,
de uma cratera dourada vertendo-lhes rútilo néctar.
Tros, uma dor incessante tomou-lhe o conselho, insciente
de aonde seu filho querido levaram os ventos sublimes;
então se pôs a chorar sem pausa por todos os dias,
mas Zeus de Tros teve pena, resgate lhe deu pelo filho:
corcéis que trotam ligeiros, por imortais cavalgados.

Deu-lhe por tê-los de dote; contou-lhe, enfim, o motivo
pelo comando de Zeus, o mensageiro Argifonte:
seu filho seria perene e eterno como os divinos.
Depois de ter escutado a essas mensagens de Zeus
Tros não mais lamentou, mas alegrou-se na mente
e jubiloso os cavalos de patas velozes montava.
Tal como Titono roubado à Aurora do trono dourado,
ele é da tua linhagem, semelho aos deuses eternos.
Ela partiu suplicante ao enevoado Cronida,
para que eterno ele fosse e vivesse por todos os dias;
com ela Zeus concordou e realizou seu desejo.
Jovem, porém, esqueceu-se a mente de Aurora senhora
de demandar pelo viço e livrar-se da infesta velhice.
Por um tempo o habitava o viço tão cobiçado,
deleite à Aurora, do trono dourado, a filha do dia,
que mora à margem do rio Oceano, o limite da terra;
mas no momento em que ruços se lhe escorreram cabelos
à sua bela cabeça e ao seu ínclito queixo
de sua cama afastou-se, enfim, Aurora senhora;
zelava, ainda, por ele e em seu palácio o guardava
com comida e ambrosia, também belas vestes lhe dando.
Quando, porém, por inteiro a velhice nefasta pesava
e ele mover não podia seus membros e nem levantar-se,
esta, à deusa surgiu, no tino, ideia distinta:
colocou-o num quarto e trancou-lhe as portas brilhantes.
Dele a voz ainda rasga, sem trégua, e força nenhuma
lhe existe, daquela que outrora retinha nos membros recurvos.
Eu não desejo que desta maneira, dentre os eternos,
sejas também imortal e vivas por todos os dias.
Se mantivesses a mesma forma e também estatura,
vivesses e foste sagrado o meu legítimo esposo
dor a mim e à mente firme não embrulharia.
Mas a lesta velhice vai, vulgar, embrulhar-te,
impiedosa, que sempre acossa todos os homens,
exaustiva e funesta, que até os divinos detestam.
E eu uma grande vergonha perante os deuses eternos
terei por todos os dias e sempre, por causa de ti:
minha lábia de outrora e astúcia, com que os eternos

todos eu conseguia mesclar com mulheres mortais,
temiam, pois seduzia a todos com meus ardis;
agora, porém, minha boca não é capaz de gabar-se
disso perante os eternos: por ter perdido a cabeça,
vil e imperdoável, deixei me escapar o juízo
e tenho um filho no ventre após me deitar com mortal.
Este, quando primeiro mirar o brilho do sol,
Ninfas hão de nutri-lo, montesas de fundos decotes;
elas habitam aquela montanha grande e divina,
nem aos homens mortais tampouco aos eternos se juntam.
Vivem longuíssima vida e comem comida divina
e, aos eternos semelhas, bailam belíssimas danças.
Com Sileno e aquele de vista aguçada, Argifonte,
em amor se misturam no fundo de grutas venustas.
Delas pinheiros, também carvalhos de galhos altivos,
brotam, quando aparecem, na terra nutriz de mortais;
belos e cheios de flores, nas altaneiras montanhas,
ficam, ingentes e tesos, sendo recinto sagrado
aos imortais; e nenhum mortal os derruba com ferro;
quando, enfim, se aproxima delas a parte da morte,
secam, primeiro, por cima da terra, as árvores belas,
a sua casca apodrece, daí despencam seus galhos,
e se lhes vai a alma junto do brilho do sol.
Elas cuidado e sustento hão de prover ao menino.
E eu, a ti, por que tudo que tenho em mente transmita,
volto, dentro de cinco anos, trazendo-te o filho.
Quando pela primeira vez teu broto mirares,
vendo-o, vais jubilar-te: será semelho dos deuses;
Leva-o nesse momento a Ílio de ventos ligeiros.
E se alguém perguntar, dentre os homens mortais,
quem teu filho querido gerou no ventre matriz,
disso te lembra e lhe narra, tal como agora lhe dito:
diz ser ele da Ninfa de faces rosadas nascido,
elas casa têm nesta montanha coberta de selva.
Mas se contares vantagem, disseres, de estúpido tino,
que em Amor te juntaste à do belo festão Citereia,
Zeus tomado de raiva um raio te lance fulmíneo.
Tudo, agora, foi dito; e tu, retém-no na mente,

nunca menciones meu nome e teme a ira dos deuses.
Dito isso ela voa ao céu de ventos ligeiros.
Salve, ó Deusa, senhora de Chipre bem erigida:
quando teu canto termino, começo, depois, outro hino.

6 – Afrodite

Veneranda, de láurea dourada, a bela Afrodite,
canto, aquela que guarda os muros de toda a marinha
Chipre; aonde, soprando, de Zéfiro a força fluente
conduziu pela orla do pélago altissonante
sobre a espuma serena; de áureas tiaras as Horas
a receberam alegres, vestiram com trajes divinos,
em sua cabeça imortal, puseram festão bem tramado
belo e dourado; e nas suas orelhas já perfuradas
brincos de flor de oricalco e do ouro mais precioso;
sobre o pescoço macio e o colo resplandecente
com colares dourados ornaram, os mesmos que as próprias
Horas de áureas tiaras se ornam quando se juntam
aos coros formosos dos deuses e vão à casa do pai.
Então, depois que os adornos todos puseram na pele,
aos imortais a levaram: quando a viram, alegres,
dando-lhe as mãos a saudaram e todos eles queriam
tê-la legítima esposa e à sua morada levá-la,
pela beleza aturdidos de Cípris, coroa de malva.
Salve a do olhar sedutor, a doce; que nesta disputa
a mim concedas vitória; faz que eu componha meu canto
e, logo, de ti, novamente, hei de lembrar noutro canto.

9 – Ártemis

Hineia Ártemis, Musa, irmã do que fere de longe.
Virgem arqueira que foi criada junto de Apolo,
que dá de beber aos cavalos no Meles de fundas correntes
e, leve, Esmirna atravessa, persegue o carro dourado
à Claro, cheia de vinhas, em que Apolo do arco de prata
espera sentado por ela, arqueira que atira de longe.
Nós te saudamos assim, junto de todas as deusas:
"a ti, primeiro, meu canto, por ti que começo a cantar;
quando teu canto termino, começo, depois, outro hino."

10 – Afrodite

Em Chipre nascida, eu canto, Citereia, quem aos mortais
dádivas doces concede e em seu perfil sedutor,
sempre conserva o sorriso e mostra a flor sedutora.
Salve a de Salamina bem erigida senhora,
deusa de Chipre marinha; dá-me o canto galante;
e, logo, de ti, novamente, hei de lembrar noutro canto.

11 – Atena

Palas Atena, tutela da pólis, começo a cantar,
terrível, que rege com Ares, trabalhos e obras da guerra
arrasadora de poleis, a mais exímia no prélio,
e que protege o soldado na ida, também no regresso.
Salve, ó deusa, e concede a nós boa sorte e bons numes.

12 – Hera

Hera, eu canto, do trono dourado, nascida de Reia,
rainha imortal que possui a mais soberana estatura
e é, de Zeus trovejante, também irmã e consorte,
a nobre a que todo conviva no alto do Olimpo gigante
estima temente tal como a Zeus, amante de raios.

13 – Deméter

Deméter de belos cabelos, sagrada, começo a cantar,
E canto também sua filha, Perséfone, a mais graciosa.
Saúdo-te, deusa: protege a cidade e o canto começa!

14 – Mãe dos Deuses (Reia)

A mãe de todos os deuses e mãe de todos os homens
hineia, harmônica Musa, filha de Zeus grandioso,
a quem o rumor de tambor, chocalho, e o barulho de flauta
deleitam, como o rugido de lobos e feros leões
ou o sibilo de montes e bosques cheios de troncos.
Saúdo-te junto de todas as deusas, assim, neste canto.

24 – Héstia

Héstia, que do senhor Apolo que atira de longe
na santíssima Pito o templo sagrado vigias,
sempre de suas madeixas azeite orvalhado goteja;
vem a esta morada, vem, com único tino,
junto de Zeus sapiente: faz do meu canto gracioso.

25 – Musas, Apolo e Zeus

Musas, por elas começo, também por Apolo e por Zeus,
pois graças às Musas e a Apolo, aquele que atira de longe,
os homens na terra cantores se tornam, também citaristas,
– e graças a Zeus basileu! –. Feliz é aquele que as Musas
amarem: ainda mais doce a voz lhe escorre da boca.
Salve, filhas de Zeus, honrai a minha canção:
tendo lembrado do vosso, hei de lembrar de outro canto.

27 – Ártemis

Ártemis canto do dardo dourado, a estrepitante,
virgem louvada que contra o cervo dispara, a arqueira,
irmã gêmea de Apolo, que tem a espada dourada;
ela nos montes sombrios e nos cumes ventosos,
alegrando-a a caçada, o arco dourado retesa
e envia o dardo dolente; estremecem-se os picos
das altaneiras montanhas, grita a mata frondosa
com o uivo terrível das feras, tiritam a terra
e o mar, repleto de peixes; ela, a de alma robusta,
ronda por toda parte, predando estirpes de feras.
Quando se dá por contente, a arqueira que as feras procura,
de mente alegre, depondo seu arco bem torneado
vai à grande morada de seu irmão gêmeo querido,
Febo Apolo, que fica em Delfos, riquíssima aldeia,
e, das Musas e Graças, as belas danças ordena.
Lá, pendurando seu arco recurvo, também suas flechas,
graciosa conduz, adornos cercando-lhe a pele,
liderando o coral; e elas, com voz imortal,
Leto de belas canelas, hineiam, que filhos gerou
dentre os eternos, distintos, supernos em obras e verve.
Salve, filha de Zeus e Leto de belos cabelos;
tendo lembrado do teu, hei de lembrar de outro canto.

28 – Atena

Palas Atena, a ilustre deusa, começo a cantar
astuta, dos olhos brilhantes, de espírito inabalável,
ínclita virgem, tutela da pólis, rígida e forte,
a tritogênia gerada do próprio Zeus sapiente
de sua cabeça solene, portando instrumentos de guerra
dourados, resplandecente. Respeito tomou os eternos
que a viam; e ela diante de Zeus, o que a égide porta,
impetuosa escapou de sua cabeça imortal
brandindo o dardo afiado; grande, tremia o Olimpo
por causa da força terrível daquela dos olhos brilhantes;
gritava a Terra, ao redor, de dor; o mar sacudiu
bravio em ondas purpúreas; de súbito a água salgada
parou; esplêndido, o filho, de Hiperião refreou
a tropa de patas velozes, detendo-se até que a donzela
Palas Atena soltasse dos ombros eternos as armas
de forja divina; e a alegria apossou-se de Zeus sapiente.
Salve, ó rebento de Zeus, aquele que a égide porta,
E, logo, de ti, novamente, hei de lembrar noutro canto.

29 – Héstia

Héstia, aquela que em todas as altaneiras moradas,
tanto de deuses eternos e de homens que vão pela terra
ocupas cadeira perene, por lote, a mais alta das honras,
belo é teu dote e valor; sem tua presença inexiste
aos eternos banquetes, onde primeiro e por último à
Héstia liba o regente, com doce e mélico vinho.
A mim, também, Argifonte, filho de Zeus e de Maia,
arauto dos deuses da vara dourada e emissário da sorte,
sê propício e intercede com Héstia, a amada e louvada.
Vinde à bela e querida morada, com alma amistosa;
sois cientes, os dois, das obras dos homens da terra
nobres, pois, auxiliam com seu espírito e viço.
Salve a filha de Crono e Hermes da vara dourada;
tendo lembrado do vosso, hei de lembrar de outro canto.

30 – Terra, a mãe de tudo

Terra, de tudo matriz, eu canto, de firme alicerce
a mais antiga, que nutre tudo o que vive no mundo,
tanto o que marcha no solo divino, como no mar
quanto o que voa, são todos nutridos por sua fartura.
Belas crianças de ti e belos frutos devêm,
senhora, a ti cabe dar a vida, também retirá-la
aos homens mortais. Felizes aqueles por quem, com teu tino,
prezas bondosa; e a estes, tudo propício revém;
pesam-lhes campos que portam a vida; em suas pastagens
os rebanhos prosperam e a casa se cobre de cópia.
Estes com nobres preceitos, em poleis de belas mulheres
reinam; muita fartura e muita riqueza os persegue;
seus meninos exultam com juventude viçosa;
e suas virgens em coros floridos, de tino viçoso,
brincam e dançam no meio das brandas flores da relva;
prezas por eles, solene deusa, e nume propício.
Salve, ó mãe dos divinos, esposa do Céu estrelado,
pelo meu canto me dota, bondosa, de vida ditosa:
e, logo, de ti, novamente, hei de lembrar noutro canto.

32 – Lua

Lua, das asas esguias, Musas, dai a cantar,
Mélicas filhas de Zeus Cronida, cientes dos cantos:
sua luz pela terra rola, no céu revelada
por sua cabeça imortal; vasto o cosmo reluz
com seu fulgor ofuscante; brilha a opaca neblina
em sua coroa de ouro e resplandecem-lhe os raios;
quando, no rio Oceano, bela, lava-se a pele
veste-se a Lua divina com roupa que brilha de longe,
encilha seus potros luzentes, que têm pescoço arqueado,
leva, feroz, adiante os cavalos de belas crineiras,
à noite, no meio do mês, e a órbita sua se finda.
Quando ela sobe se fazem ainda mais claros seus raios
no céu; e em marco e sinal transforma-se, enfim, aos mortais.
Com ela um dia o Cronida deitou-se e mesclou-se em amor;
depois de gestar concebeu a sua filha Pandeia
que tinha notável beleza dentre os deuses eternos.
Salve a Lua divina, a deusa de cândidos braços,
bondosa e de belos cabelos; depois de ti, gloriosos,
Cantarei semideuses de célebres obras que aedos,
os servidores das Musas, cantam com boca amorosa

O Espelho d'Água

Vicente Huidobro

O texto: Série integral de nove poemas publicados na plaquete *El Espejo de Agua*, de Vicente Huidobro, em 1916, considerada a primeira mostra do alinhamento completo do poeta à estética do *Creacionismo*, que propunha o estudo científico da harmonia da estrofe, a substituição dos metros tradicionais pelo verso livre, a submissão do ritmo à ideia, o uso de diferentes tipografias e disposições inovadoras do verso na página, entre outros. O poema inicial "Arte Poética" introduz as bases dessa nova corrente de vanguarda.

Texto traduzido: Huidobro, Vicente. "El Espejo de Agua". In. *Obra Selecta.* Selección y notas de Luis Navarrete Orta. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1989, pp. 3-7.

O autor: Vicente Huidobro (1893-1948), poeta de vanguarda chileno, foi criador e expoente do *Creacionismo*, movimento estético latino-americano lançado em 1914, no manifesto "Non Serviam". Sua produção poética inicial tende às formas tradicionais, seguindo modelos predefinidos de metrificação e rimas, como em *Ecos del alma* (1911) e *Adán* (1916). Já as obras do *Creacionismo*, situadas desde *El Espejo de Agua* (1916) até *El ciudadano del olvido* (1941), são marcadas pela busca de uma associação mais apurada entre a disposição dos signos na página e os efeitos sensíveis almejados na leitura.

O tradutor: Marcus Vinícius Lessa é graduado em Letras Português e mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia. É autor do livro-poema HOJE É DIA DE jOANA (2019) e de contos publicados em antologias e revistas literárias digitais.

El Espejo de Agua

"Inventa mundos nuevos y cuida tu palabra;
El adjetivo, cuando no da vida, mata."

VICENTE HUIDOBRO

A Fernán Félix de Amador,
Poeta hermano.

ARTE POÉTICA

Que el verso sea como una llave
Que abra mil puertas.
Una hoja cae; algo pasa volando;
Cuando miren los ojos creado sea,
Y el alma del oyente quede temblando.

Inventa mundos nuevos y cuida tu palabra;
El adjetivo, cuando no da vida, mata.

Estamos en el cielo de los nervios.
El músculo cuelga,
Como recuerdo, en los museos;
Más no por eso tenemos menos fuerza:
El vigor verdadero
Reside en la cabeza.

Por qué cantáis la rosa, ¡oh Poetas!
Hacedla florecer en el poema;

Sólo para nosotros
Viven todas las cosas bajo el Sol.

El poeta es un pequeño Dios.

EL ESPEJO DE AGUA

Mi espejo, corriente por las noches,
Se hace arroyo y se aleja de mi cuarto.

Mi espejo, más profundo que el orbe
Donde todos los cisnes se ahogaron.

Es un estanque verde en la muralla
Y en medio duerme tu desnudez anclada.

Sobre sus olas, bajo cielos sonámbulos,
Mis ensueños se alejan como barcos.

De pie en la popa siempre me veréis cantando.
Una rosa secreta se hincha en mi pecho
Y un ruiseñor ebrio aletea en mi dedo.

EL HOMBRE TRISTE

Lloran voces sobre mi corazón…
No más pensar en nada.
Despierta el recuerdo y el dolor,
Tened cuidado con las puertas mal cerradas.

Las cosas se fatigan.

En la alcoba.
Detrás de la ventana donde el jardín se muere,
Las hojas lloran.

En la chimenea languidece el mundo.

Todo está obscuro,
Nada vive,
Tan sólo en el ocaso
Brillan los ojos del gato.

Sobre la ruta se alejaba un hombre.

El horizonte habla,
Detrás todo agonizaba.
La madre murió sin decir nada
Trabaja en mi garganta.

Tu figura se ilumina al fuego
Y algo quiere salir.
El chorro de agua en el jardín.

Alguien tose en la otra pieza.
Una voz vieja.
¡Cuán lejos!

Un poco de muerte
Tiembla en los rincones.

EL HOMBRE ALEGRE

No lloverá más,
Pero algunas lágrimas
Brillan aún en tus cabellos.

Un hombre salta en el sol.

Sus ojos llenos del polvo de todos los caminos
Y su canción no brota de sus labios.

El día se rompe contra los vidrios
Y las angustias se desvanecen.

El universo
Es más claro que mi espejo.

El vuelo de los pájaros y el gritar de los niños
Es del mismo color,
                              Verde.

Sobre los árboles,
Más altos que el cielo,
Se oyen campanas al vuelo.

NOCTURNO

Las horas resbalan lentamente
Como las gotas de agua por un vidrio.

Silencio nocturno.

El miedo se esparce por el aire
Y el viento llora en el estanque.

¡Oh!...

Es una hoja.
Se diría que es el fin de las cosas.

Todo el mundo duerme…
Un suspiro;
En la casa alguien ha muerto.

OTOÑO

Guardo en mis ojos
El calor de tus lágrimas…
Las últimas,
Ya no llorarás más.

Por los caminos
Viene el otoño
Arrancando todas las hojas.

¡Oh qué cansancio!

Una lluvia de alas
Cubre la tierra.

NOCTURNO II

La pieza desierta;
Cerrada está la puerta;
Se siente irse la luz.

Las sombras salen de debajo de los muebles,
Y allá lejos, los objetos perdidos
Se ríen.

La noche.

La alcoba se inunda.
Estoy perdido.
Un grito lleno de angustia;
Nadie ha respondido.

AÑO NUEVO

El sueño de Jacob se ha realizado;
Un ojo se abre frente al espejo
Y las gentes que bajan a la tela
Arrojaron su carne como un abrigo viejo.

La película mil novecientos dieciséis
Sale de una caja.

La guerra europea.

Llueve sobre los espectadores
Y hay un ruido de temblores.

Hace frío.

Detrás de la sala
Un viejo ha rodado al vacío.

ALGUIEN IBA A NACER

Algo roza los muros…
Un alma quiere nacer.

Ciega aún.

Alguien busca una puerta,
Mañana sus ojos mirarán.

Un ruido se ahoga en los tapices.

¿Todavía no encuentras?

Pues bien, vete,
No vengas.

En la vida
Sólo a veces hay un poco de sol.

Sin embargo vendrá,
Alguien la espera.

O ESPELHO D'ÁGUA

"Inventa mundos novos e cuida tua palavra;
O adjetivo, se não dá vida, mata."

VICENTE HUIDOBRO

A Fernán Félix de Amador,
Poeta irmão.

ARTE POÉTICA

Que o verso seja como a chave
Que abra mil portas.
Uma folha cai; algo passa voando;
A um piscar de olhos seja criado,
E a alma ouvinte permaneça vibrando.

Inventa mundos novos e cuida tua palavra;
O adjetivo, se não dá vida, mata.

Chegamos ao ciclo dos nervos.
O músculo dependurado
Como lembrança, nos museus;
Mas nem por isso perderemos força:
O vigor verdadeiro
Reside na cabeça.

Por que cantais a rosa, ó Poetas!
Fazei-a florescer no poema;

Somente para nós
Vive tudo que há debaixo do Sol.

O poeta é um pequeno Deus.

O ESPELHO D'ÁGUA

Meu espelho, corrente pelas noites,
Faz-se arroio e se afasta de meu quarto.

Meu espelho, mais profundo que o orbe
Onde todos os cisnes se afogaram.

É um açude verde na muralha
E no meio dorme tua nudez ancorada.

Em suas ondas, sob céus sonâmbulos,
Meus devaneios se afastam como barcos.

De pé na popa sempre me vereis cantando.
Uma rosa secreta se infla em meu peito
E um rouxinol ébrio avoeja em meu dedo.

O HOMEM TRISTE

Choram vozes em meu coração…
Não pensar em mais nada.
Desperta a memória e a dor,
Tende cuidado com as portas mal cerradas.

As coisas se cansam.

Na alcova.
Detrás da janela onde morre o jardim,
As folhas choram.

Na chaminé definha o mundo.

Tudo escurece,
Nada vive,
Tão só no ocaso
Brilham os olhos do gato.

Pela estrada se afastava um homem.

O horizonte fala,
Atrás tudo agonizava.
A mãe morreu sem dizer nada
É o que lavra minha garganta.

Tua figura se ilumina ao fogo
E algo anseia escapar.
O jorro de água no jardim.

Alguém tosse no outro quarto.
Uma voz velha.
Tão distante!

Um pouco de morte
Vibra pelos cantos.

O HOMEM ALEGRE

Cessará a chuva,
Mas algumas lágrimas
Ainda brilham em teus cabelos.

Um homem salta no sol.

Seus olhos cheios do pó de todos os caminhos
E sua canção não brota em seus lábios.

O dia irrompe contra as vidraças
E as angústias se desvanecem.

O universo
É mais claro que meu espelho.

O voo dos pássaros e o grito das crianças
Têm a mesma cor,
Verde.

Acima das árvores,
Mais altas que o céu,
Ouvimos voarem os sinos.

NOTURNO

As horas escorrem lentamente
Como gotas d'água pelo vidro.

Silêncio noturno.

O medo se espalha pelo ar
E o vento chora no açude.

Oh!...

É uma folha.
Dir-se-ia que é o fim das coisas.

Todo o mundo dorme...
Um suspiro;
Dentro de casa alguém morre.

OUTONO

Guardo em meus olhos
O calor de tuas lágrimas…
As últimas,
Não irás mais chorar.

Pelos caminhos
Vem o outono
Arrancando todas as folhas.

Ó que cansaço!

Uma chuva de asas
Cobre a terra.

NOTURNO II

Deserto o quarto;
Cerrada a porta;
Percebe-se a fuga da luz.

As sombras saem debaixo dos móveis,
E lá longe, os objetos perdidos
Riem.

A noite.

A alcova inunda.
Estou perdido.
Um grito pleno de angústia;
Por ninguém respondido.

ANO NOVO

O sonho de Jacob se realizou;
Um olho aberto diante do espelho
E a gente que chega à tela
Arroja sua carne como um casaco velho.

A película mil novecentos e dezesseis
Sai duma caixa.

A guerra europeia.

Chove sobre os espectadores
E há um ruído de tremores.

Faz frio.

Detrás da sala.
Um velho rodou o vazio.

ALGUÉM IA NASCER

Algo roça os muros…
Uma alma quer nascer.

Cega ainda.

Alguém busca uma porta,
Amanhã espreitarão seus olhos.

Um ruído se afoga na tapeçaria.

Todavia não encontras?

Pois bem, vai-te,
Não venhas.

Nessa vida
Só às vezes há um pouco de sol.

Assim mesmo virá,
Alguém a espera.

Whipperginny
Robert Graves

O texto: Publicado em 1923, em *Whipperginny*, Graves explora seus estudos psicológicos, propriamente, a gamificação humana (o título baseou-se em um antigo jogo de cartas). Nos poemas que compõem o livro, o tempo, o espaço da crueldade e o sonho seguem manifestados no jogo, mas "ao som das armas", uma característica da poesia de guerra de Graves. Esses elementos são evocados pelo título do livro como um suposto "terror calmo", o qual foi escrito em uma fase em que o poeta afastava-se da poesia mais cruenta da guerra, passando a simbolizá-la através dessa mesma gamificação, sem forte apego emocional, logo, lírico, o que explica o caráter não homogêneo da obra. Esta tradução apresenta uma seleção com 10 poemas de *Whipperginny*.

Texto traduzido: Graves, Robert. *Whipperginny*. New York: Alfred A. Knopf, 1923.

O autor: Robert von Ranke Graves (1895-1985), poeta, romancista histórico, tradutor e ensaísta, nasceu em Wimbledon, na Inglaterra. Escreveu mais de 140 obras, incluindo *Eu, Claudius, Imperador* e *Claudius, o Deus*, sendo considerado, inicialmente, um poeta da guerra e antimilitarista, que havia participado da I Guerra Mundial. Após o conflito, desenvolveu uma linguagem poética do mito, aliada aos estudos classicistas das mitologias romana, grega e celta. Sua forma de referenciar a história é não a explicitar no poema, onde os tempos se misturam para que o Tema seja produzido.

O tradutor: Sergio Ricardo Oliveira é licenciado em Letras, mestre em Educação pela UFF e doutor em Serviço Social pela UFRJ. Tradutor e professor, suas atuais pesquisas voltam-se à ucronia, ao espaço-tempo social e à relação literatura-educação.

WHIPPERGINNY

"Be this Heaven, be it Hell, or the Lands of Whipperginny."

ROBERT GRAVES

THE DIALECTICIANS

Thought has a bias,
    Direction a bend,
Space its inhibitions,
    Time a dead end.

Is whiteness white?
    then, call it black:
Farthest from the truth
    Is yet half-way back.

Effect ordains Cause,
    Head swallowing its tail
Does whale engulf sprat.
    Or sprat assume whale?

Contentions weary,
    It giddies all to think;
Then kiss, girl, kiss!
    Or drink, fellow, drink!

THE LANDS OF WHIPPERGINNY

(“Heaven or Hell, or the Lands of Whipperginny.” –
Nashe’s *Jack Wilton*.)

Come closer yet, sweet honeysuckle, my coney, O my Jinny,
With a low sun gilding the bloom of the wood.
Be this Heaven, be it Hell, or the Lands of Whipperginny,
It lies in a fairy lustre, it savours most good.

Then stern proud psalms from the chapel on the moors
Waver in the night wind, their firm rhythm broken,
Lugubriously twisted to a howling of whores
Or lent an airy glory too strange to be spoken.

THE RED RIBBON DREAM

As I stood by the stair-head in the upper hall
The rooms to left and right were locked as before.
It was senseless to hammer at an unreal door
Painted on the plaster of a ten-foot wall.

There was half-light here, piled darkness beyond
Rising up sheer as the mountain of Time,
The blank rock-face that no thought can climb,
Girdled around with the Slough of Despond.

I stood quite dumb, sunk fast in the mire.
Lonely as the first man, or the last man.
Chilled to despair since evening began.
Dazed for the memory of a lost desire.

But a voice said "Easily", and a voice said "Come!"
Easily I followed with no thought of doubt.
Turned to the right hand, and the way stretched out
The ground held firmly; I was no more dumb.

For that was the place where I longed to be,
And past all hope there the kind lamp shone,
The carpet was holy that my feet were on,
And logs on the fire lay hissing for me.

The cushions were friendship and the chairs were love.
Shaggy with love was the great wolf skin.
The clock ticked "Easily" as I entered in,
"Come", called the bullfinch from his cage above.

Love went before me; it was shining now
From the eyes of a girl by the window wall,
Whose beauty I knew to be fate and all
By the thin red ribbon on her calm brow.

Then I was a hero and a bold boy
     Kissing the hand I had never yet kissed;
     I felt red ribbon like a snake twist
In my own thick hair, so I laughed for joy.

* * * * *

I stand by the stair-head in the upper hall;
     The rooms to the left and right are locked as before.
     Once I found entrance, but now never more,
And Time leans forward with his glassy wall.

IN PROCESSION

Donne (for example's sake),
Keats, Marlowe, Spenser, Blake,
Shelley and Milton,
Shakespeare and Chaucer, Skelton –
We love them as we know them,
But who could dare outgo them
At their several arts,
At their particular parts
Of wisdom, power and knowledge?
In the Poets' College
Are no degrees nor stations,
Comparisons, rivals,
Stern examinations,
Class declarations,
Senior survivals;
No creeds, religions, nations
Combatant together
With mutual damnations.
Or tell me whether
Shelley's hand could take
The laurel wreath from Blake?
Could Shakespeare make the less
Chaucer's goodliness?

The poets of old,
Each with his pen of gold
Gloriously writing,
Found no need for fighting,
In common being so rich;
None need take the ditch,
Unless this Chaucer beats
That Chaucer, or this Keats
With other Keats is flyting:
See Doney deny Donne's feats,
Shelley take Shelley down,
Blake snatch at his own crown.

Without comparison, aiming high,
Watching with no jealous eye
A neighbour's renown,
Each in his time contended,
But with a mood late ended,
Some manner now put by,
Or force expended,
Sinking a new well when the old ran dry.

So like my masters I
Voice my ambition loud,
In prospect proud,
Treading the poet's road,
In retrospect most humble
For I stumble and tumble,
I spill my load.

But often,
    Half-way to sleep,
On a mountain shagged and steep,
The sudden moment on me comes
With terrible roll of dream drums,
Reverberations, cymbals, horns replying,
When with standards flying,
A cloud of horseman behind,
The coloured pomps unwind
The Carnival wagons
With their saints and their dragons
On the screen of my teeming mind,
The Creation and Flood
With our Saviour's Blood
And fat Silenus' flagons,
With every rare beast
From the South and East,
Both greatest and least,
On and on,
In endless variable procession.
I stand at the top of rungs

Of a ladder reared in the air,
And I speak with strange tongues
So the crowds murmur and stare
Then volleys again the blare
Of horns, and summer flowers
Fly scattering in showers,
And the Sun rolls in the sky,
While the drums thumping by
Proclaim me…
          Oh, then, when I wake
Could I recovering take
And propose on this page
And my blandishing speech
Steadfast and sage,
Could I stretch and reach
The flowers and the ripe fruit
Laid out at the ladder's foot
Could I rip a silken shred
From the banner tossed ahead
Could I call double flam
From the drums, could the Goat
Horned with gold, could the Ram
With a flank like a barn-door,
The dwarf, the blackamoor,
Could *Jonah and the Whale*
And the *Holy Grail*
And *Lot at his home*,
The Ape with his platter,
Going clitter-clatter,
The Nymphs and the Satyr,
And every other such matter
Come before me here
Standing and speaking clear
With a "how do ye do?"
And "Who are ye, who?"
Could I show them so to you
That you saw them with me,
Oh then, then I could be

The Prince of all Poetry
With never a peer,
Seeing my way so clear
To unveil mystery.

Telling you of land and sea,
Of Heaven blithe and free,
How I know there to be
Such and such Castles built in Spain,
Telling also of Cockaigne,
Of that glorious kingdom, Cand,
Of the Delectable Land,
The land of Crooked Stiles,
The Fortunate Isles,
Of the more than three score miles
That to Babylon lead,
A pretty city indeed
Built on a four-square plan.
Of the land of the Gold Man
Whose eager horses whinny
In their cribs of gold,
Of the lands of Whipperginny,
Of the land where none grow old.

Especially I could tell
Of the Town of Hell,
A huddle of dirty woes
And houses in endless rows
Straggling across all space;
Hell has no market-place,
Nor point where four ways meet.
Nor principal street,
Nor barracks, nor Town Hall,
Nor shops at all,
Nor rest for weary feet.
Nor theatre, square, or park.
Nor lights after dark,
Nor churches nor inns,

Nor convenience for sins,
Hell nowhere begins.
Hell nowhere ends,
But over the world extends
Rambling, dreary, limitless, hated well
The suburbs of itself, I say, is Hell.

But back to the sweets
Of Spenser and Keats
And the calm joy that greets
The chosen of Apollo!
Here let me mope, quirk, holloa
With a gesture that meets
The needs that I follow
In my own fierce way.
Let me be grave-gay
Or merry-sad,
Who rhyming here have had
Marvellous hope of achievement
And deeds of ample scope.
Then deceiving and bereavement
Of this same hope.

HENRY AND MARY

Henry was a worthy king,
    Mary was his queen,
He gave to her a snowdrop,
    Upon a stalk of green.

Then all for his kindness
    And all for his care
She gave him a new-laid egg
    In the garden there.

Love, can you sing?
                    I cannot sing.
Or story-tell?
                    Not one I know.
Then let us play at king and queen,
As down the garden lawns we go.

WHAT DID I DREAM?

What did I dream? I do not know.
    The fragments fly like chaff.
Yet, strange, my mind was tickled so
    I cannot help but laugh

Pull the curtains once again,
    Tuck my blanket in;
Must a glorious humour wane
    Because birds begin

Discoursing in a restless tone,
    Rousing me from sleep –
The finest entertainment known,
    And given rag-cheap?

AGAINST CLOCK AND COMPASSES

"Beauty dwindles into shadow,
Beauty dies, preferred by Fate,
Past the rescue of bold thought.
Sentries drowsed", they say, *"at Beauty's gate."*

"Time duteous to his hour-glass,
Time with unerring sickle,
Garners to a land remote
Where your vows of true love are proved fickle."

"Love chill upon her forehead,
Love fading from her cheek,
Love dulled in either eye,
With voice of love", they say, *"no more to speak."*

I deny to Time his terror;
Come-and-go prevails not here;
Spring is constant, loveless winter
Looms, but elsewhere, for he comes not near.

I deny to Space the sorrow;
No leagues measure love from me;
Turning boldly from her arms,
Into her arms I shall come certainly.

Time and Space, folly's wonder,
Three-cards shufflers, magic-men!
True love is, that none shall say
It ever was, or ever flowers again.

A CRUSADER

Death, kindly eager to pretend
    Himself my servant in the land of spears,
Humble allegiance at the end
    Broke where the homeward track your castle nears,
Let his white steed before my red steed press
And rapt you from me into quietness.

A REVERSAL

The old man in his fast car
    Leaves Achilles lagging,
The old man with his long gun
    Outshoots Ulysses' bow,
Nestor in his botched old age
    Rivals Ajax bragging,
To Nestor's honeyed courtship
    Could Helen say "No"?

Yet, ancient, since you borrow
    From youth the strength and speed,
Seducing as an equal
    His playmates in the night,
He, robbed, assumes your sceptre,
    He overgoes your rede.
And with his brown and lively hairs
    Out-prophesies your white.

THE MARTYRED DECADENTS: A SYMPATHETIC SATIRE

We strain our strings thus tight,
Our voices pitch thus high,
A song to indite
That nevermore shall die.

The Poet being divine
Admits no social sin,
Spurring with wine
And lust the Muse within.

Finding no use at all
In arms or civic deeds,
Perched on a wall
Fulfilling fancy's needs.

Let parents, children, wife,
Be ghosts beside his art,
Be this his life
To hug the snake to his heart.

Sad souls, the more we stress
The advantage of our crown,
So much the less
Our welcome by the Town,

By the gross and rootling hog
Who grunts nor lifts his head,
By jealous dog
Or old ass thistle-fed.

By so much less their praise,
By so much more our glory.
Grim pride outweighs
The anguish of our story.

We strain our strings thus tight,
    Our voices pitch thus high,
To enforce our right
    Over futurity.

WHIPPERGINNY

"Seja isto o Céu, seja o Inferno, ou as Terras de Whipperginny."

ROBERT GRAVES

OS DIALÉTICOS

O pensar tem um pendor,
A direção, uma flexão,
O espaço, seus vetos,
O tempo, uma cessação.

A branquidão é branca?
Então a chame de lilás:
Nada mais longe da verdade
Está a meio-termo atrás

O Efeito dita a Causa,
O início engole seu final;
A baleia devora o arenque,
Ou arenque supõe rorqual?

Os conflitos fatigam,
Incitam-nos a ponderar;
Então beije, garota, beije!
E você colega, vá relaxar!

AS TERRAS DE WHIPPERGINNY

(“Céu ou Inferno, nas Terras de Whipperginny.” –
Jack Wilton[1] de Thomas Nashe.)

Chegue mais perto, madressilva, minha linda, Ó minha Jinny,
Com um sol baixo dourando o brilho da madeira.
Seja isto o Céu, seja o Inferno, ou as Terras de Whipperginny,
Porta a luz de uma fada, de toda maneira.

Então, na igreja dos pântanos, salmos de orgulho e muita fé
Vacila no vento noturno, seu ritmo firme quebrado,
Soturnamente retorceu-se aos uivos do cabaré
Ou emprestou um triunfo vazio, bem estranho a ser falado.

[1] (n.t.) Personagem do romance *The unfortunate traveller* (1594). (n.t.)

O SONHO DA FITA VERMELHA

Enquanto de pé junto à escadaria no salão superior
Os quartos à esquerda e à direita, trancados como antes.
Martelar em uma porta irreal foi delirante
Pintada sobre o reboco de uma parede do corredor.

Havia meia luz aqui, lá o negror magnânimo
Subindo com integridade, como a montanha do tempo,
A face vazia de rocha em que não se escala pensamento,
Rodeado acremente pelo Pântano de Desânimo.

Estive demasiado atônito, afundado na lama.
Só, feito o primeiro homem, ou o último homem.
Congelado pelo desespero, pela noite e seu lobisomem.
Atordoado com a memória de um desejo que inflama.

Uma voz disse "Calma", e uma voz disse "Venha!".
Facilmente eu segui sem dar chance à confusão.
Virei à direita e o caminho deu vazão
Não estava mais atônito; o chão firme se empenha.

Pois ansiava aquele lugar, ansiava um lugar assim,
Além de toda a esperança, lá a boa luz brilhava,
O tapete era sagrado, onde meu pé estava,
E os troncos na fogueira sibilavam para mim.

As almofadas eram amizade e as cadeiras, amor e estima.
Desgrenhada com carinho, era a grande pele de bicho.
O relógio marcou "Calma" quando eu entrei no nicho,
"Venha", "Venha", chamou o dom-fafe da gaiola de cima.

O amor perante mim; explodiu-se em centelha
Dos olhos de uma rapariga junto à janela,
Cujo destino eu sabia, o de seguir bela
Pela calma testa e sua fina fita vermelha.

Então, eu era um herói e um garoto ousado
Beijando a mão por demais desconhecida;
Senti uma fita vermelha como uma cobra torcida
No meu próprio cabelo grosso, então eu ri contentado.

* * * * *

Enquanto de pé junto à escadaria no salão superior;
Os quartos à esquerda e à direita, trancados como antes.
Uma vez eu encontrei a entrada, agora apenas pensante,
E o Tempo, com sua parede vítrea, inclina-se ao exterior.

EM PROCISSÃO

Donne (para alguma referência)
Keats, Blake, Marlowe, Spenser
Shelley e Milton,
Shakespeare e Chaucer, Skelton –
Nós os amamos tão logo os lemos,
Mas quem ousaria deixá-los por menos
Em suas várias artes,
Em suas típicas partes
De força, saber e sapiência?
Na Escola do Poeta, tenha ciência
Não há graus, nem durações,
Comparações, concorrentes,
Severas avaliações,
Burocracia e declarações,
Veteranos sobreviventes;
Sem credos, religiões, nações
Mas combatentes unidos
Com mútuas perdições.
Ou diga-me de tudo isso
Se poderia Shelley fazer jus
À graça de Blake e sua luz
Se Shakespeare poderia, na verdade
Reduzir de Chaucer sua santidade?

Os poetas do pretérito,
Cada qual com seu mérito
De virtuosa escrita, entenda,
Não viam razão para contendas,
Todos criativos como para fartar-se;
Ninguém precisou desviar-se,
A menos que este Chaucer vença
Aquele Chaucer, e convença
Um Keats de que o outro ascenda:
Veja Doney negar a sua cadência,
Shelley conduzindo Shelley ao fracasso,
Blake encarnando um fiasco.

Sem comparações, almejando alto,
Sem ciúmes, sem sobressalto
Ao ver a fama de outro: um abraço,
Cada um, assim, havia combatido,
Mas com um ânimo decorrido,
De alguma maneira agora cauto,
Ou o vigor despendido,
Pois desistir eu nunca exalto.

Então, como meus mestres
Conclamo minha cupidez
Em perspectiva, com honradez
Pisando o caminho do bardo,
Em retrospecto, o mais modesto
Porque tombo e tropeço,
Derramo meu fardo.

Mas frequentemente,
    A caminho do adormecimento,
Na montanha íngreme e do esgotamento,
O momento súbito que me angustia
Ao som terrível da onírica bateria,
Reverberações, pratos e trompas raiam,
Quando com padrões pairam,
Uma nuvem de cavaleiro no encalço,
As pompas coloridas em desembaraço
Os carros de Carnaval
Com o dragão e o divinal
Meu pensamento repleto em seu espaço,
O Dilúvio e a Criação
Com o Sangue da Salvação
E as bandeiras do Sileno corpulento,
Com todo raro monstro sangrento
Do Sul e do Oriente,
Tão grandioso quanto deprimente,
Constantemente,
Em procissão variável, eternamente.
Encontro-me no topo, uma façanha

De uma escada de mão no ar,
E falo em linguagem estranha
Para o povo murmurar e fitar
E depois volta a brilhar
Com adereços e flores de verão
Voam nos chuveiros, em dispersão,
E o Sol rola no firmamento,
Enquanto os tambores rufam a contento
Proclame-me…
          Oh, então, quando acordar
Poderia eu sarar
E nessa página indicar
E a fala elogiável
Sábia e inabalável,
Poderia eu esticar e alcançar
As flores e a fruta maturada
Lançados ao pé da escada
Poderia rasgar um pedaço de seda
A partir da bandeira à frente, queda
Eu chamaria de chama dupla, primeiro
Dos tambores, poderia o Castrão
Folheado a ouro, poderia o Carneiro
Com um flanco feito a porta de um celeiro,
O *blackamoor*, o anão,
Poderia *Jonas e a Baleia*
O *Santo Graal* da Última Ceia
E *Lot em seu lar*,
O Gorila a se alimentar,
Sempre a tagarelar,
As Ninfas e o Silvano,
E todos conversando
Vêm aqui insolitamente
De pé e falando claramente
Com um “como vai você?”
E “Quem é? Vamos ver”
Poderia mostrá-los, a valer
Que você os viu comigo,
Oh, então eu seria, amigo

O Príncipe de toda a Poesia
Sem nunca um camarada,
Vendo bem minha estrada
Para desvelar a filosofia.

Falando de terra e mar,
Do alegre e livre ar,
Como sei que há
Erguidas na Espanha, tais fortalezas,
E de Cockaigne fala-se com destreza,
Nem desse reino glorioso, Cand,
Do Terreno das Delícias adiante,
A terra dos Tortos,
Os Ilheus Ditosos,
Dos mais de muitos portos
Que levam à Babilônia,
Uma beleza sem parcimônia
Construída sobre um plano quadrado.
Da terra do Homem Dourado
Cujos cavalos ávidos, ao vagirem
Em seus berços ostentosos,
Das terras de Whipperginny,
Da terra onde não há idosos.

Especialmente eu comento
A Cidade do Sofrimento,
Um amontoado de suja soturnidade
E casas em filas na infinidade
Arrastando-se por todo o povoado;
O Inferno não tem lugar no mercado,
Nem ponto de encruzilhada.
Nem a rua mais afamada,
Nem quartel, nem prefeitura,
Nenhuma loja nessa conjuntura,
Nem descanso para a caminhada.
Nem teatro, praça ou jardim,
Nem luzes na escuridão sem fim,
Nem pousada, nem convento,

Nem tolerância com desregramento,
O Inferno não tem surgimento.
O Inferno tampouco se arremata,
Mas no mundo se dilata
O poço errante, vil, infindo e odioso, não cismo
O subúrbio de si mesmo, eu digo, é o Abismo.

E o valor sem limites
De Spenser e Keats
As alegrias calmas e varonis
O escolhido de Apolo!
Aqui pasmo, derivo, cantarolo
Com um gesto que fiz
Para fins do meu protocolo
No meu próprio jeito brutal.
Deixe-me ser um grave-jovial
Ou feliz-triste,
Rimar aqui consiste
Em digna esperança de realização
E ações de ampla extensão.
Depois engano e contrição
Dessa mesma expectação.

HENRY E MARY

Henry era um rei digno,
  Mary, sua dama,
Ele lhe deu uma gota de neve,
  Sobre a verde rama.

Por toda sua gentileza
  E por todo seu cuidado
Ela lhe deu mais um ovo
  No jardim acampado.

Amor, você sabe cantar?
          Não sei cantar.
Ou contar histórias?
          Não lembro nenhuma.
Então, de rei e rainha vamos brincar,
Nos jardins, sem pressa alguma.

O QUE SONHEI?

O que sonhei? Não posso saber.
    Tudo se desfaz no ar
Suspeito: como a mente agora vê
    E logo me ponho a gargalhar

Puxar as cortinas novamente
    Guardar a coberta
Deve o humor sumir de repente
    Porque o pássaro desperta

A fala alvoroçada,
    Que no sono me molesta –
A maior diversão reputada,
    Por oferta tão modesta?

CONTRA RELÓGIOS E MEDIDAS

“O Belo é truncado na sombra,
O Belo morre, escolhido pelo Fado,
Após o resgate do pensamento audaz.
Ante a porta do Belo”, “o guarda ensonado.”

“O tempo alinhado à sua clepsidra,
O tempo e sua foice-cataclisma,
Ceifa e conduz a um lugar remoto
Onde a jura de amor puro é mera cisma.”

“O amor arrefece em sua testa,
O amor escapa de seu rosto,
O amor que se apaga em cada olho,
Com voz cândida”, dizem, *“perdeu-se o gosto.”*

Renego ao Tempo o seu terror;
A inconstância aqui não predomina;
Primavera estável, inverno desalmado
Ameaça em outros cantos, não se aproxima.

Renego ao Espaço a tristeza;
Para mim, nenhuma légua mede o amor;
Girando com ousadia em seus braços,
Enlaçar-me nela, claro, irei com fervor.

Tempo e Espaço, o encanto da loucura,
Jogadores de três cartas, mágicos e que tais!
O amor puro é bem aquilo que ninguém
Disse, ou que venha a surgir uma vez mais.

UM CRUZADO

A morte, gentilmente disposta a simular
    Que na terra das lanças sou sua realeza,
Lealdade modesta no limiar
    Quebrada onde a volta à casa se acerca de sua fortaleza,
Deixe seu corcel branco perante a cinta de meu corcel carmesim
E para o fim do frenesi, o repreenda de mim.

UMA INVERSÃO

O velho em seu carro veloz
    Deixa Aquiles para trás,
O velho com sua artilharia
    O arco de Ulisses supera,
Nestor em sua velhice atabalhoada
    Rivaliza o orgulho de Ajax,
Para o namoro melífluo de Nestor
    Helen dizer "não", pudera?

Contudo, antigo, ao tomar emprestado
    Da juventude a força e a velocidade,
Seduzindo como um igual
    Seus colegas na noite tarde,
Ele, assaltado, assume o cetro,
    Ele salta a sua rede com vontade.
E com seus cabelos castanhos e vivazes
    Profetiza além de sua claridade.

OS DECADENTES MARTIRIZADOS: UMA SÁTIRA SOLIDÁRIA

Tensão nas cordas com ardor,
A voz aguda vibrará,
Uma canção para compor
Que nem nunca morrerá.

O Poeta como divindade
Não quer falta social,
Brinda à criatividade
E à Musa íntima, o ideal.

Totalmente inúteis, vejo
Armas e atos urbanos,
Recostado eu almejo
A causa fina, abraçamos.

Deixe que seu clã,
Seja sombra de sua arte,
Seja este o seu afã
Ser extremo em toda parte.

Almas tristes, digo sempre
O préstimo de nosso prêmio,
E se não é suficiente
A Pólis quer o vilipêndio,

Pelo porco brutamontes
Que grunhe todo isolado,
Pelo cão ciumento, longe
Ou o asno criado a cardo.

Se com eles não se canta,
Muito temos com a glória.
O brio sinistro suplanta
A aflição de nossa história.

Tensão nas cordas com ardor,
    A voz aguda vibrará,
Fazer valer nosso clamor
    Para todo o deus-dará.

Jimmy e seus *blues*

James Baldwin

O texto: Seleção com sete composições dos dois únicos livros de poesia de James Baldwin, *Jimmy's blues*, de 1983, e *Gypsy and other poems*, de 1989. Ambos foram relançados em *Jimmy's blues and other poems*, de 2014, coletânea que reúne sua obra poética completa, já que o autor se tornou mais conhecido por seus romances e ensaios. Sua poesia, que mantém um estreito laço com sua literatura de crítica social, também toca questões como raça, sexualidade, gênero, espiritualidade, classe social, etc.

Texto traduzido: Baldwin, J. *Jimmy's blues and other poems*. Boston: Beacon Press, 2014.

O autor: James Baldwin (1924-1987), poeta, romancista, dramaturgo e crítico social estadunidense, nasceu no Harlem, em Nova Iorque. Sua vida foi marcada não só pela religiosidade familiar, mas também pelos movimentos sociais organizados por ativistas e artistas negros contra o racismo e a homofobia, cuja realidade transpôs à sua obra. Escreveu romances autobiográficos, como *Go Tell It on the Mountain* (1953) e *Another country* (1984), ensaios que se tornaram obras de referência em direitos civis, como *Notes of a Native Son* (1955) e *The Devil Finds Work* (1976), e poesia, *Jimmy's blues* (1983) e o póstumo *Gypsy and other poems* (1989).

O tradutor: Rafael de Arruda Sobral é licenciado em Letras Inglês e graduando em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Atualmente, é professor e tradutor de inglês.

JIMMY'S BLUES

"I'm here, I'm here, I've gone nowhere away:
if only you could see!"

JAMES BALDWIN

THE GIVER (for Berdis)

If the hope of giving
is to love the living,
the giver risks madness
in the act of giving.

Some such lesson I seemed to see
in the faces that surrounded me.

Needy and blind, unhopeful, unlifted,
what gift would give them the gift to be gifted?
The giver is no less adrift
than those who are clamouring for the gift.

If they cannot claim it, if it is not there,
if their empty fingers beat the empty air
and the giver goes down on his knees in prayer
knows that all of his giving has been for naught
and that nothing was ever what he thought
and turns in his guilty bed to stare
at the starving multitudes standing there
and rises from bed to curse at heaven,

he must yet understand that to whom much is given
much will be taken, and justly so:
I cannot tell how much I owe.

THE DARKEST HOUR

The darkest hour
is just before the dawn,
and that, I see,
which does not guarantee
power to draw the next breath,
nor abolish the suspicion
that the brightest hour
we will ever see
occurs just before we cease
to be.

IMAGINATION

Imagination
creates the situation,
and, then, the situation
creates imagination.

It may, of course,
be the other way around:
Columbus was discovered
by what he found.

AMEN

No, I don't feel death coming.
I feel death going:
having thrown up his hands,
for the moment.

I feel like I know him
better than I did.
Those arms held me,
for a while,
and, when we meet again,
there will be that secret knowledge
between us.

FOR A.

Sitting in the house, with everything on my mind.
Stumbling in my house, watching my lover go stone-blind.

Come back from that window. Please don't open that door!
I know where it leads. It leads to hell, and more
than your blinded eyes can see. Come back,
come back, and try to lean on me.
I'm here, I'm here, I've gone nowhere away:
if only you could see!

How is it we have travelled, you and me,
through happy days, and torment, and not guessed
that we could find ourselves so black, unblessed,
so far apart?
You are my heart:
I watched you sleep and watched you play.
I slapped your buttocks every day.
I used to laugh with you when you laughed
and stand, when you stood up, and, with you,
watched the land drop down beneath us,
green and brown and crooked,
as we rose up, up into a sky
which we alone had found
and where we were alone. Too much alone, perhaps.
Perhaps we were as wicked as people said,
turning to each other for the living bread!

And, now: I have taken your hope away, you say,
and you think of me, sometimes, as the most
monstrous of old men. No matter:
if I could only make you see
how you must live when you are far away from me.
If only I could see for you, if I could for you spell
the vast contours of hell!
If I could tell you how, on such a road,
where I walked once, I stumbled and fell and howled:

how you must walk the road, and not be driven
into the great wilderness, by some false dream of heaven!
I have been there, and I know. But I know, too,
that nothing I say now will get to you.
You have your journey now, and I have mine.
And all day and all night long
I have waited for a sign
which will not be given to us now.

Love,
love has no gifts to give
except the revelation that the soul can live:
on a coming day,
you will hear, from afar,
I, your lover, pray.
You will hear, then, the prayer that you cannot hear now,
and, when you hear that sobbing, boy, rejoice,
and know that love is the purpose of the human voice!

Neuilly s/Seine
July 23, 1970

FOR EARL

I wish I had known more
than love ever knows, in time.
One imagines that time
gives the time
to quarrel,
correct, tyrannize,
and love.

Baby brother,
the love of your passage
has become the light in my own:
and I had planned it, *bambino*,
quite the other way around.

Enough. So much for plans.
Enough of calculations.
I will never see you
as I saw you,
again,
never touch you or kiss you
or scold you again.

You were very patient with me
very loving
but I was sure that I would die before you
and wanted you to be able to live without me.
So much for calculations.
So much for wisdom.
So much for age.
You have humbled me, my friend,
who, now, must learn to live without you.

I will miss, forever,
your eyes, your walk,
your talk – enough.

My friend, Miss Lena Horne,
and many other saints
sing you, my darling,
into the womb of eternity.
Therefore, farewell,
                    for now.
Dig you, later: alligator.

UNTITLED

Lord,
when you send the rain
think about it, please,
a little?
Do
not get carried away
by the sound of falling water,
the marvellous light
on the falling water.
I
am beneath that water.
It falls with great force
and the light
Blinds
me to the light.

JIMMY E SEUS *BLUES*

"Estou aqui, estou aqui, não fui a lugar algum:
se ao menos você pudesse enxergar!"

JAMES BALDWIN

O DOADOR (para Berdis)

Se a esperança de dar
é os vivos amar,
o doador arrisca-se à loucura
no ato de dar.

Tais lições parecia que divisava
em toda face que me cercava.

Carente e cego, sem vida, desesperado,
que presente lhes daria o dom do presenteado?
  O doador não está menos pendente
  daqueles que clamam por presente.

Se não podem clamá-lo, se não está lá,
se seus dedos vazios batem o vazio ar
e o doador se põe de joelhos a rezar
sabe que o que tem por dar em vão tem sido
e que nada nunca foi o que tinha decidido
e se vira em sua culposa cama para observar
as famintas multidões paradas por lá
e levanta-se da cama para praguejar ao céu,

ele deve ainda entender que para quem muito se deu
muito se tira, e justamente então:
Eu não posso dizer o quanto tenho de obrigação.

A HORA MAIS ESCURA

A hora mais escura
é logo antes do amanhecer,
e isso, posso ver,
não é prometer
o poder do próximo alento,
nem se abole a suspeita
de que a hora mais brilhante
que sempre se vê
ocorre logo antes de que cesse
o ser.

IMAGINAÇÃO

Imaginação
cria a situação,
e, daí, a situação
cria imaginação.

Pode, decerto,
ser contrariado:
Colombo foi descoberto
pelo que tinha encontrado.

AMÉM

Não, eu não sinto a morte vindo.
Eu sinto a morte indo:
tendo soltado suas mãos,
pelo momento.

Eu sinto que a conheço
melhor do que a conhecia.
Aqueles braços me seguraram,
por um instante,
e quando nos encontrarmos novamente,
haverá aquele conhecimento secreto
entre nós.

PARA A.

Sentado em casa, com tudo em minha mente.
Tropeçando em minha casa, vendo meu amor cegar completamente.

Volte por essa janela. Por favor, não abra essa porta!
Eu sei aonde leva. Leva ao inferno, e a muito mais
do que seus olhos cegos podem ver. Volte,
volte e tente em mim se apoiar.
Estou aqui, estou aqui, não fui a lugar algum:
se ao menos você pudesse enxergar!

Como é que viajamos, você e eu,
através de dias felizes, e de tormentos, e não adivinhamos
que poderíamos nos encontrar tão negros, amaldiçoados,
tão distanciados?
Você é meu coração:
Vi você dormir e brincar.
Todo dia eu estapeava suas nádegas.
Eu costumava rir com você quando você ria
e me erguer, quando você se erguia, e, com você,
vi a terra cair abaixo de nós,
verde e marrom e tortuosa,
logo que subimos alto, alto até o céu,
que sozinhos encontramos
e onde sozinhos estávamos. Muito sozinhos, talvez.
Talvez fôssemos tão perversos quanto se dizia,
voltando-se um ao outro pelo pão de cada dia!

E agora: eu tirei sua esperança, você diz,
e você pensa em mim, às vezes, como o mais
monstruoso dentre os velhos. Não importa:
se eu pudesse ao menos fazer você enxergar
como você deve viver quando está longe de mim.
Se ao menos eu pudesse ver por você e por você soletrar
os vastos contornos dos infernos!
Se eu pudesse lhe contar como, em tal estrada,
por onde antes andei, tropecei e cai e uivei:

como você deve andar pela estrada, e não ser conduzido
até o grande deserto, por algum falso sonho do paraíso!
Eu estive lá, e eu sei. Mas eu sei, também,
que nada do que eu disser agora chegará a você.
Você tem sua jornada agora, e eu tenho uma afinal.
E ao longo do dia e da noite
tenho esperado por um sinal
que não nos será dado agora.

Amor,
o amor não tem presentes a dar
exceto a revelação de que a alma pode viver:
em um dia a raiar,
você, de longe, ouvirá,
eu, seu amante, rezar.
Você ouvirá, então, a reza que você não pode ouvir agora,
e, quando você ouvir aquele soluçar, garoto, alegre-se,
e saiba que amar é o propósito da voz humana!!

Neuilly s/Seine
23 de julho de 1970

PARA EARL

Eu queria ter conhecido mais
que o amor há de conhecer, com o tempo.
Alguém imagina que o tempo
dá tempo
para discutir,
corrigir, tiranizar,
e amar.

Irmãozinho,
a ternura de sua passagem
tornou-se a minha própria luz:
e eu tinha planejado isso, *bambino*,
quase de outra maneira.

Basta. Tanto por planos.
Basta de cálculos.
Eu nunca o verei
como eu o vi,
novamente,
nunca o tocarei ou o beijarei
ou o repreenderei novamente.

Você foi muito paciente comigo
muito amável
mas eu sabia que morreria antes de você
e eu queria que você pudesse viver sem mim.
Tanto por cálculos.
Tanto por sabedoria.
Tanto por envelhecer.
Você me fez humilde, meu amigo,
quem, agora, deve aprender a viver sem você.

Vou sentir saudades, para sempre,
de seu olhar, de seu caminhar,
de seu falar – bastante.

Minha amiga, a Srta. Lena Horne,
e muitas outras santas,
cantam para você, meu querido,
até o ventre da eternidade.
Portanto, adeus,
                                por enquanto.
Te entendo, até: jacaré.

SEM TÍTULO

Senhor,
quando enviar a chuva
pense sobre isso, por favor,
um pouco?
Não
se deixe levar
pelo som da água caindo,
da luz majestosa
sobre a água caindo.
Eu
estou embaixo da água.
Ela cai com grande força
e a luz
Cega-
me à luz.

contos

(n.t.) | Armavir

Um paciente despreocupado

Motojirō Kajii

O texto: "Um paciente despreocupado" (のんきな患者), de 1932, é o último conto de Motojirō Kajii, que morreu poucos meses depois de sua publicação, vitimado pela tuberculose que contraíra na juventude. Nele, o autor narra as agruras de Yoshida, seu *alter ego*, que sofre da mesma doença, e suas observações sobre como esta afeta a sociedade, particularmente as pessoas mais pobres. O conto marca uma ruptura com seus textos anteriores, de temática mais lírica, e revela seu interesse pelos problemas de ordem social.

Texto traduzido: 梶井 基次郎. のんきな患者「檸檬・ある心の風景　他二十編」旺文社文庫、旺文社, 1974.

O autor: Motojirō Kajii (1901-1932), escritor e poeta japonês do período Shōwa, nasceu em Osaka. Estudou literatura inglesa na Universidade de Tóquio, mas não concluiu o curso. Foi diagnosticado com tuberculose aos dezenove anos e conviveu com a doença até que ela se agravasse e o obrigasse a retornar para a casa da família, onde veio a falecer, aos 31 anos. Apesar de sua produção literária não ser extensa, seus contos breves são apreciados pela beleza poética e poder descritivo. Seu primeiro livro, 檸檬 (*Limão*), uma coletânea de contos breves, foi publicado em 1931. No ano seguinte, Kajii escreveu seu conto de maior fôlego のんきな患者 (*Um paciente despreocupado*).

A tradutora: Karen Kazue Kawana é mestre e doutora em Filosofia pela Unicamp e mestra em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Para a (n.t.) traduziu Osamu Dazai, Nankichi Niimi e Riichi Yokomitsu.

Contato: kkawanak@gmail.com

のんきな患者

「吉田はほとんど身動きもできない姿勢で身体を
鯱硬張（しゃちこば）らせたままかろうじて胸へ呼吸を送っていた。」

梶井 基次郎

一

吉田は肺が悪い。寒（かん）になって少し寒い日が来たと思ったら、すぐその翌日から高い熱を出してひどい咳になってしまった。胸の臓器を全部押し上げて出してしまおうとしているかのような咳をする。四五日経つともうすっかり痩せてしまった。咳もあまりしない。しかしこれは咳が癒（なお）ったのではなくて、咳をするための腹の筋肉がすっかり疲れ切ってしまったからで、彼らが咳をするのを肯（がえん）じなくなってしまったかららしい。それにもう一つは心臓がひどく弱ってしまって、一度咳をしてそれを乱してしまうと、それを再び鎮めるまでに非常に苦しい目を見なければならない。つまり咳をしなくなったというのは、身体が衰弱してはじめてのときのような元気がなくなってしまったからで、それが証拠には今度はだんだん呼吸困難の度を増して浅薄な呼吸を数多くしなければならなくなって来た。

病勢がこんなになるまでの間、吉田はこれを人並みの流行性感冒のように思って、またしても「明朝はもう少しよくなっているかもしれない」と思ってはその期待に裏切られたり、今日こそは医者を頼もうかと思ってはむだに辛抱をしたり、いつまでもひどい息切れを冒しては便所へ通ったり、そんな本能的な受身なことばかりやっていた。そしてやっと医者を迎えた頃には、もうげっそり頬もこけてしまって、身動きもできなくなり、二三日のうちにははや褥瘡（とこずれ）のようなものまでができかかって来るという弱り方であった。ある日はしきりに「こうっと」「こうっと」というようなことをほとんど一日言っている。かと思うと「不安や」「不安や」と弱々しい声を出して訴えることもある。そういうときはきまって夜で、どこから来るともしれない不安が吉田の弱り切った神経を堪（たま）らなくするのであった。

吉田はこれまで一度もそんな経験をしたことがなかったので、そんなときは第一にその不安の原因に思い悩むのだった。いったいひどく心臓でも弱って来たんだろうか、それともこんな病気にはあり勝ちな、不安ほどにはないなにかの現象なんだろうか、それとも自分の過敏になった神経がなにかの苦痛をそういうふうに感じさせるんだろうか。——吉田はほとんど身動きもできない姿勢で身体を鯱硬張らせたままかろうじて胸へ呼吸を送っていた。そして今もし突如この平衡を破るものが現われたら自分はどうなるかしれないということを思っていた。だから吉田の頭には地震とか火事とか一生に一度遭うか二度遭うかというようなものまでが真剣に写っているのだった。また吉田がこの状態を続けてゆくというのには絶えない努力感の緊張が必要であって、もしその綱渡りのような努力になにか不安の影が射せばたちどころに吉田は深い苦痛に陥らざるを得ないのだった。——しかしそんなことはいくら考えても決定的な知識のない吉田にはその解決がつくはずはなかった。その原因を臆測するにもまたその正否を判断するにも結局当の自分の不安の感じに由るほかはないのだとすると、結局それは何をやっているのかわけのわからないことになるのは当然のことなのだったが、しかしそんな状態にいる吉田にはそんな諦めがつくはずはなく、いくらでもそれは苦痛を増していくことになるのだった。

第二に吉田を苦しめるのはこの不安には手段があると思うことだった。それは人に医者へ行ってもらうことと誰かに寝ずの番についていてもらうことだった。しかし吉田は誰もみな一日の仕事をすましてそろそろ寝ようとする今頃になって、半里もある田舎道を医者へ行って来てくれとか、六十も越してしまった母親に寝ずについていてくれとか言うことは言い出しにくかった。またそれを思い切って頼む段になると、吉田は今のこの自分の状態をどうしてわかりの悪い母親にわからしていいか、——それよりも自分がかろうじてそれを言うことができても、じっくりとした母親の平常の態度でそれを考えられたり、またその使いを頼まれた人間がその使いを行き渋ったりするときのことを考えると、実際それは吉田にとって泰山を動かすような空想になってしまうのだった。しかし何故不安になって来るか——もう一つ精密に言うと——何故不安が不安になって来るかというと、これからだんだん人が寝てしまって医者へ行ってもらうということもほんとうにできなくなるということや、そして母親も寝てしまってあとはただ自分一人が荒涼とした夜の時間のなかへ取り残されるということや、そしてもしその時間の真中でこのえたいの知れない不安の内容が実現するようなことがあればもはや自分はどうすることもできないではないかというようなことを考えるからで——だからこれは目をつぶって「辛抱するか、頼むか」ということを決める以外

それ自身のなかにはなんら解決の手段も含んでいない事柄なのであるが、たとえ吉田は漠然とそれを感じることができても、身体も心も抜き差しのならない自分の状態であってみればなおのことその迷妄を捨て切ってしまうこともできず、その結果はあがきのとれない苦痛がますます増大してゆく一方となり、そのはてにはもうその苦しさだけにも堪え切れなくなって、「こんなに苦しむくらいならいっそのこと言ってしまおう」と最後の決心をするようになるのだが、そのときはもう何故か手も足も出なくなったような感じで、その傍に坐っている自分の母親がいかにも歯痒(はがゆ)いのんきな存在に見え、「ここともそこだのに何故これを相手にわからすことができないのだろう」と胸のなかの苦痛をそのまま掴(つか)み出して相手に叩きつけたいような癇癪(かんしゃく)が吉田には起こって来るのだった。

しかし結局はそれも「不安や」「不安や」という弱々しい未練いっぱいの訴えとなって終わってしまうほかないので、それも考えてみれば未練とは言ってもやはり夜中なにか起こったときには相手をはっと気づかせることの役には立つという切羽(せっぱ)つまった下心(したごころ)もは入っているにはちがいなく、そうすることによってやっと自分一人が寝られないで取り残される夜の退引(のっぴ)きならない辛抱をすることになるのだった。

吉田は何度「己(おのれ)が気持よく寝られさえすれば」と思ったことかしれなかった。こんな不安も吉田がその夜を睡(ね)むる当てさえあればなんの苦痛でもないので、苦しいのはただ自分が昼にも夜にも睡眠ということを勘定に入れることができないということだった。吉田は胸のなかがどうにかして和(やわ)らんで来るまでは否(いや)でも応でもいつも身体を鯱硬張(しゃちこば)らして夜昼を押し通していなければならなかった。そして睡眠は時雨空(しぐれぞら)の薄日のように、その上を時どきやって来ては消えてゆくほとんど自分とは没交渉なものだった。吉田はいくら一日の看護に疲れても寝るときが来ればいつでもすやすやと寝ていく母親がいかにも楽しそうにもまた薄情にも見え、しかし結局これが己(おのれ)の今やらなければならないことなんだと思い諦めてまたその努力を続けてゆくほかなかった。

そんなある晩のことだった。吉田の病室へ突然猫が這入(はい)って来た。その猫は平常吉田の寝床へ這入って寝るという習慣があるので吉田がこんなになってからは喧(やか)ましく言って病室へは入れない工夫をしていたのであるが、その猫がどこから這入って来たのかふいにニャアといういつもの鳴声とともに部屋へ這入って来たときには吉田は一時に不安と憤懣(ふんまん)の念に襲われざるを得なかった。吉田は隣室に寝ている母親を呼ぶことを考えたが、母親はやはり流行性感冒のようなものにか

かって二三日前から寝ているのだった。そのことについては吉田は自分のことも考え、また母親のことも考えて看護婦を呼ぶことを提議したのだったが、母親は「自分さえ辛抱すればやっていける」という吉田にとっては非常に苦痛な考えを固執していてそれを取り上げなかった。そしてこんな場合になっては吉田はやはり一匹の猫ぐらいでその母親を起こすということはできがたい気がするのだった。吉田はまた猫のことには「こんなことがあるかもしれないと思ってあんなにも神経質に言ってあるのに」と思って自分が神経質になることによって払った苦痛の犠牲が手応えもなくすっぽかされてしまったことに憤懣を感じないではいられなかった。しかし今自分は癇癪（かんしゃく）を立てることによって少しの得もすることはないと思うと、そのわけのわからない猫をあまり身動きもできない状態で立ち去らせることのいかにまた根気のいる仕事であるかを思わざるを得なかった。

猫は吉田の枕のところへやって来るといつものように夜着の襟元から寝床のなかへもぐり込もうとした。吉田は猫の鼻が冷たくてその毛皮が戸外の霜で濡れているのをその頬で感じた。すなわち吉田は首を動かしてその夜着の隙間を塞（ふさ）いだ。すると猫は大胆にも枕の上へあがって来てまた別の隙間へ遮二無二（しゃにむに）首を突っ込もうとした。吉田はそろそろあげて来てあった片手でその鼻先を押しかえした。このようにして懲罰（ちょうばつ）ということ以外に何もしらない動物を、極度に感情を押し殺したわずかの身体の運動で立ち去らせるということは、わけのわからないその相手をほとんど懐疑に陥れることによって諦めさすというような切羽（せっぱ）つまった方法を意味していた。しかしそれがやっとのことで成功したと思うと、方向を変えた猫は今度はのそのそと吉田の寝床の上へあがってそこで丸くなって毛を舐（な）めはじめた。そこへ行けばもう吉田にはどうすることもできない場所である。薄氷を踏むような吉田の呼吸がにわかにずしりと重くなった。吉田はいよいよ母親を起こそうかどうしようかということで抑えていた癇癪（かんしゃく）を昂（たか）ぶらせはじめた。吉田にとってはそれを辛抱することはできなくないことかもしれなかった。しかしその辛抱をしている間はたとえ寝たか寝ないかわからないような睡眠ではあったが、その可能性が全然なくなってしまうことを考えなければならなかった。そしてそれをいつまで持ち耐えなければならないかということはまったく猫次第であり、いつ起きるかしれない母親次第だと思うと、どうしてもそんな馬鹿馬鹿しい辛抱はしきれない気がするのだった。しかし母親を起こすことを考えると、こんな感情を抑えておそらく何度も呼ばなければならないだろうという気持だけでも吉田はまったく大儀な気になってしまうのだった。――しばらくして吉田はこの間から自分で起こしたことのなかった身体をじりじり起こしはじめた。そして

床の上へやっと起きかえったかと思うと、寝床の上に丸くなって寝ている猫をむんずと掴(つか)まえた。吉田の身体はそれだけの運動でもう浪のように不安が揺れはじめた。しかし吉田はもうどうすることもできないので、いきなりそれをそれの這入(はい)って来た部屋の隅(すみ)へ「二度と手間のかからないように」叩きつけた。そして自分は寝床の上であぐらをかいてそのあとの恐ろしい呼吸困難に身を委(まか)せたのだった。

二

しかし吉田のそんな苦しみもだんだん耐えがたいようなものではなくなって来た。吉田は自分にやっと睡眠らしい睡眠ができるようになり、「今度はだいぶんひどい目に会った」ということを思うことができるようになると、やっと苦しかった二週間ほどのことが頭へのぼって来た。それは思想もなにもないただ荒々しい岩石の重畳する風景だった。しかしそのなかでも最もひどかった咳の苦しみの最中に、いつも自分の頭へ浮かんで来るわけのわからない言葉があったことを吉田は思い出した。それは「ヒルカニヤの虎」という言葉だった。それは咳の喉を鳴らす音とも連関(れんかん)があり、それを吉田が観念するのは「俺はヒルカニヤの虎だぞ」というようなことを念じるからなのだったが、いったいその「ヒルカニヤの虎」というものがどんなものであったか吉田はいつも咳のすんだあと妙な気持がするのだった。吉田は何かきっとそれは自分の寐(ね)つく前に読んだ小説かなにかのなかにあったことにちがいないと思うのだったがそれが思い出せなかった。また吉田は「自己の残像」というようなものがあるものなんだなというようなことを思ったりした。それは吉田がもうすっかり咳をするのに疲れてしまって頭を枕へ凭(もた)らせていると、それでもやはり小さい咳が出て来る、しかし吉田はもうそんなものにいちいち頸(くび)を固くして応じてはいられないと思ってそれを出るままにさせておくと、どうしてもやはり頭はそのたびに動かざるを得ない。するとその「自己の残像」というものがいくつもできるのである。

しかしそんなこともみな苦しかった二週間ほどの間の思い出であった。同じ寐られない晩にしても吉田の心にはもうなにかの快楽を求めるような気持の感じられるような晩もあった。

ある晩は吉田は煙草を眺めていた。床の脇にある火鉢の裾に刻煙草(きざみたばこ)の袋と煙管(きせる)とが見えている。それは見えているというよりも、吉田が無理をして見ているので、それを見ているということがなんとも言えない楽しい気持を自分に起こさせていることを吉田は感じていた。そして吉田の寐られないのはその気持のため

で、言わばそれはやや楽しすぎる気持なのだった。そして吉田は自分の頬がそのために少しずつ火照(ほて)ったようになって来ているということさえ知っていた。しかし吉田は決してほかを向いて寐ようという気はしなかった。そうするとせっかく自分の感じている春の夜のような気持が一時に病気病気した冬のような気持になってしまうのだった。しかし寐られないということも吉田にとっては苦痛であった。吉田はいつか不眠症ということについて、それの原因は結局患者が眠ることを欲しないのだという学説があることを人に聞かされていた。吉田はその話を聞いてから自分の睡(ね)むれないときには何か自分に睡むるのを欲しない気持がありはしないかと思って一夜それを検査してみるのだったが、今自分が寐られないということについては検査してみるまでもなく吉田にはそれがわかっていた。しかし自分がその隠れた欲望を実行に移すかどうかという段になると吉田は一も二もなく否定せざるを得ないのだった。煙草を喫うも喫わないも、その道具の手の届くところへ行きつくだけでも、自分の今のこの春の夜のような気持は一時に吹き消されてしまわなければならないということは吉田も知っていた。そしてもしそれを一服喫ったとする場合、この何日間か知らなかったどんな恐ろしい咳の苦しみが襲って来るかということも吉田はたいがい察していた。そして何よりもまず、少し自分がその人のせいで苦しい目をしたというような場合すぐに癇癪(かんしゃく)を立てておこりつける母親の寐ている隙に、それもその人の忘れて行った煙草を——と思うとやはり吉田は一も二もなくその欲望を否定せざるを得なかった。だから吉田は決してその欲望をあらわには意識しようとは思わない。そしていつまでもその方を眺めては寝られない春の夜のような心のときめきを感じているのだった。

ある日は吉田はまた鏡を持って来させてそれに枯れ枯れとした真冬の庭の風景を反射させては眺めたりした。そんな吉田にはいつも南天の赤い実が眼の覚めるような刺戟で眼についた。また鏡で反射させた風景へ望遠鏡を持って行って、望遠鏡の効果があるものかどうかということを、吉田はだいぶんながい間寝床のなかで考えたりした。大丈夫だと吉田は思ったので、望遠鏡を持って来させて鏡を重ねて覗いて見るとやはり大丈夫だった。

ある日は庭の隅に接した村の大きな櫟(くぬぎ)の木へたくさん渡り鳥がやって来ている声がした。

「あれはいったい何やろ」

吉田の母親はそれを見つけて硝子(ガラス)障子のところへ出て行きながら、そんな独り(ひと)言のような吉田に聞かすようなことを言うのだったが、癇癪を起こすのに慣れ続

けた吉田は、「勝手にしろ」というような気持でわざと黙り続けているのだった。しかし吉田がそう思って黙っているというのは吉田にしてみればいい方で、もしこれが気持のよくないときだったら自分のその沈黙が苦しくなって、（いったいそんなことを聞くような聞かないようなことを言って自分がそれを眺めることができると思っているのか）というようなことから始まって、母親が自分のそんな意志を否定すれば、（いくらそんなことを言ってもぼんやり自分がそう思って言ったということに自分が気がつかないだけの話で、いつもそんなぼんやりしたことを言ったりしたりするから無理にでも自分が鏡と望遠鏡とを持ってそれを眺めなければならないような義務を感じたりして苦しくなるのじゃないか）というふうに母親を攻めたてていくのだったが、吉田は自分の気持がそういう朝でさっぱりしているので、黙ってその声をきいていることができるのだった。すると母親は吉田がそんなことを考えているということには気がつかずにまたこんなことを言うのだった。

「なんやらヒヨヒヨした鳥やわ」

「そんなら鵯（ひよ）ですやろうかい」

吉田は母親がそれを鵯に極（き）めたがってそんな形容詞を使うのだということがたいていわかるような気がするのでそんな返事をしたのだったが、しばらくすると母親はまた吉田がそんなことを思っているとは気がつかずに、

「なんやら毛がムクムクしているわ」

吉田はもう癇癪（かんしゃく）を起こすよりも母親の思っていることがいかにも滑稽になって来たので、

「そんなら椋鳥（むく）ですやろうかい」

と言って独（ひと）りで笑いたくなって来るのだった。

そんなある日吉田は大阪でラジオ屋の店を開いている末の弟の見舞いをうけた。

その弟のいる家というのはその何か月か前まで吉田や吉田の母や弟やの一緒に住んでいた家であった。そしてそれはその五六年も前吉田の父がその学校へ行かない吉田の末の弟に何か手に合った商売をさせるために、そして自分達もその息子を仕上げながら老後の生活をしていくために買った小間物店で、吉田の弟はその店の半分を自分の商売にするつもりのラジオ屋に造り変え、小間物屋の方は吉田の母親が見ながらずっと暮らして来たのであった。それは大阪の市が南へ南へ伸びて行こうとして十何年か前までは草深い田舎であった土地をどんどん住宅や学校、病院などの地帯にしてしまい、その間へはまた多くはそこの地元の百姓であった地主たちの建てた小さな長屋がたくさんできて、野原の名残（なご）りが年ごとに

その影を消していきつつあるというふうの町なのであった。吉田の弟の店のあるところはその間でも比較的早くからできていた通り筋で両側はそんな町らしい、いろんなものを商う店が立ち並んでいた。

吉田は東京から病気が悪くなってその家へ帰って来たのが二年あまり前であった。吉田の帰って来た翌年吉田の父はその家で死んで、しばらくして吉田の弟も兵隊に行っていたのから帰って来ていよいよ落ち着いて商売をやっていくことになり嫁をもらった。そしてそれを機会にひとまず吉田も吉田の母も弟も、それまで外で家を持っていた吉田の兄の家の世話になることになり、その兄がそれまで住んでいた町から少し離れた田舎に、病人を住ますに都合のいい離れ家のあるいい家が見つかったのでそこへ引っ越したのがまだ三ヶ月ほど前であった。

吉田の弟は病室で母親を相手にしばらく当り触りのない自分の家の話などをしていたがやがて帰って行った。しばらくしてそれを送って行った母が部屋へ帰って来て、またしばらくしてのあとで、母は突然、

「あの荒物屋の娘が死んだと」

と言って吉田に話しかけた。

「ふうむ」

吉田はそう言ったなり弟がその話をこの部屋ではしないで送って行った母と母屋の方でしたということを考えていたが、やはり弟の眼にはこの自分がそんな話もできない病人に見えたかと思うと、「そうかなあ」というふうにも考えて、

「なんであれもそんな話をあっちの部屋でしたりするんですやろなあ」

というふうなことを言っていたが、

「そりゃおまえがびっくりすると思うてさ」

そう言いながら母は自分がそれを言ったことは別に意に介してないらしいので吉田はすぐにも「それじゃあんたは？」と聞きかえしたくなるのだったが、今はそんなことを言う気にもならず吉田はじっとその娘の死んだということを考えていた。

吉田は以前からその娘が肺が悪くて寝ているということは聞いて知っていた。その荒物屋というのは吉田の弟の家から辻を一つ越した二三軒先のくすんだ感じの店だった。吉田はその店にそんな娘が坐っていたことはいくら言われても思い出せなかったが、その家のお婆さんというのはいつも近所へ出歩いているのでよく見て知っていた。吉田はそのお婆さんからはいつも少し人の好過ぎるやや腹立たしい印象をうけていたのであるが、それはそのお婆さんがまたしても変な笑い顔をしながら近所のおかみさんたちとお喋りをしに出て行っては、弄りものにされている——そんな場面をたびたび見たからだった。しかしそれは吉田の思い

過ぎで、それはそのお婆さんが聾（つんぼ）で人に手真似をしてもらわないと話が通じず、しかも自分は鼻のつぶれた声で物を言うのでいっそう人に軽蔑的な印象を与えるからで、それは多少人びとには軽蔑されてはいても、おもしろ半分にでも手真似で話してくれる人があり、鼻のつぶれた声でもその話を聞いてくれる人があってこそ、そのお婆さんも何の気兼（きがね）もなしに近所仲間の仲間入りができるので、それが飾りもなにもないこうした町の生活の真実なんだということはいろいろなことを知ってみてはじめて吉田にも会得（えとく）のゆくことなのだった。

そんなふうではじめ吉田にはその娘のことよりもお婆さんのことがその荒物屋についての知識を占めていたのであるが、だんだんその娘のことが自分のことにも関聯して注意されて来たのはだいぶんその娘の容態も悪くなって来てからであった。近所の人の話ではその荒物屋の親爺さんというのが非常に吝嗇（けち）で、その娘を医者にもかけてやらなければ薬も買ってやらないということであった。そしてただその娘の母親であるさっきのお婆さんだけがその娘の世話をしていて、娘は二階の一（ひ）と間に寝たきり、その親爺さんも息子もそしてまだ来て間のないその息子の嫁も誰もその病人には寄りつかないようにしているということを言っていた。そして吉田はあるときその娘が毎日食後に目高（めだか）を五匹宛嚥（の）んでいるという話をきいたときは「どうしてまたそんなものを」という気持がしてにわかにその娘を心にとめるようになったのだが、しかしそれは吉田にとってまだまだ遠い他人事（ひとごと）の気持なのであった。

ところがその後しばらくしてそこの嫁が吉田の家へ掛取（かけと）りに来たとき、家の者と話をしているのを吉田がこちらの部屋のなかで聞いていると、その目高（めだか）を嚥（の）むようになってから病人が工合がいいと言っているということや、親爺さんが十日に一度ぐらいそれを野原の方へ取りに行くという話などをしてから最後に、

「うちの網はいつでも空（あ）いてますよって、お家の病人さんにもちっと取って来て飲ましてあげはったらどうです」

というような話になって来たので吉田は一時に狼狽（ろうばい）してしまった。吉田は何よりも自分の病気がそんなにも大っぴらに話されるほど人々に知られているのかと思うと今更（さら）のように驚かないではいられないのだったが、しかし考えてみれば勿論それは無理のない話で、今更それに驚くというのはやはり自分が平常自分について虫のいい想像をしているんだということを吉田は思い知らなければならなかったのだった。だが吉田にとってまだ生（なま）々しかったのはその目高を自分にも飲ましたらと言われたことだった。あとでそれを家の者が笑って話したとき、吉田

は家の者にもやはりそんな気があるのじゃないかと思って、もうちょっとその魚を大きくしてやる必要があると言って悪まれ口を叩いたのだが、吉田はそんなものを飲みながらだんだん死期に近づいてゆく娘のことを想像すると堪らないような憂鬱な気持になるのだった。そしてその娘のことについてはそれきりで吉田はこちらの田舎の住居の方へ来てしまったのだったが、それからしばらくして吉田の母が弟の家へ行って来たときの話に、吉田は突然その娘の母親が死んでしまったことを聞いた。それはそのお婆さんがある日上がり框から座敷の長火鉢の方へあがって行きかけたまま脳溢血かなにかで死んでしまったというので非常にあっけない話であったが、吉田の母親はあのお婆さんに死なれてはあの娘も一遍に気を落としてしまっただろうとそのことばかりを心配した。そしてそのお婆さんが平常あんなに見えていても、その娘を親爺さんには内証で市民病院へ連れて行ったり、また娘が寝たきりになってからは単に薬をもらいに行ってやったりしたことがあるということを、あるときそのお婆さんが愚痴話に吉田の母親をつかまえて話したことがあると言って、やはり母親は母親だということを言うのだった。吉田はその話には非常にしみじみとしたものを感じて平常のお婆さんに対する考えもすっかり変わってしまったのであるが、吉田の母親はまた近所の人の話だと言って、そのお婆さんの死んだあとは例の親爺さんがお婆さんに代わって娘の面倒をみてやっていること、それがどんな工合にいっているのか知らないが、その親爺さんが近所へ来ての話に「死んだ婆さんは何一つ役に立たん婆さんやったが、ようまああの二階のあがり下りを一日に三十何遍もやったもんやと思うてそれだけは感心する」と言っていたということを吉田に話して聞かせたのだった。

そしてそこまでが吉田が最近までに聞いていた娘の消息だったのだが、吉田はそんなことをみな思い出しながら、その娘の死んでいった淋しい気持などを思い遣っているうちに、不知不識の間にすっかり自分の気持が便りない変な気持になってしまっているのを感じた。吉田は自分が明るい病室のなかにい、そこには自分の母親もいながら、何故か自分だけが深いところへ落ち込んでしまって、そこへは出て行かれないような気持になってしまった。

「やはりびっくりしました」

それからしばらく経って吉田はやっと母親にそう言ったのであるが母親は、

「そうやろがな」

かえって吉田にそれを納得さすような口調でそう言ったなり、別に自分がそれを、言ったことについては何も感じないらしく、またいろいろその娘の話をしな

がら最後に、
「あの娘はやっぱりあのお婆さんが生きていてやらんことには、――あのお婆さんが死んでからまだ二た月にもならんでなあ」と嘆じて見せるのだった。

三

吉田はその娘の話からいろいろなことを思い出していた。第一に吉田が気付くのは吉田がその町からこちらの田舎へ来てまだ何ヶ月にもならないのに、その間に受けとったその町の人の誰かの死んだという便りの多いことだった。吉田の母は月に一度か二度そこへ行って来るたびに必ずそんな話を持って帰った。そしてそれはたいてい肺病で死んだ人の話なのだった。そしてその話をきいているとそれらの人達の病気にかかって死んでいったまでの期間は非常に短かった。ある学校の先生の娘は半年ほどの間に死んでしまって今はまたその息子が寝ついてしまっていた。通り筋の毛糸雑貨屋の主人はこの間まで店へ据えた毛糸の織機で一日中毛糸を織っていたが、急に死んでしまって、家族がすぐ店を畳んで国へ帰ってしまったそのあとはじきカフエーになってしまった。――

そして吉田は自分は今はこんな田舎にいてたまにそんなことをきくから、いかにもそれを顕著に感ずるが、自分がいた二年間という間もやはりそれと同じように、そんな話が実に数知れず起こっては消えていたんだということを思わざるを得ないのだった。

吉田は二年ほど前病気が悪くなって東京の学生生活の延長からその町へ帰って来たのであるが、吉田にとってはそれはほとんどはじめての意識して世間というものを見る生活だった。しかしそうはいっても吉田は、いつも家の中に引っ込んでいて、そんな知識というものはたいてい家の者の口を通じて吉田にはいって来るのだったが、吉田はさっきの荒物屋の娘の目高（めだか）のように自分にすすめられた肺病の薬というものを通じて見ても、そういう世間がこの病気と戦っている戦の暗黒さを知ることができるのだった。

最初それはまだ吉田が学生だった頃、この家へ休暇に帰って来たときのことだった。帰って来て匆々（そうそう）吉田は自分の母親から人間の脳味噌（のうみそ）の黒焼きを飲んでみないかと言われて非常に嫌な気持になったことがあった。吉田は母親がそれをおずおずでもない一種変な口調で言い出したとき、いったいそれが本気なのかどうなのか、何度も母親の顔を見返すほど妙な気持になった。それは吉田が自分の母親がこれまでめったにそんなことを言う人間ではなかったことを信じていたからで、その母親が今そんなことを言い出しているかと思うとなんとなく妙な頼りな

いような気持になって来るのだった。そして母親がそれをすすめた人間からすでに少しばかりそれをもらって持っているのだということを聞かされたとき吉田はまったく嫌な気持になってしまった。

母親の話によるとそれは青物を売りに来る女があって、その女といろいろ話をしているうちにその肺病の特効薬の話をその女がはじめたというのだった。その女には肺病の弟があってそれが死んでしまった。そしてそれを村の焼場で焼いたとき、寺の和尚（おしょう）さんがついていて、

「人間の脳味噌の黒焼きはこの病気の薬だから、あなたも人助けだからこの黒焼きを持っていて、もしこの病気で悪い人に会ったら頒（わ）けてあげなさい」

そう言って自分でそれを取り出してくれたというのであった。吉田はその話のなかから、もうなんの手当もできずに死んでしまったその女の弟、それを葬ろうとして焼場に立っている姉、そして和尚と言ってもなんだか頼りない男がそんなことを言って焼け残った骨をつついている焼場の情景を思い浮かべることができるのだったが、その女がその言葉を信じてほかのものではない自分の弟の脳味噌の黒焼きをいつまでも身近に持っていて、そしてそれをこの病気で悪い人に会えばくれてやろうという気持には、何かしら堪（た）えがたいものを吉田は感じないではいられないのだった。そしてそんなものをもらってしまって、たいてい自分が嚥（の）まないのはわかっているのに、そのあとをいったいどうするつもりなんだと、吉田は母親のしたことが取り返しのつかないいやなことに思われるのだったが、傍にきいていた吉田の末の弟も

「お母さん、もう今度からそんなこと言うのん嫌（いや）でっせ」

と言ったのでなんだか事件が滑稽になって来て、それはそのままに梟（けり）がついてしまったのだった。

この町へ帰って来てしばらくしてから吉田はまた首縊（くく）りの縄を「まあ馬鹿なことやと思うて」嚥（の）んでみないかと言われた。それをすすめた人間は大和（やまと）で塗師（ぬしや）をしている男でその縄をどうして手に入れたかという話を吉田にして聞かせた。

それはその町に一人の鰥夫（やもめ）の肺病患者があって、その男は病気が重ったままほとんど手当をする人もなく、一軒の荒（あば）ら家に捨て置かれてあったのであるが、とうとう最近になって首を縊（くく）って死んでしまった。するとそんな男にでもいろんな借金があって、死んだとなるといろんな債権者がやって来たのであるが、その男に家を貸していた大家がそんな人間を集めてその場でその男の持っていたものを競売にして後仕末をつけることになった。ところがその品物のなかで最も高い値

が出たのはその男が首を縊った縄で、それが一寸二寸というふうにして買い手がついて、大家はその金でその男の簡単な葬式をしてやったばかりでなく自分のところの滞(とどこお)っていた家賃もみな取ってしまったという話であった。

吉田はそんな話を聞くにつけても、そういう迷信を信じる人間の無智に馬鹿馬鹿しさを感じないわけにいかなかったけれども、考えてみれば人間の無智というのはみな程度の差で、そう思って馬鹿馬鹿しさの感じを取り除いてしまえば、あとに残るのはそれらの人間の感じている肺病に対する手段の絶望と、病人達のなんとしてでも自分のよくなりつつあるという暗示を得たいという二つの事柄なのであった。

また吉田はその前の年母親が重い病気にかかって入院したとき一緒にその病院へついて行っていたことがあった。そのとき吉田がその病舎の食堂で、何心なく食事した後ぼんやりと窓に映る風景を眺めていると、いきなりその眼の前へ顔を近付けて、非常に押し殺した力強い声で、

「心臓へ来ましたか？」

と耳打ちをした女があった。はっとして吉田がその女の顔を見ると、それはその病舎の患者の付添いに雇われている付添婦の一人で、勿論そんな付添婦の顔触れにも毎日のように変化はあったが、その女はその頃露悪的な冗談を言っては食堂へ集まって来る他の付添婦たちを牛耳(ぎゅうじ)っていた中婆さんなのだった。

吉田はそう言われて何のことかわからずにしばらく相手の顔を見ていたが、すぐに「ああなるほど」と気のついたことがあった。それは自分がその庭の方を眺めはじめた前に、自分が咳をしたということなのだった。そしてその女は自分が咳をしてから庭の方を向いたのを勘違いして、てっきりこれは「心臓へ来た」と思ってしまったのだと吉田は悟(さと)ることができた。そして咳がふいに心臓の動悸を高めることがあるのは吉田も自分の経験で知っていた。それで納得のいった吉田ははじめてそうではない旨を返事すると、その女はその返事には委細かまわずに、

「その病気に利くええ薬を教えたげまひょか」

と、また脅(おびや)かすように力強い声でじっと吉田の顔を覗き込んだのだった。吉田は一にも二にも自分が「その病気」に見込まれているのが不愉快ではあったが、

「いったいどんな薬です？」

と素直に聞き返してみることにした。するとその女はまたこんなことを言って吉田を閉口させてしまうのだった。

「それは今ここで教えてもこの病院ではできまへんで」

そしてそんな物々(ものもの)しい駄目(だめ)をおしながらその女の話した薬というのは、素焼(すやき)の土瓶(どびん)へ鼠の仔を捕って来て入れてそれを黒焼きにしたもので、それをいくらか宛(ずつ)かごく少ない分量を飲んでいると、「一匹食わんうちに」癒(なお)るというのであった。そしてその「一匹食わんうちに」という表現でまたその婆さんは可怕(こわ)い顔をして吉田を睨(にら)んで見せるのだった。吉田はそれですっかりその婆さんに牛耳られてしまったのであるが、その女の自分の咳に敏感であったことや、そんな薬のことなどを思い合わせてみると、吉田はその女は付添婦という商売がらではあるが、きっとその女の近い肉親にその病気のものを持っていたのにちがいないということを想像することができるのであった。そして吉田が病院へ来て以来最もしみじみした印象をうけていたものはこの付添婦という寂しい女達の群(む)れのことであって、それらの人達はみな単なる生活の必要というだけではなしに、夫に死に別れたとか年が寄って養い手がないとか、どこかにそうした人生の不幸を烙印(らくいん)されている人達であることを吉田は観察していたのであるが、あるいはこの女もそうした肉親をその病気で、なくすることによって、今こんなにして付添婦などをやっているのではあるまいかということを、吉田はそのときふと感じたのだった。

吉田は病気のためにたまにこうした機会にしか直接世間に触れることがなかったのであるが、そしてその触れた世間というのはみな吉田が肺病患者だということを見破って近付いて来た世間なのであるが、病院にいる一(ひ)と月ほどの間にまた別なことに打(ぶ)つかった。

それはある日吉田が病院の近くの市場へ病人の買物に出かけたときのことだった。吉田がその市場で用事を足して帰って来ると往来に一人の女が立っていて、その女がまじまじと吉田の顔を見ながら近付いて来て、

「もしもし、あなた失礼ですが……」

と吉田に呼びかけたのだった。吉田は何事かと思って、

「？」

とその女を見返したのであるが、そのとき吉田の感じていたことはたぶんこの女は人違いでもしているのだろうということで、そういう往来のよくある出来事がたいてい好意的な印象で物分かれになるように、このときも吉田はどちらかと言えば好意的な気持を用意しながらその女の言うことを待ったのだった。

「ひょっとしてあなたは肺がお悪いのじゃありませんか」

いきなりそう言われたときには吉田は少なからず驚いた。しかし吉田にとって別にそれは珍しいことではなかったし、無躾(ぶしつ)けなことを聞く人間もあるものだと

は思いながらも、その女の一心に吉田の顔を見つめるなんとなく知性を欠いた顔付きから、その言葉の次にまだ何か人生の大事件でも飛び出すのではないかという気持もあって、
「ええ、悪いことは悪いですが、何か……」
　と言うと、その女はいきなりとめどもなく次のようなことを言い出すのだった。それはその病気は医者や薬ではだめなこと、やはり信心をしなければとうてい助かるものではないこと、そして自分も配偶（つれあい）があったがとうとうその病気で死んでしまって、その後自分も同じように悪かったのであるが信心をはじめてそれでとうとう助かることができたこと、だからあなたもぜひ信心をして、その病気を癒（なお）せ——ということを縷々（るる）として述べたてるのであった。その間吉田は自然その話よりも話をする女の顔の方に深い注意を向けないではいられなかったのであるが、その女にはそういう吉田の顔が非常に難解に映るのかさまざまに吉田の気を測ってはしかも非常に執拗にその話を続けるのであった。そして吉田はその話が次のように変わっていったときなるほどこれだなと思ったのであるが、その女は自分が天理教の教会を持っているということと、そこでいろんな話をしたり祈祷をしたりするからぜひやって来てくれということを、帯の間から名刺とも言えない所番地をゴム版で刷ったみすぼらしい紙片を取り出しながら、吉田にすすめはじめるのだった。ちょうどそのとき一台の自動車が来かかってブーブーと警笛を鳴らした。吉田は早くからそれに気がついていて、早くこの女もこの話を切り上げたらいいことにと思って道傍へ寄りかけたのであるが、女は自動車の警笛などは全然注意には入らぬらしく、かえって自分に注意の薄らいで来た吉田の顔色に躍起（やっき）になりながらその話を続けるので、自動車はとうとう往来で立往生をしなければならなくなってしまった。吉田はその話相手に捕（つか）まっているのが自分なので体裁の悪さに途方に暮れながら、その女を促して道の片脇へ寄せたのであったが、女はその間も他へ注意をそらさず、さっきの「教会へぜひ来てくれ」という話を急にまた、「自分は今からそこへ帰るのだからぜひ一緒に来てくれ」という話に進めかかっていた。そして吉田が自分に用事のあることを言ってそれを断わると、では吉田の住んでいる町をどこだと訊いて来るのだった。吉田はそれに対して「だいぶ南の方だ」と曖昧（あいまい）に言って、それを相手に教える意志のないことをその女にわからそうとしたのであるが、するとその女はすかさず「南の方のどこ、××町の方かそれとも○○町の方か」というふうに退引（のっぴ）きのならぬように聞いて来るので、吉田は自分のところの町名、それからその何丁目というようなことまで、だんだんに言っていかなければならなくなった。吉田はそんな女にちっと

も嘘を言う気持はなかったので、そこまで自分の住所を打ち明かして来たのだったが、
「ほ、その二丁目の？　何番地？」
　といよいよその最後まで同じ調子で追求して来たのを聞くと、吉田はにわかにぐっと癪（しゃく）にさわってしまった。それは吉田が「そこまで言ってしまってはまたどんな五月蠅（うるさ）いことになるかもしれない」ということを急に自覚したのにもよるが、それと同時にそこまで退引（のっぴ）きのならぬように追求して来る執拗な女の態度が急に重苦しい圧迫を吉田に感じさせたからだった。そして吉田はうっかりカッとなってしまって、
「もうそれ以上は言わん」
　と屹（きっ）と相手を睨（にら）んだのだった。女は急にあっけにとられた顔をしていたが、吉田が慌（あわ）ててまた色を収めるのを見ると、それではぜひ近々教会へ来てくれと言って、さっき吉田がやってきた市場の方へ歩いて行った。吉田は、とにかく女の言うことはみな聞いたあとで温和（おとな）しく断わってやろうと思っていた自分が、思わず知らず最後まで追いつめられて、急に慌ててカッとなったのに自分ながら半分は可笑（おか）しさを感じないではいられなかったが、まだ日の光の新しい午前の往来で、自分がいかにも病人らしい悪い顔貌（がんぼう）をして歩いているということを思い知らされたあげく、あんな重苦しい目をしたかと思うと半分は腹立たしくなりながら、病室へ帰ると匆々（そうそう）、
「そんなに悪い顔色かなあ」
　と、いきなり鏡を取り出して顔を見ながら寝台の上の母にその顛末（てんまつ）を訴えたのだった。すると吉田の母親は、
「なんのおまえばっかりかいな」
　と言って自分も市営の公設市場へ行く道で何度もそんな目に会ったことを話したので、吉田はやっとそのわけがわかって来はじめた。それはそんな教会が信者を作るのに躍起（やっき）になっていて、毎朝そんな女が市場とか病院とか人のたくさん寄って行く場所の近くの道で網を張っていて、顔色の悪いような人物を物色しては吉田にやったのと同じような手段でなんとかして教会へ引っ張って行こうとしているのだということだった。吉田はなあんだという気がしたと同時に自分らの思っているよりは遙（はる）かに現実的なそして一生懸命な世の中というものを感じたのだった。

吉田は平常よく思い出すある統計の数字があった。それは肺結核で死んだ人間の百分率で、その統計によると肺結核で死んだ人間百人についてそのうちの九十人以上は極貧者、上流階級の人間はそのうちの一人にはまだ足りないという統計であった。勿論これは単に「肺結核によって死んだ人間」の統計で肺結核に対する極貧者の死亡率や上流階級の者の死亡率というようなものを意味していないので、また極貧者と言ったり上流階級と言ったりしているのも、それがどのくらいの程度までを指しているのかはわからないのであるが、しかしそれは吉田に次のようなことを想像せしめるには充分であった。

つまりそれは、今非常に多くの肺結核患者が死に急ぎつつある。そしてそのなかで人間の望み得る最も行き届いた手当をうけている人間は百人に一人もないくらいで、そのうちの九十何人かはほとんど薬らしい薬ものまずに死に急いでいるということであった。

吉田はこれまでこの統計からは単にそういうようなことを抽象して、それを自分の経験したそういうことにあてはめて考えていたのであるが、荒物屋の娘の死んだことを考え、また自分のこの何週間かの間うけた苦しみを考えるとき、漠然とまたこういうことを考えないではいられなかった。それはその統計のなかの九十何人という人間を考えてみれば、そのなかには女もあれば男もあり子供もあれば年寄（としより）もいるにちがいない。そして自分の不如意や病気の苦しみに力強く堪えてゆくことのできる人間もあれば、そのいずれにも堪えることのできない人間もずいぶん多いにちがいない。しかし病気というものは決して学校の行軍のように弱いそれに堪えることのできない人間をその行軍から除外してくれるものではなく、最後の死のゴールへ行くまではどんな豪傑でも弱虫でもみんな同列にならばして嫌応（いやおう）なしに引き摺（ず）ってゆく——ということであった。

UM PACIENTE DESPREOCUPADO

“Sem conseguir se mover, Yoshida retesava o corpo e respirava com dificuldade procurando fazer com que o ar chegasse ao seu peito.”

MOTOJIRŌ KAJII

I.

Yoshida sofria de uma doença pulmonar. Nem bem o inverno se aproximou e os dias se tornaram um pouco mais frios que, logo em seguida, uma febre alta e uma terrível tosse se manifestaram. Ele tossia tanto que parecia a ponto de expelir todos os órgãos do interior de seu peito. Quatro ou cinco dias depois, ele já estava extremamente emaciado. Também tossia pouco. No entanto, isso não significava que estivesse curado, pois a exaustão dos músculos de seu estômago, empregados para tossir, parecia não permitir que tossisse mais. Além disso, seu coração estava muito enfraquecido e quando a tosse o perturbava, o sofrimento que experimentava até que ele voltasse a se aquietar era excruciante. Em suma, ele deixara de tossir devido à debilidade do corpo que perdera o vigor inicial, e a prova disso era a dificuldade de respirar que se agravava cada vez mais e fazia com que tivesse que aspirar o ar em pequenas doses várias vezes seguidas.

Antes que seu estado de saúde chegasse a esse ponto, Yoshida acreditava que se tratasse de uma gripe ordinária. “Amanhã já devo estar um pouco melhor”, pensava, mas essa expectativa não se concretizava. “Devo pedir que o médico venha hoje?”, ponderava, mas ele continuava a perseverar inutilmente, suportando os terríveis acessos de falta de ar e tendo que correr ao banheiro. Ele se limitava a agir de acordo com o que seu corpo lhe ditava com passividade. Quando finalmente viu um médico, as cavidades em suas bochechas estavam bastante fundas, debilitado, nos dois ou três últimos dias,

sua pele começara a apresentar feridas por permanecer na mesma posição por tanto tempo. Em algumas ocasiões, ele passava o dia todo murmurando sozinho. E, às vezes, começava a dizer "Estou com medo", "Estou com medo", com uma voz débil. Era sempre durante a noite que isso se dava, uma ansiedade de origem desconhecida abalava seus esgotados nervos.

Como Yoshida nunca passara por uma situação semelhante, a coisa que mais o incomodava era a origem dessa ansiedade. Seria o debilitado estado de seu coração? Ou esse era um fenômeno comum desse tipo de doença com o qual não deveria se preocupar? Ou seriam seus nervos que se tornaram sensíveis e faziam com que seu sofrimento se manifestasse dessa forma? Praticamente sem conseguir se mover, Yoshida retesava o corpo e respirava com dificuldade procurando fazer com que o ar chegasse ao seu peito. Ele imaginava o que seria dele caso um evento que acabasse com esse equilíbrio sobreviesse de repente. Por isso, considerava terremotos e incêndios como assuntos sérios, mesmo que fossem coisas que só ocorressem uma ou duas vezes ao longo da existência. Além disso, manter-se no estado em que se encontrava exigia um esforço constante que o submetia a uma grande tensão, pois caso a menor sombra de ansiedade viesse perturbar sua concentração, ele seria projetado da corda bamba sobre a qual se encontrava e cairia em um profundo sofrimento. Entretanto, por mais que refletisse, e como suas ideias sobre o assunto não eram claras, suas perguntas permaneciam sem respostas. Se tudo aquilo de que dispunha para especular sobre a causa de sua ansiedade e para pesar seus argumentos era sua própria ansiedade, era natural que suas reflexões não o conduzissem a lugar algum, porém, isso era inaceitável em sua condição e apenas intensificava seu sofrimento.

A segunda coisa que o atormentava era a ideia de que havia meios de lidar com essa ansiedade. Eles consistiam em pedir que chamassem o médico ou que alguém permanecesse desperto e vigilante a seu lado. No entanto, ele hesitava em pedir que alguém percorresse dois quilômetros de uma estrada rural para ir ao médico depois de um dia de trabalho, afinal, todos queriam dormir; ou que a mãe, de mais de sessenta, permanecesse desperta a seu lado. Além do mais, se tivesse coragem de fazer tais pedidos, ele não tinha ideia de como poderia fazer com que a mãe, de raciocínio lento, compreendesse sua situação e, supondo que o fizesse, como era de seu feitio, ela ponderaria longamente sobre o assunto; e a pessoa a quem rogasse que fosse até o médico poderia se mostrar relutante. Quando pensava nisso, de fato, essas ideias lhe pareciam tão fantasiosas quanto mover uma grande montanha. Entretanto, por que ele se sentia ansioso? Ou, para ser mais preciso, por que essa ansiedade o deixava ansioso? Era porque as pessoas iam dormir e então ele não

podia mais pedir que alguém fosse ao médico, porque a mãe também se recolhia e ele era deixado só em meio às desoladoras horas noturnas. Se porventura a substância de sua enigmática ansiedade ganhasse forma durante esse período, ele não saberia o que fazer, estaria perdido. Ele se encontrava em uma situação para a qual não conseguia encontrar uma saída, não lhe restava mais do que fechar os olhos e decidir: "Devo aguentar ou pedir que alguém faça algo por mim?" Mesmo que ele tivesse uma vaga consciência disso, seu corpo e sua mente estavam em tal estado que não lhe permitiam renunciar a essa ilusão. Como resultado, o sofrimento, contra o qual era impotente, se tornava cada vez mais intenso e, ao final, ele não conseguia mais suportar essa agonia. "Se devo sofrer tanto, é melhor dizer algo", decidia enfim. Mas então ele sentia que as forças o abandonavam e olhava para a mãe, sentada tranquilamente a seu lado, com enorme rancor. "Estou aqui. Ela está ali. Por que não consigo fazer com que me compreenda?" Yoshida era assaltado pelo intenso desejo de agarrar a dor em seu peito e arremessá-la em sua direção.

No entanto, no final das contas, dizer "Estou com medo", "Estou com medo", não era mais do que uma forma de súplica repleta de patético ressentimento, pensando bem, sem dúvida, além do ressentimento, também se ocultava o desejo, derivado de seu desespero, de que isso pudesse servir para chamar a atenção dos outros, caso alguma coisa sucedesse no meio da noite, só assim ele era capaz de suportar as horas de insônia depois que era deixado sozinho.

"Se ao menos eu conseguisse dormir bem!", Yoshida perdera as contas de quantas vezes tivera esse pensamento. Se ele soubesse que dormiria à noite, essa ansiedade não seria motivo de qualquer sofrimento, o que era de fato doloroso era não poder contar com o sono durante o dia e a noite. Sem que sua vontade tivesse qualquer poder e sempre com o corpo hirto, Yoshida precisava perseverar constantemente esperando que a tensão em seu peito se abrandasse um pouco. Enquanto isso, o sono, como tênues raios de sol em dias de garoa ao final do outono, se mostrava com timidez de vez em quando e desaparecia em seguida, permanecendo um elemento estranho a Yoshida. Por mais exausta que estivesse depois de um dia cuidando do filho, chegada a hora de dormir, a mãe sempre era recompensada com uma boa noite de sono, isso a tornava indiferente e cruel a Yoshida. Entretanto, ele terminava por se resignar, essa era uma provação pela qual ele precisava passar naquele momento, não havia alternativa a não ser perseverar.

Em uma dessas noites, um gato inesperadamente entrou em seu quarto. Esse gato costumava se enfiar na cama de Yoshida para dormir, mas depois

que adoecera, sua presença passara a incomodá-lo demais, e um meio de evitar que ele entrasse no quarto onde convalescia foi encontrado, mas ele conseguiu se infiltrar por algum lugar e, quando Yoshida o viu surgir miando como de hábito, por um instante, foi tomado por um misto de ansiedade e irritação. Pensou em chamar pela mãe que dormia no quarto ao lado, mas ela contraíra uma gripe ou algo parecido e passara os últimos dois ou três dias acamada. Ele propusera que chamassem uma enfermeira dada a situação de ambos, mas a mãe recusara, reiterando um pensamento que era muito cruel a Yoshida: "Dou conta disso, é só aguentar". Diante desse quadro, ele não tinha coragem de acordar a mãe devido à presença de um mero gato. Ele se recordou da exasperação com a qual pedira que afastassem o felino. "Fiz aquela cena toda, tentei explicar que algo assim poderia acontecer", pensou Yoshida. Ele pagara caro por seu nervosismo, mas, ao final, suas admoestações acabaram sendo ignoradas, o que o deixava indignado. Entretanto, de nada adiantava perder a calma agora. Com a mobilidade bastante limitada, enxotar o gato, que não tinha a menor ideia do que se passava, era um trabalho que exigiria muita paciência.

Como sempre fazia ao se aproximar da cabeceira de Yoshida, o gato procurou se infiltrar no leito mergulhando sob a borda da coberta próxima de seu pescoço. Yoshida sentiu o focinho frio, com os pelos umedecidos pelo rocio do lado de fora, contra a bochecha. Nesse exato momento, ele bloqueou a abertura da coberta com um movimento do pescoço. Sem se dar por vencido, o gato subiu sobre o travesseiro e procurou enfiar energicamente a cabeça sob outra abertura. Com dificuldade, Yoshida levantou uma das mãos e empurrou o focinho do gato. Refreando as emoções ao máximo e despendendo poucos movimentos, procurava enxotar aquele animal que não tinha qualquer noção do que sucedia e respondia apenas à disciplina. Na prática, seu desesperado método consistia em tentar convencê-lo de que não valia a pena persistir em sua empreitada. Quando finalmente achou que fora bem-sucedido, o gato mudou de posição e desta vez subiu devagar sobre o leito, aninhou-se ali e começou a lamber os pelos. Ele estava fora de alcance naquele lugar. A respiração de Yoshida, semelhante à de alguém que pisava sobre uma camada de gelo fino, ficou repentinamente pesada. A agitação que procurara reprimir começava a se manifestar e cada vez mais ele se perguntava se devia ou não despertar a mãe. Talvez ele pudesse aguentar aquilo. Porém, ele precisava considerar a possibilidade da situação se tornar insuportável durante o sono, mesmo que este fosse tão sutil que não pudesse dizer se dormira ou não. Além disso, ao pensar que a duração de seu suplício dependeria inteiramente do gato e da mãe, que não sabia quando despertaria,

ele sentiu que era ridículo ter que aguentar aquilo. Por outro lado, quando considerou que, para despertar a mãe, teria que manter a calma e provavelmente seria obrigado a gritar várias vezes, sentiu-se desencorajado. Dentro em pouco, Yoshida, que nos últimos tempos não se levantara sozinho, começou a fazê-lo devagar. E, quando finalmente conseguiu se sentar, agarrou o gato que se aninhava sobre a cama com todas as forças. Esses poucos movimentos fizeram com que ondas de ansiedade percorressem seu corpo. Mas não havia nada que pudesse fazer a respeito e imediatamente arremessou o gato no canto pelo qual ele entrara dizendo: "Não me incomode mais!" Depois disso, com as pernas cruzadas sobre a cama, deixou o corpo entregue a uma enorme dificuldade para respirar.

II.

Aos poucos, o sofrimento de Yoshida deixou de ser insuportável. Enfim, ele foi agraciado com algo que poderia ser chamado de sono. "Desta vez, passei por maus bocados", foi o que pensou ao se recordar do padecimento das últimas duas semanas. Esse período surgia em sua mente como uma paisagem rochosa e brutal, destituída de pensamentos. Porém, Yoshida se lembrou de que, nos momentos em que ele sofria com a mais violenta tosse, algumas palavras sem sentido sempre se insinuavam em sua mente: "tigre da Hilcania". Elas tinham relação com o som produzido em sua garganta quando tossia e evocavam uma frase na qual sempre pensava: "Eu sou um tigre da Hilcania", mas o que seria esse "tigre da Hilcania"? Perguntava-se Yoshida um pouco perplexo depois que a tosse cessava. Ele tinha certeza de que se deparara com essa expressão em algum romance lido antes de pegar no sono, mas não conseguia se lembrar de qual. Yoshida também passara a acreditar na existência de algo que definia como "memória residual de si mesmo". Depois que se esgotava de tanto tossir e reclinava a cabeça sobre o travesseiro, ele ainda era acometido por pequenos acessos de tosse, no entanto, ele enrijecia o pescoço sem desejar se entregar a eles e pensava em deixar que a tosse saísse sem precisar fazer nada, mas, ao final das contas, terminava por mover a cabeça a cada tossida. E assim várias "memórias residuais de si mesmo" se davam.

Essas eram as lembranças de suas duas semanas de sofrimento. Embora não tivesse conseguido dormir nessas noites, havia algumas em que seu coração encontrara reconforto em sensações mais aprazíveis.

Durante uma delas, Yoshida ficou observando alguns aparatos empregados para fumar. Um cachimbo e um pacote de fumo picado eram visíveis sob o fogareiro postado ao lado da cama. Eles não estavam exatamente visíveis, Yoshida é que se esforçava para que esses objetos entrassem em seu campo de visão, mas vê-los fazia com que sentisse um prazer indescritível. Ele não conseguia dormir devido a essa sensação que era, por assim dizer, excessivamente prazerosa. Ele tinha consciência de que ela fazia com que suas bochechas ficassem ruborizadas. Porém, ele não tinha qualquer vontade de desviar o olhar e tentar dormir. Se fizesse isso, a sensação de noite primaveril que experimentava seria convertida em um inverno deprimente e doentio. Entretanto, não conseguir dormir também angustiava Yoshida. Alguém uma vez lhe dissera que, segundo uma teoria, a causa da insônia estaria no desejo de não dormir do paciente. Depois de ouvir isso, Yoshida passara uma noite inteira investigando se o desejo de não dormir se encontraria nele quando tinha insônia, mas, naquele instante, ele não precisava fazer qualquer investigação para saber por que não conseguia dormir, ele sabia muito bem qual era o motivo. Entretanto, em se tratando da realização de seu secreto desejo, a única alternativa era uma abstenção peremptória. Fumando ou não, Yoshida tinha consciência de que o mero gesto de estender a mão para alcançar aqueles objetos faria com que aquela sensação de noite primaveril evaporasse. E adivinhava que sofreria os assaltos de uma violenta tosse depois de tantos dias sem saber o que era isso. E, acima de tudo, quando pensava em como perderia o controle e culparia a mãe ao passar mal por fumar enquanto ela dormia, e um fumo que a própria esquecera ali, de fato, era absolutamente necessário que renunciasse àquele desejo. Ele procurava ignorar sua existência. E continuou a olhar na direção daqueles objetos sem conseguir dormir com o coração palpitante, extasiado com aquela sensação de noite primaveril.

Um dia, Yoshida pediu que lhe trouxessem o espelho, ele observou o jardim ressequido em pleno inverno refletido em sua superfície. O vibrante rubor dos frutos da nandina chamou a atenção de seus olhos. Será que um par de binóculos teria algum efeito sobre a paisagem refletida no espelho? Ele passou um bom tempo deliberando sobre isso enquanto estava deitado. Ao concluir que não havia mal em experimentar, ele pediu que lhe trouxessem os binóculos e olhou para a paisagem no espelho, os quais realmente funcionavam.

Em outra ocasião, Yoshida ouviu a balbúrdia produzida por um grande número de aves migratórias pousadas sobre a grande zelkova do vilarejo que se erguia próxima a um dos lados do jardim.

– Mas o que é isso?

A mãe de Yoshida fazia essa pergunta para si mesma, mas em voz alta o suficiente para que o filho a escutasse enquanto saía pela porta envidraçada para averiguar o que estava acontecendo. "E eu com isso?", pensou Yoshida, como qualquer coisa o contrariava, ele preferiu ficar calado. Entretanto, ele se sentia confortável nesse silêncio, se fosse um dia em que não se sentisse bem, teria dificuldade em manter-se calado. "De que adianta me fazer esse tipo de pergunta? Você sabe muito bem que não posso ver o que está acontecendo", diria e começaria a atacar a mãe, "mesmo que seja algo que você fale sem pensar e sem qualquer intenção, eu me sinto obrigado a pegar os binóculos e apontá-los para o reflexo no espelho. Tem ideia do quanto isso é difícil para mim? Você vive dizendo e fazendo coisas sem pensar." Felizmente, ele se sentia bem nessa manhã e conseguiu ouvir a voz da mãe em silêncio. Foi quando esta, que ignorava o que se passava pela cabeça do filho, disse:

– Esses pássaros são um burburinho só!

– Devem ser bulbuls!

Ele deu essa resposta procurando fazer um gracejo com a descrição da mãe, mas, dentro em pouco, sem perceber a brincadeira do filho, ela voltou a comentar:

– As penas são todas manchadinhas!

Ao invés de ficar enervado com seus comentários, ele começou a se divertir fazendo associações.

– Então devem ser estorninhos-malhados! – disse e teve vontade de rir sozinho.

Um dia, o irmão caçula, proprietário de uma loja que vendia aparelhos de rádio em Osaka, viera lhe fazer uma visita.

Yoshida e a mãe moravam na mesma casa junto com esse irmão até alguns meses atrás. O pai a comprara junto com uma loja de armarinhos há cinco ou seis anos pensando em abrir um negócio que sustentasse a ele e a esposa na velhice e também com a intenção de ajudar o irmão caçula de Yoshida, que não tinha estudos, a se estabelecer e ter um negócio próprio. O irmão reformara metade da loja e começara a vender rádios enquanto a mãe cuidava da parte de armarinhos. Ela ficava em uma região que se estendia no extremo sul de Osaka que, até dez anos atrás, era coberta por uma densa vegetação e tinha um ar rural, mas rapidamente se converteu em uma área urbana com casas, escolas e um hospital. Inúmeras pequenas casas geminadas surgiram

aqui e ali, construídas pelos agricultores da região, proprietários das terras. Os vestígios dos campos foram desaparecendo ano após ano e deram lugar àquilo em que a cidade se transformara. A loja do irmão ficava em uma das primeiras ruas a serem estabelecidas e, como era comum nessa parte da cidade, lojas de vários tipos se enfileiravam em seus dois lados.

Fazia mais de dois anos que a saúde de Yoshida se agravara e ele deixara Tóquio para retornar a essa casa. O pai morrera um ano após seu retorno e, pouco tempo depois, o irmão caçula voltou do serviço militar, retomou os negócios e decidiu se casar. Aproveitando essa ocasião, Yoshida, a mãe e outro irmão mais jovem foram morar por algum tempo com um irmão mais velho. Fora ele quem encontrara uma boa casa no campo um pouco afastada da cidade onde viveram até então, a qual possuía uma edícula isolada ideal para um inválido. Fazia apenas cerca de três meses que eles se mudaram.

O irmão caçula foi embora depois de contar coisas triviais sobre sua vida enquanto fazia companhia à mãe no quarto do enfermo. Esta deixou Yoshida na hora de se despedir do caçula e retornou mais tarde. Depois de um breve silêncio, ela encetou uma conversa repentina:

– Ele disse que a filha do dono do armazém morreu.

– Ah...

Assim que abriu a boca, ele se deu conta de que o irmão não dissera aquilo no quarto, mas, ao se despedir da mãe na casa principal, ele devia parecer muito enfermo aos olhos do irmão para que ele evitasse tocar no assunto em sua frente. "Estou tão mal assim?", pensou.

– Mas por que será que ele só contou isso no outro cômodo? – perguntou Yoshida.

– Ele não queria assustá-lo – respondeu, sem se mostrar particularmente incomodada por ter lhe contado aquilo.

"E você não liga para isso?", pensou em retrucar, mas ele não queria iniciar uma discussão e permaneceu calado enquanto pensava na garota morta.

Yoshida sabia que ela estava acamada há algum tempo devido à piora de seu estado de saúde. O armazém era a segunda ou terceira construção depois do cruzamento próximo à casa do irmão caçula e tinha um ar de desmazelo. Por mais que insistissem, ele não se lembrava de ter visto a garota sentada no interior do estabelecimento, mas ele sabia quem era sua mãe por vê-la caminhando pela vizinhança com frequência. A mulher lhe dava a impressão de ser um pouco subserviente e um tanto irritável, ela saía para fofocar com as vizinhas com um sorriso estranho no rosto e, em diversas ocasiões, Yoshida a

viu ser tratada com desdém. Porém, talvez ele exagerasse e imaginasse coisas, pois a mulher era um pouco surda e, se as pessoas não gesticulassem, ela não conseguia acompanhar a conversa. Além disso, sua voz nasalada a tornava alvo fácil de piadas, mas, mesmo que houvesse quem a tratasse com menosprezo, desde que algumas pessoas gesticulassem para se fazer entender, nem que fosse por diversão, e a ouvissem falar com a voz nasalada, até uma mulher como aquela conseguia estabelecer relações e se integrar na vizinhança sem dificuldades. Depois que compreendeu que essas coisas faziam parte da existência simples e crua desse tipo de bairro, ele começou a entender sua dinâmica.

Portanto, no início, o que ele sabia sobre o armazém estava relacionado a essa mulher e não à garota, seu interesse se voltou para esta última devido à relação com sua enfermidade, mas então o estado de saúde da garota já havia piorado bastante. Segundo os rumores da vizinhança, o dono do armazém era pão-duro e não permitia que chamassem um médico nem que lhe comprassem remédios. Apenas a mãe, a mulher mencionada antes, ocupava-se dela. A filha estava confinada à cama em um quarto no segundo andar, e o dono da loja, o filho e a esposa deste, que haviam casado recentemente, procuravam manter distância da enferma. "O quê? Eles tiraram esse tratamento de um baú!", pensou Yoshida, ao ouvir dizer que a garota engolia cinco peixes-arroz[1] todos os dias depois das refeições e teve pena dela, embora esse assunto lhe parecesse distante, sem qualquer relação com ele.

No entanto, pouco depois, a esposa do filho foi à sua casa para receber um pagamento e, do quarto, Yoshida a ouviu conversar com os membros de sua família. Ela comentou que a cunhada dizia se sentir melhor depois que começara a consumir os peixes-arroz e contou que o sogro ia ao campo para apanhá-los a cada dez dias. Ao final, a mulher disse:

– Caso desejem, a rede está à disposição, e se apanhassem alguns para o doente?

Ao ouvir isso, Yoshida ficou consternado. Então seu estado de saúde era tão notório que podia ser mencionado sem reservas, como ela o fizera? Ele ficou perplexo quando esse pensamento lhe ocorreu, porém, obviamente aquilo não era nenhum segredo, e sua perplexidade apenas indicava o quanto vivia envolto na concha de seus próprios devaneios. Porém, a sugestão de fazer com que ele também engolisse peixes-arroz permaneceu vívida em sua mente. Mais tarde, quando a família mencionou o assunto entre risadas, Yoshida suspeitou que aquela não parecia ser a ela uma má ideia e, como

[1] *Oryzias latipes*, pequeno peixe nativo do sudeste asiático. (n.t.)

forma de retaliação, maldosamente retorquiu dizendo que era melhor que lhe dessem peixes maiores. Assim mesmo, quando imaginou aquela garota engolindo peixes-arroz enquanto a morte se aproximava cada vez mais, sentiu-se profundamente deprimido. Isso era tudo o que ouvira sobre a garota até se mudar para o campo, pois, pouco tempo depois, a mãe foi visitar o filho caçula e, ao retornar, informou a Yoshida que a mãe da garota havia morrido repentinamente. A história era bem curta, a mulher tivera um derrame cerebral, ou algo do gênero, quando subia o degrau da entrada para se dirigir ao braseiro da sala. A mãe de Yoshida se preocupava com a garota que deveria ter ficado muito abalada com a morte da mãe. Além disso, apesar do comportamento estranho, a mulher levava a filha ao hospital público escondida do marido e, depois que esta fora confinada à cama, era ela quem ia buscar os remédios em segredo. A mãe de Yoshida ouvira essas coisas da boca da própria mulher quando esta a deteve um dia no meio da rua para reclamar da vida. "De fato, uma mãe é sempre uma mãe", foi a conclusão da mãe de Yoshida. Depois de ouvir essa história, ele ficou comovido e a imagem que tinha dessa mulher mudou por completo. Ainda segundo os rumores da vizinhança, após a morte da esposa, o marido tomara seu lugar e passara a se ocupar dos cuidados com a filha. Não era possível dizer como iam as coisas nesse sentido, mas o homem costumava dizer aos vizinhos: "Minha mulher podia não valer nada, mas subia e descia aquelas escadas trinta vezes todos os dias e isso é algo que admiro". Foi o que Yoshida ouviu a mãe contar.

Isso era tudo o que ele sabia sobre a garota até então e, enquanto se recordava dessas coisas e sentia tristeza por sua morte, foi tomado por um estranho sentimento de desconsolo. Apesar de estar deitado em um quarto iluminado na companhia da mãe, Yoshida sentiu que apenas ele se encontrava no fundo de um abismo do qual não havia escapatória.

"Essa notícia realmente me abalou", concluiu.

Após algum tempo, Yoshida revelou como se sentia para a mãe.

– Posso imaginar.

Apesar do tom de simpatia, ela não parecia particularmente incomodada por ter lhe dado aquela notícia e continuou a falar sobre a garota, ao final, disse:

– Aquela garota realmente dependia da existência da mãe, não faz nem dois meses que a mulher morreu...

III.

A história dessa garota suscitou vários pensamentos em Yoshida. Em primeiro lugar, ele notou que, no curto intervalo de alguns meses desde que deixara a cidade e se mudara para o campo, ele havia recebido a notícia da morte de várias pessoas. A mãe ia uma ou duas vezes à cidade e sempre contava que alguém havia morrido ao retornar. Em geral, eram pessoas vitimadas por doenças pulmonares. E o período de tempo transcorrido entre contrair a doença e morrer era extremamente curto. A filha de um professor da escola morrera dentro de seis meses e agora era o filho que estava acamado. O dono do negócio de lãs na rua principal, que até pouco tempo passava o dia fiando no tear instalado dentro da loja, morrera de repente. A família fechara a loja e retornara para a cidade natal. O espaço logo deu lugar a um café.

Agora Yoshida vivia isolado no campo e, por isso, quando eventualmente ouvia essas notícias, elas o deixavam surpreso. Mas ele não podia ignorar os incontáveis acontecimentos desse tipo ocorridos durante os dois anos desde seu retorno que desapareceram sem deixar traços em sua memória.

A doença de Yoshida se agravara há cerca de dois anos fazendo com que abandonasse uma prolongada vida de estudante em Tóquio e retornasse para aquela cidade. Ao retornar, teve o primeiro contato, na prática, com aquilo que chamavam de sociedade. Mas ele passava o tempo todo retirado no interior da casa e os conhecimentos que adquiria geralmente lhe eram transmitidos pelos demais membros da família. Era por meio de fatos corriqueiros, como a recomendação de que consumisse peixes-arroz como tratamento contra os males dos pulmões, como fazia a filha do dono do armazém, que ele tinha consciência de que a sociedade travava uma lúgubre batalha contra esse tipo de moléstia.

A primeira vez que teve consciência de que ela ocorria se deu na época em que estava na universidade e viera passar as férias na casa da família. Ao voltar, a mãe lhe perguntou se ele não gostaria de tomar uma mistura feita com cérebro humano torrado, proposta que o deixou nauseado. Ela disse aquilo com um tom de voz peculiar, mas sem parecer embaraçada, e Yoshida se perguntou se aquilo era sério, já que sua perplexidade aumentava cada vez que seu olhar cruzava com o da mãe. Ele nunca imaginara que ela pudesse dizer algo parecido, mas depois que a ouvira fazer aquela pergunta, ele se sentiu estranhamente confuso. E quando a mãe lhe informou que já dispunha

de uma pequena quantidade dessa panaceia, que ganhara da pessoa que sugerira seu uso, Yoshida sentiu um verdadeiro asco.

Segundo a mãe, tratava-se de uma mulher que viera vender hortaliças, e que, enquanto conversavam, começou a falar sobre remédios para doenças pulmonares. O irmão caçula da mulher morrera dessa moléstia. E, quando seu corpo foi incinerado no crematório do vilarejo, o sacerdote do templo lhe disse:

– O cérebro humano torrado é um remédio contra essa doença, leve isto com você e ajude outras pessoas, e se encontrar alguém afligido por ela, dê-lhe um pouco.

Depois de dizer isso, ele mesmo recolheu o material. Enquanto ouvia a mãe, Yoshida imaginou a cena: o irmão morto sem receber tratamento; a mulher no crematório com a intenção de enterrar o irmão; o sacerdote, um homem sem escrúpulos, dizendo-lhe aquilo enquanto recolhia os restos mortais do irmão. A mulher acreditara nas palavras do sacerdote. Ela carregava nada mais que os restos do cérebro do irmão caçula sempre consigo e, quando encontrava algum doente, oferecia esse suposto remédio. Essa história fez com que Yoshida sentisse um nó se formar na garganta. A mãe aceitara um pouco dessa substância mesmo sabendo que ele provavelmente não a tomaria. Yoshida se perguntava o que ela pretendia fazer com aquilo, pois não havia como desfazer o que fora feito.

– Mamãe, nunca mais venha com uma coisa dessas! – disse o irmão caçula de Yoshida que estava por perto e ouvira a conversa. Com essa intervenção, o incidente ganhou uma nota cômica e foi encerrado aí.

Pouco depois de retornar àquela cidade, um homem – um artesão de Yamato que trabalhava com laca –, sugeriu que Yoshida ingerisse uma corda usada em um enforcamento. “Sei que parece algo idiota”, acrescentou e, em seguida, explicou como a corda chegara às suas mãos.

Havia um viúvo na cidade com um problema nos pulmões que estava muito mal e não tinha ninguém que cuidasse dele, o homem vivia entregue à própria sorte em uma casa caindo aos pedaços e se enforcara recentemente. Suas dívidas se acumulavam e vários credores apareceram depois de sua morte. O proprietário da casa que o homem alugava reuniu essas pessoas e solucionou a questão leiloando as posses do morto no próprio local. Dentre elas, o objeto de maior valor era a corda com a qual o homem se enforcara, a qual foi vendida em pedaços de três a seis centímetros e, com esse dinheiro, o proprietário pôde providenciar um enterro simples para o antigo inquilino e ainda liquidou os aluguéis em atraso.

Ao ouvir esse relato, Yoshida julgou absurda a ignorância que levava as pessoas a acreditar nessas superstições, mas, no fundo, a ignorância do ser humano tinha diferentes graus e, se a sensação de absurdo diante dessas situações fosse deixada de lado, restariam dois fatos subjacentes: o desespero das pessoas em encontrar um meio de curar as afecções pulmonares e o desejo dos doentes de que houvesse um sinal, por ínfimo que fosse, que indicasse uma melhora de seu estado.

No ano anterior, a mãe de Yoshida ficara gravemente doente e ele a acompanhou quando foi internada. Ele terminava de comer um prato leve no refeitório do hospital e, distraído, observava a vista do lado de fora através da janela quando, de repente, o rosto de uma mulher surgiu diante de seus olhos e, com uma voz bastante abafada, porém forte, murmurou em seus ouvidos:

– Chegou ao coração?

Espantado, Yoshida olhou para a mulher. Ela era uma das enfermeiras que se ocupava dos pacientes do hospital, já que o quadro de funcionários mudava todos os dias, mas aquela enfermeira era notória por divertir as colegas com suas tiradas grosseiras quando estavam reunidas no refeitório.

Ele ficou olhando para o rosto da mulher sem entender bulhufas. "Ah, sim!", exclamou quando enfim compreendeu de que se tratava. Ele tossira antes de voltar os olhos na direção do jardim. Ela interpretara esse gesto de modo errôneo pensando que, sem dúvida, a doença "chegara ao seu coração", atinou Yoshida. Ele sabia por experiência própria que um acesso de tosse podia produzir palpitações repentinas. Depois que isso ficou claro para ele, Yoshida negou que fosse esse o caso, mas a mulher não prestou qualquer atenção às suas palavras.

– Quer saber o que é um ótimo remédio para curar essa doença? – Depois de fazer essa pergunta com uma voz forte e ameaçadora, ela examinou o rosto de Yoshida.

Nada o desagradava mais do que ser identificado como alguém afligido por "essa doença", mas perguntou com docilidade:

– Que remédio é esse?

– Mesmo que explique agora, ele não pode ser preparado aqui no hospital – respondeu ela, calando Yoshida.

O remédio que ela se pôs a explicar em detalhes e reiteradas vezes, consistia em apanhar filhotes de ratos, colocá-los dentro de um pote simples em cerâmica, levá-los ao fogo e tostá-los. Se ele tomasse uma porção desse remédio, uma quantidade ínfima, estaria curado "antes de consumir um filhote

inteiro". Ao dizer "antes de consumir um filhote inteiro", a mulher encarou Yoshida novamente com uma expressão ameaçadora. Ele ficou impressionado, pois a sensibilidade com a qual ela notara sua tosse e a receita que lhe passara sugeriam que, embora cuidasse de pessoas enfermas, com certeza ela devia ter um parente próximo que sofria desse mal. Desde que viera ao hospital, as enfermeiras, um grupo de mulheres solitárias, era o que lhe causava a mais profunda impressão. Nenhuma delas estava ali apenas devido à necessidade de ter um meio de subsistência, mas porque o marido morrera ou por não terem quem se ocupasse delas no futuro, por exemplo. Yoshida as via como mulheres estigmatizadas pelos infortúnios da vida. "Será que essa mulher também não perdeu um familiar para essa doença e por isso agora trabalha como enfermeira?", ocorreu-lhe de súbito.

Devido a seu estado de saúde, as raras vezes em que Yoshida tinha a oportunidade de ter contato direto com outras pessoas eram em ocasiões desse tipo, e eram sempre pessoas que se aproximavam por perceberem que ele sofria de uma afecção pulmonar, mas durante o período de cerca de um mês passado nesse hospital, outro incidente ocorreu.

Nesse dia, Yoshida fora ao mercado próximo do hospital para comprar algumas coisas para a mãe. Ele retornava depois de fazer as compras quando se deparou com uma mulher no meio da rua, ela examinou atentamente o rosto de Yoshida e se aproximou.

– Perdoe-me a intromissão, mas... – disse ela.

Yoshida olhou para a mulher de forma interrogativa, talvez ela o tivesse confundido com outra pessoa, já que incidentes desse tipo eram comuns quando se estava no meio da rua e, para que cada um pudesse seguir seu rumo com uma boa impressão depois disso, ele procurou manter uma disposição amistosa enquanto aguardava o que a mulher tinha a lhe dizer.

– Por acaso você não sofre dos pulmões?

Yoshida ficou atônito ao ouvir essa pergunta feita de supetão. No entanto, ela não lhe pareceu inusitada mesmo que, intimamente, pensasse que havia pessoas realmente capazes de fazer perguntas rudes. O rosto da mulher que o observava atentamente revelava uma inteligência limitada e ele imaginava quais seriam as profundas observações existenciais que ela faria em seguida.

– Sim, eu tenho um problema nos pulmões, por quê?

Ao ouvir a resposta de Yoshida, a mulher de súbito disparou a falar. Ela disse que médicos e remédios eram inúteis para tratar aquela doença. A fé era a única forma de salvação. Ela tivera um marido, mas ele morrera da mesma

doença e, depois disso, ela também ficara mal, mas fora salva quando começara a ter fé, por isso, ele também deveria ter fé para que se curasse, disse, sem fazer uma pausa para respirar. Enquanto a ouvia, Yoshida naturalmente começou a prestar muito mais atenção no rosto da mulher do que em suas palavras. Ela parecia ter dificuldade em decifrar as expressões no semblante de Yoshida e procurava adivinhar o que ele estaria pensando enquanto continuava a falar com insistência. Quando o assunto da conversa mudou e ela disse que era uma fiel da seita Tenri, ele finalmente compreendeu qual era a sua intenção. Ela explicou que os fiéis discutiam vários temas no templo, faziam orações e convidou Yoshida a fazer uma visita ao lugar sem falta. Ela retirou um pedaço de papel roto – que não poderia ser chamado de cartão de visita – do interior do *obi* para entregá-lo a Yoshida, o endereço do templo fora impresso sobre ele com um carimbo de borracha. Nesse exato momento, um veículo se aproximou e buzinou. Yoshida o notou de imediato e foi para o lado da rua, desejando que a mulher terminasse aquela conversa logo, mas ela ignorou completamente a buzinada do veículo e, sem se incomodar, voltou a fazer sua fervorosa pregação para Yoshida – que já não prestava muita atenção em suas palavras – e o veículo acabou tendo que parar no meio da rua. Yoshida não conseguia se livrar da mulher e se sentia desconfortável, sem saber o que fazer, pediu que ela fosse para a lateral da rua. Ela tinha apenas uma ideia na cabeça e, o que antes não passava de um "Visite o templo sem falta!", repentinamente se transformou em "Estou indo para lá agora, venha comigo!" Quando Yoshida recusou dizendo que tinha outros compromissos, ela perguntou qual era a cidade em que ele morava. "Ela fica bem ao sul", respondeu vagamente, na esperança de que ela percebesse que ele não tinha a intenção de compartilhar seu endereço, mas, sem se dar por vencida, "Ao sul, perto da cidade XX ou da cidade OO?", perguntou ela, deixando Yoshida encurralado. Ele acabou dizendo o nome de sua cidade e até o número do quarteirão. Ele não tinha a menor vontade de mentir para aquela mulher e por isso lhe deu essas informações.

– Onde nesse quarteirão? Qual o número da casa?

Como ela continuava a pressioná-lo do mesmo jeito para que informasse o endereço completo, Yoshida se irritou. "Se responder, ela vai continuar a me importunar, não dá para saber até onde ela pode chegar", concluiu de imediato. Ao mesmo tempo, a atitude persistente daquela mulher que não o deixava em paz repentinamente se tornou torturante e opressiva. Ele a interrompeu com impaciência:

– Não direi mais nada! – disse e a encarou.

Aquilo a deixou atônita, mas, ao perceber que a irritação de Yoshida arrefecia, pediu que ele não deixasse de visitar o templo no futuro e saiu caminhando em direção ao mercado de onde Yoshida viera há pouco. Inicialmente, ele tinha a intenção de ouvir tudo o que ela tinha a lhe dizer e então recusar com polidez, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, viu-se encurralado e, histérico, pusera fim à conversa, porém, a situação não deixava de ter seu lado engraçado. Mas ela também o aborrecera, já que esse encontro o deixara consciente de que caminhava iluminado pelos raios do sol no início daquela manhã com uma conspícua aparência de enfermo, e isso o metera em apuros. Ao retornar ao quarto, ele imediatamente pegou o espelho.

– Estou com uma aparência tão má assim?

Ele examinava o rosto enquanto se queixava sobre o que acabara de ocorrer para a mãe deitada sobre a cama.

– Mas não é só com você – foi seu comentário.

Ela também fora detida várias vezes da mesma forma no caminho para o mercado municipal, Yoshida então começou a entender a dinâmica da coisa. A seita era ávida para arrebanhar fiéis, e todas as manhãs mulheres como aquela ficavam à espreita em ruas com bastante movimento, próximas de mercados ou hospitais, procurando por pessoas com aparência enferma e, fazendo o mesmo que aquela mulher fizera com Yoshida, querendo arrastá-las ao templo. “Então é isso!”, pensou e, no mesmo instante, compreendeu que vivia em um mundo muito mais prático e tenaz do que imaginava.

Havia uma estatística de que Yoshida sempre se lembrava. Ela se referia à porcentagem de mortes por tuberculose e, de acordo com ela, de cada cem pessoas que morriam de tuberculose pulmonar, mais de noventa viviam em extrema pobreza, enquanto o número de pessoas que pertencia à classe mais alta não chegava a uma. Obviamente, essa era apenas uma estatística sobre o número de pessoas mortas por tuberculose e não sobre a porcentagem de mortes por tuberculose entre as pessoas pertencentes à camada mais pobre e à camada mais abastada da sociedade, no caso, não ficava nem mesmo claro o que se entendia por camada mais pobre e mais abastada. Entretanto, esses números despertaram algumas reflexões em Yoshida.

Em suma, naquele momento, um número enorme de pessoas com tuberculose se encaminhava rapidamente para a morte. Dentre elas, menos de uma recebia o melhor tratamento que se poderia desejar, enquanto mais de noventa pessoas seguiam céleres para a morte sem acesso a algo que pudesse ser chamado de medicamento.

Até então, Yoshida meramente abstraía as informações dessa estatística e as aplicava às suas próprias experiências, mas quando pensava na morte da garota do armazém e nas várias semanas angustiantes que vivera, não podia deixar de fazer algumas considerações. Sem dúvida, mulheres, homens, crianças e idosos estavam incluídos entre as mais de noventa pessoas dessa estatística. E, com certeza, em meio a estas, havia pessoas capazes de suportar bravamente as agruras da miséria e da doença, enquanto muitas outras não eram capazes de fazer o mesmo. No entanto, uma enfermidade não era igual a uma parada escolar da qual os mais fracos podiam ser eximidos de participar, uma vez que todos os enfermos, valentes e covardes seguiam na mesma fila e eram arrastados, querendo ou não, à morte, seu destino final.

Bebuquin: Os Diletantes do Milagre ou A Petrificação barata

Carl Einstein

O texto: Escrita originalmente entre 1906-09 e publicada parcialmente na revista *Die Opale*, em 1907, no texto "Herr Giorgio Bebuquin", teve sua primeira edição em 1912, inicialmente em série, na revista *Die Aktion*, e logo em livro, sob o título de *Bebuquin oder die Dilettanten des Wunders e Aktionsbücher der Aeternisten*, em 1917. É a primeira obra de Carl Einstein atribuída à prosa absoluta, dedicada a André Gide e influenciada por Gottfried Benn, considerada ora a precursora do dadaísmo, ora a do cubismo, por ser um romance onde não há descrição atmosférica, curso de ações compreensíveis ou figuras delineadas. Na peça, há três personagens: Giorgio Bebuquin e Nabucodonosor Böhm, que declamam numerosas teses filosóficas e que morrem por suas convicções, e a Senhorita Euphemia, com quem se relacionam de maneiras diferentes.

Texto traduzido: Einstein, Carl. "Erstes Kapitel". In. *Bebuquin Die Dilettanten des Wunders oder Die billige Erstarrnis.* Ein Vorspiel. Stuttgartt: Reclam, 1986.

O autor: Carl Einstein (1885-1940), escritor, historiador de arte, crítico e anarquista alemão de origem judaica. Atento às imbricações entre política e estética, escreveu ensaios sobre história da arte e a arte africana. Viveu em Berlim e em Paris, onde editou a revista de etnologia, antropologia e arte, *Documents*. Vinculou-se a importantes movimentos de vanguarda da época, como o dadaísmo, o expressionismo alemão, tendo sido o primeiro a entender o cubismo como uma nova corrente, ao descobrir Picasso. Em 1912, publicou o livro *Bebuquin oder die Dilettanten des Wunders*, que serviria de inspiração para os dadaístas e que seria considerado o primeiro romance cubista.

A tradutora: Maria Aparecida Barbosa é pesquisadora de lendas e contos africanos adaptados por Carl Einstein. Atualmente traduz do autor *A Arte do Século 20* (Cultura e Barbárie) e *Bebuquin*. Seu projeto de diálogo com a literatura alemã integra também a crítica literária de Walter Benjamin, a poesia de Ivan Goll e de Kurt Schwitters, além da poesia contemporânea.

Bebuquin:
Die Dilettanten des Wunders
oder Die billige Erstarrnis

EIN VORSPIEL

“Ich will nicht eine Kopie, keine Beeinflussung, ich will mich, aus meiner Seele muß etwas ganz Eigenes kommen.”

CARL EINSTEIN

Erstes Kapitel

Die Scherben eines gläsernen, gelben Lampions klirrten auf die Stimme eines Frauenzimmers: »Wollen Sie den Geist Ihrer Mutter sehen?« Das haltlose Licht tropfte auf die zartmarkierte Glatze eines jungen Mannes, der ängstlich abbog, um allen Überlegungen über die Zusammensetzung seiner Person vorzubeugen. Er wandte sich ab von der Bude der verzerrenden Spiegel, die mehr zu Betrachtungen anregen als die Worte von fünfzehn Professoren. Er wandte sich ab vom Cirkus zur aufgehobenen Schwerkraft, wiewohl er lächelnd einsah, daß er damit die Lösung seines Lebens versäumte. Das Theater zur stummen Ekstase mied er mit stolz geneigtem Haupt: alle Ekstase ist unanständig, Ekstase blamiert unser Können, und ging schauernd in das Museum zur billigen Erstarrnis, an dessen Kasse eine breite verschwimmende Dame nackt saß. Sie war so breit, daß sie nicht etwa auf einem Stuhl saß, sondern auf ihrem schwermütigen, weit ausgedehnten Posterieur. Sie trug einen ausladenden gelben Federhut, smaragdfarbene Strümpfe, deren Bänder bis zu den Achselhöhlen reichten und den Körper mit nicht zu aufregend vibrierenden Arabesken schmückten. Von ihren Seehundhänden starrten rote Rubinen senkrecht: »Guten Abend, Herr Bebuquin«, sagte sie. Bebuquin betrat einen mühselig

erleuchteten Raum, in dem eine Puppe stand, etwas dick, rot geschminkt mit gemalten Brauen, die seit ihrer Existenz eine Kußhand zuwarf. Erfreut über das Unkünstlerische setzte er sich auf einen Stuhl, einige Schritte von der Puppe entfernt. Der junge Mann wußte nicht, was ihn am Unkünstlerischen anzog. Er fand eine stille, freundliche Schmerzlosigkeit, die ihm jedoch gleichgültig war. Was ihn immer anzog, war der merkwürdige Umstand, daß ihn dies ruhig konventionelle Lächeln bewußtlos machen konnte. Ihn empörte die Ruhe alles Leblosen, da er noch nicht in dem nötigen Maße abgestorben war, um für einen angenehmen Menschen gelten zu dürfen. Er schrie die Puppe an, beschimpfte sie und warf sie wieder einmal von ihrem Stuhl vor die Türe, wo die dicke Dame sie etwas besorgt aufhob. Er wand sich in der leeren Stube: »Ich will nicht eine Kopie, keine Beeinflussung, ich will mich, aus meiner Seele muß etwas ganz Eigenes kommen, und wenn es Löcher in eine private Luft sind. Ich kann nicht mit den Dingen etwas anfangen, ein Ding verpflichtet zu allen Dingen. Es steht im Strom, und furchtbar ist die Unendlichkeit eines Punktes.«

Die dicke Dame, Fräulein Euphemia, kam und bat ihn fortzufahren, als ein dicker Herr ihn anfuhr:

»Jüngling, beschäftigen Sie sich mit angewandten Wissenschaften.«

Peinlich ging ihm das Talglicht eines Verstehens auf, daß er, wo er ein Schauspiel sehen wollte, einem anderen zum Theater gedient habe. Er schrie auf:

»Ich bin ein Spiegel, eine unbewegte, von Gaslaternen glitzernde Pfütze, die spiegelt. Aber hat ein Spiegel sich je gespiegelt?«

Mitleidig blickte ihn der Korpulente an. Er hatte einen kleinen Kopf, eine silberne Hirnschale mit wundervoll ziselierten Ornamenten, in welche feine, glitzernde Edelsteinplatten eingelassen waren. Giorgio wollte entweichen; Nebukadnezar Böhm schrie ihn wutvoll an:

»Was springen Sie so in meiner Atmosphäre herum, Unmensch?«

»Verzeihung, mein Herr, Ihre Atmosphäre ist ein Produkt von Faktoren, die in keiner Beziehung zu Ihnen stehen.«

»Wenn auch«, erwiderte liebenswürdig Nebukadnezar, »es ist eine Machtfrage, eine Sache der Benennung und Selbsthypnose.«

Bebuquin richtete sich auf.

»Sie sind wohl aus Sachsen und haben Nietzsche gelesen, der darüber, daß man ihm das Polizeiressort nicht anvertraute, wahnsinnig wurde und in die Notlage kam, psychologisch scharfsinnige Bücher zu schreiben.«

Fräulein Euphemia bat die Herren, mit ihrem Geist rationeller umzugehen, und sie wolle gern ein Ballokal besuchen. Die beiden nickten und stampften die Holztreppe hinunter.

Euphemia holte einen Abendmantel, und Nebukadnezar ergriff ein Sprachrohr und bellte in die sich breit aufrollende Milchstraße:

»Ich suche das Wunder.« Der Schoßhund Euphemias fiel aus dem Sprachrohr; Euphemia kehrte angenehm lächelnd zurück.

»Beste«, meinte Nebukadnezar, »Erotik ist die Ekstase des Dilettanten; ich werde Sie aber in meinem nächsten Feuilleton protegieren. Die Frauen sind immer aufreibend, da sie stets dasselbe geben, und wir nie glauben wollen, daß zwei ganz verschiedene Körper das gleiche Centrum besitzen.«

»Adieu, ich will Sie nicht hindern, Ihre Betrachtungen durch die Tat zu beweisen.«

Euphemia bat, daß der Dicke etwas zu trinken und zu essen aus dem Hotel hole, und kehrte um, ihren Hund zu pflegen, von dessen Unfall sie hörte. Der Dicke ergriff einen Baum und schmerzlich an den Hals. Dann ging auch er, den Hund zu pflegen. –

Nebukadnezar neigte den Kopf über Euphemias massigen Busen. Ein Spiegel hing über ihm. Er sah, wie die Brüste sich in den feingeschliffenen Edelsteinplatten seines Kopfes zu mannigfachen fremden Formen teilten und blitzten, in Formen, wie sie ihm keine Wirklichkeit bisher zu geben vermochte. Das ziselierte Silber brach und verfeinerte das Glitzern der Gestalten. Nebukadnezar starrte in den Spiegel, sich gierig freuend, wie er die Wirklichkeit gliedern konnte, wie seine Seele das Silber und die Steine waren, sein Auge der Spiegel. »Bebuquin«, schrie er und brach zusammen; denn er vermochte immer noch nicht, die Seele der Dinge zu ertragen. Zwei Arme zerrten ihn auf, preßten ihn an zwei feste breite Brüste, und lange Haarsträhnen fielen über seinen Silberschädel, und jedes Haar waren tausend Formen. Er erinnerte sich der Frau und merkte etwas beklemmt, daß er nicht mehr zu ihr dringen könne durch das Blitzen der Edelsteine, und sein Leib barst fast im Kampfe zweier Wirklichkeiten. Dabei überkam ihn eine wilde Freude, daß ihm sein Gehirn aus Silber fast Unsterblichkeit verlieh, da es jede Erscheinung potenzierte, und er sein Denken ausschalten konnte, dank dem präzisen Schliff der Steine und der vollkommenen logischen Ziselierung. Mit den Formen der Ziselierung konnte er sich eine neue Logik schaffen, deren sichtbare Symbole die Ritzen der Kapsel waren. Es vervielfachte seine Kraft, er glaubte in einer anderen, immer neuen Welt zu sein mit neuen Lüsten. Er begriff seine Gestalt im Tasten nicht mehr,

die er fast vergessen, die sich in Schmerzen wand, da die gesehene Welt nicht mit ihr übereinstimmte.

»Mißbrauchen Sie mich, bitte, nicht«, klang die dünne Stimme Bebuquins im Spiegel. »Regen Sie sich nicht so an Gegenständen auf; es ist ja nur Kombination, nichts Neues. Wüten Sie nicht mit deplazierten Mitteln; wo sind Sie denn? Wir können uns nicht neben unsere Haut setzen. Die ganze Sache vollzieht sich streng kausal. Ja, wenn uns die Logik losließe; an welcher Stelle mag die einsetzen; das wissen wir beide nicht. Da steckt das Beste. Beinahe wurden Sie originell, da Sie beinahe wahnsinnig wurden. Singen wir das Lied von der gemeinsamen Einsamkeit. Ihre Sucht nach Originalität entspringt Ihrer beschämenden Leere; meine auch. Ich entziehe mich Ihnen ohne weiteres. Dann spiegeln Sie sich in sich selbst. Sie sehen, das ist ein Punkt. Aber die Dinge bringen uns auch nicht weiter.«

Spitzengardinen werden zusammengezogen.

Bebuquin:
Os Diletantes do Milagre
ou A Petrificação barata

UMA PEÇA

"Não quero cópia alguma, influência nenhuma, quero a mim mesmo: de minha alma deve emergir algo que seja totalmente próprio."

CARL EINSTEIN

Primeiro Capítulo

Os fragmentos de uma lâmpada de cristal amarelo tilintaram à voz de uma mulher sedutora: "quer ver o espírito de sua mãe?" A luz instável gotejou sobre o crânio calvo delicadamente marcado de um homem jovem que se virou com ansiedade, a fim de evitar quaisquer reflexões sobre sua pessoa. Ele se afastou da barraca dos espelhos, cujas distorções incitavam a mais meditações que proposições de quinze catedráticos juntos. Contornou o Circo da Gravidade Abolida, embora sorrindo admitisse que com isso deixava escapar a solução de sua vida. Esquivou-se, inclinando orgulhosamente a cabeça, do teatro do êxtase mudo: todo êxtase é obsceno. O êxtase descredita nossas faculdades, e se encaminha ao Museu da Petrificação barata, onde uma grande dama nua de contornos borrados se sentava ao caixa. Ela era tão imensa que não podia sentar-se em uma cadeira, senão diretamente sobre seu melancólico traseiro. Portava um chapéu com plumas, amarelo de abas largas, meias cor de esmeralda, cujas bordas se alçavam à altura dos sovados e ornavam o corpo com arabescos vibrantes e desordenados. De suas mãos de foca miravam enviesados rubis vermelhos: "Boa noite, Sr. Bebuquin", disse ela.

Bebuquin adentrou um salão penosamente iluminado, no qual havia uma boneca um tanto gorda, maquiada em vermelho, de sobrancelhas pintadas,

que desde o início de sua existência lançava um beijo. Regozijado pelo antiartístico, sentou-se em uma cadeira a uns passos de distância da boneca. O jovem ignorava o que o atraía no antiartístico. Ele percebia uma calma e confortável ausência de dor que no entanto lhe era indiferente. O que sempre o intrigava era a circunstância um tanto estranha de que esse tranquilo riso convencional possuía o poder de deixá-lo inconsciente. Como ainda não estava morto a ponto de ser sedutor, a quietude das coisas sem vida o revoltava. Gritou com a boneca, insultou-a, atirando-a da cadeira contra a porta, donde a dama gorda a recolheu um pouco preocupada. Ele se virou no salão vazio:

– Não quero cópia alguma, influência nenhuma, quero a mim mesmo: de minha alma deve emergir algo que seja totalmente próprio, mesmo que sejam buracos no ar que respiro. Nada tenho a fazer com as coisas, uma coisa compromete todas as coisas. Tudo em meio a uma corrente e, o que é um horror, é a infinitude de um ponto.

A obesa dama, Senhorita Euphemia, veio até ele e pediu que continuasse, quando um senhor gordo o interrompeu:

– Jovem, dedique-se às ciências aplicadas.

Vergonhosamente a centelha do entendimento acendeu-se em seu espírito. Era ridículo que, esperando assistir a uma peça de teatro, se servisse ele próprio de espetáculo a alguém. Gritou:

– Eu sou um espelho, uma poça de água imóvel que cintila os reflexos das lanternas a gás. Mas terá um espelho um dia se mirado ao espelho?

O corpulento o contemplou compassivo. Tinha uma cabeça miúda, um crânio de prata com maravilhosos adornos cinzelados, em que se incrustavam finas e faiscantes lâminas de pedras preciosas. Giorgio quis escapar; Nabucodonosor Böhm lhe gritou com fúria:

– Para que ficar saltitando em minha atmosfera, seu monstro?

– Minhas desculpas, senhor, sua atmosfera é um produto de fatores que não guardam qualquer relação com sua própria pessoa.

– Mesmo assim, – replicou Nabucodonosor amavelmente – é uma questão de poder, uma questão de denominação, de auto-hipnose.

Bebuquin se endireitou:

– Sou levado a crer que o senhor é da Saxônia e leu Nietzsche que, como sabe, por não lhe terem dado um cargo na polícia, enlouqueceu e se viu forçado a escrever livros carregados de matizes psicológicos. Estou certo?

A Senhorita Euphemia rogou aos senhores que se servissem de seus espíritos mais razoavelmente, e que ela queria muito ir a um baile. Os dois aqui-

esceram e desceram pesadamente a escadaria de madeira. Euphemia foi buscar um casaco de noite e Nabucodonosor pegou um megafone e latiu em direção à Via Láctea que diante dele se descortinava:

– Procuro um milagre.

O cachorrinho de colo de Euphemia caiu do megafone; Euphemia retornou com um agradável sorriso no rosto.

– Minha cara, – disse Nabucodonosor – erotismo é o êxtase do diletante; mas eu o defenderei em meu próximo *feuilleton*. As mulheres são sempre exasperantes: oferecem sempre o mesmo, e nós nunca queremos crer que dois corpos diferentes possuem o mesmo centro.

– Adeus, não impedirei que o senhor prove suas observações através de fatos.

Euphemia pediu ao gordo que buscasse do hotel algo para beber e comer e se virou para cuidar do cachorro, cujo acidente agora percebeu. O gordo agarrou uma árvore dolorosamente ao pescoço. Depois ele também foi cuidar do cachorrinho.

Nabucodonosor inclinou a cabeça sobre os volumosos peitos de Euphemia. Um espelho pendia sobre ele que via como os peitos se dividiam e brilhavam nas chapas de pedras preciosas finamente lapidadas de sua cabeça em formas estranhas como realidade alguma anteriormente lhe revelara. A prata cinzelada refletia e filigranava a cintilação das figuras. Nabucodonosor olhou fixamente o espelho, jubilando-se com avidez por poder decompor a realidade, dado que sua alma eram a prata e as pedras, seu, o espelho. "Bebuquin", gritou. E se desmoronou; porque ainda não lhe era possível suportar a alma das coisas. Dois braços o sustiveram e o pressionavam contra dois peitos sólidos e volumosos e longas mechas de cabelo tombavam sobre seu crânio de prata e cada mecha mostrava-se sob mil formas. Ele se lembrou da mulher e meio opressivo se deu conta de que não podia mais alcançá-la através da faiscação das pedras preciosas, e seu corpo, tomado na luta entre duas realidades, quase cindido. Nisso dele se apodera uma selvagem alegria ante a ideia de que o cérebro de prata lhe rendia à condição quase imortal por potencializar cada imagem. Graças à lapidação precisa das pedras e ao perfeito sentido do cinzelamento ele era capaz de desconectar o pensamento. As formas do cinzelamento lhe permitiam criar um sentido lógico, cujos símbolos visíveis coincidiam com as fissuras da cápsula. Aquilo intensificava seu poder, ele acreditava se encontrar noutro mundo todo diferente e com prazeres renovados. Não entendia mais sua forma pelo tato, ele praticamente a esque-

cera, ela, essa forma que se tornava dor uma vez que o mundo visível já não concordava com ela.

"Peço-lhe, não abuse de mim!", soa a fina voz de Bebuquin no espelho. "Não se exalte assim por coisas; trata-se somente de combinação, nada de novo. Não se deixe levar pela fúria com modos inconvenientes; onde pensa que está? Não podemos nos sentar ao lado de nossa pele. O assunto se cumpre segundo estrita causalidade. Sim, se a lógica nos abandona, em que ponto ela volta a intervir? Isso não sabemos, nem você, nem eu. Eis aí o melhor. Você esteve prestes a ser original, porque quase endoideceu. Cantemos a canção da solidão comum. Seu maníaco anseio de originalidade deriva de seu vazio vergonhoso; o meu também. Eu escapo de você sem mais nem menos. Então reflita-se em si mesmo. Veja, isso já é um bom começo. Mas as coisas, elas não nos deixam avançar...

Alguém arriou as cortinas de renda.

Carta aberta

Goliarda Sapienza

O texto: Publicado em 1967, *Lettera aperta*, de Goliarda Sapienza, é considerado pela crítica tanto um romance autobiográfico quanto um conto. Como narrativa, descreve a história de uma mulher que busca reordenar suas lembranças a partir da organização de suas anotações e cadernos; acompanha-se seu retorno ao passado e o reencontro com figuras e acontecimentos que marcaram sua vida desde a infância. Como autobiografia, fala da história de uma escritora que escolhe contar tais memórias aos seus leitores, algo aparentemente banal, mas que se torna um fio fundamental para a reconstrução fragmentária dessa narrativa. A presente tradução apresenta as três partes iniciais do romance, que introduzem o leitor às memórias da autora.

Texto traduzido: Sapienza, Goliarda. *Lettera aperta.* Milano: Garzanti, 1967.

A autora: Goliarda Sapienza (1924-1996), poeta, escritora e atriz italiana, nasceu na Catânia, na Sicília. Filha de pais anarquistas, aos 16 anos transferiu-se para Roma, onde iniciou seus estudos na Academia de Arte Dramática. Na capital italiana, tornou-se atriz de teatro e cinema até que, em 1967, decidiu se dedicar integralmente à literatura. *Lettera aperta* é seu livro de estreia, seguido de *Il fillo del mezzogiorno*, de 1969. A partir de sua experiência no cárcere, escreveu os romances *Le certezze del dubbio* (1983) e *L'università di Rebibbia* (1987). Sua obra mais conhecida, *L'arte della gioia*, foi lançada após a sua morte, em 1996.

A tradutora: Cláudia Tavares é graduada em Estudos Literários e doutoranda em Teoria e História Literária, pela Unicamp. Tradutora, professora de literatura e pesquisadora, estuda a literatura italiana do século XX e contemporânea.

LETTERA APERTA

FRAMMENTO

"Ho bisogno di voi per essere in grado di sbarazzarmi di tutte le cose brutte che ci sono qui dentro."

GOLIARDA SAPIENZA

I.

Non è per importunarvi con una nuova storia né per fare esercizio di calligrafia, come ho fatto anch'io per lungo tempo; né per bisogno di verità – non mi interessa affatto, – che mi decido a parlarvi di quello che non avendo capito mi pesa da quarant'anni sulle spalle. Voi penserete: perché non se la sbroglia da sé? Infatti ho cercato, molto. Ma, visto che questa ricerca solitaria mi portava alla morte – sono stata due volte per morire "di mia propria mano", come si dice – ho pensato che sfogarsi con qualcuno sarebbe stato meglio, se non per gli altri almeno per me. E che faccia bene parlare delle proprie cose, ho dovuto sperimentare che ha qualche fondamento reale. Come vi ho detto, questi quarant'anni, o meglio, i primi venti anni di questi quarant'anni, a furia di volerli scientemente ignorare, si sono così ingarbugliati che non riesco a districarli, a fare ordine. Io purtroppo sono molto ordinata, anzi direi un po' fissata: e così i fatti passati mi schiacciano come una mosca ai muri di questa stanza che si è fatta troppo piena. Capirete, ci vivo da sempre. Ci sono libri naturalmente, quadri, specchi, tavoli, tanti tavoli che uno sta sull'altro, oggetti inutili che ho comprato o che mi hanno regalato e che non ho osato rifiutare. Vi spiego: oggi è venuta come al solito Dina per pulire: viene due volte la settimana. E spolverando un piccolo animale stilizzato, naturalmente svedese, che mi regalò George, ha esclamato sottovoce: "Quanto è brutto!". Lo sapevo, lo so da quando me lo regalò: ma sentirlo dire mi ha fatto ricordare quanto è rimasto brutto in tutti questi

anni. E mi è venuto il sospetto che non ci si voglia mai disfare delle cose brutte che ci cascano fra le mani perché pensiamo che la nostra vicinanza le possa migliorare. E così, con questo sospetto che ha tarlato la mia sicurezza, ho buttato via l'animaletto e mi sono decisa a parlarvi.

Scusate ancora, ma ho bisogno di voi per essere in grado di sbarazzarmi di tutte le cose brutte che ci sono qui dentro. Parlando, dalla reazione di chi ascolta, puoi capire cosa va tenuto e cosa buttato. Ho bisogno di voi per liberarmi di tutte le cose inutili che affollano questa stanza. Ho la bocca piena della loro polvere. Ho detto un minimo di ordine, non di verità.

Anche voi associate la parola "ordine" con la parola "verità", e la parola "intelligenza" con la parola "bontà"? Ho fatto sempre questo errore. Non mi fraintendete, non "verità": ma solo un minimo di ordine in tutte queste "non verità", nelle quelli nascendo, o meglio – come diceva mio fratello Ivanoe – cascando da quel cavalo sulla terra, mi sono trovata a strisciare prima, e a camminare dopo. Non vorrei buttare discredito sui morti sui vivi che ho incontrato, ma visto che mi sono state dette, come a tutti del resto, più bugie che verità, come potrei io, ora, sperare di parlarvi illudendomi di arrivare ad un ordine-verità? E no: credo proprio che questo mio sforzo per non morire soffocata nel disordine sarà una bella sfilza di bugie.

Pazienza! Speriamo, almeno, di riuscire a districarle, così che ci si possa passare lo straccio per spolverare senza sbattere in un vasetto sbreccato, uno specchietto antico, un orologio fermo dalle due e mezzo (da quando?)

II.

Una delle prime bugie nelle quali inciampai cadendo giù dal cavolo fu di credere che i sette individui, maschi e femmine che dormivano, si agitavano, mangiavano, sbadigliavano sotto il nostro tetto, fossero tutti miei fratelli e sorelle; che la casa dove vivevamo fosse di nostra proprietà; che tutti mi amavano molto; che mio padre era siciliano e mia madre lombarda. La prima verità, o che mi suonò come tale, mi fu detta da mio fratello Carlo una mattina che mi spingeva in acqua dal precipizio delle scalette dell'Ògnina a nuotare: ed io avevo paura. Disse: "Noi Sapienza abbiamo tutti imparato a nuotare prima di camminare e tu, così grande e grossa (avevo sei anni), ha paura. Sei una bastarda". Non rimasi male delle sue parole, perché Carlo aveva dei baffi neri e le labbra molto morbida a toccare, e me lo disse

sorridendo ed accarezzandomi i capelli. Non rimasi male, ma quella parola mi diede molto da pensare e mi permise, come vedrete, di scoprire molte cose.

Intanto mi fece scoprire la parola “bastarda” che non avevo mai sentito. Mi affascinò moltissimo e la ripetei molte volte per ricordarmela: esercizio che si rivelò efficace e che ho sempre adottato in seguito, tanto che, in qualsiasi posto mi trovassi, se sentivo una parola che mi colpiva, la ripetevo, credo, muovendo anche le labbra. Mi sentivo dire in queste occasioni: “Ma finiscila di biascicare!” Una volta mia sorella Licia aggiunse: “Sembri una mentecatta”, ed io senza più ascoltarla abbandonai la prima preda per questa seconda, “mentecatta”, che non conoscevo. E dài a masticare! tanto che Licia uscì dalla porta sbattendola. A casa mia, quando c’era qualcosa che non andava, si sbatacchiavano le porte. Biascicando la parola bastarda, anzi con la parola bastarda che mi usciva dagli occhi, dalle orecchie, col sudore delle ascelle e della schiena – era la prima volta che prendevo contatto con questo esercizio, e fu molto faticoso – ascoltai la spiegazione del professore Jsaya. Era il mio maestro, mi dava lezioni nella sua stanza, ed era un supplizio per me, perché il pavimento era pieno di pulci: e mentre lui spiegava, dovendo stare immobile per rispetto alla sua fatica, “È un grande intellettuale ed è una vera gentilezza che ti fa dandoti lezioni: quindi immobile, mi raccomando!” – dovendo stare immobile e non potendo chinarmi per grattarmi sotto il tavolo, quelle ne approfittavano per consumare il loro pasto indisturbate. Credo che mi aspettassero con molta ansia, perché oltre me non c’era nessuno dal professore Jsaya. Non aveva nessuno: si rifaceva il letto da sé e, anche quando spiegava, camminava sempre di corsa dal tavolo alla finestra e dalla finestra, girando intorno alle mie spalle, ancora alla finestra, dove qualche volta si affacciava e sputava giù per strada. Certo, lui non lo potevano mordere, e si sfogavano con le mie caviglie. In seguito mi feci la convinzione che corresse proprio per non essere morsicato. Era un supplizio, ma il professore Jsaya era l’unico che rispondeva alle mie domande. Questa fu la sua risposta: “Bastardo si dice de un animale o di una persona della quale non si sappiano le origini”. E siccome io non capivo, e glielo dissi, mi indicò il suo cane e mi parlò delle razze. Era un incrocio fra un lupo ed un cane di un’altra razza non bene identificata, e per questo la parte di lupo in Pussi – era il nome di quel bastardo – essendo avvezza ai climi freddi, soffriva terribilmente lì in Sicilia: e gli mancava il fiato. Per questo stava sempre con la bocca spalancata, la lingua fuori, e nelle pause lunghe, che il professore faceva spesso – qualche volta si dimenticava addirittura di me: me lo disse lui: “Scusami piccola, mi ero dimenticato che eri qui!” – si sentiva il respiro forte di Pussi.

Aveva caldo. Mi fece molta pena, perché anch'io avevo sempre caldo, e da allora, quando vedevo un cane con la lingua di fuori, sudavo. E cominciai a sognare per loro prati verdi e distese di neve, commovendomi tanto da ansimare sempre di più. Ma da questa spiegazione la cosa più importante che appresi sulla parola bastardo fu, sempre secondo le sue parole, che tutti i poliziotti sono bastardi. Io ci credetti senz'altro, credevo a tutto quello che diceva; ma di tutti quelli che ho incontrato e fissato per vedere se spalancavano la bocca e tiravano fuori la lingua, nessuno lo ha mai fatto. Una volta ne seguii uno per tutta via Cappellini: si fermò davanti ai cartelloni del cinema Mirone e aprì un poco la bocca. Era il segno? O uno sbadiglio? Non mi convinse, e pensai di chiederne spiegazione al professore Jsaya. Mi ricordo solo adesso di essermi dimenticata di domandarglielo: peccato.

III.

Peccato proprio. Ma è morto. E morto in un ospizio dove mio padre riuscì a farlo accettare anche se come professore era stato cacciato da tutte le scuole del regno, per offesa alla religione, al regime o qualcosa di simile. Riuscì, e pagando una retta mensile, ottenne anche di fargli assegnare una stanzetta dove lui, come mi dissero, trasportò tutti i suoi libri. Fu Carlo a raccontarmelo mentre seguivamo il feretro di mio padre. "Eh Iuzza! Era un grande intellettuale!" disse sorridendo come sempre, dolcemente. Lo guardai, aveva ancora i baffi neri ma le labbra chissà se erano ancora morbide a toccare. "Era un grande intellettuale lui! Come avrebbe potuto dormire nella camerata insieme a tutti quei limoni spremuti dai fasci littori se, per dirla come lui la diceva, pensava anzi "cogitava" anche la notte?" Sempre sorridendo aggiunse che l'ultima volta che l'aveva visto non gli era sembrato troppo scontento di quella sistemazione, se non per il fatto che una donna gli rifaceva il letto ogni mattina, e così lui era costretto a fare doppio lavoro: disfarlo e rifarlo: "Le donne sono una dannazione Carluzzu mio! Manco il letto sanno fare! Manco il letto, così come manco sanno starci sopra col proprio uomo!" Non sembrava troppo scontento. Era sempre scontento il professore Jsaya: le labbra strette come se avesse sempre la puzza sotto il naso, il capo piegato in avanti ad ascoltare senza guardarti. Di solito, dopo aver ascoltato attentamente, rizzava il capo e serrando le labbra sempre più, come se addirittura avesse la nausea, rispondeva con voce dolce: "O dunque! Mi pare proprio che la tua domanda, sia per l'insensatezza con la quale è stata formulata, sia per la sua essenza fanciullesca, non richieda risposta. Impara pri-

ma a formularle le domande! E che cazzo! Qui si perde tempo! Vediamo di occuparci di cose sensate, o almeno di cose, visto che ci appressiamo ad entrare in questo mondo di merda, che il buon senso comune e la legge ci costringono a ritenere tali. Apri bene gli occhi e dimmi la terza coniugazione del verbo...” Era sempre scontento. Forse, come diceva Licia, perché aveva studiato a Londra? In quanti posti aveva studiato il professore Jsaya!

... cos’è che non ero riuscita ad afferrare di quel discorso difficilissimo? Quale discorso? Seguivo il feretro di mio padre, e mi accorgo che ho perduto qualcosa che avevo pensato di dirvi. Cos’era? Si dice che quando ci si dimentica di un’idea che si vuole comunicare, è perché si tratta di una bugia. Sarà per questo? Ma se era una bugia a me interessa di più! Ho smarrito qualcosa, dato che dal funerale mi ritrovo seduta su un gradino delle scale della casa del professore Jsaya, tremante e con un fico in mano. Non ho voglia di mangiarlo, eppure è un fico di quelli con le mandorle dentro, che mi piacciono tanto. Uno scambio delle rotaie dei miei ricordi non ha funzionato, e mi ritrovo in questa stanza a rivedere carte, appunti, senza un’indicazione precisa. È fatale che sia così, con tutto questo disordine che ho creato per mettere ordine. Come fare? Come si fa con la pellicola alla moviola quando si monta un film. Tornerò indietro. Mi alzo dal gradino e rientro nella stanza. Il professore Jsaya, invece di correre, sta fermo in piedi davanti a me, ed urla. Sì, urla che siamo un popolo di pecoroni, che non facciamo che crearci dei falsi miti, che... Sì, adesso ricordo, gli avevo chiesto se lui, che sapeva tante lingue, che leggeva tutti quei libri in tutte le lingue, perfino in russo, fosse più intelligente di Licia, di Ivanoe, di Galileo Galilei. Dopo una pausa tanto lunga che credevo non mi avrebbe più risposto, si volta invece di scatto verso di me, e con i piedi inchiodati al pavimento e tutto il corpo e le braccia che sbattono nell’aria: “E certo! Anche più intelligente di quel fottuto scimunito di Mussolini! Certo! È mai possibile che scambiate la cultura ammuffita per genio, e la memoria per intelligenza? Ma proprio non potete vivere senza farvi un dio, un duce del primo fesso che vi capita sottomano? Decadenza! Corruzione! E voi donne specialmente, sempre con gli occhioni languidi spalancati in attesa di un principe perfetto... Siete fascisti; ecco cosa siete, fascisti”. Esco da quella porta cercando di ricordare quelle nuove parole che mi piacciono, ma che non sono riuscita ad afferrare. È per questo che tremo così? Per lo sforzo inutile che faccio di ricordare almeno una? “Siete fascisti, perché siete deboli”. No, non aveva detto deboli. “E vi volete fare dei... a tutti i costi. La cultura se... è schifezza. Tuo padre è un facilone che la dà a bere solo perché è coraggioso... coraggioso! Il coraggio dell’incoscienza. Anche di lui hanno fatto un...” E per-

ché aveva sghignazzato quando aveva detto che avrebbe preferito morire di fame, piuttosto che insegnare a quegli animaletti votati al conformismo che brulicano come vermi nelle scuole di Stato? Mi dovetti fermare e sedere sulle scale: tremavo tanto che avevo paura di cadere. Ce l'aveva con me? Eppure, dopo, mi aveva dato un fico secco e mi aveva sorriso, cosa che non faceva mai. E sempre sorridendo: "Scusa Goliarda, sono argomenti che mi fanno quagliare il sangue negli occhi, ma tu non c'entri, tu sei una bambina, e sarai una donna imbecille come tutte le donne, ma molto carina". Mi misi a piangere: avevo perduto tante belle parole nuove. Cercai di ricordarmene almeno una, asciugandomi gli occhi: ma niente, si erano perse tutte nel fracasso di quella voce che non sospettavo potesse assordare come la voce di Ivanoe, di Arminio, di Musetta. Così, da quel giorno, ogni volta che bussavo alla sua porta, cominciavo a tremare. Non avvenne più che lui gridasse, ma io ormai tremavo. Così oggi so che il periodo, credo lungo, in cui lui mi diede lezioni è diviso esattamente in due parti: quello nel quale non tremavo ancora, e quello nel quale ho tremato. E solo adesso so perché avevo "dimenticato" quei gridi. Perché questa divisione si è ripetuta in me, e si ripete sempre, quando frequento a lungo una persona. Solo che da molti anni comincio a tremare ancora prima che un gesto, un'esclamazione, uno sguardo rivelino l'altro lato di noi che cerchiamo di nascondere agli altri. O a noi stessi?

CARTA ABERTA

FRAGMENTO

"Preciso de vocês para me sentir capaz de me livrar
de todas as coisas ruins que estão aqui dentro de mim."

GOLIARDA SAPIENZA

I.

Não é para lhes incomodar com uma nova história, nem para fazer um exercício de caligrafia, como eu mesma cheguei a fazer por muito tempo. Nem por necessidade da verdade – ela não me interessa – que decido falar com vocês sobre aquilo que, por não ter entendido, pesa em meus ombros há quarenta anos. Vocês vão pensar: por que ela não se resolve consigo mesma? Certamente, eu tentei, e muito. Mas já que essa busca solitária me encaminhava para a morte – e por duas vezes estive para morrer "por minhas próprias mãos", como dizem por aí – pensei que desabafar com alguém seria melhor – se não para os outros, pelo menos para mim. E já que faz bem falar das próprias coisas, tive que provar se há algum fundamento real nisso. Como eu vinha dizendo, nesses quarenta anos, ou melhor, nos primeiros vinte anos desses quarenta anos, com a fúria de querer conscientemente ignorá-los, eles se embrenharam tanto que não pude mais separá-los, colocá-los em ordem. Eu, infelizmente, sou muito organizada, diria até mesmo um pouco obsessiva, e por isso os fatos passados me esmagam como uma mosca nas paredes deste quarto que se tornou cheio demais. Vejam, eu vivo aqui desde sempre. Há livros, é claro, quadros, espelhos, mesas, tantas mesas que uma chega a estar em cima da outra, objetos inúteis que comprei ou que me deram de presente e não tive coragem de recusar. Explico: hoje Dina veio fazer a limpeza, como de costume. Ela vem duas vezes por semana. E tirando o pó de um pequeno animal estilizado, obviamente

sueco, um presente de George, ela exclamou em voz baixa: “Mas que coisa mais feia!”. Eu sabia disso. Eu sei disso desde quando ele me foi dado de presente, mas ouvir isso de outra pessoa me fez lembrar do quanto ele ficou feio nesses últimos anos. E fiquei com a impressão de que não queremos nos desfazer das coisas feias que chegam às nossas mãos porque achamos que a nossa proximidade com elas poderá melhorá-las. E foi assim, com esta impressão que empesteou toda a minha segurança, que joguei fora o animalzinho e decidi falar com vocês.

Peço desculpas de novo, mas preciso de vocês para me sentir capaz de me livrar de todas as coisas ruins que estão aqui dentro de mim. A partir da reação de quem escuta, é possível decidir o que fica e o que se bota para fora. Preciso de vocês para me liberar de todas as coisas inúteis que entopem esse quarto. Estou com a boca cheia do pó delas. Eu falei colocar um mínimo de ordem, não de verdade.

Vocês também associam a palavra “ordem” com a palavra “verdade” e a palavra “inteligência” com a palavra “bondade”? Eu sempre cometi esse erro. Não me entendam mal. Não a “verdade”, mas apenas um pouco de ordem nessas “não verdades”, por causa das quais, ao nascer, ou melhor, ao cair do cavalo – como diria meu irmão Ivanoe –, eu tive que primeiro me arrastar, para depois caminhar. Não quero desconfiar dos mortos e dos vivos que encontrei, mas, já que me disseram mais mentiras do que verdades, o que acontece com todo mundo, como eu poderia, agora, acreditar que falo com vocês tendo a ilusão de alcançar uma ordem-verdade? Não. Eu acredito que meu esforço para não morrer sufocada nessa desordem será uma boa sequência de mentiras.

Paciência! Esperemos, pelo menos, conseguir destrinchá-las, assim como se pode passar um pano para tirar o pó sem derrubar um vasinho quebrado, um espelhinho antigo, um relógio parado às duas e meia (desde quando?).

II.

Uma das primeiras mentiras em que tropecei e que me fez cair do cavalo foi acreditar que os sete indivíduos, machos e fêmeas, que dormiam, se mexiam, comiam, bocejavam sob o nosso teto, eram todos meus irmãos e irmãs. Que a casa onde vivíamos era nossa propriedade. Que todos me amavam muito. Que meu pai era siciliano e minha mãe lombarda. A primeira verdade, ou a primeira vez que soou dessa forma, foi dita pelo meu irmão Carlo um

dia de manhã, enquanto ele me empurrava do precipício em direção à água, nas escadas de Ognina, para que eu nadasse. Eu estava com medo. Ele disse: "Sapienza, todos aprendemos a nadar antes de aprender a andar, e você, gorda e grande (eu tinha seis anos), tem medo. Você é uma bastarda". Não fiquei ofendida com aquelas palavras, porque Carlo tinha bigode escuro e lábios muito macios, e ele me disse isso sorrindo e acariciando os cabelos. Não fiquei ofendida, mas aquela palavra me fez pensar bastante e me permitiu descobrir muitas coisas, como vocês vão perceber.

Essa situação me fez descobrir a palavra "bastarda", que eu nunca tinha ouvido antes. Fiquei muito fascinada e a repeti muitas vezes para não me esquecer dela – exercício que acabou se mostrando eficaz e que sempre usei desde então; a ponto de, em qualquer lugar que eu estivesse, se eu escutasse uma palavra que me interessasse, eu começava a repeti-la, acho que até chegava a mexer os lábios. Nessas ocasiões, eu escutava: "Para de resmungar!" Uma vez, minha irmã Licia até disse: "Você parece uma mentecapta". E eu, parando de escutá-la, trocava a primeira presa capturada por esta outra que eu não conhecia, "mentecapta". E lá estava eu a mastigar! A ponto de Licia sair batendo as portas. Na minha casa, quando alguma coisa não ia bem, batiam-se as portas. Resmungando a palavra bastarda, ou melhor, com a palavra bastarda saindo pelos meus olhos, minhas orelhas, acompanhada pelo suor das axilas e das costas – era a primeira vez que eu tinha contato com este exercício e ele era muito exaustivo –, escutei a explicação do professor Jsaya. Ele era meu tutor, me dava aulas no quarto, e para mim era um verdadeiro suplício, porque o chão estava forrado de pulgas. E enquanto ele explicava, e eu tinha que ficar parada em respeito ao seu esforço, "é um grande intelectual e faz uma grande gentileza em te dar aulas, então, quieta, por favor!" – e tendo que ficar parada e sem poder me abaixar para me coçar embaixo da mesa, elas se aproveitavam para consumir tranquilamente este alimento. Acho que elas me esperavam ansiosamente, porque, além de mim, não havia mais ninguém, salvo o professor Jsaya. Não havia ninguém. Ele arrumava a própria cama e, mesmo enquanto explicava, caminhava rapidamente da mesa até a janela e da janela, contornando as minhas costas, de novo até a janela, onde às vezes parava e cuspia lá embaixo na rua. Claro, as pulgas não podiam mordê-lo, então, se esbaldavam com os meus tornozelos. Mais tarde me convenci de que ele corria para não ser mordido. Era um suplício, mas o professor Jsaya era o único que respondia às minhas perguntas. Esta foi a sua resposta: "Diz-se bastardo de um animal ou de uma pessoa da qual não se conhecem as origens". E por eu não ter entendido e tê-lo avisado, ele me mostrou seu cachorro e começou a falar sobre raças. O cachorro era cru-

zamento entre um lobo e um cão de outra raça não identificada, e a parte lobo de Pussi – este era o nome do bastardo –, por estar acostumada com climas frios, sofria muito ali na Sicília. Ele sentia falta de ar. Por esse motivo, ele sempre estava com a boca arreganhada, a língua para fora, e durante as longas pausas, que o professor sempre dava – às vezes até se esquecia de mim e me dizia: "Desculpe-me, pequena, eu me esqueci de que estavas aqui!" –, sentia-se a respiração forte de Pussi.

Ele sentia calor. E me dava muita pena, porque eu sempre estava com calor também. E desde então, quando eu via um cachorro com a língua para fora, eu suava. E comecei a sonhar com gramados verdes e cobertos de neve para eles, comovendo-me tanto a ponto de bufar cada vez mais. Mas desta explicação a coisa mais importante que aprendi sobre a palavra bastardo foi, de acordo com as palavras do professor, que todos os policiais são bastardos. Eu acreditei nisso sem pestanejar, eu acreditava em tudo o que ele me dizia. Mas entre todos aqueles que encontrei e olhei fixamente para ver se abriam a boca e colocavam a língua para fora, nenhum jamais fez isso. Uma vez, segui um deles por toda a rua Cappellini. Ele parou diante dos cartazes do cinema Mirone e abriu um pouco a boca. Seria um sinal? Ou um bocejo? Não me convenceu e pensei em pedir uma explicação ao professor Jsaya. Lembrei-me só agora de ter esquecido de lhe fazer essa pergunta: que pena.

III.

Uma pena mesmo. Mas ele está morto. E morreu em um hospício onde meu pai conseguiu colocá-lo, ainda que, enquanto professor, tenha sido caçado por todas as escolas do reino, por ter ofendido a religião, o regime, ou qualquer coisa do tipo. Conseguiu, pagando uma taxa mensal, que lhe fosse destinado um quarto onde ele, como me disseram, colocou todos os seus livros. Foi Carlo que me contou, enquanto acompanhávamos o caixão de meu pai. "É, Iuzza, era um grande intelectual!", disse-me sorrindo docemente, como sempre. Eu o olhei, ele ainda tinha o bigode escuro, mas os lábios não sei se eram ainda macios quando os tocava. "Ele era um grande intelectual! Como pôde dormir naquele dormitório, com todos aqueles limões espremidos pelos fasces lictores se, como ele dizia, pensava, ou melhor, 'cogitava' também à noite?" Ainda sorrindo, ele me disse que a última vez em que o viu não lhe pareceu muito insatisfeito com a acomodação, exceto pelo fato de uma mulher arrumar sua cama toda manhã, e ele ser obrigado a ter dois trabalhos, de desarrumar e arrumar de novo. "As mulheres

são uma danação, Carluzzu! Nem a cama sabem arrumar! Nem a cama. Assim como não sabem estar em cima do próprio homem!" Não parecia muito insatisfeito. O professor Jsaya estava sempre insatisfeito: os lábios apertados, como se estivesse sempre de nariz empinado, a cabeça inclinada para frente para escutar sem precisar olhar para você. Normalmente, depois de ter escutado com atenção, ele erguia a cabeça e apertava ainda mais os lábios, como se estivesse com ânsia, e respondia com uma voz doce: "Pois então, me parece que a tua pergunta, seja pela insensatez da formulação, seja por sua essência infantil, não precisa de resposta. Aprenda primeiro a formular as perguntas! E que caralho! Estamos aqui perdendo tempo com isso! Tentemos nos ocupar com coisas sensatas, ou pelo menos com coisas, já que nos apressamos a chegar a este mundo de merda, cujo bom senso de todos e a lei nos obrigam a mantê-lo desse jeito. Abra bem os olhos e me diga a terceira conjugação do verbo..." Estava sempre insatisfeito. Como dizia Licia, será que é por que ele estudou em Londres? O professor Jsaya estudou em tantos lugares!

... o que é que eu não conseguia entender daquela conversa tão difícil? Que conversa? Eu seguia o caixão do meu pai, e percebo que perdi alguma coisa que eu tinha pensado em dizer para vocês. O que era? Dizem que quando se esquece uma ideia que se queria dizer, é porque era mentira. Será que foi isso? Mas se era uma mentira, então, eu me interesso ainda mais! Eu perdi alguma coisa, pois, saindo do funeral, me vi sentada em um degrau das escadas da casa do professor Jsaya, tremendo e com um figo na mão. Não quero comê-lo. No entanto, é um figo daqueles com amêndoas dentro, eu gosto muito. Uma troca dos trilhos das minhas lembranças não funcionou e continuo nesse quarto a rever cartas, anotações, sem qualquer orientação precisa do que fazer. É inevitável que seja assim, com toda essa bagunça que criei para organizá-los. O que fazer? Da mesma forma como se monta a película na moviola quando se faz um filme. Volto para trás. Levanto-me do degrau e entro novamente no quarto. O professor Jsaya, ao invés de correr, está parado em pé, de frente para mim, e grita. Sim, ele grita que somos um povo de ovelhinhas, que não fazemos nada além de criar falsos mitos, que... Sim, agora me lembrei, eu havia perguntado se ele, que sabia tantas línguas, que lia tantos livros naquelas tantas línguas, até em russo, se ele era mais inteligente do que Licia, que Ivanoe, que Galileu Galilei. Depois de uma pausa tão longa que me fez pensar que ele nunca mais me responderia, de repente, ele se vira para mim e, com os pés pregados ao chão e todo o corpo e os braços se debatendo no ar: "Mas é claro! E mais inteligente do que aquele babaca fodido do Mussolini! Claro! Será que é possível vocês trocarem a

cultura mofada pelo gênio, e a memória pela inteligência? Vocês não conseguem mesmo viver sem criar um deus, um líder, com o primeiro imbecil que aparece para vocês? Decadência! Corrupção! E vocês mulheres especialmente, sempre com os olhos lânguidos arregalados à espera de um príncipe perfeito... Vocês são fascistas; é isso que vocês são, fascistas". Saio daquela porta tentando lembrar das palavras que mais me agradaram, mas não consigo compreender. É por isso que estou tremendo assim? Pelo esforço inútil de tentar lembrar pelo menos uma delas? "São fascistas porque são fracos". Não, ele não disse fracos. "E vocês querem criar deuses... a qualquer custo. A cultura... é um nojo. Teu pai é um tipo fácil, que só bebe dela porque é corajoso... corajoso! A coragem da inconsciência. Até dele fizeram um..." E por que é que ele gargalhou quando disse que preferia morrer de fome a dar aula àqueles animais devotos do conformismo que se amontoavam como vermes nas escolas do Estado? Precisei parar e me sentar nas escadas. Eu tremia tanto que tive medo de cair. Ele estava bravo comigo? Mas depois ele me deu um figo seco e sorriu, algo que ele nunca fazia. E ainda sorrindo, disse: "Desculpe-me Goliarda, essas questões me deixam com sangue nos olhos, mas você não tem nada a ver com isso, você é uma criança, e vai ser uma mulher imbecil como todas as mulheres, mas muito querida". Comecei a chorar: eu tinha perdido tantas novas palavras bonitas. Tentei lembrar uma pelo menos, enxugando meus olhos, mas não, todas elas se perderam no fracasso daquela voz que eu não suspeitava que pudesse atordoar tanto quanto a voz de Ivanoe, Arminio, Musetta. Então, daquele dia em diante, sempre que eu batia na sua porta, eu começava a tremer. Por isso hoje sei que o período, acho que longo, no qual ele me deu aulas, divide-se exatamente em duas partes: uma em que eu ainda não tremia e outra em que eu tremia. E só agora sei por que eu havia me "esquecido" daqueles gritos. Porque essa divisão se repetiu na minha vida, e se repete sempre, quando me torno próxima de uma pessoa. Só que há muitos anos comecei a tremer antes que um gesto, uma exclamação, um olhar revelassem o outro lado de nós, aquele que procuramos esconder dos outros. E de nós mesmos?

O braço mirrado

Thomas Hardy

O texto: Publicado em 1888 na *Blackwood's Edinburgh Magazine*, e depois no livro *Wessex Tales*, "The Withered Arm", de Thomas Hardy, narra a relação entre duas mulheres, Rhoda Brook e Gertrude Lodge, cujos destinos se entrelaçam, desencadeando desejos inconscientes e obscuros por meio de uma ambiguidade entre realidade e sonho. Assim como em outros escritos do autor, o conto problematiza a situação da mulher e das pessoas no meio rural inglês de meados do século XIX, por meio de uma história de rivalidade e amizade ancorada em elementos próprios do gênero fantástico, associados, porém, a fatos históricos que Hardy afirmava ter ouvido de seus pais.

Texto traduzido: Hardy, Thomas. "The Withered Arm". In. *Wessex Tales*. Kathryn R. King (Ed.). New York: Oxford World's Classics, 2009, pp. 57-85.

O autor: Thomas Hardy (1840-1928), escritor e poeta inglês, nasceu em Stinsford. De jovem arquiteto a escritor canônico da literatura inglesa, é uma das grandes vozes literárias da Inglaterra. Sua obra ficcional foi objeto de estudo e admiração de escritores como D.H. Lawrence e Virginia Woolf. Além de romances, escreveu contos e poemas e deixou uma extensa autobiografia, publicada postumamente sob autoria de sua segunda esposa. Em sua obra, Hardy questiona constantemente a sociedade vitoriana de sua época, assim como representa poeticamente seu lugar de origem, com um interesse peculiar sobre as pessoas, os costumes e as tradições da região.

A tradutora: Carolina Paganine é doutora em Estudos da Tradução pela UFSC (2011) e bacharel em Letras Tradução – Inglês pela UnB (2004). É professora de Teorias da Tradução na Universidade Federal Fluminense e tradutora. Sua pesquisa está vinculada aos estudos sobre tradução comentada, estilo e variação linguística na tradução literária e circulação literária.

Contato: carolinagp@id.uff.br

The Withered Arm

"Upon the pink round surface of the arm were faint marks of an unhealthy colour."

THOMAS HARDY

I. A LORN MILKMAID

It was an eighty-cow dairy, and the troop of milkers, regular and supernumerary, were all at work; for, though the time of year was as yet but early April, the feed lay entirely in water-meadows, and the cows were 'in full pail.' The hour was about six in the evening, and three-fourths of the large, red, rectangular animals having been finished off, there was opportunity for a little conversation.

'He do bring home his bride to-morrow, I hear. They've come as far as Anglebury to-day.'

The voice seemed to proceed from the belly of the cow called Cherry, but the speaker was a milking-woman, whose face was buried in the flank of that motionless beast.

'Hav' anybody seen her?' said another.

There was a negative response from the first. 'Though they say she's a rosy-cheeked, tisty-tosty little body enough,' she added; and as the milkmaid spoke she turned her face so that she could glance past her cow's tail to the other side of the barton, where a thin, fading woman of thirty milked somewhat apart from the rest.

'Years younger than he, they say,' continued the second, with also a glance of reflectiveness in the same direction.

'How old do you call him, then?'

‘Thirty or so.’

‘More like forty,’ broke in an old milkman near, in a long white pinafore or ‘wropper,’ and with the brim of his hat tied down, so that he looked like a woman. ‘’A was born before our Great Weir was builded, and I hadn’t man’s wages when I laved water there.’

The discussion waxed so warm that the purr of the milk-streams became jerky, till a voice from another cow’s belly cried with authority, ‘Now then, what the Turk do it matter to us about Farmer Lodge’s age, or Farmer Lodge’s new mis’ess? I shall have to pay him nine pound a year for the rent of every one of these milchers, whatever his age or hers. Get on with your work, or ’twill be dark afore we have done. The evening is pinking in a’ready.’ This speaker was the dairyman himself; by whom the milkmaids and men were employed.

Nothing more was said publicly about Farmer Lodge’s wedding, but the first woman murmured under her cow to her next neighbour, ‘’Tis hard for *she*,’ signifying the thin worn milkmaid aforesaid.

‘O no,’ said the second. ‘He ha’n’t spoke to Rhoda Brook for years.’

When the milking was done they washed their pails and hung them on a many-forked stand made of the peeled limb of an oak-tree, set upright in the earth, and resembling a colossal antlered horn. The majority then dispersed in various directions homeward. The thin woman who had not spoken was joined by a boy of twelve or thereabout, and the twain went away up the field also.

Their course lay apart from that of the others, to a lonely spot high above the water-meads, and not far from the border of Egdon Heath, whose dark countenance was visible in the distance as they drew nigh to their home.

‘They’ve just been saying down in barton that your father brings his young wife home from Anglebury to-morrow,’ the woman observed. ‘I shall want to send you for a few things to market, and you’ll be pretty sure to meet ’em.’

‘Yes, mother,’ said the boy. ‘Is father married then?’

‘Yes . . . You can give her a look, and tell me what’s she’s like, if you do see her.’

‘Yes, mother.’

‘If she’s dark or fair, and if she’s tall – as tall as I. And if she seems like a woman who has ever worked for a living, or one that has been always well

off, and has never done anything, and shows marks of the lady on her, as I expect she do.'

'Yes.'

They crept up the hill in the twilight, and entered the cottage. It was built of mud-walls, the surface of which had been washed by many rains into channels and depressions that left none of the original flat face visible; while here and there in the thatch above a rafter showed like a bone protruding through the skin.

She was kneeling down in the chimney-corner, before two pieces of turf laid together with the heather inwards, blowing at the red-hot ashes with her breath till the turves flamed. The radiance lit her pale cheek, and made her dark eyes, that had once been handsome, seem handsome anew. 'Yes,' she resumed, 'see if she is dark or fair, and if you can, notice if her hands be white; if not, see if they look as though she had ever done housework, or are milker's hands like mine.'

The boy again promised, inattentively this time, his mother not observing that he was cutting a notch with his pocket-knife in the beech-backed chair.

II. THE YOUNG WIFE

The road from Anglebury to Holmstoke is in general level; but there is one place where a sharp ascent breaks its monotony. Farmers homeward-bound from the former market-town, who trot all the rest of the way, walk their horses up this short incline.

The next evening, while the sun was yet bright, a handsome new gig, with a lemon-coloured body and red wheels, was spinning westward along the level highway at the heels of a powerful mare. The driver was a yeoman in the prime of life, cleanly shaven like an actor, his face being toned to that bluish-vermilion hue which so often graces a thriving farmer's features when returning home after successful dealings in the town. Beside him sat a woman, many years his junior – almost, indeed, a girl. Her face too was fresh in colour, but it was of a totally different quality – soft and evanescent, like the light under a heap of rose-petals.

Few people travelled this way, for it was not a main road; and the long white riband of gravel that stretched before them was empty, save of one small scarce-moving speck, which presently resolved itself into the figure of

boy, who was creeping on at a snail's pace, and continually looking behind him – the heavy bundle he carried being some excuse for, if not the reason of, his dilatoriness. When the bouncing gig-party slowed at the bottom of the incline above mentioned, the pedestrian was only a few yards in front. Supporting the large bundle by putting one hand on his hip, he turned and looked straight at the farmer's wife as though he would read her through and through, pacing along abreast of the horse.

The low sun was full in her face, rendering every feature, shade, and contour distinct, from the curve of her little nostril to the colour of her eyes. The farmer, though he seemed annoyed at the boy's persistent presence, did not order him to get out of the way; and thus the lad preceded them, his hard gaze never leaving her, till they reached the top of the ascent, when the farmer trotted on with relief in his lineaments – having taken no outward notice of the boy whatever.

'How that poor lad stared at me!' said the young wife.

'Yes, dear; I saw that he did.'

'He is one of the village, I suppose?'

'One of the neighbourhood. I think he lives with his mother a mile or two off.'

'He knows who we are, no doubt?'

'O yes. You must expect to be stared at just at first, my pretty Gertrude.'

'I do, – though I think the poor boy may have looked at us in the hope we might relieve him of his heavy load, rather than from curiosity.'

'O no,' said her husband off-handedly. 'These country lads will carry a hundredweight once they get it on their backs; besides his pack had more size than weight in it. Now, then, another mile and I shall be able to show you our house in the distance – if it is not too dark before we get there.' The wheels spun round, and particles flew from their periphery as before, till a white house of ample dimensions revealed itself, with farm-buildings and ricks at the back.

Meanwhile the boy had quickened his pace, and turning up a by-lane some mile and half short of the white farmstead, ascended towards the leaner pastures, and so on to the cottage of his mother.

She had reached home after her day's milking at the outlying dairy, and was washing cabbage at the doorway in the declining light. 'Hold up the net a moment,' she said, without preface, as the boy came up.

He flung down his bundle, held the edge of the cabbage-net, and as she filled its meshes with the dripping leaves she went on, 'Well, did you see her?'

'Yes; quite plain.'

'Is she ladylike?'

'Yes; and more. A lady complete.'

'Is she young?'

'Well, she's growed up, and her ways be quite a woman's.'

'Of course. What colour is her hair and face?'

'Her hair is lightish, and her face as comely as a live doll's.'

'Her eyes, then, are not dark like mine?'

'No – of a bluish turn, and her mouth is very nice and red; and when she smiles, her teeth show white.'

'Is she tall?' said the woman sharply.

'I couldn't see. She was sitting down.'

'Then do you go to Holmstoke church to-morrow morning: she's sure to be there. Go early and notice her walking in, and come home and tell me if she's taller than I.'

'Very well, mother. But why don't you go and see for yourself?'

'*I* go to see her! I wouldn't look up at her if she were to pass my window this instant. She was with Mr. Lodge, of course. What did he say or do?'

'Just the same as usual.'

'Took no notice of you?'

'None.'

Next day the mother put a clean shirt on the boy, and started him off for Holmstoke church. He reached the ancient little pile when the door was just being opened, and he was the first to enter. Taking his seat by the font, he watched all the parishioners file in. The well-to-do Farmer Lodge came nearly last; and his young wife, who accompanied him, walked up the aisle with the shyness natural to a modest woman who had appeared thus for the first time. As all other eyes were fixed upon her, the youth's stare was not noticed now.

When he reached home his mother said, 'Well?' before he had entered the room.

'She is not tall. She is rather short,' he replied.

‘Ah!’ said his mother, with satisfaction.

‘But she’s very pretty – very. In fact, she’s lovely.’

The youthful freshness of the yeoman’s wife had evidently made an impression even on the somewhat hard nature of the boy.

‘That’s all I want to hear,’ said his mother quickly. ‘Now, spread the table-cloth. The hare you caught is very tender; but mind that nobody catches you. – You’ve never told me what sort of hands she had.’

‘I have never seen ’em. She never took off her gloves.’

‘What did she wear this morning?’

‘A white bonnet and a silver-coloured gownd. It whewed and whistled so loud when it rubbed against the pews that the lady coloured up more than ever for very shame at the noise, and pulled it in to keep it from touching; but when she pushed into her seat, it whewed more than ever. Mr. Lodge, he seemed pleased, and his waistcoat stuck out, and his great golden seals hung like a lord’s; but she seemed to wish her noisy gownd anywhere but on her.’

‘Not she! However, that will do now.’

These descriptions of the newly-married couple were continued from time to time by the boy at his mother’s request, after any chance encounter he had had with them. But Rhoda Brook, though she might easily have seen young Mrs. Lodge for herself by walking a couple of miles, would never attempt an excursion towards the quarter where the farmhouse lay. Neither did she, at the daily milking in the dairyman’s yard on Lodge’s outlying second farm, ever speak on the subject of the recent marriage. The dairyman, who rented the cows of Lodge, and knew perfectly the tall milkmaid’s history, with manly kindliness always kept the gossip in the cow-barton from annoying Rhoda. But the atmosphere thereabout was full of the subject during the first days of Mrs. Lodge’s arrival; and from her boy’s description and the casual words of the other milkers, Rhoda Brook could raise a mental image of the unconscious Mrs Lodge that was realistic as a photograph.

III. A VISION

One night, two or three weeks after the bridal return, when the boy was gone to bed, Rhoda sat a long time over the turf ashes that she had raked out in front of her to extinguish them. She contemplated so intently the new wife, as presented to her in her mind’s eye over the embers, that she forgot the lapse of time. At last, wearied with her day’s work, she too retired.

But the figure which had occupied her so much during this and the previous days was not to be banished at night. For the first time Gertrude Lodge visited the supplanted woman in her dreams. Rhoda Brook dreamed – since her assertion that she really saw, before falling asleep, was not to be believed – that the young wife, in the pale silk dress and white bonnet, but with features shockingly distorted, and wrinkled as by age, was sitting upon her chest as she lay. The pressure of Mrs. Lodge's person grew heavier; the blue eyes peered cruelly into her face; and then the figure thrust forward its left hand mockingly, so as to make the wedding-ring it wore glitter in Rhoda's eyes. Maddened mentally, and nearly suffocated by pressure, the sleeper struggled; the incubus, still regarding her, withdrew to the foot of the bed, only, however, to come forward by degrees, resume her seat, and flash her left hand as before.

Gasping for breath, Rhoda, in a last desperate effort, swung out her right hand, seized the confronting spectre by its obtrusive left arm, and whirled it backward to the floor, starting up herself as she did so with a low cry.

'O, merciful heaven!' she cried, sitting on the edge of the bed in a cold sweat; 'that was not a dream – she was here!'

She could feel her antagonist's arm within her grasp even now – the very flesh and bone of it, as it seemed. She looked on the floor whither she had whirled the spectre, but there was nothing to be seen.

Rhoda Brook slept no more that night, and when she went milking at the next dawn they noticed how pale and haggard she looked. The milk that she drew quivered into the pail; her hand had not calmed even yet, and still retained the feel of the arm. She came home to breakfast as wearily as if it had been suppertime.

'What was that noise in your chimmer, mother, last night?' said her son. 'You fell off the bed, surely?'

'Did you hear anything fall? At what time?'

'Just when the clock struck two.'

She could not explain, and when the meal was done went silently about her household work, the boy assisting her, for he hated going afield on the farms, and she indulged his reluctance. Between eleven and twelve the garden-gate clicked, and she lifted her eyes to the window. At the bottom of the garden, within the gate, stood the woman of her vision. Rhoda seemed transfixed.

'Ah, she said she would come!' exclaimed the boy, also observing her.

‘Said so – when? How does she know us?’

‘I have seen and spoken to her. I talked to her yesterday.’

‘I told you,’ said the mother, flushing indignantly, ‘never to speak to anybody in that house, or go near the place.’

‘I did not speak to her till she spoke to me. And I did not go near the place. I met her in the road.’

‘What did you tell her?’

‘Nothing. She said, “Are you the poor boy who had to bring the heavy load from market?” And she looked at my boots, and said they would not keep my feet dry if it came on wet, because they were so cracked. I told her I lived with my mother, and we had enough to do to keep ourselves, and that’s how it was; and she said then, “I’ll come and bring you some better boots, and see your mother.” She gives away things to other folks in the meads besides us.’

Mrs. Lodge was by this time close to the door – not in her silk, as Rhoda had seen her in the bed-chamber, but in a morning hat, and gown of common light material, which became her better than silk. On her arm she carried a basket.

The impression remaining from the night’s experience was still strong. Brook had almost expected to see the wrinkles, the scorn, and the cruelty on her visitor’s face.

She would have escaped an interview, had escape been possible. There was, however, no backdoor to the cottage, and in an instant the boy had lifted the latch to Mrs. Lodge’s gentle knock.

‘I see I have come to the right house,’ said she, glancing at the lad, and smiling. ‘But I was not sure till you opened the door.’

The figure and action were those of the phantom; but her voice was so indescribably sweet, her glance so winning, her smile so tender, so unlike that of Rhoda’s midnight visitant, that the latter could hardly believe the evidence of her senses. She was truly glad that she had not hidden away in sheer aversion, as she had been inclined to do. In her basket Mrs. Lodge brought the pair of boots that she had promised to the boy, and other useful articles.

At these proofs of a kindly feeling towards her and hers Rhoda’s heart reproached her bitterly. This innocent young thing should have her blessing and not her curse. When she left them a light seemed gone from the dwelling. Two days later she came again to know if the boots fitted; and less

than a fortnight after that paid Rhoda another call. On this occasion the boy was absent.

'I walk a good deal,' said Mrs. Lodge, 'and your house is the nearest outside our own parish. I hope you are well. You don't look quite well.'

Rhoda said she was well enough; and, indeed, though the paler of the two, there was more of the strength that endures in her well-defined features and large frame, than in the soft-cheeked young woman before her. The conversation became quite confidential as regarded their powers and weaknesses; and when Mrs. Lodge was leaving, Rhoda said, 'I hope you will find this air agree with you, ma'am, and not suffer from the damp of the water-meads.'

The younger one replied that there was not much doubt of it, her general health being usually good. 'Though, now you remind me,' she added, 'I have one little ailment which puzzles me. It is nothing serious, but I cannot make it out.'

She uncovered her left hand and arm; and their outline confronted Rhoda's gaze as the exact original of the limb she had beheld and seized in her dream. Upon the pink round surface of the arm were faint marks of an unhealthy colour, as if produced by a rough grasp. Rhoda's eyes became riveted on the discolorations; she fancied that she discerned in them the shape of her own four fingers.

'How did it happen?' she said mechanically.

'I cannot tell,' replied Mrs. Lodge, shaking her head. 'One night when I was sound asleep, dreaming I was away in some strange place, a pain suddenly shot into my arm there, and was so keen as to awaken me. I must have struck it in the daytime, I suppose, though I don't remember doing so.' She added, laughing, 'I tell my dear husband that it looks just as if he had flown into a rage and struck me there. O, I daresay it will soon disappear.'

'Ha, ha! Yes . . . On what night did it come?'

Mrs. Lodge considered, and said it would be a fortnight ago on the morrow. 'When I awoke I could not remember where I was,' she added, 'till the clock striking two reminded me.'

She had named the night and the hour of Rhoda's spectral encounter, and Brook felt like a guilty thing. The artless disclosure startled her; she did not reason on the freaks of coincidence; and all the scenery of that ghastly night returned with double vividness to her mind.

‘O, can it be,’ she said to herself, when her visitor had departed, ‘that I exercise a malignant power over people against my own will?’ She knew that she had been slily called a witch since her fall; but never having understood why that particular stigma had been attached to her, it had passed disregarded. Could this be the explanation, and had such things as this ever happened before?

IV. A SUGGESTION

The summer drew on, and Rhoda Brook almost dreaded to meet Mrs. Lodge again, notwithstanding that her feeling for the young wife amounted well-nigh to affection. Something in her own individuality seemed to convict Rhoda of crime. Yet a fatality sometimes would direct the steps of the latter to the outskirts of Holmstoke whenever she left her house for any other purpose than her daily work; and hence it happened that their next encounter was out of doors. Rhoda could not avoid the subject which had so mystified her, and after the first few words she stammered, ‘I hope your – arm is well again, ma’am?’ She had perceived with consternation that Gertrude Lodge carried her left arm stiffly.

‘No; it is not quite well. Indeed it is no better at all; it is rather worse. It pains me dreadfully sometimes.’

‘Perhaps you had better go to a doctor, ma’am.’

She replied that she had already seen a doctor. Her husband had insisted upon her going to one. But the surgeon had not seemed to understand the afflicted limb at all; he had told her to bathe it in hot water, and she had bathed it, but the treatment had done no good.

‘Will you let me see it?’ said the milkwoman.

Mrs. Lodge pushed up her sleeve and disclosed the place, which was a few inches above the wrist. As soon as Rhoda Brook saw it, she could hardly preserve her composure. There was nothing of the nature of a wound, but the arm at that point had a shrivelled look, and the outline of the four fingers appeared more distinct than at the former time. Moreover, she fancied that they were imprinted in precisely the relative position of her clutch upon the arm in the trance; the first finger towards Gertrude’s wrist, and the fourth towards her elbow.

What the impress resembled seemed to have struck Gertrude herself since their last meeting. ‘It looks almost like finger-marks,’ she said; adding

with a faint laugh, 'my husband says it is as if some witch, or the devil himself, had taken hold of me there, and blasted the flesh.'

Rhoda shivered. 'That's fancy,' she said hurriedly. 'I wouldn't mind it, if I were you.'

'I shouldn't so much mind it,' said the younger, with hesitation, 'if – if I hadn't a notion that it makes my husband – dislike me – no, love me less. Men think so much of personal appearance.'

'Some do – he for one.'

'Yes; and he was very proud of mine, at first.'

'Keep your arm covered from his sight.'

'Ah – he knows the disfigurement is there!' She tried to hide the tears that filled her eyes.

'Well, ma'am, I earnestly hope it will go away soon.'

And so the milkwoman's mind was chained anew to the subject by a horrid sort of spell as she returned home. The sense of having been guilty of an act of malignity increased, affect as she might to ridicule her superstition. In her secret heart Rhoda did not altogether object to a slight diminution of her successor's beauty, by whatever means it had come about; but she did not wish to inflict upon her physical pain. For though this pretty young woman had rendered impossible any reparation which Lodge might have made Rhoda for his past conduct, everything like resentment at the unconscious usurpation had quite passed away from the elder's mind.

If the sweet and kindly Gertrude Lodge only knew of the scene in the bed-chamber, what would she think? Not to inform her of it seemed treachery in the presence of her friendliness; but tell she could not of her own accord – neither could she devise a remedy.

She mused upon the matter the greater part of the night; and the next day, after the morning milking, set out to obtain another glimpse of Gertrude Lodge if she could, being held to her by a gruesome fascination. By watching the house from a distance the milkmaid was presently able to discern the farmer's wife in a ride she was taking alone – probably to join her husband in some distant field. Mrs. Lodge perceived her, and cantered in her direction.

'Good morning, Rhoda!' Gertrude said, when she had come up. 'I was going to call.'

Rhoda noticed that Mrs. Lodge held the reins with some difficulty.

‘I hope – the bad arm,’ said Rhoda.

‘They tell me there is possibly one way by which I might be able to find out the cause, and so perhaps the cure, of it,’ replied the other anxiously. ‘It is by going to some clever man over in Egdon Heath. They did not know if he was still alive – and I cannot remember his name at this moment; but they said that you knew more of his movements than anybody else hereabout, and could tell me if he were still to be consulted. Dear me – what was his name? But you know.’

‘Not Conjuror Trendle?’ said her thin companion, turning pale.

‘Trendle – yes. Is he alive?’

‘I believe so,’ said Rhoda, with reluctance.

‘Why do you call him conjuror?’

‘Well – they say – they used to say he was a – he had powers other folks have not.’

‘O, how could my people be so superstitious as to recommend a man of that sort! I thought they meant some medical man. I shall think no more of him.’

Rhoda looked relieved, and Mrs. Lodge rode on. The milkwoman had inwardly seen, from the moment she heard of her having been mentioned as a reference for this man, that there must exist a sarcastic feeling among the work-folk that a sorceress would know the whereabouts of the exorcist. They suspected her, then. A short time ago this would have given no concern to a woman of her common-sense. But she had a haunting reason to be superstitious now; and she had been seized with sudden dread that this Conjuror Trendle might name her as the malignant influence which was blasting the fair person of Gertrude, and so lead her friend to hate her for ever, and to treat her as some fiend in human shape.

But all was not over. Two days after, a shadow intruded into the window-pattern thrown on Rhoda Brook’s floor by the afternoon sun. The woman opened the door at once, almost breathlessly.

‘Are you alone?’ said Gertrude. She seemed to be no less harassed and anxious than Brook herself.

‘Yes,’ said Rhoda.

‘The place on my arm seems worse, and troubles me!’ the young farmer’s wife went on. ‘It is so mysterious! I do hope it will not be an incurable wound. I have again been thinking of what they said about Conjuror Trendle. I don’t really believe in such men, but I should not mind just vi-

siting him, from curiosity – though on no account must my husband know. Is it far to where he lives?'

'Yes – five miles,' said Rhoda backwardly. 'In the heart of Egdon.'

'Well, I should have to walk. Could not you go with me to show me the way – say to-morrow afternoon?'

'O, not I – that is,' the milkwoman murmured, with a start of dismay. Again the dread seized her that something to do with her fierce act in the dream might be revealed, and her character in the eyes of the most useful friend she had ever had be ruined irretrievably.

Mrs. Lodge urged, and Rhoda finally assented, though with much misgiving. Sad as the journey would be to her, she could not conscientiously stand in the way of a possible remedy for her patron's strange affliction. It was agreed that, to escape suspicion of their mystic intent, they should meet at the edge of the heath at the corner of a plantation which was visible from the spot where they now stood.

V. CONJUROR TRENDLE

By the next afternoon Rhoda would have done anything to escape this inquiry. But she had promised to go. Moreover, there was a horrid fascination at times in becoming instrumental in throwing such possible light on her own character as would reveal her to be something greater in the occult world than she had ever herself suspected.

She started just before the time of day mentioned between them, and half-an-hour's brisk walking brought her to the south-eastern extension of the Egdon tract of country, where the fir plantation was. A slight figure, cloaked and veiled, was already there. Rhoda recognized, almost with a shudder, that Mrs. Lodge bore her left arm in a sling.

They hardly spoke to each other, and immediately set out on their climb into the interior of this solemn country, which stood high above the rich alluvial soil they had left half-an-hour before. It was a long walk; thick clouds made the atmosphere dark, though it was as yet only early afternoon; and the wind howled dismally over the hills of the heath – not improbably the same heath which had witnessed the agony of the Wessex King Ina, presented to after-ages as Lear. Gertrude Lodge talked most, Rhoda replying with monosyllabic preoccupation. She had a strange dislike to walking on the side of her companion where hung the afflicted arm, moving round to the

other when inadvertently near it. Much heather had been brushed by their feet when they descended upon a cart-track, beside which stood the house of the man they sought.

He did not profess his remedial practices openly, or care anything about their continuance, his direct interests being those of a dealer in furze, turf, 'sharp sand,' and other local products. Indeed, he affected not to believe largely in his own powers, and when warts that had been shown him for cure miraculously disappeared – which it must be owned they infallibly did – he would say lightly, 'O, I only drink a glass of grog upon 'em – perhaps it's all chance,' and immediately turn the subject.

He was at home when they arrived, having in fact seen them descending into his valley. He was a gray-bearded man, with a reddish face, and he looked singularly at Rhoda the first moment he beheld her. Mrs. Lodge told him her errand; and then with words of self-disparagement he examined her arm.

'Medicine can't cure it,' he said promptly. ''Tis the work of an enemy.'

Rhoda shrank into herself, and drew back.

'An enemy? What enemy?' asked Mrs. Lodge.

He shook his head. 'That's best known to yourself,' he said. 'If you like, I can show the person to you, though I shall not myself know who it is. I can do no more; and don't wish to do that.'

She pressed him; on which he told Rhoda to wait outside where she stood, and took Mrs. Lodge into the room. It opened immediately from the door; and, as the latter remained ajar, Rhoda Brook could see the proceedings without taking part in them. He brought a tumbler from the dresser, nearly filled it with water, and fetching an egg, prepared it in some private way; after which he broke it on the edge of the glass, so that the white went in and the yolk remained. As it was getting gloomy, he took the glass and its contents to the window, and told Gertrude to watch them closely. They leant over the table together, and the milkwoman could see the opaline hue of the egg-fluid changing form as it sank in the water, but she was not near enough to define the shape that it assumed.

'Do you catch the likeness of any face or figure as you look?' demanded the conjuror of the young woman.

She murmured a reply, in tones so low as to be inaudible to Rhoda, and continued to gaze intently into the glass. Rhoda turned, and walked a few steps away.

When Mrs. Lodge came out, and her face was met by the light, it appeared exceedingly pale – as pale as Rhoda's – against the sad dun shades of the upland's garniture. Trendle shut the door behind her, and they at once started homeward together. But Rhoda perceived that her companion had quite changed.

'Did he charge much?' she asked tentatively.

'O no – nothing. He would not take a farthing,' said Gertrude.

'And what did you see?' inquired Rhoda.

'Nothing I – care to speak of.' The constraint in her manner was remarkable; her face was so rigid as to wear an oldened aspect, faintly suggestive of the face in Rhoda's bed-chamber.

'Was it you who first proposed coming here?' Mrs. Lodge suddenly inquired, after a long pause. 'How very odd, if you did!'

'No. But I am not sorry we have come, all things considered,' she replied. For the first time a sense of triumph possessed her, and she did not altogether deplore that the young thing at her side should learn that their lives had been antagonized by other influences than their own.

The subject was no more alluded to during the long and dreary walk home. But in some way or other a story was whispered about the many-dairied lowland that winter that Mrs. Lodge's gradual loss of the use of her left arm was owing to her being 'overlooked' by Rhoda Brook. The latter kept her own counsel about the incubus, but her face grew sadder and thinner; and in the spring she and her boy disappeared from the neighbourhood of Holmstoke.

VI. A SECOND ATTEMPT

Half-a-dozen years passed away, and Mr. and Mrs. Lodge's married experience sank into prosiness, and worse. The farmer was usually gloomy and silent: the woman whom he had wooed for her grace and beauty was contorted and disfigured in the left limb; moreover, she had brought him no child, which rendered it likely that he would be the last of a family who had occupied that valley for some two hundred years. He thought of Rhoda Brook and her son; and feared this might be a judgment from heaven upon him.

The once blithe-hearted and enlightened Gertrude was changing into an irritable, superstitious woman, whose whole time was given to experimenting upon her ailment with every quack remedy she came across. She was honestly attached to her husband, and was ever secretly hoping against hope to win back his heart again by regaining some at least of her personal beauty. Hence it arose that her closet was lined with bottles, packets, and ointment-pots of every description – nay, bunches of mystic herbs, charms, and books of necromancy, which in her schoolgirl time she would have ridiculed as folly.

'Damned if you won't poison yourself with these apothecary messes and witch mixtures some time or other,' said her husband, when his eye chanced to fall upon the multitudinous array.

She did not reply, but turned her sad, soft glance upon him in such heart-swollen reproach that he looked sorry for his words, and added, 'I only meant it for your good, you know, Gertrude.'

'I'll clear out the whole lot, and destroy them,' said she huskily, 'and try such remedies no more!'

'You want somebody to cheer you,' he observed. 'I once thought of adopting a boy; but he is too old now. And he is gone away I don't know where.'

She guessed to whom he alluded; for Rhoda Brook's story had in the course of years become known to her; though not a word had ever passed between her husband and herself on the subject. Neither had she ever spoken to him of her visit to Conjuror Trendle, and of what was revealed to her, or she thought was revealed to her, by that solitary heath-man.

She was now five-and-twenty; but she seemed older.

'Six years of marriage, and only a few months of love,' she sometimes whispered to herself. And then she thought of the apparent cause, and said, with a tragic glance at her withering limb, 'If I could only again be as I was when he first saw me!'

She obediently destroyed her nostrums and charms; but there remained a hankering wish to try something else – some other sort of cure altogether. She had never revisited Trendle since she had been conducted to the house of the solitary by Rhoda against her will; but it now suddenly occurred to Gertrude that she would, in a last desperate effort at deliverance from this seeming curse, again seek out the man, if he yet lived. He was entitled to a certain credence, for the indistinct form he had raised in the glass had undoubtedly resembled the only woman in the world who – as she

now knew, though not then – could have a reason for bearing her ill-will. The visit should be paid.

This time she went alone, though she nearly got lost on the heath, and roamed a considerable distance out of her way. Trendle's house was reached at last, however: he was not indoors, and instead of waiting at the cottage, she went to where his bent figure was pointed out to her at work a long way off. Trendle remembered her, and laying down the handful of furze-roots which he was gathering and throwing into a heap, he offered to accompany her in her homeward direction, as the distance was considerable and the days were short. So they walked together, his head bowed nearly to the earth, and his form of a colour with it.

'You can send away warts and other excrescences I know,' she said; 'why can't you send away this?' And the arm was uncovered.

'You think too much of my powers!' said Trendle; 'and I am old and weak now, too. No, no; it is too much for me to attempt in my own person. What have ye tried?'

She named to him some of the hundred medicaments and counterspells which she had adopted from time to time. He shook his head.

'Some were good enough,' he said approvingly; 'but not many of them for such as this. This is of the nature of a blight, not of the nature of a wound; and if you ever do throw it off; it will be all at once.'

'If I only could!'

'There is only one chance of doing it known to me. It has never failed in kindred afflictions, – that I can declare. But it is hard to carry out, and especially for a woman.'

'Tell me!' said she.

'You must touch with the limb the neck of a man who's been hanged.'

She started a little at the image he had raised.

'Before he's cold – just after he's cut down,' continued the conjuror impassively.

'How can that do good?'

'It will turn the blood and change the constitution. But, as I say, to do it is hard. You must get into jail, and wait for him when he's brought off the gallows. Lots have done it, though perhaps not such pretty women as you. I used to send dozens for skin complaints. But that was in former times. The last I sent was in '13 – near twenty years ago.'

He had no more to tell her; and, when he had put her into a straight track homeward, turned and left her, refusing all money as at first.

VII. A RIDE

The communication sank deep into Gertrude's mind. Her nature was rather a timid one; and probably of all remedies that the white wizard could have suggested there was not one which would have filled her with so much aversion as this, not to speak of the immense obstacles in the way of its adoption.

Casterbridge, the county-town, was a dozen or fifteen miles off; and though in those days, when men were executed for horse-stealing, arson, and burglary, an assize seldom passed without a hanging, it was not likely that she could get access to the body of the criminal unaided. And the fear of her husband's anger made her reluctant to breathe a word of Trendle's suggestion to him or to anybody about him.

She did nothing for months, and patiently bore her disfigurement as before. But her woman's nature, craving for renewed love, through the medium of renewed beauty (she was but twenty-five), was ever stimulating her to try what, at any rate, could hardly do her any harm. 'What came by a spell will go by a spell surely,' she would say. Whenever her imagination pictured the act she shrank in terror from the possibility of it: then the words of the conjuror, 'It will turn your blood,' were seen to be capable of a scientific no less than a ghastly interpretation; the mastering desire returned, and urged her on again.

There was at this time but one county paper, and that her husband only occasionally borrowed. But old-fashioned days had old-fashioned means, and news was extensively conveyed by word of mouth from market to market, or from fair to fair, so that, whenever such an event as an execution was about to take place, few within a radius of twenty miles were ignorant of the coming sight; and, so far as Holmstoke was concerned, some enthusiasts had been known to walk all the way to Casterbridge and back in one day, solely to witness the spectacle. The next assizes were in March; and when Gertrude Lodge heard that they had been held, she inquired stealthily at the inn as to the result, as soon as she could find opportunity.

She was, however, too late. The time at which the sentences were to be carried out had arrived, and to make the journey and obtain admission at such short notice required at least her husband's assistance. She dared not

tell him, for she had found by delicate experiment that these smouldering village beliefs made him furious if mentioned, partly because he half entertained them himself. It was therefore necessary to wait for another opportunity.

Her determination received a fillip from learning that two epileptic children had attended from this very village of Holmstoke many years before with beneficial results, though the experiment had been strongly condemned by the neighbouring clergy. April, May, June, passed; and it is no overstatement to say that by the end of the last-named month Gertrude well-nigh longed for the death of a fellow-creature. Instead of her formal prayers each night, her unconscious prayer was, 'O Lord, hang some guilty or innocent person soon!'

This time she made earlier inquiries, and was altogether more systematic in her proceedings. Moreover, the season was summer, between the haymaking and the harvest, and in the leisure thus afforded him her husband had been holiday-taking away from home.

The assizes were in July, and she went to the inn as before. There was to be one execution – only one – for arson.

Her greatest problem was not how to get to Casterbridge, but what means she should adopt for obtaining admission to the jail. Though access for such purposes had formerly never been denied, the custom had fallen into desuetude; and in contemplating her possible difficulties, she was again almost driven to fall back upon her husband. But, on sounding him about the assizes, he was so uncommunicative, so more than usually cold, that she did not proceed, and decided that whatever she did she would do alone.

Fortune, obdurate hitherto, showed her unexpected favour. On the Thursday before the Saturday fixed for the execution, Lodge remarked to her that he was going away from home for another day or two on business at a fair, and that he was sorry he could not take her with him.

She exhibited on this occasion so much readiness to stay at home that he looked at her in surprise. Time had been when she would have shown deep disappointment at the loss of such a jaunt. However, he lapsed into his usual taciturnity, and on the day named left Holmstoke.

It was now her turn. She at first had thought of driving, but on reflection held that driving would not do, since it would necessitate her keeping to the turnpike-road, and so increase by tenfold the risk of her ghastly errand being found out. She decided to ride, and avoid the beaten track, notwithstanding that in her husband's stables there was no animal just at present which by

any stretch of imagination could be considered a lady's mount, in spite of his promise before marriage to always keep a mare for her. He had, however, many cart-horses, fine ones of their kind; and among the rest was a serviceable creature, an equine Amazon, with a back as broad as a sofa, on which Gertrude had occasionally taken an airing when unwell. This horse she chose.

On Friday afternoon one of the men brought it round. She was dressed, and before going down looked at her shrivelled arm. 'Ah!' she said to it, 'if it had not been for you this terrible ordeal would have been saved me!'

When strapping up the bundle in which she carried a few articles of clothing, she took occasion to say to the servant, 'I take these in case I should not get back to-night from the person I am going to visit. Don't be alarmed if I am not in by ten, and close up the house as usual. I shall be at home to-morrow for certain.' She meant then to privately tell her husband: the deed accomplished was not like the deed projected. He would almost certainly forgive her.

And then the pretty palpitating Gertrude Lodge went from her husband's homestead; but though her goal was Casterbridge she did not take the direct route thither through Stickleford. Her cunning course at first was in precisely the opposite direction. As soon as she was out of sight, however, she turned to the left, by a road which led into Egdon, and on entering the heath wheeled round, and set out in the true course, due westerly. A more private way down the county could not be imagined; and as to direction, she had merely to keep her horse's head to a point a little to the right of the sun. She knew that she would light upon a furze-cutter or cottager of some sort from time to time, from whom she might correct her bearing.

Though the date was comparatively recent, Egdon was much less fragmentary in character than now. The attempts – successful and otherwise – at cultivation on the lower slopes, which intrude and break up the original heath into small detached heaths, had not been carried far; Enclosure Acts had not taken effect, and the banks and fences which now exclude the cattle of those villagers who formerly enjoyed rights of commonage thereon, and the carts of those who had turbary privileges which kept them in firing all the year round, were not erected. Gertrude, therefore, rode along with no other obstacles than the prickly furze bushes, the mats of heather, the white water-courses, and the natural steeps and declivities of the ground.

Her horse was sure, if heavy-footed and slow, and though a draught animal, was easy-paced; had it been otherwise, she was not a woman who could have ventured to ride over such a bit of country with a half-dead arm. It was therefore nearly eight o'clock when she drew rein to breathe the mare on the last outlying high point of heath-land towards Casterbridge, previous to leaving Egdon for the cultivated valleys.

She halted before a pool called Rushy-pond, flanked by the ends of two hedges; a railing ran through the centre of the pond, dividing it in half. Over the railing she saw the low green country; over the green trees the roofs of the town; over the roofs a white flat façade, denoting the entrance to the county jail. On the roof of this front specks were moving about; they seemed to be workmen erecting something. Her flesh crept. She descended slowly, and was soon amid corn-fields and pastures. In another half-hour, when it was almost dusk, Gertrude reached the White Hart, the first inn of the town on that side.

Little surprise was excited by her arrival; farmers' wives rode on horseback then more than they do now; though, for that matter, Mrs. Lodge was not imagined to be a wife at all; the innkeeper supposed her some harum-skarum young woman who had come to attend 'hang-fair' next day. Neither her husband nor herself ever dealt in Casterbridge market, so that she was unknown. While dismounting she beheld a crowd of boys standing at the door of a harness-maker's shop just above the inn, looking inside it with deep interest.

'What is going on there?' she asked of the ostler.

'Making the rope for to-morrow.'

She throbbed responsively, and contracted her arm.

''Tis sold by the inch afterwards,' the man continued. 'I could get you a bit, miss, for nothing, if you'd like?'

She hastily repudiated any such wish, all the more from a curious creeping feeling that the condemned wretch's destiny was becoming interwoven with her own; and having engaged a room for the night, sat down to think.

Up to this time she had formed but the vaguest notions about her means of obtaining access to the prison. The words of the cunning-man returned to her mind. He had implied that she should use her beauty, impaired though it was, as a pass-key. In her inexperience she knew little about jail functionaries; she had heard of a high-sheriff and an under-sheriff; but dimly

only. She knew, however, that there must be a hangman, and to the hangman she determined to apply.

VIII. A WATER-SIDE HERMIT

At this date, and for several years after, there was a hangman to almost every jail. Gertrude found, on inquiry, that the Casterbridge official dwelt in a lonely cottage by a deep slow river flowing under the cliff on which the prison buildings were situate – the stream being the self-same one, though she did not know it, which watered the Stickleford and Holmstoke meads lower down in its course.

Having changed her dress, and before she had eaten or drunk – for she could not take her ease till she had ascertained some particulars – Gertrude pursued her way by a path along the water-side to the cottage indicated. Passing thus the outskirts of the jail, she discerned on the level roof over the gateway three rectangular lines against the sky, where the specks had been moving in her distant view; she recognized what the erection was, and passed quickly on. Another hundred yards brought her to the executioner's house, which a boy pointed out It stood close to the same stream, and was hard by a weir, the waters of which emitted a steady roar.

While she stood hesitating the door opened, and an old man came forth shading a candle with one hand. Locking the door on the outside, he turned to a flight of wooden steps fixed against the end of the cottage, and began to ascend them, this being evidently the staircase to his bedroom. Gertrude hastened forward, but by the time she reached the foot of the ladder he was at the top. She called to him loudly enough to be heard above the roar of the weir; he looked down and said, 'What d'ye want here?'

'To speak to you a minute.'

The candle-light, such as it was, fell upon her imploring, pale, upturned face, and Davies (as the hangman was called) backed down the ladder. 'I was just going to bed,' he said; '"Early to bed and early to rise," but I don't mind stopping a minute for such a one as you. Come into house.' He reopened the door, and preceded her to the room within.

The implements of his daily work, which was that of a jobbing gardener, stood in a corner, and seeing probably that she looked rural, he said, 'If you want me to undertake country work I can't come, for I never leave Cas-

terbridge for gentle nor simple – not I. My real calling is officer of justice,' he added formally.

'Yes, yes! That's it. To-morrow!'

'Ah! I thought so. Well, what's the matter about that? 'Tis no use to come here about the knot – folks do come continually, but I tell 'em one knot is as merciful as another if ye keep it under the ear. Is the unfortunate man a relation; or, I should say, perhaps' (looking at her dress) 'a person who's been in your employ?'

'No. What time is the execution?'

'The same as usual – twelve o'clock, or as soon after as the London mail-coach gets in. We always wait for that, in case of a reprieve.'

'O – a reprieve – I hope not!' she said involuntarily,

'Well, – hee, hee! – as a matter of business, so do I! But still, if ever a young fellow deserved to be let off, this one does; only just turned eighteen, and only present by chance when the rick was fired. Howsomever, there's not much risk of it, as they are obliged to make an example of him, there having been so much destruction of property that way lately.'

'I mean,' she explained, 'that I want to touch him for a charm, a cure of an affliction, by the advice of a man who has proved the virtue of the remedy.'

'O yes, miss! Now I understand. I've had such people come in past years. But it didn't strike me that you looked of a sort to require blood-turning. What's the complaint? The wrong kind for this, I'll be bound.'

'My arm.' She reluctantly showed the withered skin.

'Ah – 'tis all a-scram!' said the hangman, examining it.

'Yes,' said she.

'Well,' he continued, with interest, 'that *is* the class o' subject, I'm bound to admit! I like the look of the place; it is truly as suitable for the cure as any I ever saw. 'Twas a knowing-man that sent 'ee, whoever he was.'

'You can contrive for me all that's necessary?' she said breathlessly.

'You should really have gone to the governor of the jail, and your doctor with 'ee, and given your name and address – that's how it used to be done, if I recollect. Still, perhaps, I can manage it for a trifling fee.'

'O, thank you! I would rather do it this way, as I should like it kept private.'

‘Lover not to know, eh?’

‘No – husband.’

‘Aha! Very well. I’ll get ee’ a touch of the corpse.’

‘Where is it now?’ she said, shuddering.

‘It? – *he*, you mean; he’s living yet. Just inside that little small winder up there in the glum.’ He signified the jail on the cliff above.

She thought of her husband and her friends. ‘Yes, of course,’ she said; ‘and how am I to proceed?’

He took her to the door. ‘Now, do you be waiting at the little wicket in the wall, that you’ll find up there in the lane, not later than one o’clock. I will open it from the inside, as I shan’t come home to dinner till he’s cut down. Good-night. Be punctual; and if you don’t want anybody to know ‘ee, wear a veil. Ah – once I had such a daughter as you!’

She went away, and climbed the path above, to assure herself that she would be able to find the wicket next day. Its outline was soon visible to her – a narrow opening in the outer wall of the prison precincts. The steep was so great that, having reached the wicket, she stopped a moment to breathe; and, looking back upon the water-side cot, saw the hangman again ascending his outdoor staircase. He entered the loft or chamber to which it led, and in a few minutes extinguished his light.

The town clock struck ten, and she returned to the White Hart as she had come.

IX. A RENCOUNTER

It was one o’clock on Saturday. Gertrude Lodge, having been admitted to the jail as above described, was sitting in a waiting-room within the second gate, which stood under a classic archway of ashlar, then comparatively modern, and bearing the inscription, ‘COVNTY JAIL: 1793.’ This had been the façade she saw from the heath the day before. Near at hand was a passage to the roof on which the gallows stood.

The town was thronged, and the market suspended; but Gertrude had seen scarcely a soul. Having kept her room till the hour of the appointment, she had proceeded to the spot by a way which avoided the open space below the cliff where the spectators had gathered; but she could, even now, hear the multitudinous babble of their voices, out of which rose at intervals the

hoarse croak of a single voice uttering the words, 'Last dying speech and confession!' There had been no reprieve, and the execution was over; but the crowd still waited to see the body taken down.

Soon the persistent girl heard a trampling overhead, then a hand beckoned to her, and, following directions, she went out and crossed the inner paved court beyond the gatehouse, her knees trembling so that she could scarcely walk. One of her arms was out of its sleeve, and only covered by her shawl.

On the spot at which she had now arrived were two trestles, and before she could think of their purpose she heard heavy feet descending stairs somewhere at her back. Turn her head she would not, or could not, and, rigid in this position, she was conscious of a rough coffin passing her shoulder, borne by four men. It was open, and in it lay the body of a young man, wearing the smockfrock of a rustic, and fustian breeches. The corpse had been thrown into the coffin so hastily that the skirt of the smockfrock was hanging over. The burden was temporarily deposited on the trestles.

By this time the young woman's state was such that a gray mist seemed to float before her eyes, on account of which, and the veil she wore, she could scarcely discern anything: it was as though she had nearly died, but was held up by a sort of galvanism.

'Now!' said a voice close at hand, and she was just conscious that the word had been addressed to her.

By a last strenuous effort she advanced, at the same time hearing persons approaching behind her. She bared her poor curst arm; and Davies, uncovering the face of the corpse, took Gertrude's hand, and held it so that her arm lay across the dead man's neck, upon a line the colour of an unripe blackberry, which surrounded it.

Gertrude shrieked: 'the turn o' the blood,' predicted by the conjuror, had taken place. But at that moment a second shriek rent the air of the enclosure: it was not Gertrude's, and its effect upon her was to make her start round.

Immediately behind her stood Rhoda Brook, her face drawn, and her eyes red with weeping. Behind Rhoda stood Gertrude's own husband; his countenance lined, his eyes dim, but without a tear.

'D-n you! what are you doing here?' he said hoarsely.

'Hussy – to come between us and our child now!' cried Rhoda. 'This is the meaning of what Satan showed me in the vision! You are like her at last!' And clutching the bare arm of the younger woman, she pulled her

unresistingly back against the wall. Immediately Brook had loosened her hold the fragile young Gertrude slid down against the feet of her husband. When he lifted her up she was unconscious.

The mere sight of the twain had been enough to suggest to her that the dead young man was Rhoda's son. At that time the relatives of an executed convict had the privilege of claiming the body for burial, if they chose to do so; and it was for this purpose that Lodge was awaiting the inquest with Rhoda. He had been summoned by her as soon as the young man was taken in the crime, and at different times since; and he had attended in court during the trial. This was the 'holiday' he had been indulging in of late. The two wretched parents had wished to avoid exposure; and hence had come themselves for the body, a waggon and sheet for its conveyance and covering being in waiting outside.

Gertrude's case was so serious that it was deemed advisable to call to her the surgeon who was at hand. She was taken out of the jail into the town; but she never reached home alive. Her delicate vitality, sapped perhaps by the paralyzed arm, collapsed under the double shock that followed the severe strain, physical and mental, to which she had subjected herself during the previous twenty-four hours. Her blood had been 'turned' indeed – too far. Her death took place in the town three days after.

Her husband was never seen in Casterbridge again; once only in the old market-place at Anglebury, which he had so much frequented, and very seldom in public anywhere. Burdened at first with moodiness and remorse, he eventually changed for the better, and appeared as a chastened and thoughtful man. Soon after attending the funeral of his poor young wife he took steps towards giving up the farms in Holmstoke and the adjoining parish, and, having sold every head of his stock, he went away to Port-Bredy, at the other end of the county, living there in solitary lodgings till his death two years later of a painless decline. It was then found that he had bequeathed the whole of his not inconsiderable property to a reformatory for boys, subject to the payment of a small annuity to Rhoda Brook, if she could be found to claim it.

For some time she could not be found; but eventually she reappeared in her old parish, – absolutely refusing, however, to have anything to do with the provision made for her. Her monotonous milking at the dairy was resumed, and followed for many long years, till her form became bent, and her once abundant dark hair white and worn away at the forehead – perhaps by long pressure against the cows. Here, sometimes, those who knew her

experiences would stand and observe her, and wonder what sombre thoughts were beating inside that impassive, wrinkled brow, to the rhythm of the alternating milk-streams.

(‘*Blackwood’s Magazine*,’ *January* 1888.)

O BRAÇO MIRRADO

*"Sobre a superfície arredondada e rosada do braço,
havia marcas tênues de uma cor doentia."*

THOMAS HARDY

I. UMA ORDENHADORA ABANDONADA

Era um curral de oitenta vacas, e a tropa de ordenhadores, regulares e temporários, estava toda a trabalhar; pois, apesar de a época do ano ser ainda apenas o início de abril, a forragem achava-se toda nas várzeas, e as vacas estavam "enchendo o balde". A hora era mais ou menos seis da tarde e, após terminarem com três quartos dos animais grandes, vermelhos e retangulares, houve a oportunidade para um pouco de conversa.

– Ouvir dizer que ele tá mesmo trazendo a noiva amanhã. Hoje já chegaram em Anglebury.

A voz parecia proceder do ventre da vaca conhecida como Cherry, mas quem falava era uma das ordenhadoras, cuja face enterrava-se no flanco do animal inerte.

– Alguém já viu ela? – disse a outra.

A primeira respondeu negativamente.

– Mas dizem que ela é uma tampinha roliça de bochechas rosadas – continuou; e enquanto falava, virou o rosto de forma a poder olhar por trás do rabo de sua vaca, para o outro lado do curral, onde uma mulher magra, retraída, de trinta anos, ordenhava um pouco à parte das outras.

– Muito mais jovem que ele, dizem – continuou a segunda, também olhando pensativa na mesma direção.

– Quantos anos você dá pra ele, então?

– Trinta e poucos.

– Mais pra quarenta – interrompeu um velho ordenhador, que estava ali perto, usando um longo e branco avental ou mandil, e com a borda do chapéu amarrada para baixo, de forma que parecia uma mulher. – Nasci antes deles construir nossa Grande Represa, e meu salário ainda era de menino quando tirava água de lá.

A discussão tornou-se tão acalorada que o barulho do jato de leite ficou irregular, até que uma voz, vindo do ventre de outra vaca, exclamou com autoridade:

– Ora... Que diabo importa a idade do fazendeiro Lodge ou da nova mulher dele? Vou ter que pagar nove libras por ano pra ele pelo aluguel de cada uma dessas vaca leiteira, tanto faz a idade dele ou dela. Continuem com o trabalho, senão vai anoitecer antes de nós terminar. A tarde já tá avermelhando –. Quem falava era o ordenhador, chefe do curral, que empregava as ordenhadoras e os ordenhadores.

Nada mais foi dito publicamente sobre o casamento do fazendeiro Lodge, mas a primeira mulher murmurou por baixo de sua vaca para a vizinha ao lado:

– É difícil pra *ela* –, indicando a ordenhadora magra e abatida já mencionada.

– Ah, não – disse a segunda. – Faz tempo que ele não fala com a Rhoda Brook.

Quando a ordenha terminou, lavaram os baldes e os penduraram em um cabide cheio de ganchos feito, como de costume, de tronco descascado de carvalho, fincado verticalmente na terra, lembrando um chifre esgalhado colossal. A maioria então se dispersou em várias direções às suas casas. À mulher magra que permanecera muda, juntou-se um menino de uns doze anos, e a dupla foi embora também subindo o campo.

Seu caminho seguia à parte dos outros, rumo a uma edícula isolada bem acima das várzeas, e não muito longe da divisa do prado de Egdon, cuja fisionomia escura era visível a distância, enquanto se aproximavam de casa.

– Tavam falando lá no curral que seu pai vai trazer amanhã de Anglebury a jovem esposa pra casa – a mulher observou. – Vou querer que você vá no mercado ver umas coisas, e é bem certo que vai encontrar eles.

– Tá bem, mãe – disse o garoto. – O pai tá casado, então?

– Está... Você pode dar uma olhada nela e me contar como ela é, se cruzar com ela.

– Tá bem, mãe.

– Se ela é morena ou loira, e se é alta – tão alta quanto eu. E se ela parece que já precisou trabalhar pra se sustentar, ou se é do tipo que sempre foi bem de vida, e nunca fez nada, e tem jeito de senhora, como imagino.

– Tá bem.

Caminharam lentamente morro acima no crepúsculo e entraram na choça. Era feita de paredes de barro, cuja superfície fora escavada por muitas chuvas, formando sulcos e depressões que destruíram toda a face plana original; enquanto aqui e ali no telhado de colmo, um caibro se mostrava como um osso projetado através da pele.

Ela se ajoelhou ao lado da chaminé, em frente a dois pedaços de turfa dispostos juntos, com a urze para dentro, e assoprava as brasas com seu bafo até que as turfas flamejaram. A radiação iluminou sua face pálida e fez com que seus olhos escuros, outrora belos, parecessem belos novamente.

– Sim – ela continuou –, veja se ela é morena ou loira; e se puder, repare se as mãos dela são brancas; se não, veja se elas parecem com as de alguém que já fez trabalho de casa, ou se são mãos de ordenhadora como as minha.

O garoto de novo prometeu, sem prestar atenção desta vez, enquanto sua mãe não percebia que ele fazia um corte com o canivete na cadeira com encosto de faia.

II. A JOVEM ESPOSA

A estrada de Anglebury a Holmstoke é, em geral, plana; mas há um lugar onde uma subida íngreme quebra a monotonia. Fazendeiros saindo da antiga cidade do mercado rumo às suas casas trotam por todo o resto do caminho, mas desmontam e puxam os cavalos por essa pequena ladeira.

Na tarde seguinte, enquanto o sol ainda brilhava, um cabriolé lindo e novo, pintado de cor de limão e com rodas vermelhas, deslizava rapidamente a oeste pela estrada plana logo atrás dos talões de uma égua poderosa. O condutor era um pequeno proprietário de terras no auge da vida, a barba bem feita como a de um ator, o rosto corado naquele tom vermelho azulado que, com frequência, embeleza as feições de um fazendeiro próspero quando retorna para casa depois de um bom negócio na cidade. Ao lado dele, vinha uma mulher, muitos anos mais jovem – quase, de fato, uma garota. Seu rosto também era de uma cor viva, mas de uma qualidade totalmente diferente – suave e evanescente, como a luz embaixo de um punhado de pétalas de rosa.

Poucas pessoas viajavam por este caminho, já que não era uma estrada principal; e a longa faixa branca de cascalho que se estendia à frente deles estava deserta, com exceção de um pequeno ponto que mal se movia, o qual, em breve, se transformou na figura de um garoto, que caminhava a passo de lesma e que olhava continuamente para trás – ele carregava uma pesada trouxa que era a desculpa, senão a razão, para sua vagarosidade. Quando o cabriolé alegre e ligeiro retardou ao pé da ladeira acima mencionada, o pedestre estava a apenas alguns metros à frente. Sustentando a grande trouxa com uma mão no quadril, se virou e olhou direto para a esposa do fazendeiro como se quisesse vê-la por dentro, caminhando lado a lado ao cavalo.

O sol poente batia em cheio no rosto dela, tornando cada traço, sombra e contorno distintos, desde a curva da pequena narina à cor dos olhos. O fazendeiro, embora parecesse perturbado com a presença persistente do garoto, não mandou que ele saísse do caminho; e assim o rapaz os precedia, com o olhar fixo, nunca a deixando, até que eles alcançaram o topo da subida, momento em que o fazendeiro voltou a trotar com uma expressão de alívio, não demonstrando dar mais atenção ao garoto.

– Como aquele pobre rapaz me encarava! – disse a jovem esposa.

– Sim, querida, eu bem que vi.

– Deve ser da vila, não é?

– Da vizinhança. Acho que vive com a mãe a uma milha ou duas.

– Sabe quem somos, não sabe?

– Ah, claro. É provável que fiquem encarando você agora no início, minha linda Gertrude.

– Eu sei... se bem que acho que o pobre garoto pode ter olhado para nós com a esperança de que o aliviássemos de sua carga pesada, e não por curiosidade.

– Que nada – respondeu o marido prontamente. – Esses rapazes do interior conseguem carregar bastante carga depois que a colocam nas costas; além disso, o embrulho tinha mais tamanho do que peso. Então, mais uma milha e serei capaz de mostrar nossa casa a distância... se não estiver muito escuro antes de chegarmos lá –. As rodas giravam e as partículas de poeira voavam de suas periferias como antes, até que uma casa branca de dimensões amplas se revelou, com as dependências e as medas por trás.

Enquanto isso, o garoto apressou o passo e, virando em uma viela transversal a uma milha e meia antes da casa branca da fazenda, subiu rumo às pastagens mais pobres, e em seguida para a choça de sua mãe.

Ela chegara a casa depois de um dia de ordenha no longínquo curral e estava lavando repolho na entrada, à luz que se extinguia.

– Segure a rede um momento – disse, sem preâmbulos, enquanto o garoto se aproximava.

Ele jogou a trouxa no chão, segurou a extremidade da rede do repolho, e enquanto ela preenchia as malhas com as folhas que pingavam, prosseguiu:

– Então, você viu ela?

– Vi, direitinho.

– Tem jeito de senhora?

– Tem; bastante. Uma senhora perfeita.

– É jovem?

– Bem, já é grandinha, e os modo dela é mesmo de mulher.

– Claro. Que cor é o cabelo e o rosto?

– O cabelo é mais pra loiro, e o rosto é tão gracioso que parece uma boneca viva.

– Quer dizer então que os olhos não são escuros como os meus?

– Não... são mais pra azul; e a boca é bem bonita e vermelha; e quando ela sorri, aparecem os dentes brancos.

– É alta? – disse a mulher rispidamente.

– Não deu pra ver. Ela estava sentada.

– Então vá até a Igreja de Holmstoke amanhã de manhã... É certo que ela vai estar lá. Vá cedo e repare nela entrando, e volte pra casa e me conte se é mais alta que eu.

– Tudo bem, mãe. Mas por que você não vai e vê por si mesma?

– *Eu*? Ver ela! Não olhava pra essa mulher nem se ela passasse pela minha janela neste minuto. Ela estava com o Sr. Lodge, é claro. Ele fez ou disse alguma coisa?

– Só o mesmo de sempre.

– Notou você?

– Não.

No dia seguinte, a mãe vestiu uma camisa limpa no garoto e o pôs a caminho da Igreja de Holmstoke. Ele alcançou o edifício antigo e pequeno quando a porta havia acabado de ser aberta, sendo o primeiro a entrar. Tomando um assento na frente, assistiu a todos os paroquianos entrarem um

após o outro. O próspero fazendeiro chegou quase ao final; e a jovem esposa, que o acompanhava, caminhou pela nave com a timidez natural a uma mulher recatada que então aparecia pela primeira vez. Como todos os olhares se voltavam para ela, o do jovem não era percebido agora.

Quando chegou a casa, sua mãe disse: "Então?", antes que ele entrasse.

– Ela não é alta. É até bem baixa – respondeu.

– Ah! – disse a mãe, satisfeita.

– Mas ela é muito, muito bonita. Na verdade, é encantadora –. O frescor jovial da esposa do pequeno proprietário havia evidentemente impressionado até mesmo a natureza um pouco dura do garoto.

– Já tá bom – respondeu a mãe, rapidamente. – Agora ponha a toalha na mesa. A lebre que você caçou tá muito macia; mas fique atento pra ninguém pegar você. Não chegou a me contar como são as mãos dela.

– Eu nunca vi elas. Nunca tirou as luvas.

– Como ela tava vestida hoje?

– Um chapéu branco e um vestido prateado. Ele farfalhava e assobiava tão alto quando encostava nos bancos da igreja, que a moça corou mais do que nunca com muita vergonha do barulho, e puxava ele pra junto dela pra evitar que encostasse; mas quando ela se sentou, ele farfalhou mais do que nunca. O Sr. Lodge, ele parecia satisfeito, com o colete posto pra fora, e com grandes berloques de ouro pendurados como se fosse um *lord*; mas ela parecia preferir que o vestido barulhento estivesse em qualquer lugar, menos nela.

– Ela? Nunca! Mas isso basta por ora.

Essas descrições dos recém-casados eram retomadas de tempos em tempos pelo garoto a pedido da mãe após qualquer encontro ao acaso que ele travasse com os dois. Mas Rhoda Brook, embora pudesse facilmente ter visto com os próprios olhos a jovem Sra. Lodge se caminhasse algumas milhas, nunca se atreveu a uma excursão pelos arredores onde ficava a casa da fazenda. Tampouco ela, na ordenha diária no curral da distante segunda fazenda de Lodge, jamais falou sobre o assunto do casamento recente. O dono do curral, que alugava as vacas de Lodge e sabia perfeitamente a história da ordenhadora alta, sempre evitava, com uma gentileza masculina, que o mexerico no curral das vacas incomodasse Rhoda. Mas o clima por lá estava impregnado com o assunto durante os primeiros dias da chegada da Sra. Lodge; e a partir da descrição de seu garoto e das palavras casuais das outras ordenhadoras, Rhoda Brook pôde criar uma imagem mental da inocente Sra. Lodge que era tão realista quanto uma fotografia.

III. UMA VISÃO

Uma noite, duas ou três semanas após o retorno da noiva, quando o garoto já estava deitado, Rhoda passou um bom tempo sentada perto das brasas de turfa que havia espalhado à sua frente para apagá-las. Ficou a contemplar tão concentradamente a nova esposa, tal como se apresentava à sua imaginação no borralho, que se esqueceu do tempo. Por fim, exausta com o dia de trabalho, também foi descansar.

Mas a figura que tanto a havia ocupado durante este dia e os anteriores não seria banida à noite. Pela primeira vez, Gertrude Lodge apareceu nos sonhos da mulher cujo lugar havia usurpado. Rhoda Brook sonhou – já que a asserção do que ela de fato viu, antes de cair no sono, não era digna de crédito – que a jovem esposa, com o vestido de seda claro e o chapéu branco, mas com as feições chocantemente distorcidas, e enrugadas como pela idade, estava sentada sobre o seu peito enquanto estava deitada. A pressão do corpo da Sra. Lodge tornou-se mais pesada; os olhos azuis perscrutavam cruelmente sua face; e então, a figura estendeu a mão para frente, como se zombasse dela, para que a aliança que usava brilhasse mais diante dos olhos de Rhoda. Com a mente enlouquecida, e quase sufocada pela pressão, a mulher adormecida debatia-se; o íncubo, ainda a observando, retirou-se para o pé da cama, mas apenas para voltar a se aproximar aos poucos, instalar-se no mesmo lugar e ostentar a mão esquerda como antes.

Arfando, Rhoda, em um último esforço desesperado, moveu a mão direita, agarrou o espectro confrontador pelo braço esquerdo protraído, e girou-o para o lado contrário em direção ao chão, levantando-se de súbito enquanto soltava um grito abafado.

– Deus misericordioso! – Rhoda exclamou, sentando-se na beirada da cama e suando frio. – Não foi um sonho... ela estava aqui!

Sentia o braço da antagonista ao seu alcance mesmo agora – de carne e osso, ao que parecia. Olhou o chão para onde havia lançado o espectro, mas não havia nada para se ver lá.

Rhoda Brook não dormiu mais naquela noite, e quando foi para a ordenha na madrugada seguinte, os outros notaram como estava pálida e abatida. O leite que tirou tremulava no balde; a mão até agora não havia acalmado e ainda retinha a sensação do braço. Voltou a casa para o café da manhã tão fatigada quanto se fosse a hora do jantar.

– Mãe, que barulho foi aquele no seu quarto ontem à noite? – perguntou o filho. – A senhora caiu da cama, foi isso?

– Ouviu alguma coisa cair? Que horas?

– Logo que o relógio bateu as duas.

Ela não pôde explicar e, quando a refeição acabou, ocupou-se silenciosamente dos serviços de casa, com o garoto a ajudando, pois ele odiava ir para as granjas, e ela era tolerante com a relutância dele. Entre as onze e as doze, o portão do jardim rangeu e ela levantou os olhos para a janela. Na entrada do jardim, do lado de dentro do portão, estava a mulher que surgira em sua visão. O rosto de Rhoda petrificou-se.

– Ah, ela disse que ia vir! – exclamou o garoto, também observando a mulher.

– Disse isso? Quando? Como ela conhece a gente?

– Eu encontrei ela e a gente conversou. Foi ontem.

– Eu mandei você – disse a mãe, corando de indignação – nunca falar com ninguém daquela casa nem passar perto de lá.

– Só falei com ela quando ela falou comigo. E não passei perto de lá. Encontrei ela na estrada.

– O que você falou pra ela?

– Nada. Ela disse: "É você o pobre garoto que teve que carregar aquela carga pesada desde o mercado?". E ela olhou para as minhas botas e disse que, se molhassem, elas não manteriam meus pés secos porque estavam muito rachadas. Eu disse pra ela que vivia com a minha mãe e que a gente tinha o suficiente para nos mantermos, e isso foi tudo; e ela disse então: "Vou lá levar umas botas melhores para você e ver sua mãe". Ela dá coisas para outras pessoas nos vales além da gente.

A Sra. Lodge já estava neste momento perto da porta, não com o traje de seda, tal como Rhoda a havia imaginado em seu quarto de dormir, mas com um chapéu de uso diurno e um vestido feito de um tecido comum e leve, o qual lhe caía melhor do que a seda. No braço, carregava uma cesta.

A impressão remanescente da experiência noturna ainda era forte. Rhoda Brook quase esperava ver as rugas, o desdém e a crueldade no rosto de sua visita. Teria escapado do encontro, se escapar fosse possível. Não havia, entretanto, porta dos fundos na choça e, em um instante, o garoto levantou o trinco quando a Sra. Lodge bateu de leve à porta.

– Vejo que vim para a casa certa – disse ela, olhando para o rapaz e sorrindo. – Mas só tive certeza quando você abriu a porta.

A figura e os movimentos eram aqueles do fantasma; mas a voz era tão indescritivelmente doce, o olhar tão cativante, o sorriso tão tenro, tudo tão diferente de sua visitante noturna, que Rhoda quase não acreditava nas evidências apresentadas por seus sentidos. Ficou bem feliz por não ter se escondido por causa de uma mera aversão, como estivera inclinada a fazer. Na cesta, a Sra. Lodge trazia o par de botas que havia prometido ao garoto e outros artigos úteis.

A essas provas de sentimentos bondosos para com ela e o seu filho, o coração de Rhoda reprovou a si amargamente. Essa criatura jovem e inocente deveria receber sua bênção e não uma maldição. Quando a Sra. Lodge os deixou, uma luz pareceu abandonar a moradia. Após dois dias, ela veio de novo ver se as botas tinham servido; e menos de uma quinzena depois fez outra visita à Rhoda. Nesta ocasião, o garoto estava ausente.

– Eu ando um bocado – disse a Sra. Lodge – e sua casa é a mais próxima de nossa paróquia. Espero que esteja bem. A senhora não parece muito bem.

Rhoda respondeu que estava bem; e, de fato, embora fosse a mais pálida de ambas, havia mais de força que perdura em suas feições bem definidas e em sua grande estatura do que na jovem de rosto delicado diante dela. A conversa se tornou bastante confidencial quanto às forças e fraquezas das duas mulheres; e quando a Sra. Lodge estava saindo, Rhoda disse:

– Espero que os ares daqui lhe façam bem, e que a senhora não sofra com a umidade dos vales.

A mais jovem respondeu que não havia motivo para se preocupar com sua saúde, que era geralmente boa. E continuou:

– Mas, agora que a senhora tocou no assunto, tenho um pequeno achaque que me intriga. Não é nada sério, mas não consigo entender.

Ela descobriu a mão e o braço esquerdos; e a aparência deles confrontou o olhar pasmo de Rhoda como o original idêntico do membro que havia visto e agarrado em seu sonho. Sobre a superfície arredondada e rosada do braço, havia marcas tênues de uma cor doentia, como se produzidas por um aperto bruto. Os olhos de Rhoda se cravaram nas descolorações; imaginou que discernia nelas o formato de seus próprios quatro dedos.

– Como aconteceu? – perguntou de maneira mecânica.

– Não sei dizer – respondeu a Sra. Lodge, balançando a cabeça. – Uma noite, quando dormia profundamente, sonhando que estava viajando por algum lugar estranho, uma dor de repente atravessou o meu braço bem ali e foi tão aguda que me acordou. Creio que devo ter batido o braço durante o

dia, embora não me lembre de tê-lo feito –. E continuou, rindo: – Disse ao meu querido esposo que é exatamente como se ele tivesse ficado com raiva e me agarrado aí. Ah, não duvido que logo desaparecerá.

– Ha, ha! Claro... Em que noite foi isso?

A Sra. Lodge pensou e disse que faria uma quinzena no dia seguinte.

– Quando acordei, não conseguia lembrar onde estava – continuou – até que o relógio batendo as duas horas me lembrou.

Ela mencionara a noite e a hora do encontro espectral de Rhoda, e Brook se sentiu culpada. A revelação sincera a sobressaltou; não raciocinou sobre a monstruosidade da coincidência; e todo o cenário daquela noite horrenda retornou com vivacidade duplicada à sua mente.

– Ah, será que pode ser – disse a si própria, quando a visita partiu – que exerço um poder maligno sobre as pessoas contra a minha própria vontade? –. Rhoda sabia que havia sido chamada de bruxa, às escondidas, desde sua desonra; mas como nunca compreendeu porque aquele estigma particular lhe fora vinculado, desconsiderava-o. Poderia essa ser a explicação, e será que coisas como essa já haviam acontecido antes?

IV. UMA SUGESTÃO

O verão avançava, e Rhoda Brook quase temia encontrar a Sra. Lodge novamente, embora seu sentimento pela jovem esposa se aproximasse da afeição. Qualquer coisa em seu íntimo parecia condená-la por um crime. No entanto, às vezes, uma fatalidade direcionava seus passos às cercanias de Holmstoke sempre que saía de casa por qualquer propósito, além do trabalho diário; e assim aconteceu que o encontro seguinte foi ao ar livre. Rhoda não conseguiu evitar o assunto que tanto a aturdia e, depois das primeiras palavras, balbuciou:

– Espero que... o braço da senhora já esteja bom outra vez –. Percebera, consternada, que Gertrude Lodge carregava o braço esquerdo rigidamente.

– Não, não está muito bom. Na verdade, não está nada melhor; até piorou. Às vezes, sinto uma dor terrível.

– Talvez fosse melhor a senhora ir ao médico.

Gertrude respondeu que já havia ido. O marido insistira que fosse consultá-lo. Mas o doutor não pareceu entender de maneira alguma o braço ado-

entado; aconselhou-a a banhá-lo em água quente e assim o fez, mas o tratamento não trouxe nenhuma melhora.

– Posso ver? – disse a ordenhadora.

A Sra. Lodge arregaçou a manga e descobriu o lugar, que ficava algumas polegadas acima do pulso. Assim que Rhoda viu o braço, mal conseguiu manter a calma. Não havia nada da natureza de uma ferida, mas o braço, àquele ponto, tinha uma aparência murcha, e o contorno dos quatro dedos estava mais nítido do que na vez anterior. Além disso, imaginou que eles marcavam precisamente a posição em que sua mão agarrou o braço no transe; o indicador próximo ao pulso de Gertrude e o dedo mínimo perto do cotovelo.

A semelhança da marca parecia ter impressionado a própria Gertrude depois do último encontro das duas:

– Quase lembram marcas de dedos – disse ela; e acrescentou com uma leve risada: – Meu marido diz que é como se uma bruxa, ou o diabo em pessoa, houvesse me segurado ali e fulminado a pele.

Rhoda estremeceu.

– Que bobagem! – disse logo. – Não me importaria com isso, se fosse a senhora.

– Não me importaria tanto – disse a mais jovem, com hesitação – se... se não suspeitasse que isso faz o meu marido... desgostar de mim... não, me amar menos. Os homens dão tanta importância para a aparência física.

– Alguns dão... ele é um exemplo.

– É verdade; e ele tinha muito orgulho de mim, no começo.

– Fique com o braço coberto pra ele não ver.

– Ah, ele sabe que a desfiguração está ali! – Gertrude tentou esconder as lágrimas que enchiam seus olhos.

– Bem, senhora, espero sinceramente que isso passe logo.

E assim, enquanto voltava para casa, os pensamentos da ordenhadora foram atrelados mais uma vez ao assunto por uma espécie terrível de feitiço. Mesmo que fingisse ridicularizar sua superstição, o sentimento de culpa por um ato maligno aumentou. Em seu íntimo, Rhoda não era de todo contrária a uma leve diminuição da beleza de sua sucessora, fosse qual fosse sua causa; mas não desejava infligir dor física nela. Pois, embora essa linda jovem houvesse impossibilitado qualquer reparação que Lodge pudesse fazer a Rhoda

por sua conduta no passado, a mulher mais velha não guardava qualquer ressentimento por aquela usurpação involuntária.

Se a doce e gentil Gertrude Lodge ao menos soubesse da cena no quarto, o que iria pensar? Não informá-la do acontecido parecia pérfido em face de sua conduta amistosa; mas ela não conseguiria contar por sua livre e espontânea vontade – tampouco era capaz de conceber outra solução.

Refletiu sobre o problema durante a maior parte da noite; e no dia seguinte, depois da ordenha matinal, resolveu tentar obter outro relance de Gertrude Lodge, caso fosse possível, estando presa a ela por uma terrível fascinação. Observando a casa a distância, Brook logo divisou a esposa do fazendeiro em um passeio a cavalo que fazia sozinha – provavelmente para se juntar ao marido em algum campo distante. A Sra. Lodge a avistou e andou a meio galope em sua direção.

– Bom dia, Rhoda! – Gertrude disse quando chegou perto. – Ia fazer-lhe uma visita.

Rhoda notou que a Sra. Lodge segurava as rédeas com alguma dificuldade.

– Espero que... o braço ruim – Rhoda disse.

– Me falaram que há talvez uma maneira pela qual eu consiga descobrir a causa, e então, quem sabe, a cura – respondeu a outra, ansiosa. – Devo procurar um sábio em Egdon Heath. Não souberam dizer se ele ainda está vivo... e não lembro o nome dele neste momento; mas falaram que você sabia mais das atividades dele do que qualquer outra pessoa por aqui e que poderia me dizer se ele ainda dá consultas. Meu Deus... qual era o nome dele? Mas você deve saber.

– Não é o feiticeiro Trendle? – perguntou sua companheira magra, tornando-se pálida.

– Trendle... sim. Ele está vivo?

– Acredito que sim – disse Rhoda, com relutância.

– Por que você o chama de feiticeiro?

– Bem... dizem... diziam que ele era um... que ele tinha poderes que outras pessoas não têm.

– Ah, não é possível que meus empregados sejam tão supersticiosos a ponto de recomendarem um homem assim! Pensei que se referiam a algum tipo de médico. Não quero mais saber dele.

Rhoda sentiu-se aliviada e a Sra. Lodge retomou o passeio a cavalo. A ordenhadora intuiu, a partir do momento em que havia ouvido a outra men-

cioná-la como uma referência para esse homem, que por certo havia entre os trabalhadores uma suspeita sarcástica de que uma feiticeira saberia do paradeiro do exorcista. Ora, então desconfiavam dela. Pouco tempo atrás, isso não preocuparia uma mulher sensata como Rhoda. Mas agora tinha um motivo obsessivo para ser supersticiosa; e fora dominada por um temor repentino de que esse feiticeiro Trendle fosse capaz de nomeá-la como a influência maligna que estava fulminando a bela Gertrude, e então levar a amiga a odiá-la para sempre e a tratá-la como um demônio em forma humana.

Mas nem tudo havia terminado. Dois dias depois, uma sombra apareceu de repente no desenho da janela projetado no chão de Rhoda Brook pelo sol da tarde. A mulher abriu a porta de uma vez, quase sem fôlego.

– Você está sozinha? – Gertrude perguntou. Ela parecia estar não menos atormentada e ansiosa do que a própria Brook.

– Estou – disse Rhoda.

– A marca no meu braço parece estar pior e me preocupa! –. A jovem esposa do fazendeiro continuou: – É tão misteriosa! Espero mesmo que não seja uma ferida incurável. Andei pensando outra vez no que disseram sobre o feiticeiro Trendle. Não que eu acredite nesses homens, mas não seria nada demais fazer apenas uma visita a ele, só por curiosidade... embora, de modo algum, meu marido deva saber. É longe onde ele mora?

– É... cinco milhas – disse Rhoda, hesitante. – No centro de Egdon.

– Bem, terei que ir andando. Não poderia ir comigo para me mostrar o caminho... talvez amanhã à tarde?

– Ah, não posso; quer dizer... – a ordenhadora murmurou, com um sobressalto de desânimo. De novo foi dominada pelo temor de que algo a ver com sua atitude feroz no sonho pudesse ser revelado e de que ela caísse em desgraça com a amiga mais prestativa que já tivera.

A Sra. Lodge insistiu e Rhoda finalmente concordou, embora com muito receio. Por mais triste que aquela viagem fosse para ela, Rhoda não podia impedir conscientemente que sua protetora procurasse uma cura para o estranho mal que a afligia. Concordaram que, para escapar às suspeitas de que a viagem tinha um propósito místico, se encontrariam ao início do prado, no canto de uma plantação que era visível do lugar onde estavam agora.

V. O FEITICEIRO TRENDLE

Na tarde seguinte, Rhoda teria feito qualquer coisa para escapar a essa viagem inquisitiva. Mas prometera ir. Além disso, sentia de vez em quando uma horrível fascinação por ser útil em um possível esclarecimento sobre sua própria índole, que talvez viesse a revelar que ela era algo maior no mundo oculto do que jamais suspeitara.

Saiu um pouco antes do horário combinado, e após meia hora de caminhada ligeira, chegou à parte sudeste da área rural de Egdon, onde estava a plantação de abetos. Uma figura delicada, coberta com uma capa e um véu, já estava lá. Rhoda percebeu, quase estremecendo, que a Sra. Lodge apoiava o braço esquerdo em uma tipoia.

Elas mal se falaram e imediatamente começaram a subida rumo ao interior desta região solene, acima do rico solo aluvial que haviam deixado meia hora antes. Era uma caminhada longa; nuvens espessas escureciam o dia, embora ainda fosse apenas o início da tarde; e o vento uivava lugubremente sobre os morros do prado – provavelmente o mesmo prado que testemunhou a agonia do Rei Ina de Wessex, conhecido pelas gerações posteriores como Lear. Gertrude Lodge era a que falava mais, enquanto Rhoda, preocupada, respondia com monossílabos. Sentia uma estranha aversão a caminhar ao lado do braço adoentado de sua companheira, e movia-se para o outro quando, por descuido, se aproximava do membro. As duas mulheres já haviam pisado muita urze quando desceram por uma trilha de carroça que levava à casa do homem que procuravam.

Ele não praticava abertamente suas atividades medicinais e nem se importava muito com a continuidade delas, pois se interessava mais por seu trabalho como negociante de tojo, turfa, areia para construção e outros produtos locais. De fato, fingia não acreditar muito nos próprios poderes, e quando as verrugas que lhe haviam sido mostradas para serem curadas desapareciam milagrosamente – fato que, é preciso admitir, acontecia infalivelmente – dizia com indiferença: “Ah, só bebi um copo de grogue pelas verrugas às custas de vocês... talvez seja apenas coincidência”, e imediatamente mudava de assunto.

Estava em casa quando elas chegaram, havendo, na verdade, as avistado descer rumo ao seu vale. Era um homem de barbas grisalhas, com a face rosada, e olhou com estranheza para Rhoda assim que a viu. A Sra. Lodge lhe contou seu propósito e, então, com palavras de autodepreciação, ele examinou o braço.

– A medicina não pode curá-lo – disse prontamente. – Isso é obra de um inimigo.

Rhoda se encolheu e se afastou.

– Um inimigo? Que inimigo? – perguntou a Sra. Lodge.

O homem balançou a cabeça.

– Isso a senhora sabe melhor do que ninguém – ele disse. – Se quiser, posso mostrar a pessoa para a senhora, se bem que eu mesmo não vou saber quem é. Não tem mais nada que eu possa fazer, e nem isso gostaria de fazer.

Ela o pressionou; e assim ele mandou Rhoda esperar do lado de fora e levou a Sra. Lodge à sala. A porta abria imediatamente para o cômodo; e, como permaneceu entreaberta, Rhoda Brook podia observar os acontecimentos sem tomar parte neles. Trendle trouxe um copo do armário da cozinha, encheu-o quase todo de água, e pegando um ovo, preparou-o de algum modo secreto; depois disso, quebrou-o na beirada do recipiente, de forma que a clara escorreu para o copo e a gema ficou. Como estava escurecendo, o homem levou o copo com o conteúdo à janela, e pediu à Gertrude que observasse a mistura de perto. Eles se debruçaram juntos sobre a mesa e a ordenhadora pôde ver a coloração opalina do fluido do ovo mudando de forma ao afundar na água, mas não estava perto o suficiente para distinguir a figura que se formou.

– Quando a senhora olha, percebe alguma semelhança com um rosto ou uma fisionomia? – o feiticeiro interpelou a jovem mulher.

Ela murmurou uma resposta em um tom tão baixo que Rhoda não pôde ouvi-la, e continuou a contemplar atentamente o copo. Rhoda se virou e se distanciou alguns passos.

Quando a Sra. Lodge saiu e seu rosto foi iluminado, estava excesivamente pálido – tão pálido quanto o de Rhoda – em contraste com os tristes tons pardos da vegetação que adornava o planalto. Trendle fechou a porta quando ela saiu e as duas se puseram logo no caminho de casa. Mas Rhoda percebeu que sua companheira havia mudado bastante.

– Ele cobrou caro? – perguntou, hesitante.

– Ah, não... nada. Ele não quis aceitar nenhum vintém – disse Gertrude.

– E o que a senhora viu? – Rhoda indagou.

– Nada que eu... queira falar –. Notava-se um constrangimento em suas maneiras; o rosto estava tão rígido que parecia estar coberto por uma máscara envelhecida que vagamente sugeria o rosto que Rhoda havia visto em seu quarto.

– Foi a senhora que primeiro teve a ideia de virmos aqui? – a Sra. Lodge indagou de repente, depois de uma longa pausa. – Muito estranho, se foi!

– Não. Mas não me arrependo de termos vindo, pensando bem – respondeu. Pela primeira vez, um sentimento de triunfo a possuiu, e não lamentou totalmente que a jovem ao seu lado soubesse que suas vidas haviam sido antagonizadas por outras forças que não as delas.

Não se aludiu mais ao assunto durante a longa e melancólica caminhada de volta. Mas, de uma maneira ou de outra, naquele inverno, muitos ordenhadores da planície começaram a cochichar uma história que atribuía a perda gradual do uso do braço esquerdo da Sra. Lodge ao "mau-olhado" posto por Rhoda Brook. Esta última guardou consigo sua própria opinião sobre o íncubo, mas seu rosto tornou-se cada vez mais triste e magro; e na primavera, ela e o filho desapareceram da vizinhança de Holmstoke.

VI. UMA SEGUNDA TENTATIVA

Meia dúzia de anos se passaram e a experiência conjugal do Sr. e da Sra. Lodge caiu na monotonia, andando de mal a pior. O fazendeiro geralmente ficava triste e calado: a mulher que havia cortejado por sua graça e beleza tinha o membro esquerdo contorcido e desfigurado; além disso, não lhe dera filhos, o que significava que ele seria o último de uma família que havia ocupado o vale por cerca de duzentos anos. Pensou em Rhoda Brook e no filho dela, e receou que talvez isso fosse um castigo dos céus.

A antiga Gertrude de espírito jovial e esclarecido estava se transformando em uma mulher irascível e supersticiosa, que devotava todo o tempo a experimentar em seu achaque quaisquer remédios charlatanescos que encontrasse. Era sinceramente afeiçoada ao marido e, apesar dos pesares, continuava em segredo ansiando por reconquistá-lo ao recuperar pelo menos uma parte de sua beleza pessoal. Daí resultava que, em seu armário, enfileiravam-se vidros, pacotes e frascos de unguento de todos os tipos – e ainda mais, ramos de ervas místicas, amuletos e livros sobre necromancia, os quais teria ridicularizado em seu tempo de escola.

– Maldito seja eu se você não acabar se envenenando com essas misturas farmacêuticas e essas beberagens mágicas – disse o marido, quando pousou os olhos por acaso naquele amontoado.

Ela não respondeu, mas voltou para ele o olhar triste e terno, com o coração cheio de reprovação, fazendo Lodge se arrepender de suas palavras e acrescentar:

– Você sabe que só disse isso para o seu próprio bem, Gertrude.

– Vou pegar isso tudo e jogar fora – disse ela, com a voz rouca –, e não vou mais testar esses remédios!

– Você precisa de alguém para animá-la – ele observou. – Há uns tempos atrás pensei em adotar um menino, mas ele já está crescido agora. E foi embora não sei para onde.

Ela adivinhou a quem ele se referia, pois soube da história de Rhoda Brook ao longo dos anos, embora nenhuma palavra sobre o assunto jamais tivesse sido trocada entre ela e o marido. Tampouco lhe falara sobre a visita ao feiticeiro Trendle e sobre o que lhe havia sido revelado, ou o que ela pensou que lhe foi revelado, por aquele homem solitário do prado.

Ela agora estava com vinte e cinco anos, mas parecia mais velha. "Seis anos de casamento e apenas poucos meses de amor", às vezes murmurava para si mesma. E então pensava na causa aparente e dizia, com um olhar trágico para o membro mirrado: "Se ao menos pudesse voltar a ser como era quando ele me viu pela primeira vez!".

Obediente, Gertrude destruiu as panaceias e os amuletos; mas persistia um desejo vigoroso de tentar alguma outra coisa – algum outro tipo de cura completamente diferente. Não havia feito outra visita a Trendle desde que Rhoda a conduzira à casa do homem solitário contra a vontade dela; mas então, de repente, ocorreu a Gertrude que deveria, em um último esforço desesperado de libertar-se dessa suposta maldição, procurar mais uma vez o homem, se ainda estivesse vivo. Ele merecia certo crédito, pois a forma indefinida que produzira no copo assemelhava-se, sem dúvida, à única mulher no mundo que – como agora ela sabia, embora antes não – poderia ter um motivo para lhe guardar rancor. Devia fazer essa visita.

Desta vez, foi sozinha, embora quase tenha se perdido no prado, afastando-se uma distância considerável do caminho. Por fim, alcançou a casa de Trendle, porém, ele não estava lá e, em vez de esperar na choça, ela se dirigiu à figura curvada de um homem que trabalhava, e que lhe foi apontada longe dali. Trendle lembrou-se dela e, depositando no chão um maço de raízes de tojo que estava colhendo e amontoando, ofereceu-se para acompanhá-la em direção à casa dela, já que a distância era considerável e os dias estavam curtos. Assim, caminharam juntos, ele com a cabeça inclinada para o solo, sendo sua tez da mesma cor que a terra.

– O senhor sabe curar verrugas e excrescências, eu sei – disse a mulher –, por que não pode curar isto? – e descobriu o braço.

– A senhora superestima meus poderes! – disse Trendle. – E, além disso, agora estou velho e fraco. Não, não; isso está além do que eu posso fazer sozinho. O que a senhora já experimentou?

Ela deu alguns nomes dentre centenas de medicamentos e contrafeitiços que havia adotado de tempos em tempos. Ele balançou a cabeça.

– Alguns eram muito bons – disse ele, em tom de aprovação –, mas a maioria não serve pra coisas assim. Isso é uma espécie de praga, e não de ferida; e se a senhora algum dia conseguir resolver o problema, será de uma vez por todas.

– Se ao menos eu pudesse!

– Só conheço uma maneira de fazer isso. Nunca falhou com males semelhantes... que eu saiba. Mas é difícil de levar a cabo, especialmente por uma mulher.

– Conte-me! – disse ela.

– A senhora tem que tocar com o membro o pescoço de um homem que tenha sido enforcado.

Ela se assustou um pouco com a imagem que ele havia evocado.

– Antes que ele esteja frio... logo depois de cortarem a corda – continuou o feiticeiro, impassível.

– Como isso pode fazer bem?

– Isso vai transformar o sangue e mudar a constituição. Mas, como eu disse, é algo difícil. A senhora terá que ir a uma cadeia quando tiver um enforcamento e ficar esperando até ele ser trazido do patíbulo. Muita gente já fez isso, mas talvez não fossem moças bonitas como a senhora. Já receitei isso a muitas pessoas para curar problemas de pele. Mas isso foi em outros tempos. A última vez que receitei foi em 1813 – quase doze anos atrás.

Trendle não tinha mais nada a dizer; e, depois de encaminhar Gertrude a uma trilha que a levaria diretamente para casa, virou-se e a deixou, recusando qualquer pagamento, como da primeira vez.

VII. UMA VIAGEM

A informação cravou-se fundo na mente de Gertrude. Sua natureza era um tanto tímida; e é possível que, de todos os tratamentos que o bom fei-

ticeiro poderia ter lhe receitado, não houvesse nenhum que lhe desse tanta aversão como este, sem falar nos imensos obstáculos que encontraria no caminho para sua realização.

Casterbridge, sede do condado, ficava a doze ou quinze milhas de distância e, embora naqueles tempos, quando homens eram executados por roubar cavalos, provocar incêndio e assaltar casas, uma sentença raramente fosse proferida sem um enforcamento, não era provável que ela conseguisse ter acesso ao cadáver do criminoso sem alguma ajuda. E, com medo de enraivecer o marido, relutava em lhe mencionar a sugestão de Trendle ou a qualquer pessoa que o conhecesse.

Não fez nada durante meses e pacientemente suportava sua desfiguração como antes. Mas sua natureza feminina, ardendo pela renovação do amor por meio da renovação da beleza (ela tinha apenas vinte e cinco anos), estava sempre a instigando a tentar o que, em todo o caso, dificilmente lhe faria algum mal. "O que foi feito por um feitiço será desfeito por outro, é certo", dizia a si mesma. Sempre que imaginava a cena, Gertrude tremia de terror ante a possibilidade de realizá-la: então, as palavras do feiticeiro, "Isso vai transformar o sangue", pareciam suscetíveis de uma interpretação não apenas horrenda, mas também científica; o desejo imperioso retornava e a instigava mais uma vez.

Nessa época, havia um só jornal no condado, e o marido de Gertrude o pegava emprestado apenas ocasionalmente. Mas aqueles tempos antigos tinham meios de comunicação antiquados, e as notícias eram frequentemente transmitidas de boca em boca – de mercado a mercado ou de feira a feira, de maneira que, sempre que um grande evento estava para acontecer, como uma execução, poucos em um raio de vinte milhas não tinham ciência do espetáculo vindouro; e, no que concerne a Holmstoke, sabia-se de casos de entusiastas que haviam caminhado até Casterbridge e voltado no mesmo dia, somente para testemunhar a cena. Os próximos julgamentos seriam em março; e quando Gertrude Lodge soube que já haviam sido realizados, indagou discretamente na estalagem sobre os resultados, tão logo encontrou uma oportunidade.

Gertrude estava, porém, muito atrasada. A época em que as sentenças seriam executadas havia chegado, além disso, fazer a jornada e obter a admissão em tão pouco tempo requeria, ao menos, a ajuda do marido. Não ousava lhe contar, pois havia descoberto, por uma delicada tentativa, que essas crenças rurais sobreviventes o deixavam furioso se mencionadas, em

parte porque não era de todo cético em relação a elas. Era necessário, portanto, esperar outra oportunidade.

Sua determinação se reanimou ao saber que duas crianças epiléticas, do mesmo vilarejo de Holmstoke, haviam tentado o método muitos anos antes, obtendo resultados positivos, embora o experimento tivesse sido condenado com veemência pelo clero local. Abril, maio, junho se passaram; e não é exagero dizer que, ao fim do último mês citado, Gertrude quase ansiava pela morte de alguma criatura. Ao contrário das orações formais de toda noite, sua oração inconsciente era: "Oh, Senhor, enforque logo alguma pessoa, seja culpada ou inocente!".

Desta vez, fez indagações com antecedência e foi muito mais sistemática nos procedimentos. Além disso, era verão, entre a produção de feno e a colheita, e, graças ao tempo livre assim proporcionado, seu marido havia tirado alguns dias de férias fora de casa.

Os julgamentos foram em julho e Gertrude foi à estalagem como antes. Haveria uma execução – apenas uma – por incêndio criminoso.

O maior problema não era como chegar a Casterbridge, mas quais meios deveria empregar para conseguir acesso à cadeia. Embora o acesso para tais propósitos nunca houvesse sido oficialmente proibido, o costume caíra em desuso; e ao contemplar suas possíveis dificuldades, quase foi levada mais uma vez a recorrer ao marido. Mas, ao sondá-lo sobre os julgamentos, ele foi tão taciturno, muito mais do que a frieza habitual, que ela não prosseguiu e decidiu que tudo o que fizesse, faria sozinha.

A sorte, empedernida até agora, mostrou-se-lhe inesperadamente favorável. Na quinta-feira anterior ao sábado fixado para a execução, Lodge lhe avisou que viajaria por um dia ou dois a negócios para uma feira e que lamentava não poder levá-la consigo.

Ela se demonstrou tão disposta a ficar em casa nessa ocasião, que ele a olhou com surpresa. Foi-se o tempo em que Gertrude teria manifestado um desapontamento profundo pela perda de tal excursão. Porém, ele voltou à mudez de sempre e, no dia mencionado, deixou Holmstoke.

Agora era sua vez. Primeiro pensou em ir de cabriolé, mas, após uma reflexão, desconsiderou essa alternativa, já que lhe seria necessário manter-se na estrada e assim aumentar em dez vezes o risco de descobrirem seu horrendo propósito. Decidiu ir a cavalo e evitar o caminho mais comum, a despeito de não haver naquele momento, nos estábulos de seu marido, um animal que pudesse ser considerado montaria de uma senhora, apesar de sua promessa, feita antes do casamento, de sempre manter uma égua para ela. Ele

tinha, porém, muitos cavalos de tiro, os melhores dessa espécie; e, entre os outros, havia uma criatura utilizável, um cavalo de amazona, com as costas tão largas quanto um sofá, o qual Gertrude havia ocasionalmente montado para tomar um ar quando se sentia indisposta. Ela escolheu este cavalo.

Na sexta-feira à tarde, um dos homens o trouxe. Gertrude já estava arrumada e, antes de descer, olhou para o braço murcho. "Ah!", disse ela para o braço, "se não fosse por você, esta terrível provação me teria sido poupada!".

Enquanto amarrava a trouxa onde havia colocado alguns poucos artigos de roupa, Gertrude aproveitou a ocasião para dizer à criada:

– Levarei isto caso não consiga voltar hoje à noite da casa da pessoa que vou visitar. Não fique preocupada se não chegar até as dez, e feche a casa como de costume. Estarei de volta amanhã com certeza –. Gertrude pretendia informar o marido em segredo; o ato realizado não era como o ato planejado. Ele quase certamente a perdoaria.

E então, a bela e palpitante Gertrude Lodge deixou a propriedade do marido; mas, apesar de seu destino ser Casterbridge, não tomou a estrada direta para lá através de Stickleford. A princípio, Gertrude seguiu, com astúcia, precisamente na direção oposta. Tão logo se afastou de sua casa, porém, virou à esquerda, em uma estrada que levava a Egdon, e, ao entrar no prado, voltou-se e se pôs no caminho certo, diretamente para o oeste. Caminho mais solitário naquele condado não se poderia imaginar; e quanto à direção, bastava-lhe manter a cabeça do cavalo apontando para um ponto logo à direita do sol. Sabia que de vez em quando se depararia com algum cortador de tojo ou camponês, que poderia corrigir sua direção.

Embora não tenha se passado tanto tempo assim, Egdon tinha um aspecto muito menos fragmentário do que agora. As tentativas – bem-sucedidas ou não – de cultivo nas encostas mais baixas, que penetram e quebram o prado original em pequenas áreas separadas, não haviam avançado muito; as leis de cercamento[1] não tinham sido implementadas, e não haviam sido construídos os muros e as cercas que agora excluem o gado daqueles aldeões que anteriormente gozavam de direitos comunitários sobre a terra, e também as carroças daqueles que tinham o privilégio de extrair trufa, atividade que os mantinha ocupados o ano inteiro. Assim, Gertrude cavalgava sem mais obstáculos a não ser os arbustos espinhosos de tojo, os emaranhados de urze, os riachos brancos, e os aclives e declives naturais do terreno.

[1] No original, *Enclosure Acts*, série de leis surgida entre 1750 e 1850, que transformou a terra de uso comunitário em propriedade privada (n.t.)

O cavalo era seguro, ainda que de passo pesado e lento, e embora fosse um animal de tração, era fácil de guiar; caso contrário, ela não seria capaz de se aventurar a percorrer tamanha distância com um braço semimorto. Eram então quase oito horas quando afrouxou as rédeas para que o animal tomasse fôlego no último ponto elevado e remoto do prado rumo a Casterbridge, antes de deixar Egdon em direção aos vales cultivados.

Deteve-se em frente a um pequeno lago conhecido como Rushy-pond, flanqueado pelas extremidades de duas sebes; uma cerca atravessava o centro da poça, dividindo-a ao meio. Por cima dela, Gertrude avistou a planície verde, por cima das árvores verdes, os telhados da cidade; por cima dos telhados, uma fachada branca e plana indicando a entrada da cadeia do condado. No telhado deste prédio, sombras mexiam-se; pareciam ser operários erguendo algo. Arrepiou-se. Desceu lentamente, e logo estava entre plantações de cereais e pastagens. Meia-hora depois, quando já estava quase escuro, Gertrude chegou à estalagem White Hart, a primeira daquele lado da cidade.

Sua chegada não causou muita surpresa: esposas de fazendeiros viajavam mais a cavalo naquela época do que o fazem hoje – embora, quanto a isso, não se imaginasse em absoluto que a Sra. Lodge fosse casada; o estalajadeiro supôs que fosse alguma jovem imprudente que viera assistir à "festa de enforcamento" no dia seguinte. Nunca o marido nem ela haviam feito negócios no mercado de Casterbridge, de forma que era ali desconhecida. Enquanto desmontava, avistou um grupo de meninos parados à porta da loja de um fabricante de arreios, a qual ficava logo acima da estalagem. Eles olhavam para dentro com grande interesse.

– O que está acontecendo ali? –perguntou ao estribeiro.

– Estão fazendo a corda pra amanhã.

Gertrude estremeceu e contraiu o braço em resposta.

– Depois é vendida por polegadas – o homem continuou –, posso conseguir um pedaço pra a senhora, se a dona quiser?

Ela logo repudiou qualquer desejo dessa ordem, ainda mais por causa de uma sensação estranha e arrepiante de que o destino do infeliz condenado começava a se entrelaçar ao seu; e tendo reservado um quarto para a noite, sentou-se para refletir.

Até aquele momento, Gertrude havia tido apenas vagas ideias acerca dos meios de obter acesso à prisão. As palavras daquele benzedeiro retornaram à sua mente. Ele lhe dera a entender que deveria usar sua beleza, embora estivesse deteriorada, como chave de acesso. Por falta de experiência, Gertrude sabia pouco sobre funcionários de cadeia; ouvira algo a respeito de um dele-

gado e de um subdelegado, mas apenas vagamente. Sabia, porém, que teria que haver um carrasco, e decidiu procurá-lo.

VIII. UM EREMITA RIBEIRINHO

Nessa época, e por muitos anos depois, havia um carrasco em quase toda cadeia. Ao indagar, Gertrude ficou sabendo que o carrasco de Casterbridge residia em uma choça solitária próxima a um rio profundo e tranquilo que corria sob a colina íngreme onde a prisão estava situada – sendo o mesmo ribeirão que, embora ela não soubesse, banhava os prados de Stickleford e Holmstoke mais abaixo em seu curso.

Tendo trocado o vestido, e antes de beber ou comer – pois só conseguiria se tranquilizar depois que houvesse verificado alguns detalhes – Gertrude seguiu por uma trilha, margeando o rio até a choça indicada. Assim, ao passar pelos arredores da cadeia, percebeu sobre o telhado plano, acima do portão, três linhas retangulares contra o céu, onde avistou, ao longe, pontinhos se movendo; reconheceu a armação e seguiu rapidamente em frente. Cem metros adiante, viu-se à porta da casa do executor, apontada por um garoto. A casa encontrava-se próxima do mesmo curso d'água e ao lado de uma represa cujas águas emitiam um ruído constante.

Enquanto hesitava, a porta se abriu e um velho saiu, protegendo uma vela com a mão. Trancou a porta por fora e se voltou para uns degraus de madeira fixados contra a base da choça, e começou a subi-los, aquilo era, evidentemente, a escada que levava ao quarto. Gertrude apressou o passo, mas quando alcançou o pé da escada, o homem já estava no topo. Ela o chamou alto o suficiente para ser ouvida além do ruído da represa; ele olhou para baixo e perguntou:

– O que a senhora quer aqui?

– Falar com o senhor por um instante.

A luz da vela, apesar de fraca, caiu sobre a face de Gertrude, suplicante e pálida, voltada para cima, e Davies (era esse o nome do carrasco) desceu a escada.

– Já tava indo dormir – disse o homem. – "Dormir cedo e acordar cedo", mas não importo de me demorar um minuto por causa de alguém como a senhora. Entre aqui –. Davies reabriu a porta e, precedendo-a, entrou no cômodo.

As ferramentas de seu trabalho diário, que era o de jardineiro eventual, estavam em um canto e ele, provavelmente por ver que Gertrude tinha ares do campo, disse:

– Se tá querendo me contratar para trabalhar no campo, não posso ir, pois não deixo Casterbridge nem pelos nobres e nem pelos simples... eu não. Minha profissão de verdade é oficial de justiça – acrescentou de maneira formal.

– Sim, sim! É isso! Amanhã!

– Ah, eu sabia! Então, qual é o problema? Nem adianta vir aqui por causa do nó... As pessoas vêm muito, mas digo pra elas que um nó é tão misericordioso quanto qualquer outro se você coloca ele debaixo da orelha. O infeliz é seu parente; ou, melhor dizendo, talvez – olhando para o vestido de Gertrude – alguém que foi seu empregado?

– Não. A que horas é a execução?

– A mesma de sempre... ao meio-dia, ou logo depois que a diligência do correio chegar de Londres. A gente sempre espera por ela, caso tenha uma suspensão.

– Ah... uma suspensão... espero que não! – disse involuntariamente.

– Ora, ora... hi, hi! Em se tratando de trabalho, eu também espero que não! Ainda assim, se já teve alguma vez um rapaz que merecesse ser libertado, seria ele; acabou de fazer dezoito, e apenas por acaso estava presente no local quando a meda foi incendiada. De qualquer maneira, não tem muito perigo disso acontecer, já que são obrigados a fazer dele um exemplo, pois teve muitos ataques a propriedades ultimamente.

– Na verdade – ela explicou – quero tocá-lo para uma simpatia, a cura para uma doença, recomendada por um homem que comprovou a eficácia do remédio.

– Ah, tá, dona! Agora entendi. Já recebi pessoas assim em anos anteriores. Mas não me passou que a senhora era do tipo que necessita de transformação do sangue. Qual é o problema? Não é esse o seu caso, tenho certeza.

– Meu braço – relutante, Gertrude mostrou a pele mirrada.

– Ah! Tá todo encarquilhado! – disse o carrasco, examinando-o.

– Está – disse ela.

– Então – ele continuou, com interesse – esse *é* do tipo que precisa disso, tenho que admitir! Gostei do aspecto da ferida; para isso aí, essa cura é

mesmo a mais adequada. Foi um homem sábio que enviou a senhora, seja ele quem for.

– O senhor pode arranjar para mim tudo que for necessário? – perguntou, ofegante.

– Na verdade, a senhora deveria ter ido falar com o chefe da cadeia, junto com o seu médico, e dado nome e endereço... era assim que a gente fazia, se lembro bem. Mas talvez possa dar um jeitinho por uma soma insignificante.

– Ah, obrigada! Prefiro dessa maneira, pois quero manter o assunto em sigilo.

– Seu namorado não pode saber, hã?

– Não... o marido.

– Aha! Muito bem! Vou fazer com que a senhora toque o cadáver.

– Onde está o corpo agora? – disse ela, estremecendo.

– O corpo? ... O *rapaz*, a senhora quer dizer; ele ainda tá vivo. Ali dentro daquela janelinha lá em cima, na escuridão – e indicou a cadeia no alto da colina.

Gertrude pensou no marido e nos amigos.

– Sim, claro – respondeu – e como devo proceder?

O homem a conduziu à porta.

– Então, fique esperando perto do pequeno postigo no muro, que a senhora vai encontrar lá em cima na estrada, antes da uma da tarde. Vou abrir por dentro, já que só devo voltar pra casa pra jantar depois que o corpo for baixado. Boa noite. Seja pontual; e se não quiser que alguém a reconheça, use um véu. Ah... uma vez tive uma filha que nem a senhora!

Ela foi embora, e percorreu o caminho até o alto da colina para garantir que seria capaz de encontrar o postigo no dia seguinte. Seu contorno logo lhe ficou visível – uma abertura estreita no muro externo dos arredores da prisão. A ladeira era tão íngreme que, tendo alcançado o postigo, ela parou um momento para tomar fôlego; e voltando o olhar para a choça ribeirinha, viu o carrasco novamente subindo a escada exterior. Ele entrou no sótão ou quarto para o qual a escada levava, e alguns minutos depois apagou a luz.

O relógio da cidade bateu às dez horas, e Gertrude voltou para White Hart, pelo mesmo caminho por onde viera.

IX. UM REENCONTRO

Era uma hora da tarde de sábado. Gertrude Lodge, tendo sido admitida na cadeia conforme descrito anteriormente, estava sentada em uma sala de espera depois do segundo portão, que ficava sob uma arcada clássica feita de cantaria, razoavelmente moderna, que continha a inscrição: "CADEIA DO CONDADO: 1793". Essa foi a fachada que ela viu do prado na véspera. Bem perto estava a passagem para o telhado onde ficava a forca.

A cidade estava abarrotada e o mercado fechado; mas Gertrude quase não vira uma alma. Tendo permanecido no quarto até a hora do encontro, prosseguiu até o local por um caminho que evitava o espaço aberto abaixo da colina íngreme onde os espectadores se amontoavam; mas podia, naquele exato momento, ouvir o murmúrio multitudinário de suas vozes, do qual se elevava em intervalos o grasnido rouco de uma única voz pronunciando a frase: "Últimas palavras do condenado e confissão". Não houve nenhuma suspensão, e a execução foi feita; mas a multidão ficou esperando para ver o corpo ser baixado.

Logo a obstinada mulher ouviu um tropeado lá em cima, então, alguém acenou para ela, e, seguindo as direções indicadas, saiu e cruzou o pátio interno pavimentado além da guarita do portão, os joelhos tremendo tanto que mal podia andar. Um dos braços estava para fora da manga e coberto apenas pelo xale.

No local em que agora chegava, havia dois cavaletes, e antes que imaginasse o propósito deles, ouviu passos pesados descendo a escada em algum lugar às suas costas. Não quis, ou não conseguiu, virar a cabeça, e, rígida nessa posição, percebeu que um caixão grosseiro passava ao lado de seus ombros, sustentado por quatro homens. Estava aberto, e dentro jazia o corpo de um rapaz, vestindo um camisão de camponês e calças de fustão. O corpo fora jogado no caixão de maneira tão apressada que a borda do camisão estava pendurada para fora. O fardo foi temporariamente depositado sobre os cavaletes.

A essa hora, o estado da jovem mulher era tal que uma bruma acinzentada parecia pairar diante de seus olhos; por conta disso, e do véu que usava, mal podia discernir qualquer coisa: era como se tivesse quase morrido, mas estivesse preservada por algum tipo de galvanismo.

– Agora! – disse uma voz ao lado, e ela quase não percebeu que a palavra se dirigia a ela.

Em um último esforço vigoroso, Gertrude avançou, ao mesmo tempo em que ouvia pessoas aproximando-se atrás dela. Desnudou o pobre braço amaldiçoado; e Davies, descobrindo o rosto do cadáver, pegou a mão de Gertrude e segurou-a de forma que o braço pousou sobre uma linha que circundava o pescoço do homem morto e que apresentava uma cor de amora ainda verde.

Gertrude deu um grito agudo: "a transformação do sangue", predita pelo feiticeiro, havia começado. Mas naquele instante um segundo grito cortou o ar do recinto: não era de Gertrude, e o efeito sobre ela fê-la dar meia volta.

Imediatamente atrás de Gertrude estava Rhoda Brook, com o rosto abatido e os olhos vermelhos de choro. Atrás dela estava o próprio marido de Gertrude; com as feições enrugadas, os olhos sombrios, mas sem uma lágrima.

– Maldita seja! O que está fazendo aqui? – disse ele, com uma voz rouca.

– Sua sem-vergonha... se intrometer entre nós e o nosso filho agora! – gritou Rhoda. – Este é o significado do que Satã me mostrou na visão! Você é como ela enfim! –. E agarrando o braço descoberto da jovem, puxou-a sem resistências para trás contra a parede. Assim que Brook soltou o braço, a frágil e jovem Gertrude foi escorregando até estender-se aos pés do marido. Quando Lodge a levantou, ela estava inconsciente.

Bastou-lhe ver a dupla para compreender que o rapaz morto era o filho de Rhoda. Àquela época, os parentes de um condenado à execução tinham o direito de reclamar o corpo para enterrá-lo, caso quisessem; e era por isso que Lodge esperava a autópsia com Rhoda. Ele havia sido convocado por ela logo que o rapaz foi preso em flagrante, e diversas vezes desde então; além disso, comparecera ao tribunal durante o julgamento. Estas eram as "férias" que ele havia se permitido recentemente. Os pais desventurados desejavam evitar a exposição; e por isso, vieram eles próprios buscar o corpo, tendo deixado à espera, do lado de fora, uma carroça para o transporte e um lençol para cobrir o cadáver.

O caso de Gertrude era tão sério que se considerou prudente chamar-lhe o cirurgião mais próximo. Levaram-na da cadeia para a cidade; mas ela não chegou viva em casa. Sua vitalidade delicada, exaurida talvez pelo braço paralisado, sucumbiu ante o duplo choque que se seguiu ao duro esforço, físico e mental, ao qual havia se sujeitado durante as últimas vinte e quatro horas. Seu sangue fora, de fato, "transformado" – por demais. Morreu na cidade três dias depois.

O marido nunca mais foi visto em Casterbridge; apenas uma vez apareceu no antigo mercado de Anglebury, que ele frequentava tanto, e muito rara-

mente o viam em público em qualquer lugar. A princípio, cheio de desalento e remorso, Lodge, por fim, mudou para melhor, e tornou-se um homem mais ponderado, que aprendera a lição. Logo após assistir ao funeral de sua pobre e jovem esposa, livrou-se das terras em Holmstoke e na paróquia vizinha, e, depois de vender cada cabeça de gado, foi-se embora para Port-Bredy, no outro extremo do condado, lá vivendo sozinho até morrer dois anos depois de uma tísica indolor. Descobriu-se, então, que ele havia legado a totalidade de seus bens, que não eram de se desconsiderar, a um reformatório para garotos, sujeito ao pagamento de uma pequena anuidade a Rhoda Brook, caso fosse encontrada para reclamá-la.

Por algum tempo, não conseguiram encontrá-la; mas por fim ela reapareceu em sua antiga paróquia – recusando-se, no entanto, categoricamente, a ter qualquer coisa a ver com a pensão que lhe fora deixada. A ordenha monótona no curral foi retomada, e seguiu-se por muitos e muitos anos, até que seu corpo ficou curvado e seu cabelo, outrora preto e abundante, tornou-se branco, rareando na testa – talvez por causa da pressão constante contra as vacas. Aqui, às vezes, aqueles que conheciam suas desventuras paravam e a observavam e ficavam imaginando que pensamentos sombrios pulsariam por trás daquele semblante impassível, enrugado pela idade, ao ritmo alternado dos jorros de leite.

Blackwood's Magazine, janeiro de 1888.

Crianças do Vietnã

Félix Pita Rodríguez

O texto: Publicado em 1974, um ano antes do final da guerra do Vietnã, com a queda de Saigon em abril de 1975, o livro de contos *Niños de Viet Nam*, do escritor cubano Félix Pita Rodríguez, destaca o heroísmo das crianças vietnamitas durante a invasão estadunidense entre as décadas de 1960 e 1970. Sem pretensões ideológicas, as narrativas ilustram como as crianças lidavam com as atrocidades da guerra e como lutavam para sobreviver ao lado de seus familiares. Apresenta-se uma seleção de três contos do livro: "A lenda de Thanh Giong", "Ky e seus amigos" e "Dé, a que caiu da Lua".

Texto traduzido: Rodríguez, Félix Pita. "La leyenda de Thanh Giong", "Ky y sus amigos" e "Dé, la que cayó de la Luna". In. *Niños de Viet Nam*. La Habana: Editorial Gente Nueva, 1974.

O autor: Félix Pita Rodríguez (1909-1990), poeta, crítico literário e jornalista cubano, nasceu em Bejucal, uma aldeia perto de Havana. Escritor de vanguarda, cultivava a narrativa, o teatro, o ensaio, a crítica e a tradução, tendo sido premiado diversas vezes por sua obra. Viveu exilado de Cuba durante a ditadura Batista, voltando em 1960, após a Revolução. Em 1961, publicou *Las Crónicas* e *Poesía bajo Consigna*, que influenciaram o movimento coloquialista por seu estilo conversacional ao tratar a temática social revolucionária. Em 1974, por influência de suas traduções de narrativas vietnamitas, publicou em Havana *Niños de Viet Nam*.

O tradutor: Scott Ritter Hadley (EUA) é pós-graduado em Letras Hispânicas na Arizona State University, com especialização em literatura medieval e mexicana contemporânea. Desde 1987 reside em Puebla, México, onde leciona inglês, latim, inglês e espanhol, na Benemérita Universidad Autónoma de Puebla. Entre seus interesses mais recentes está a literatura indígena mexicana. Para a (n.t.) traduziu Víctor Cata, Manuel Espinoza Sainos, Juan Hernández Ramírez, Zitkala-Ša, Chefe Seattle e Ivory Kelly.

NIÑOS DE VIET NAM

"Y en ese mismo instante comenzaron a crecer,
a crecer, hasta convertirse en gigantes."

FÉLIX PITA RODRÍGUEZ

LA LEYENDA DE THANH GIONG

Como todos los de Oriente, Viet Nam es un país rico en fábulas, leyendas y narraciones fantásticas. Cada montaña, cada río, cada bosque; todas las ciudades, todos los pueblos, todas las aldeas, tienen las suyas.

Muchas veces es la misma historia la que, al ir envejeciendo, fue gastando sus relieves duros de cosa que pasó; el color de la realidad se fue desvaneciendo y el humo de lo fabuloso ocupó su lugar. Por eso en la historia antigua de Viet Nam, es tan difícil separar lo histórico de lo legendario.

Ella nos cuenta, por ejemplo, que en el año 1010 el rey Ly Thai To transfirió la capital de su reino para el lugar que hoy ocupa Hanoi. Pero Ly Thai To no le dio el nombre de Hanoi, que significa "la ciudad entre los ríos". Ly Thai To puso por nombre a su nueva capital, Thang Long: "la ciudad del dragón que levanta el vuelo".

¿Por qué este nombre de fábula?

Pues, se nos dice, porque Ly Thai To, cuando buscaba un lugar para el emplazamiento de su nuevo capital, vio allí, en el delta del río Rojo, a un dragón gigantesco que levantaba el vuelo. Ly Thai To creó que aquello era un presagio afortunado y ordenó que en el sitio en que confluían los dos ríos, fuese edificada la nueva capital.

Y allí se construyó la ciudad que hoy se llama Hanoi y es la capital de la República Democrática de Viet Nam, pero que hasta el año 1831 se llamó Thang Long, "La ciudad del dragón que levanta el vuelo".

¿Dónde situar aquí la frontera entre la realidad y la leyenda?

Pero no es necesario ir tan lejos en el tiempo para hallar esa atmósfera sorprendente: toda la historia del pueblo vietnamita está cuajada de realidades tan por encima de la medida de lo real, que sabiéndolo, pensamos continuamente en la leyenda. Y muchas veces, por el contrario, leyendo las antiguas, las deslumbradoras y fascinantes leyendas vietnamitas, nos parece estar escuchando el eco de la realidad actual.

Esto es lo que sucede, por ejemplo, si leemos la antiquísima leyenda popular de **Thanh Giong**:

> "**Thanh Giong,** nos cuenta esa leyenda, era un niño que vivía en una remota y solitaria aldea de Viet Nam. Hacía ya tres largos años que permanecía acostado en su cama, sin hablar ni moverse, cuando pasó por el lugar un enviado del rey, uno de aquellos que iban de aldea en aldea haciendo sonar un caracol, para convocar a los hombres más hábiles e inteligentes, porque un invasor extranjero había traspasado las fronteras con el propósito de apoderarse del país.
>
> "Cuando **Thanh Giong** oyó el caracol del mensajero real y conoció el motivo de su visita, ante el asombro de todos, hablo: "Ve en busca de ese hombre", dijo a su madre. "Debo hablarle." Así lo hizo su madre y cuando el mensajero estuvo junto a **Thanh Giong**, éste le dijo: "Di al rey que me envíe un gran caballo de hierro y una espada, también de hierro." El mensajero real prometió hacerlo así.
>
> "Apenas el mensajero había abandonado la aldea, **Thanh Giong** pidió a su madre: "Cocíname arroz en la olla más grande que tengas en la cocina."
>
> "Cuando el arroz estuvo a punto, **Thanh Giong** lo comió. Entonces ocurrió algo inexplicable: apenas **Thanh Giong** había terminado de comer el arroz, cuando la olla volvió a llenarse misteriosamente. **Thanh Giong** se comió también aquel arroz. Y de nuevo la olla estaba llena. **Thanh Giong** siguió comiendo.
>
> "Esto ocurrió muchas veces. A medida que comía, **Thanh Giong** iba creciendo, creciendo, de modo que cuando el caballo de hierro y la espada

> enviados por el rey, llegaron, **Thanh Giong** era tan grande como un gigante.
>
> “Espada en mano, **Thanh Giong** montó en el caballo de hierro y salió galopando en busca de los invasores. Estos eran miles y miles, pero nada podían contra el gigante **Thanh Giong** montado en su caballo de hierro. Y **Thanh Giong** los exterminó.
>
> “Cuando el pueblo acudió jubiloso aclamándolo por su victoria, vio a **Thanh Giong** montado en su caballo de hierro que se elevaba por los aires hasta perderse más allá de las nubes.”

Muchas veces, al oír las viejas leyendas vietnamitas, nos parece estar escuchando el eco de la realidad actual.

Con la antigua leyenda popular de **Thanh Giong**, por ejemplo, uno no puede dejar de pensar en los niños vietnamitas de hoy. Ellos fueron niños iguales a todos los niños del mundo, hasta que los invasores extranjeros llegaron con el propósito de apoderarse de su patria. Y en ese mismo instante comenzaron a crecer, a crecer, hasta convertirse en gigantes.

La única diferencia que hay entre la vieja leyenda y la realidad actual, está en que el **Thanh Giong** legendario se nos dice que fue uno solo, mientras que en el Viet Nam de hoy, todos los niños se han convertido en gigantes para defender la patria atacada por los invasores norteamericanos.

Pero, ¿hasta qué punto la leyenda de **Thanh Giong** es solamente una leyenda?

Incontables veces, a través de su historia de muchos siglos, el pueblo vietnamita ha tenido que luchar, duramente, contra ambiciones y codicias extranjeras que traspasaron sus fronteras o desembarcaron en sus costas. Tal vez el **Thanh Giong** legendario sea como la suma, convertida en símbolo de todos los niños vietnamitas que en tiempos pasados se agigantaron luchando contra los invasores de su patria.

Los niños que viven, luchan y mueren en las páginas de este libro, no nacieron de la imaginación o la fantasía de un escritor. Son niños o adolescentes, semejantes a millares y millares de otros, que en estos momentos, en la tierra martirizada, heroica y victoriosa de Viet Nam, desde la frontera con China hasta la Punta de Camau, luchan como gigantes al lado de sus padres y sus abuelos, para expulsar de la tierra de la patria al bárbaro invasor norteamericano.

Cada uno de esos niños vietnamitas ha crecido tanto como **Thanh Giong**. Y como **Thanh Giong**, cada uno, llevando en sus pequeñas manos un pedazo de la victoria de la patria, se remonta por los aires, hasta más allá de las nubes, y por sus propios pies entra en la leyenda.

KY Y SUS AMIGOS

Ky tiene cuatro años.

Ky nació en una aldea de la provincia de Long An, en Viet Nam del Sur.

Ky vive bajo tierra hace cuatro años.

Esta región fue, en otro tiempo, tierra de verdor perenne. Un paisaje apacible, de suaves colinas y arroyos tranquilos bordeados de bambúes, donde los niños de las aldeas que pastoreaban los búfalos enormes y grises, se bañaban desnudos. Nadie hubiera sido capaz de contar los cocoteros, los mangos y los plátanos que vivían de los jugos de esta tierra. Las flores abundaban junto a las cabañas de los campesinos y se decía en la región que era imposible caminar por ella un kilómetro sin tropezarse con la canción de una muchacha.

Pero eso fue en otro tiempo.

Fue antes, por ejemplo, de que en un periódico de Nueva York, a miles de millas de distancia de la aldea en que nació **Ky**, se publicara un artículo en el que, entre otras cosas, se decía esto:

> "La Indochina es un premio por el que vale la pena correr cualquier riesgo. En el Norte hay riquezas exportables en estaño, tungsteno, manganeso, hulla, maderas, arroz, caucho, té, pieles. Ya antes de la Segunda Guerra Mundial, la Indochina pagaba dividendos que montaban a 300 millones de dólares."

Esto se publicó en el periódico **The New York Times**, en Nueva York, el 12 de febrero de 1950. Y poco más o menos un año después, un Consejero del Departamento de Estado norteamericano, dijo algo semejante a lo que se había publicado en el periódico:

> "Nosotros hemos explotado sólo parcialmente los recursos del Sudeste Asiático. Y, sin embargo, el Sudeste Asiático produce el 90% del caucho bruto del mundo; el 60% del estaño y 80 % de la copra y el aceite de coco. Además, hay allí cantidades considerables de azúcar, te, café, tabaco, frutas, especias, resinas y gomas naturales, petróleo, minerales de hierro y bauxita."

La aldea en que nació **Ky** es un pedacito de tierra de ese Sudeste Asiático de que hablaron el periódico de Nueva York y el Consejero del Departamento de Estado norteamericano.

Antes de que en Norteamérica comenzaran a encontrar tan interesante el Sudeste Asiático, la región de Viet Nam del Sur donde está la aldea en que nació **Ky**, era apacible y hermosa. Ahora no.

Ahora esa región es una de las más bombardeadas de la provincia de Long An. Los aviones norteamericanos han dejado caer tantas bombas sobre ella, que cada cinco metros cuadrados hay un cráter. Alguien calculó de acuerdo con el número de habitantes de la región, y según esos cálculos, los yanquis han dejado caer tres toneladas de acero por habitante.

Así se explica, por ejemplo, que el Tío Tu haya contado 24 cráteres alrededor de su refugio, y la señora Tan, 44 en el pedacito de tierra que cultiva y que no mide más que unos pocos centenares de metros cuadrados.

Cuando **Ky** nació, ya hacía tiempo que las bombas yanquis caían como una lluvia sobre la región. Y hacía tiempo que sus padres, como todos los habitantes de la aldea, vivían en extrañas casas bajo tierra. En una de esas casas nació él y en ella ha vivido todos los días de su vida de cuatro años.

La visión del mundo que tiene **Ky** debe ser singular. Vivir en esos agujeros pequeños y húmedos, que a menudo se inundan y donde se respira con tanta dificultad; ver a sus amiguitos mayores ir a una escuela que también está en uno de esos oscuros agujeros bajo tierra; oír a sus padres levantarse de noche para ir a la superficie a cultivar la tierra o recoger la cosecha, todo esto tiene que dar a **Ky** una imagen del mundo muy singular.

Hay muchas cosas sobre las que **Ky** tiene que haberse preguntado en ocasiones, ¿por qué será así? Aunque sea muy oscuramente, tiene que habérselo preguntado. O tal vez, no tan oscuramente, porque hay que pensar que cuando se dice: "**Ky** tiene cuatro años", no es posible utilizar para medir esos años la medida convencional. No. Eso que todos los niños aprenden en la escuela: "El año tiene 365 días, y si es bisiesto, uno más", no sirve para **Ky**.

No. Con **Ky** no es posible establecer comparaciones que generalicen. Para medir a **Ky**, no sirven las medidas convencionales. Con él, como con Viet Nam, no se puede generalizar. Para él, como para Viet Nam, no valen las medidas convencionales.

No sirven, porque Viet Nam es diferente. No valen, porque **Ky** tiene que ser diferente.

Desde que **Ky** nació hasta hoy, han transcurrido cuatro años. De acuerdo. Pero, ¿es que pueden ser iguales, es que pueden tener el mismo peso sobre el corazón los cuatro años de **Ky** que los cuatro años de un niño del que podamos decir convencidos: es un niño feliz?

No, no pueden pesar igual.

Cuatro años como los de **Ky** tienen que ser algo así como cuatro libros enormes, en los que están escritas todas las cosas del mundo.

Allí estaba escrito, por ejemplo, lo que él tenía que hacer – y lo hizo – cuando aquel soldado yanqui le dio un pedazo de pan. Y hay que decir que **Ky** tenía un hambre que era como un dolor.

Ky estaba con su madre aquella mañana, limpiando de hierbas el pedacito de tierra que la Revolución le había dado a su padre, cuando una patrulla de soldados norteamericanos los sorprendió. Como los yanquis habían proclamado que toda aquella zona era "tierra quemada", de la que ellos habían extirpado todo signo de vida para impedir que los habitantes ayudaran a las guerrillas, el hecho de que la madre de **Ky** estuviera allí con él, era un delito. Y los llevaron a una especie de aldea prisión a la que llamaban "campo de refugiados".

Y fue en el "campo de refugiados", donde un soldado norteamericano, muy grande y muy rubio, le tendió a **Ky** un gran pedazo de pan. Esto había sido ya al caer la tarde y **Ky** no había comido nada desde muy temprano en la mañana. Tenía mucha hambre y tenía solamente cuatro años. El soldado yanqui le puso el pan en la mano, pero el pan no estuvo allí más que un segundo: **Ky** lo arrojó al suelo con rabia como si el pan le hubiera quemado los dedos. Luego miró al yanqui con sus ojitos negros y almendrados. Lo que el yanqui vio en aquellos ojos debe haber sido algo terrible, porque se puso pálido y bajó la cabeza. Luego dio media vuelta y, así, con la cabeza baja, se alejó.

El pan quedó allí en el suelo y **Ky** tenía mucha hambre. Pero ni siquiera lo miró.

Nadie le había dicho a **Ky** lo que él tenía que hacer si un soldado yanqui le ofrecía pan alguna vez. Pero **Ky** lo sabía y lo hizo, como si estuviera escrito en uno de los cuatro libros enormes que son los cuatro años de su vida.

Tal vez cuando el soldad se alejó con la cabeza baja, iba pensando que aquel niño había visto a otros soldados norteamericanos, rubios y grandes como él, cuando ponían fuego a los techos de paja de las cabañas de su aldea; o cuando metían sus tanques por los sembrados para que no quedase una sola planta con vida; o cuando habían reunido a un grupo grande de hombres de la aldea para matarlos, diciendo que eran guerrilleros vietcong.

Pero esto no era posible porque, cuando ocurrió, **Ky** aún no había nacido. Sin embargo, aquel soldado yanqui vio en el fondo de los ojitos negros y

almendrados de **Ky** un fulgor de odio tan grande como las llamas que habían convertido en cenizas todas las cabañas de la aldea.

Luego otro yanqui se había acercado a **Ky**, con zalamerías y sonrisas, para preguntarle cosas sobre su aldea. Como no podía preguntárselas directamente, había traído a un soldado con él. Y a este soldado, **Ky** no lo miraba. Había una confusión muy grande dentro de su cabeza que no lo dejaba mirarlo. ¿Cómo aquel soldado podía estar allí, sirviéndole de lengua al yanqui, y sonriéndole, si tenía los ojos almendrados y oscuros como él, y el pelo lacio y negó como el, y hablaba con las palabras que él conocía?

Le estaban preguntando cosas sobre su aldea, sobre los guerrilleros, sobre los túneles donde éstos se ocultaban, sobre los escondites subterráneos donde los vietcong tenían las armas. Las mismas cosas, pensó **Ky** que le habían preguntado a Dé aquella vez.

Y **Ky** se puso a recordar a Dé.

DÉ, LA QUE CAYÓ DE LA LUNA

Para Ky, **Dé** era una muchachita mayor. Tal vez tuviera diez años, quizás once, pudiera ser de nueve. Para Ky era simplemente una muchachita mayor.

Para Ky todas las muchachitas, mayores o menores, eran iguales: sencillamente, un mundo aparte y sin interés. Por lo tanto, él no tenía por qué ocuparse de ellas.

Pero con **Dé** ocurría algo especial que había hecho que Ky se interesara por ella. Ky oyó decir muchas veces y a diferentes personas mayores: "¡Esta Dé parece que se hubiera caído de la Luna!" Y esto, naturalmente, le había llamado la atención. ¿Cómo habría podido **Dé** subirse a la Luna que estaba tan alta? Que se cayera era fácil de comprender, porque al fin y al cabo, **Dé** era una muchachita.

Lo que ocurría realmente era que Dé estaba siempre un poco distraída, un poco como en otra parte y no donde efectivamente estaba. Y por eso a veces contestaba una cosa cuando le estaban hablando de otra. Y a veces preguntaba muy asombrada por cosas que todo el mundo sabía.

Pero lo peor era que **Dé** tenía como la enfermedad de hablar. Era como si estar callada le doliera y para no sentir dolor, hablara siempre.

Contaba todo lo que veía, todo lo que oía, todo lo que sentía. Contaba lo que pasaba en su casa y lo que había presenciado en la calle, o en la orilla del arroyo mientras lavaba la ropa.

Por ser **Dé** como era, con aquella manía de hablar siempre, y aquel estar distraída y como pensando en otra cosa, fue que todos en la aldea se espantaron cuando una patrulla de soldados títeres se la llevó detenida.

Y en verdad que había muchas razones para que se espantaran. Dos hermanos de **Dé** eran guerrilleros y ella sabía dónde estaba el campamento de su grupo, por haber ido muchas noches con otras muchachitas a llevarles víveres o municiones. Además, **Dé** había trabajado como todos los de la aldea excavando los túneles secretos, los refugios, los depósitos de armas.

Sin la voluntad de hacer mal, dijeron muchos, **Dé** puede hacerlo. Esos diablos de las tropas títeres le preguntarán mil cosas. Y ella, con su espíritu simple, caerá en la trampa. Se pondrá a hablar y hablar, como siempre. Hay que advertir a los guerrilleros para que tomen sus medidas y estén alertas.

Así se hizo y además, rápida y sigilosamente se vaciaron los depósitos de armas y municiones, se cegaron las entradas de algunos túneles, se trató de disimular aún más el acceso a los refugios.

Pero todo aquello fue pena perdida, trabajo inútil. Los grupos de soldados títeres que todos esperaban ver llegar de un momento a otro no llegaron. Los hombres más comprometidos de la aldea que se habían escondido pensando que vendrían a arrestarlos, salieron de sus escondites. ¿Qué había pasado?

Fue **Dé** quien trajo la respuesta cuatro días después. Había adelgazado y estaba hambrienta y tan agotada, que no tenía ganas de hablar. Todos los vecinos de la aldea la rodearon y ella no hacía más que sonreír.

– ¿Quisieron hacerte hablar? – le preguntó uno.

– ¿Te torturaron? – le preguntó otro.

– Las dos cosas – respondió **Dé** sonriendo. Luego les mostró los verdugones y las desgarraduras que tenía por todas partes.

– Pero tú no hablaste – dijo otro –. Aquí no vinieron.

– ¡Oh, sí! – contestó Dé –. Hablé mucho, mucho, pero no de lo que ellos querían que hablara. Casi los vuelvo locos con tanto hablar. Pero ellos me preguntaban una cosa y yo les contestaba otra. Y luego seguía hablando, hablando. Se enfurecían y me pegaban y volvían a preguntarme. Y yo les hablaba de otra cosa, como si todo lo entendiera al revés. Al fin se cansaron y me dijeron que volviera aquí.

Después de aquel día, ya nadie en la aldea, diga lo que diga **Dé**, ha vuelto a decir:

¡Esta muchachita! ¡Parece que se hubiera caído de la Luna!

CRIANÇAS DO VIETNÃ

"E nesse mesmo instante começaram a crescer,
a crescer, até se tornarem gigantes."

FÉLIX PITA RODRÍGUEZ

A LENDA DE THANH GIONG

Como todos os países do Oriente, o Vietnã é rico em fábulas, lendas e narrativas fantásticas. Cada montanha, cada rio, cada bosque; todas as cidades, todos os povoados, todas as aldeias as têm.

Muitas vezes é a mesma história que, ao ir envelhecendo, vai gastando os relevos endurecidos do que passou; a cor da realidade vai se desvanecendo e a fumaça do fabuloso ocupa seu lugar. Por isso, na história antiga de Vietnã, é muito difícil separar o histórico do lendário.

Ela nos conta, por exemplo, que no ano 1010 o rei Ly Thai To transferiu a capital de seu reino ao lugar onde hoje fica Hanói. Mas Ly Thai To não lhe deu o nome de Hanói, que significa "a cidade entre os rios". Ly Thai To pôs o nome de sua nova capital como Than Long: "a cidade do dragão que levanta voo".

E por que este nome de fábula?

Pois, diz-se que Ly Thai To, quando buscava um lugar para delimitar sua nova capital, viu lá, no delta do rio Vermelho, um dragão gigantesco que levantava voo. Ly Thai To acreditou que aquilo era um presságio afortunado e ordenou construir sua nova capital no lugar onde confluíam os dois rios.

E ali se edificou a capital que hoje se chama Hanói e que é a capital da República Democrática do Vietnã, mas até 1831 se chamava Thang Long, "a cidade do dragão que levanta voo".

Onde situar aqui a fronteira entre a realidade e a lenda?

Mas não é necessário ir tão longe no tempo para encontrar essa atmosfera surpreendente: toda a história do povo vietnamita está repleta de realidades que ultrapassam a medida do real que, sabendo disso, pensamos continuamente na lenda. E muitas vezes, pelo contrário, lendo as antigas, as deslumbrantes e fascinantes lendas vietnamitas, parece que escutamos o eco da realidade atual.

Isso é o que acontece quando lemos, por exemplo, a antiquíssima lenda popular de **Thanh Giong**:

"Conta-nos esta lenda que **Thanh Giong** era um menino que vivia em uma aldeia remota e solitária do Vietnã. Já fazia três longos anos que ele permanecia deitado em sua cama sem falar ou se mover, quando passou pelo lugar um enviado do rei, um daqueles que iam de aldeia em aldeia entoando um caracol para convocar os homens mais hábeis e inteligentes, porque um invasor estrangeiro havia perpassado as fronteiras com o propósito de apoderar-se do país.

Quando **Thanh Giong** ouviu o caracol do mensageiro real e descobriu o motivo de sua visita, para a surpresa de todos, falou: 'Vá encontrar aquele homem', disse à sua mãe. 'Preciso falar com ele'. Assim fez sua mãe e quando o mensageiro estava ao lado de **Thanh Giong**, este lhe disse: 'Diga ao rei que me envie um grande cavalo de ferro e uma espada também de ferro'. O mensageiro real prometeu fazê-lo.

Após o mensageiro deixar a aldeia, **Thanh Giong** pediu à sua mãe: 'Cozinha-me arroz na maior panela que tiveres na cozinha'.

"Quando o arroz estava pronto, **Thanh Giong** o comeu. Então, ocorreu algo inexplicável: assim que **Thanh Giong** terminou de comer o arroz, a panela misteriosamente encheu-se de novo. **Thanh Giong** comeu também aquele arroz. E de novo a panela se enchia. **Thanh Giong** continou comendo.

Isso ocorreu muitas vezes. Enquanto ele comia, **Thanh Giong** ia crescendo, crescendo, de modo que, quando chegaram o cavalo de ferro e a espada enviados pelo rei, era tão grande como um gigante.

De espada na mão, **Thanh Giong** montou no cavalo de ferro e saiu galopando em busca dos invasores. Eram milhares e milhares, mas nada podiam fazer contra o gigante **Thanh Giong** montado em seu cavalo de ferro. E **Thanh Giong** os exterminou.

Quando o povo aplaudiu com alegria sua vitória, viu **Thanh Giong** cavalgando seu cavalo de ferro que se elevava pelos ares até se perder além das nuvens."

Muitas vezes, ao ouvir as velhas lendas vietnamitas, parece que estamos escutando o eco da realidade atual.

Com a antiga lenda popular de **Thanh Giong**, por exemplo, não é possível deixar de pensar nas crianças vietnamitas de hoje. Elas eram iguais a todas as crianças do mundo, até que os invasores estrangeiros chegaram com a intenção de tomar sua terra natal. E nesse mesmo instante começaram a crescer, a crescer, até se tornarem gigantes.

A única diferença entre a velha lenda e a realidade atual é que o lendário **Thanh Giong** foi apenas uma criança, enquanto que no Vietnã de hoje, todas as crianças se tornaram gigantes para defender a pátria atacada pelos invasores estadunidenses.

Mas, até que ponto a lenda de **Thanh Giong** é somente uma lenda?

Incontáveis vezes, através da história de muitos séculos, o povo vietnamita teve que lutar, duramente, contra as ambições e a ganância estrangeiras que atravessaram suas fronteiras ou desembarcaram em suas costas. Talvez o lendário **Thanh Giong** seja a soma, convertida em um símbolo de todas as crianças vietnamitas que, em tempos passados, se agigantaram lutando contra os invasores de sua terra natal.

As crianças que vivem, lutam e morrem nas páginas deste livro, não nasceram da imaginação ou da fantasia de um escritor. São crianças e adolescentes, iguais a milhares e milhares de outros, que nesse momento, na terra martirizada, heroica e vitoriosa do Vietnã, desde a fronteira com a China até o cabo de Cà Mau, lutam como gigantes ao lado de seus pais e avôs, para expulsar da terra pátria o bárbaro invasor estadunidense.

Cada uma dessas crianças vietnamitas cresceu tanto quanto **Thanh Giong**. E como **Thanh Giong**, cada uma, carregando em suas pequenas mãos um pedaço da vitória da pátria, esvai-se pelos ares, muito além das nuvens, e com seus próprios pés entra na lenda.

KY E SEUS AMIGOS

Ky tem quatro anos.

Ky nasceu em uma aldeia da província de Long An, no Vietnã do Sul.

Ky vive embaixo da terra há quatro anos.

Em outro tempo, esta região foi uma terra de vegetação perene. Uma paisagem pacífica de colinas suaves e arroios tranquilos ladeados por bambus, onde as crianças das aldeias, que pastoreavam os búfalos enormes e cinzentos, tomavam banho nuas. Ninguém seria capaz de contar os coqueiros, as mangueiras e as bananeiras que viviam dos sucos desta terra. As flores abundavam perto das cabanas dos camponeses e dizia-se na região que era impossível caminhar um quilômetro sem se deparar com a canção de uma garota.

Mas isso foi em outro tempo.

Foi antes, por exemplo, que um jornal de Nova York, a milhares de quilômetros de distância da aldeia onde havia nascido **Ky**, publicasse um artigo em que, entre outras coisas, dizia-se isto:

> "A Indochina é um prêmio pelo qual vale a pena arriscar. No norte há riquezas exportáveis em estanho, tungstênio, manganês, carvão, madeira, arroz, borracha, chá, peles. Mesmo antes da Segunda Guerra Mundial, a Indochina pagava dividendos no valor de 300 milhões de dólares."

Isso foi publicado no **The New York Times**, em 12 de fevereiro de 1950. E pouco mais de um ano depois, um conselheiro do Departamento de Estado dos EUA disse algo semelhante ao que havia sido publicado no jornal:

> "Exploramos apenas parcialmente os recursos do Sudeste Asiático. E, no entanto, o Sudeste Asiático produz 90% da borracha bruta do mundo; 60% do estanho e 80% de copra e óleo de coco. Além disso, há ali quantidades consideráveis de açúcar, chá, café, tabaco, frutas, especiarias, resinas e gomas naturais, petróleo, minerais de ferro e bauxita."

A aldeia onde **Ky** nasceu é um pequeno pedaço de terra naquele Sudeste Asiático que mencionaram o jornal de Nova York e o conselheiro do Departamento de Estado dos EUA.

Antes de a América do Norte começar a se interessar pelo Sudeste da Ásia, a região do Vietnã do Sul, onde fica a aldeia de **Ky**, era pacífica e bela. Agora não.

Agora essa região é uma das mais bombardeadas na província de Long An. Os aviões estadunidenses lançaram tantas bombas sobre ela, que a cada cinco metros quadrados há uma cratera. Alguém fez um cálculo segundo o número de habitantes da região, e de acordo com esse número, os ianques descarregaram três toneladas de aço por habitante.

Assim se explica, por exemplo, que o Tio Tu tenha contado 24 crateras ao redor de seu refúgio e a senhora Tan, 44, no pequeno pedaço de terra que cultiva e que não mede mais que umas poucas centenas de metros quadrados.

Quando **Ky** nasceu, já fazia tempo que as bombas ianques caíam como chuva sobre a região. E seus pais, como todos os habitantes da aldeia, viviam há muito tempo em casas estranhas embaixo da terra. Ele nasceu em uma dessas casas e nela tem vivido todos os dias de sua vida de quatro anos.

A visão de mundo de **Ky** deve ser singular. Viver nesses buracos pequenos e úmidos, que inundam com frequência e onde se respira com muita dificuldade; ver seus amigos mais velhos irem para uma escola que também está em um desses buracos subterrâneos escuros; ouvir seus pais se levantarem à noite para ir à superfície para cultivar a terra ou fazer a colheita, tudo isso tem que dar a **Ky** uma imagem muito única do mundo.

Há muitas coisas sobre as quais **Ky** talvez se pergunte de vez em quando, como: Por que será assim? Ainda que muito profundamente, deve ter se questionado. Ou talvez não tão profundamente, porque é preciso pensar que, ao dizer: "**Ky** tem quatro anos", não é possível usar a medida convencional para medir esses anos. Não. O que todas as crianças aprendem na escola: "O ano tem 365 dias, e se é bissexto, mais um", não significa nada para **Ky.**

Não. Com **Ky** não é possível estabelecer comparações generalizadas. Para medi-lo, não funcionam as medidas convencionais. Com ele, como com o Vietnã, não se pode generalizar. Para ele, assim como para o Vietnã, as medidas convencionais não são válidas.

Não funcionam porque o Vietnã é diferente. Não têm valor, porque **Ky** tem que ser diferente.

Desde o nascimento de **Ky** até hoje se passaram quatro anos. De acordo. Mas será que os quatro anos de **Ky** podem ter o mesmo peso no coração que

os quatro anos de uma criança que podemos dizer convencidos: é uma criança feliz?

Não, não podem pesar o mesmo.

Quatro anos como os de **Ky** têm que ser algo assim com quatro livros enormes, onde estão escritas todas as coisas do mundo.

Lá estava escrito, por exemplo, o que ele tinha que fazer – e o fez – quando aquele soldado ianque lhe deu um pedaço de pão. E é preciso dizer que **Ky** tinha tanta fome que era como uma dor.

Ky estava com sua mãe naquela manhã, cortando o mato do pedacinho de terra que a Revolução havia dado a seu pai, quando uma patrulha de soldados estadunidenses os surpreendeu. Como os ianques proclamaram que toda aquela área era "terra queimada," da qual haviam extirpado todo sinal de vida para impedir que os habitantes ajudassem as guerrilhas, o fato de que a mãe de **Ky** estivesse ali com ele já era um delito. E os levaram a um tipo de aldeia-prisão que chamavam de "campo de refugiados".

E foi no "campo de refugiados," onde um soldado estadunidense, enorme e loiro, ofereceu a **Ky** um pedaço generoso de pão. Isso ocorreu ao entardecer e **Ky** não havia comido nada desde muito cedo. Tinha muita fome e apenas quatro anos. O soldado ianque colocou o pão em sua mão, mas o pão ficou lá apenas por um segundo: **Ky** jogou-o no chão com raiva, como se o pão tivesse queimado seus dedos. Então, olhou para o ianque com seus olhos pretos amendoados. O que o ianque viu naqueles olhos deve ter sido algo terrível, porque empalideceu e abaixou a cabeça. Depois, deu meia-volta, e assim, cabisbaixo, foi embora.

O pão foi deixado no chão e **Ky** estava com muita fome. Mas sequer o olhou.

Ninguém disse a **Ky** o que ele deveria fazer se um soldado ianque lhe oferecesse alguma vez pão. Mas **Ky** sabia disso e o fez, como se isso estivesse escrito em um dos quatro livros enormes que são os quatro anos de sua vida.

Talvez quando o soldado se afastou com a cabeça baixa, pensou que aquele garoto tinha visto outros soldados norte-americanos, loiros e enormes como ele, quando incendiavam os telhados de palha das cabanas de sua aldeia; ou quando entraram com seus tanques nos campos para que não restasse uma planta viva; ou quando reuniram um grande grupo de homens da aldeia para matá-los, dizendo que eram guerrilheiros vietcongues.

Mas isso não foi possível porque, quando ocorreu, **Ky** ainda não havia nascido. No entanto, aquele soldado ianque viu no fundo dos olhos pretos

amendoados de **Ky** um fulgor de ódio tão grande como as chamas que transformaram em cinzas todas as cabanas da aldeia.

Então, outro ianque se aproximou de **Ky**, com uma conversa doce e sorrisos, para fazer perguntas de sua aldeia. Como não podia perguntar diretamente, havia trazido um soldado. E **Ky** nem o olhava. Havia uma grande confusão em sua cabeça que o impedia de olhar para ele. Como aquele soldado podia estar ali, servindo de língua para o ianque e sorrindo para ele, se tinha os olhos amendoados e escuros como ele, e o cabelo liso e preto como, e que falava com as palavras que ele conhecia?

Eles estavam fazendo perguntas sobre sua aldeia, sobre os guerrilheiros, sobre os túneis onde se escondiam, sobre os esconderijos subterrâneos onde os vietcongues deixavam suas armas. As mesmas coisas, pensou **Ky**, que haviam perguntado a Dé da outra vez.

E **Ky** começou a se lembrar de Dé.

DÉ, A MENINA QUE CAIU DA LUA

Para Ky, **Dé** era uma garotinha mais velha. Talvez tivesse dez anos, talvez onze, ou então nove. Para Ky, ela era apenas uma garotinha mais velha.

Para Ky, todas as meninas, mais velhas ou mais novas, eram iguais: simplesmente, um mundo à parte e sem interesse. Logo, ele não tinha motivos para pensar nelas.

Mas com **Dé** havia algo especial que fez Ky se interessar por ela. Ky ouviu os mais velhos dizerem seguidamente: “Parece que essa **Dé** caiu da Lua!”, e isso, naturalmente, chamou sua atenção. Como **Dé** poderia ter subido até a Lua, que estava tão alta? Que ela tivesse caído, era fácil de compreender, porque, afinal, **Dé** era uma garotinha.

O que realmente ocorria era que **Dé** estava sempre um pouco distraída, um pouco como em outra parte e não onde ela efetivamente estava. E é por isso que às vezes respondia uma coisa quando lhe falavam de outra. E às vezes perguntava bastante impressionada por coisas que todo mundo já sabia.

Mas o pior era que **Dé** tinha como a doença de falar. Era como se ficar calada a machucasse, e para não sentir dor, falasse sempre.

Contava tudo o que via, tudo o que ouvia, tudo o que sentia. Contava o que ocorria em sua casa e o que havia testemunhado na rua ou na margem do arroio enquanto lavava a roupa.

Por ser **Dé** como era, com aquela mania de falar sempre, se distrair e pensar em outras coisas, todos os moradores da aldeia ficaram espantados quando uma patrulha de soldados fantoches a levou presa.

E, de fato, havia muitas razões para que ficassem assustados. Dois irmãos de **Dé** eram guerrilheiros e ela sabia onde ficava o acampamento de seu grupo, tendo passado muitas noites com outras meninas para lhes trazer comida ou munições. Além disso, **Dé** havia trabalhado como todos da aldeia escavando os túneis secretos, os refúgios e os depósitos de armas.

Sem querer fazer mal, muitos disseram que **Dé** poderia fazer isso. Aqueles demônios das tropas fantoches pedirão mil coisas. E ela, com seu espírito simples, cairá na armadilha. Ela começará a falar e falar como sempre. Os guerrilheiros devem ser avisados para que tomem as medidas necessárias e fiquem alertas.

Assim foi feito e, além disso, foram esvaziados os depósitos de armas e munições, bloqueadas as entradas de alguns túneis e camuflados ainda mais os acessos aos refúgios.

Mas tudo aquilo foi tempo perdido, um trabalho inútil. Os grupos de soldados fantoches que todos esperavam ver de um momento para o outro não chegaram. Os homens mais comprometidos da aldeia que haviam se escondido pensando que seriam presos, saíram de seus esconderijos. O que teria acontecido?

Foi **Dé** quem respondeu quatro dias depois. Ela havia emagrecido, estava esfomeada e muito esgotada, a ponto de não ter vontade de falar. Todos os moradores da aldeia a cercaram e ela apenas sorriu.

– Te fizeram falar? – Perguntou um deles.

– Te torturaram? Perguntou outro.

– Ambas as coisas – respondeu **Dé** sorrindo. Então, ela mostrou as contusões e os arranhões que tinha por toda a parte.

– Mas tu não falaste – disse outro –. Eles não vieram aqui.

– Oh, sim! – respondeu **Dé.** – Falei muito, muito, mas não sobre o que eles queriam que eu falasse. Quase os enlouqueci de tanto falar. Enquanto me perguntavam uma coisa, eu respondia outra. E logo continuava falando, falando. Eles se enfureciam, me batiam e perguntavam de novo. E eu falava sobre outra coisa, como se entendesse tudo ao contrário. Por fim, se cansaram e me disseram para voltar aqui.

Depois daquele dia, ninguém mais na aldeia, falasse o que falasse **Dé**, voltou a dizer:

Essa garotinha! Parece que caiu da Lua!

ensaios

(n.t.) | Yerevan

FIUME, BELGRADO, BUDAPESTE, BRATISLAVA, VIENA, MUNIQUE

ÖDÖN VON HORVÁTH

O TEXTO: Esboço autobiográfico, "Fiume, Belgrado, Budapeste, Bratislava, Viena, Munique", de Ödön von Horváth, integra uma coletânea de ensaios em que o autor mobiliza suas lembranças de forma crítica, calcadas na observação dos conflitos sociais das décadas de 1920 e 1930 na Europa Central, sobretudo na Alemanha, Áustria e Hungria. No texto, ele problematiza a ideia de pátria como unidade nacional e cultural a partir do próprio relato pessoal e geracional, cuja experiência fora atravessada pela Primeira Grande Guerra.

Texto traduzido: Horváth, Ödön von. "Fiume, Belgrad, Budapest, Preßburg, Wien, München". In. *Autobiographisches und Theoretisches*. Disponível em: www.projekt-gutenberg.org.

O AUTOR: Ödön von Horváth (1901-1938), dramaturgo e escritor de língua alemã, nasceu em Fiume (atualmente Rijeka, na Croácia), durante o Império Austro-húngaro. Participou da cena artística de Munique, Berlim e Viena, e em suas obras discutia a censura, a opressão do proletariado, o discurso ideológico racista nacionalista e a postura de artistas e intelectuais diante das ameaças totalitárias. Em 1931, recebeu o Prêmio Kleist por sua obra teatral. Com a instituição do regime nazista na Alemanha e a anexação austríaca, foi perseguido, passando a constar na lista de escritores proibidos pelo governo vigente. Faleceu no exílio em Paris.

A TRADUTORA: Mariana Holms é doutoranda e mestra em Língua e Literatura Alemã pela FFLCH-USP, com estágio de pesquisa no Stefan Zweig Zentrum, vinculado à Universidade de Salzburg. Integra o grupo de pesquisa Relações Linguísticas e Literárias Brasil - Países de língua alemã (RELLIBRA) e dedica-se à pesquisa e tradução de literatura, sobretudo, de exílio.

Fiume, Belgrad, Budapest, Preßburg, Wien, München

“Ich bin eine typisch alt-österreichisch-ungarische Mischung: magya-risch, kroatisch, deutsch, tschechisch.”

ÖDÖN VON HORVÁTH

Sie fragen mich nach meiner Heimat, ich antworte: ich wurde in Fiume geboren, bin in Belgrad, Budapest, Preßburg, Wien und München aufgewachsen und habe einen ungarischen Paß – aber: »Heimat«? Kenn ich nicht. Ich bin eine typisch alt-österreichisch-ungarische Mischung: magyarisch, kroatisch, deutsch, tschechisch – mein Name ist magyarisch, meine Muttersprache ist deutsch. Ich spreche weitaus am besten Deutsch, schreibe nunmehr nur Deutsch, gehöre also dem deutschen Kulturkreis an, dem deutschen Volke. Allerdings: der Begriff »Vaterland«, nationalistisch gefälscht, ist mir fremd. Mein Vaterland ist das Volk.

Also, wie gesagt: Ich habe keine Heimat und leide natürlich nicht darunter, sondern freue mich meiner Heimatlosigkeit, denn sie befreit mich von einer unnötigen Sentimentalität. Ich kenne aber freilich Landschaften, Städte und Zimmer, wo ich mich zuhause fühle, ich habe auch Kindheitserinnerungen und liebe sie, wie jeder andere. Die guten und die bösen. Ich sehe die Straßen und Plätze in den verschiedenen Städten, auf denen ich gespielt habe, oder über die ich zur Schule ging, ich erkenne die Eisenbahn wieder, die Rodelhügel, die Wälder, die Kirchen, in denen man mich zwang, den heiligen Leib des Herrn zu empfangen – ich erinnere mich auch noch meiner ersten Liebe: das war während des Weltkrieges in einem stillen Gäßchen, da holte mich in Budapest eine Frau in ihre Vierzimmerwohnung, es dämmerte bereits, die Frau war keine Prostituierte, aber ihr Mann stand im Feld, ich glaube in Galizien, und sie wollte mal wieder geliebt werden.

Meine Generation, die in der großen Zeit die Stimme mutierte, kennt das alte Österreich-Ungarn nur vom Hörensagen, jene Vorkriegsdoppelmonarchie, mit ihren zweidutzend Nationen, mit borniertestem Lokalpatriotismus neben resignierter Selbstironie, mit ihrer uralten Kultur, ihren Analphabeten, ihrem absolutistischen Feudalismus, ihrer spießbürgerlichen Romantik, spanischen Etikette und gemütlicher Verkommenheit.

Meine Generation ist bekanntlich sehr mißtrauisch und bildet sich ein, keine Illusionen zu haben. Auf alle Fälle hat sie bedeutend weniger als diejenige, die uns herrlichen Zeiten entgegengeführt hat. Wir sind in der glücklichen Lage, glauben zu dürfen, illusionslos leben zu können. Und das dürfte vielleicht unsere einzige Illusion sein.

Ich weine dem alten Österreich-Ungarn keine Träne nach. Was morsch ist, soll zusammenbrechen, und wäre ich morsch, würde ich selbst zusammenbrechen, und ich glaube, ich würde mir keine Träne nachweinen.

Manchmal ist es mir, als wäre alles aus meinem Gedächtnis ausradiert, was ich vor dem Kriege sah. Mein Leben beginnt mit der Kriegserklärung. Und es widerfuhr mir das große Glück erkennen zu dürfen, daß die Ausrottung der nationalistischen Verbrechen nur durch die völlige Umschichtung der Gesellschaft ermöglicht werden wird. Das ist mein Glaube. Lächeln Sie nicht! Dadurch, daß eine Erkenntnis oft als Schlagwort formuliert wird, verliert sie nichts von ihrer Wahrheit. Worauf es ankommt, ist die Bekämpfung des Nationalismus zum Besten der Menschheit. Ich glaube, es ist mir gelungen, durch meine »Bergbahn« den Beweis zu erbringen, daß auch [ein] nicht »Bodenständiger«, nicht »Völkischer«, eine heimatlose Rassenmischung, etwas »Bodenständig-Völkisches« schaffen kann, – denn das Herz der Völker schlägt im gleichen Takt, es gibt ja nur Dialekte als Grenzen.

FIUME, BELGRADO, BUDAPESTE, BRATISLAVA, VIENA, MUNIQUE

"Eu sou uma típica mistura austro-húngara antiga: magiar, croata, alemã, tcheca."

ÖDÖN VON HORVÁTH

Os senhores me perguntam por minha terra natal, eu respondo: nasci em Fiume, cresci em Belgrado, Budapeste, Bratislava, Viena e Munique e tenho um passaporte húngaro – mas: "minha terra"? Não conheço. Eu sou uma típica mistura austro-húngara antiga: magiar, croata, alemã, tcheca – meu nome é magiar, minha língua materna é alemã. Eu, de longe, falo melhor alemão, escrevo agora só em alemão, pertenço então ao círculo cultural alemão, ao povo alemão. De fato: o conceito "pátria", nacionalisticamente falsificado, me é estranho. Minha pátria é o povo.

Então, como dito: Eu não tenho pátria e evidentemente não sofro com isso, ao contrário, alegro-me com minha apatriedade, pois, ela me livra de um sentimentalismo desnecessário. Mas, com certeza, conheço paisagens, cidades e quartos onde me sinto em casa, também tenho lembranças de infância e as amo como quaisquer outras. As boas e as más. Eu vejo as ruas e praças das várias cidades por onde brinquei ou passei a caminho da escola, reconheço a estação ferroviária, a pista de trenó, as florestas, as igrejas em que me obrigaram a receber o Corpo Santo do Senhor – eu ainda me lembro de meu primeiro amor: foi durante a guerra mundial, em um beco quieto de Budapeste, ali uma mulher me levou para o seu apartamento de quatro cômodos, já anoitecia, a mulher não era prostituta, mas seu marido estava no front, creio que na Galícia, e ela desejava ser amada mais uma vez.

Minha geração, que no tempo decisivo calou a sua voz, conhece a velha Áustria-Hungria só de ouvir falar, a tal dupla monarquia pré-guerra, com

suas duas dúzias de nações, com o mais tacanho patriotismo local ao lado da autoironia resignada, com sua cultura ancestral, seus analfabetos, seu feudalismo absolutista, seu romantismo pequeno-burguês, etiqueta hispânica e degradação aprazível.

Minha geração é, como se sabe, muito desconfiada e se gaba de não ter ilusões. Em todo caso, ela tem significativamente menos ilusões que a tal que nos conduziu a épocas magníficas. Estamos na feliz situação de nos permitirem acreditar que se pode viver sem ilusões. E esta seja talvez nossa única ilusão permitida.

Eu não derramo uma lágrima sequer pela velha Áustria-Hungria. O que está apodrecido deve ruir, e se eu estivesse podre, eu mesmo ruiria e, creio, não derramaria uma lágrima por mim.

Às vezes, é como se, para mim, tudo que eu vira antes da guerra tivesse sido apagado de minha memória. Minha vida começa com a declaração da guerra. E isso me levou à grande alegria de poder reconhecer que a erradicação dos crimes nacionalistas só se tornará possível através da transformação completa da sociedade. Essa é minha convicção. Não riam! Pois, seja um conhecimento frequentemente formulado como bordão, nada se perde de sua verdade. Chega-se a isto, ao combate do nacionalismo para o bem da humanidade. Creio que eu tenha conseguido demonstrar, vindo com meu "teleférico", que também [um] não "autóctone", não "popular", uma mistura apátrida de raças é capaz de criar uma "autoctonia-popular" – porque o coração dos povos bate no mesmo compasso, só existem mesmo dialetos como fronteiras.

ALGUNS ASPECTOS DO GROTESCO
NA FICÇÃO SULISTA ESTADUNIDENSE
FLANNERY O'CONNOR

O TEXTO: Em "Alguns aspectos do grotesco na ficção sulista estadunidense", Flannery O'Connor tenta se explicar a uma espécie de "leitor modelo" às avessas, materializado na "mulher idosa da Califórnia", que demandaria de sua obra a capacidade de "aquecer" o coração. A essa exigência de uma "literatura compassiva", fiel ao modo como as coisas ocorrem na vida normal, a autora opõe um tipo de "ficção grotesca", produzida graças a uma intenção motivada pelo próprio escritor. O texto foi publicado postumamente, em 1969, na coletânea de ensaios *Mystery and manners: occasional prose*.

Texto traduzido: O'Connor, Flannery. "Some aspects of the grotesque in Southern fiction." In. *Mystery and manners: occasional prose*. Nova York: Farrar, Strauss & Giroux, 1969, pp. 26-34.

A AUTORA: Flannery O'Connor (1925-1964), escritora americana, nasceu em Savannah, no estado sudeste da Geórgia. Publicou seu primeiro conto, "The Geranium", em 1946, na revista *Accent: A Quarterly of New Literature*. Sua obra, que se enquadra no estilo literário gótico sulista e que apresenta reflexos do catolicismo romano, inclui romances e contos, além de ensaios literários. Dona de um estilo considerado frio, econômico e clínico, sua literatura retrata ambientes decadentes. Publicou dois romances, *The Violent Bear It Away* (1960) e *Wise Blood* (1952), enquanto seus contos foram compilados em uma edição póstuma, em *The Complete Stories*, de 1971.

AS TRADUTORAS: Ana Resende é mestranda em Estudos de Literatura, na Universidade Federal Fluminense (UFF), com pesquisa sobre as histórias de fantasmas da inglesa Vernon Lee. Para a (n.t.) traduziu Charles Beaumont, Shirley Jackson e Vernon Lee.
Lais Alves é mestranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com pesquisa sobre a tradição gótica na obra do escritor brasileiro Cornélio Penna.

Some aspects of the grotesque in Southern fiction

"Southern writers particularly have a penchant for writing about freaks, because are still able to recognize one."

FLANNERY O'CONNOR

I think that if there is any value in hearing writers talk, it will be in hearing what they can witness to and not what they can theorize about. My own approach to literary problems is very like the one Dr. Johnson's blind housekeeper used when she poured tea – she put her finger inside the cup.

These are not times when writers in this country can very well speak for one another. In the twenties there were those at Vanderbilt University who felt enough kinship with each other's ideas to issue a pamphlet called, *I'll Take My Stand*, and in the thirties there were writers whose social consciousness set them all going in more or less the same direction; but today there are no good writers, bound even loosely together, who would be so bold as to say that they speak for a generation or for each other. Today each writer speaks for himself, even though he may not be sure that his work is important enough to justify his doing so.

I think that every writer, when he speaks of his own approach to fiction, hopes to show that, in some crucial and deep sense, he is a realist; and for some of us, for whom the ordinary aspects of daily life prove to be of no great fictional interest, this is very difficult. I have found that if one's young hero can't be identified with the average American boy, or even with the average American delinquent, then his perpetrator will have a good deal of explaining to do.

The first necessity confronting him will be to say what he is not doing; for even if there are no genuine schools in American letters today, there is

always some critic who has just invented one and who is ready to put you into it. If you are a Southern writer, that label, and all the misconceptions that go with it, is pasted on you at once, and you are left to get it off as best you can. I have found that no matter for what purpose peculiar to your special dramatic needs you use the Southern scene, you are still thought by the general reader to be writing about the South and are judged by the fidelity your fiction has to typical Southern life.

I am always having it pointed out to me that life in Georgia is not at all the way I picture it, that escaped criminals do not roam the roads exterminating families, nor Bible salesmen prowl about looking for girls with wooden legs.

The social sciences have cast a dreary blight on the public approach to fiction. When I first began to write, my own particular *bête noire* was that mythical entity, The School of Southern Degeneracy. Every time I heard about The School of Southern Degeneracy, I felt like Br'er Rabbit stuck on the Tarbaby. There was a time when the average reader read a novel simply for the moral he could get out of it, and however naive that may have been, it was a good deal less naive than some of the more limited objectives he now has. Today novels are considered to be entirely concerned with the social or economic or, psychological forces that they will by necessity exhibit, or with those details of daily life that are for the good novelist only means to some deeper end.

Hawthorne knew his own problems and perhaps anticipated ours when he said he did not write novels, he wrote romances. Today many readers and critics have set up for the novel a kind of orthodoxy. They demand a realism of fact which may, in the end, limit rather than broaden the novel's scope. They associate the only legitimate material for long fiction with the movement of social forces, with the typical, with fidelity to the way things look and happen in normal life. Along with this usually goes a wholesale treatment of those aspects of existence that the Victorian novelist could not directly deal with. It has only been within the last five or six decades that writers have won this supposed emancipation. This was a license that opened up many possibilities for fiction, but it is always a bad day for culture when any liberty of this kind is assumed to be general. The writer has no rights at till except those he forges for himself inside his own work. We have become so flooded with sorry fiction based on unearned liberties, or on the notion that fiction must represent the typical, that in the public mind the deeper kinds of realism are less and less understandable.

The writer who writes within what might be called the modern romance tradition may not be writing novels which in all respects partake of a novelistic orthodoxy; but as long as these works have vitality, as long as they present something that is alive, however eccentric its life may seem to the general reader, then they have to be dealt with; and they have to be dealt with on their own terms.

When we look at a good deal of serious modern fiction, and particularly Southern fiction, we find this quality about it that is generally described, in a pejorative sense, as grotesque. Of course, I have found that anything that comes out of the South is going to be called grotesque by the Northern reader, unless it is grotesque, in which case it is going to be called realistic. But for this occasion, we may leave such misapplications aside and consider the kind of fiction that may be called grotesque with good reason, because of a directed intention that way on the part of the author.

In these grotesque works, we find that the writer has made alive some experience which we are not accustomed to observe every day, or which the ordinary man may never experience in his ordinary life. We find that connections which we would expect in the customary kind of realism have been ignored, that there are strange skips and gaps which anyone trying to describe manners and customs would certainly not have left. Yet the characters have an inner coherence, if not always a coherence to their social framework. Their fictional qualities lean away from typical social patterns, toward mystery and the unexpected. It is this kind of realism that I want to consider.

All novelists are fundamentally seekers and describers of the real, but the realism of each novelist will depend on his view of the ultimate reaches of reality. Since the eighteenth century, the popular spirit of each succeeding age has tended more and more to the view that the ills and mysteries of life will eventually fall before the scientific advances of man, a belief that is still going strong even though this is the first generation to face total extinction because of these advances. If the novelist is in tune with this spirit, if he believes that actions are predetermined by psychic make-up or the economic situation or some other determinable factor, then he will be concerned above all with an accurate reproduction of the things that most immediately concern man, with the natural forces that he feels control his destiny. Such a writer may produce a great tragic naturalism, for by his responsibility to the things he sees, he may transcend the limitations of his narrow vision.

On the other hand, if the writer believes that our life is and will remain essentially mysterious, if he looks upon us as beings existing in a created order to whose laws we freely respond, then what he sees on the surface will be of interest to him only as he can go through it into an experience of mystery itself. His kind of fiction will always be pushing its own limits outward toward the limits of mystery, because for this kind of writer, the meaning of a story does not begin except at a depth where adequate motivation and adequate psychology and the various determinations have been exhausted. Such a writer will be interested in what we don't understand rather than in what we do. He will be interested in possibility rather than in probability. He will be interested in characters who are forced out to meet evil and grace and who act on a trust beyond themselves – whether they know very clearly what it is they act upon or not. To the modern mind, this kind of character, and his creator, are typical Don Quixotes, tilting at what is not there.

I would not like to suggest that this kind of writer, because his interest is predominantly in mystery, is able in any sense to slight the concrete. Fiction begins where human knowledge begins – with the senses – and every fiction writer is bound by this fundamental aspect of his medium. I do believe, however, that the kind of writer I am describing will use the concrete in a more drastic way. His way will much more obviously be the way of distortion.

Henry James said that Conrad in his fiction did things in the way that took the most doing. I think the writer of grotesque fiction does them in the way that takes the least, because in his work distances are so great. He's looking for one image that will connect or combine or embody two points; one is a point in the concrete, and the other is a point not visible to the naked eye, but believed in by him firmly, just as real to him, really, as the one that everybody sees.

It's not necessary to point out that the look of this fiction is going to be wild, that it is almost of necessity going to be violent and comic, because of the discrepancies that it seeks to combine.

Even though the writer who produces grotesque fiction may not consider his characters any more freakish than ordinary fallen man usually is, his audience is going to; and it is going to ask him–or more often, tell him–why he has chosen to bring such maimed souls alive. Thomas Mann has said that the grotesque is the true anti-bourgeois style, but I believe that in this country, the general reader has managed to connect the grotesque with the

sentimental, for whenever he speaks of it favorably, he seems to associate it with the writer's compassion.

It's considered an absolute necessity these days for writers to have compassion. Compassion is a word that sounds good in anybody's mouth and which no book jacket can do without. It is a quality which no one can put his finger on in any exact critical sense, so it is always safe for anybody to use. Usually I think what is meant by it is that the writer excuses all human weakness because human weakness is human. The kind of hazy compassion demanded of the writer now makes it difficult for him to be anti-anything. Certainly when the grotesque is used in a legitimate way, the intellectual and moral judgments implicit in it will have the ascendency over feeling.

In nineteenth-century American writing, there was a good deal of grotesque literature which came from the frontier and was supposed to be funny; but our present grotesque characters, comic though they may be, are at least not primarily so. They seem to carry an invisible burden; their fanaticism is a reproach, not merely an eccentricity. I believe that they come about from the prophetic vision peculiar to any novelist whose concerns I have been describing. In the novelist's case, prophecy is a matter of seeing near things with their extensions of meaning and thus of seeing far things close up. The prophet is a realist of distances, and it is this kind of realism that you find in the best modern instances of the grotesque.

Whenever I'm asked why Southern writers particularly have a penchant for writing about freaks, I say it is because we are still able to recognize one. To be able to recognize a freak, you have to have some conception of the whole man, and in the South the general conception of man is still, in the main, theological. That is a large statement, and it is dangerous to make it, for almost anything you say about Southern belief can be denied in the next breath with equal propriety. But approaching the subject from the standpoint of the writer, I think it is safe to say that while the South is hardly Christ-centered, it is most certainly Christ-haunted. The Southerner, who isn't convinced of it, is very much afraid that he may have been formed in the image and likeness of God. Ghosts can be very fierce and instructive. They cast strange shadows, particularly in our literature. In any case, it is when the freak can be sensed as a figure for our essential displacement that he attains some depth in literature.

There is another reason in the Southern situation that makes for a tendency toward the grotesque and this is the prevalence of good Southern writers. I think the writer is initially set going by literature more than by life.

When there are many writers all employing the same idiom, all looking out on more or less the same social scene, the individual writer will have to be more than ever careful that he isn't just doing badly what has already been done to completion. The presence alone of Faulkner in our midst makes a great difference in what the writer can and cannot permit himself to do. Nobody wants his mule and wagon stalled on the same track the Dixie Limited is roaring down.

The Southern writer is forced from all sides to make his gaze extend beyond the surface, beyond mere problems, until it touches that realm which is the concern of prophets and poets. When Hawthorne said that he wrote romances, he was attempting, in effect, to keep for fiction some of its freedom from social determinisms, and to steer it in the direction of poetry. I think this tradition of the dark and divisive romance-novel has combined with the comic-grotesque tradition, and with the lessons all writers have learned from the naturalists, to preserve our Southern literature for at least a little while from becoming the kind of thing Mr. Van Wyck Brooks desired when he said he hoped that our next literary phase would restore that central literature which combines the great subject matter of the middlebrow writers with the technical expertness bequeathed by the new critics and which would thereby restore literature as a mirror and guide for society.

For the kind of writer I have been describing, a literature which mirrors society would be no fit guide for it, and one which did manage, by sheer art, to do both these things would have to have recourse to more violent means than middlebrow subject matter and mere technical expertness.

We are not living in times when the realist of distances is understood or well thought of, even though he may be in the dominant tradition of American letters. Whenever the public is heard from, it is heard demanding a literature which is balanced and which will somehow heal the ravages of our times. In the name of social order, liberal thought, and sometimes even Christianity, the novelist is asked to be the handmaid of his age.

I have come to think of this handmaid as being very like the Negro porter who set Henry James' dressing case down in a puddle when James was leaving the hotel in Charleston. James was then obliged to sit in the crowded carriage with the satchel on his knees. All through the South the poor man was ignobly served, and he afterwards wrote that our domestic servants were the last people in the world who should be employed in the way they were, for they were by nature unfitted for it. The case is the same with the no-

velist. When be is given the function of domestic, he is going to set the public's luggage down in puddle after puddle.

The novelist must be characterized not by his function but by his vision, and we must remember that his vision has to be transmitted and that the limitations and blind spots of his audience will very definitely affect the way he is able to show what he sees. This is another thing which in these times increases the tendency toward the grotesque in fiction.

Those writers who speak for and with their age are able to do so with a great deal more ease and grace than those who speak counter to prevailing attitudes. I once received a letter from an old lady in California who informed me that when the tired reader comes home at night, he wishes to read something that will lift up his heart. And it seems her heart had not been lifted up by anything of mine she had read. I think that if her heart had been in the right place, it would have been lifted up.

You may say that the serious writer doesn't have to bother about the tired reader, but he does, because they are all tired. One old lady who wants her heart lifted up wouldn't be so bad, but you multiply her two hundred and fifty thousand times and what you get is a book club. I used to think it should be possible to write for some supposed elite, for the people who attend universities and sometimes know how to read, but I have since found that though you may publish your stories in *Botteghe Oscure*, they are any good at all, you are eventually going to get a letter from some old lady in California, or some inmate of the Federal Penitentiary or the state insane asylum or the local poorhouse, telling you where you have failed to meet his needs.

And his need, of course, is to be lifted up. There is something in us, as storytellers and as listeners to stories, that demands the redemptive act, that demands that what falls at least be offered the chance to be restored. The reader of today looks for this motion, and rightly so, but what he has forgotten is the cost of it. His sense of evil is diluted or lacking altogether, and so he has forgotten the price of restoration. When he reads a novel, he wants either his senses tormented or his spirits raised. He wants to be transported, instantly, either to mock damnation or a mock innocence.

I am often told that the model of balance for the novelist should be Dante, who divided his territory up pretty evenly between hell, purgatory, and paradise. There can be no objection to this, but also there can be no reason to assume that the result of doing it in these times will give us the balanced picture that it gave in Dante's. Dante lived in the thirteenth cen-

tury, when that balance was achieved in the faith of his age. We live now in an age which doubts both fact and value, which is swept this way and that by momentary convictions. Instead of reflecting a balance from the world around him, the novelist now has to achieve one from a felt balance inside himself.

There is no literary orthodoxy that can be prescribed as settled for the fiction writer, not even that of Henry James, who balanced the elements of traditional realism and romance so admirably within each of his novels. But this much can be said. The great novels we get in the future are not going to be those that the public thinks it wants, or those that critics demand. They are going to be the kind of novels that interest the novelist. And the novels that interest the novelist are those that have not already been written. They are those that put the greatest demands on him, that require him to operate at the maximum of his intelligence and his talents, and to be true to the particularities of his own vocation. The direction of many of us will be more toward poetry than toward the traditional novel.

The problem for such a novelist will be to know how far he can distort without destroying, and in order not to destroy, he will have to descend far enough into himself to reach those underground springs that give life to big work. This descent into himself will, at the same time, be a descent into his region. It will be a descent through the darkness of the familiar into a world where, like the blind man cured in the gospels, he sees men as if they were trees, but walking. This is the beginning of vision, and I feel it is a vision which we in the South must at least try to understand if we want to participate in the continuance of a vital Southern literature. I hate to think that in twenty years Southern writers too may be writing about men in gray-flannel suits and may have lost their ability to see that these gentlemen are even greater freaks than what we are writing about now. I hate to think of the day when the Southern writer will satisfy the tired reader.

ALGUNS ASPECTOS DO GROTESCO
NA FICÇÃO SULISTA ESTADUNIDENSE

"O grotesco é o verdadeiro estilo antiburguês."

FLANNERY O'CONNOR

Penso que se há algum valor em dar ouvidos aos escritores, esse valor está mais em ouvir seu testemunho do que suas teorias. Eu lido com os problemas literários da mesma forma que a governanta cega do Dr. Johnson, que, na hora de servir o chá, colocava o dedo dentro da xícara[1].

Não vivemos tempos nos quais os escritores deste país possam falar em nome uns dos outros. Nos anos 20, na Vanderbilt University, houve quem acreditasse compartilhar ideias suficientes para publicar um panfleto chamado "I'll take my stand"[2], e, nos anos 30, a consciência social de alguns autores os levou mais ou menos na mesma direção. Mas hoje não há bons escritores que, por mais que tenham algo em comum, ousariam afirmar que falam em nome de uma geração ou uns pelos outros. Hoje cada escritor fala por si, mesmo que não tenha certeza de que sua obra seja assim tão importante.

Penso que todo escritor, ao falar de sua relação com a literatura, espera mostrar que, de maneira decisiva e profunda, é adepto do realismo. E, para alguns de nós, para quem os aspectos mais banais da vida cotidiana não despertam um grande interesse ficcional, isso é muito difícil. Eu me dei conta de que, se um jovem herói de ficção não puder ser identificado ao jovem

---

[1] O episódio a que O'Connor se refere ficou conhecido após a publicação de *The life of Samuel Johnson* (1791), biografia escrita por James Boswell, em que narra uma tarde na residência do Dr. Johnson. A governanta cega do escritor, Srta. Williams, tinha a peculiar mania de colocar o dedo dentro das xícaras para conferir a quantidade de chá. (n.t.)

[2] "I'll take my stand: the South and the agrarian tradition" foi um manifesto, publicado em 1930, por um grupo de doze escritores, ensaístas e poetas do sul dos Estados Unidos, que ficaram conhecidos como "os agrários da Vanderbilt". O panfleto contribuiu para a chamada "Renascença Sulista", uma retomada da literatura do sul estadunidense. (n.t.)

americano médio, ou mesmo ao delinquente americano médio, então, seu criador terá muito o que explicar.

A primeira necessidade com que o escritor se depara é dizer o que não está fazendo, pois mesmo que não haja autênticas escolas literárias atualmente, há sempre um crítico que acabou de inventar uma e que está disposto a acrescentar seu nome nela. Se você é um autor sulista, esse rótulo, junto com todos os seus equívocos, vai lhe ser afixado e caberá somente a você livrar-se dele da forma que puder. Concluí que quando um escritor utiliza o cenário sulista, sem importar a finalidade específica de suas necessidades dramáticas, o leitor comum vai pensar que está escrevendo sobre o sul e vai julgá-lo pela fidelidade de seu texto à típica vida sulista.

Alguém sempre comenta que a vida na Geórgia não é do jeito que representei, que criminosos foragidos não saem pelas estradas exterminando famílias, nem vendedores de Bíblias perambulam atrás de garotas com pernas de madeira.

As ciências sociais lançaram uma terrível praga sobre a relação do público com a ficção. Quando comecei a escrever, minha *bête noire* era essa entidade mítica: a Escola da Degeneração Sulista. Sempre que ouvia falar da Escola da Degeneração Sulista, eu me sentia como Br'er Rabbit preso em Tarbaby[3]. Houve uma época em que o leitor médio lia um romance para simplesmente extrair uma moral qualquer da história, e por mais ingênuo que isso pudesse ser era bem menos ingênuo do que alguns dos objetivos mais limitados que ele tem agora. Hoje consideram que os romances estão totalmente envolvidos com as forças sociais, econômicas ou psicológicas que necessariamente apresentarão ou com aqueles detalhes da vida cotidiana que, para o bom romancista, são apenas o meio para algum fim mais profundo.

Hawthorne conhecia bem seus problemas e, talvez, tenha antecipado os nossos ao dizer que não escrevia romances, mas romanesco[4]. Atualmente leitores e críticos estabeleceram uma espécie de ortodoxia para o romance. Exigem um realismo de fato que pode, no fim, limitar em vez de ampliar seu escopo. Eles associam o único material legítimo para a ficção longa ao movimento das forças sociais, ao típico, à fidelidade ao modo como as coisas se parecem e ocorrem na vida normal. Além disso, normalmente aplica-se um tratamento integral desses aspectos da existência com os quais o romancista

[3] Br'er Rabbit, o Compadre Coelho, é o protagonista de uma coletânea de contos sulistas tradicionais, adaptados por Joel Chandler Harris (1848-1908), sob o título de *Tales of Uncle Remus* (1881). (n.t.)

[4] A autora se refere à oposição em língua inglesa das formas ficcionais de *novel* e *romance*, conforme mencionada por Hawthorne no "Prefácio" de *The house of the seven gables*, em que o autor observa que uma obra romanesca (*romance*) reclama certa amplitude, tanto no estilo quanto no assunto, que se oporia à minúcia do romance (*novel*). (n.t.)

vitoriano não poderia lidar diretamente. Foi apenas nas últimas cinco ou seis décadas que os escritores conquistaram essa suposta emancipação. Foi uma licença que abriu muitas possibilidades para a ficção, mas nunca é um dia bom para a cultura se supomos que tal liberdade deveria ser generalizada. O escritor não tem direito algum, exceto aqueles que forja para si mesmo no interior de sua obra. Ficamos tão empanturrados de literatura compassiva baseada em liberdades não conquistadas, ou então, na noção de que a ficção deve representar o típico, já que, na mente do público, os tipos mais profundos de realismo são cada vez menos compreensíveis.

O escritor que escreve no âmbito do que se poderia chamar de tradição do romance moderno pode não escrever narrativas que tomem parte totalmente em uma ortodoxia do romance; mas se essas obras tiverem vitalidade, se apresentarem alguma coisa que esteja viva, por mais excêntrica que a vida possa parecer ao leitor comum, elas têm que ser levadas em conta. E isso tem que ser feito em seus próprios termos.

Ao olharmos para uma boa parte da ficção moderna séria, e, em particular, para a ficção sulista, encontramos essa qualidade que é geralmente descrita de modo pejorativo como grotesca. Claro que descobri que qualquer coisa que venha do sul vai ser chamada de grotesca pelo leitor do norte, a menos que seja grotesca, e, nesse caso, vai ser chamada de realista. Mas, nesta ocasião, vamos deixar de lado essas qualificações errôneas e considerar o tipo de ficção que pode ser chamado grotesco com razão, graças a uma intenção precisa do autor nesse sentido.

Nessas obras grotescas, descobrimos que o escritor deu vida a alguma experiência que não costumamos observar todos os dias ou que o homem comum pode nunca ter experimentado em sua vida cotidiana. Percebemos que as conexões que se esperaria no tipo comum de realismo foram ignoradas, que há estranhos saltos e lacunas que alguém que tentasse descrever hábitos e costumes, sem dúvida, não deixaria para trás. Ainda assim, os personagens têm uma coerência interna, quando não uma coerência com sua estrutura social. As qualidades ficcionais se afastam dos padrões sociais típicos e vão em direção ao misterioso e ao inesperado. É esse tipo de realismo que eu quero considerar.

No fundo, todos os romancistas buscam e descrevem o real, mas o realismo de cada um dependerá de sua visão acerca do alcance último da realidade. Desde o século XVIII, o espírito popular das épocas subsequentes tende cada vez mais à visão de que os males e os mistérios da vida capitularão diante dos avanços científicos da humanidade, uma crença que ainda é muito forte,

embora esta seja a primeira geração a enfrentar a possibilidade de extinção total por causa desses mesmos avanços. Se o romancista se identifica com esse espírito, se acredita que as ações estão predeterminadas pela constituição psíquica, pela situação econômica ou por qualquer outro fator determinante, então, ele se ocupará, sobretudo, da reprodução precisa das coisas que dizem respeito mais imediatamente ao ser humano, das forças naturais que ele sente que controlam seu destino. Tal escritor pode produzir um grande naturalismo trágico, pois graças à responsabilidade com as coisas que vê, pode transcender as limitações de sua visão estreita.

Ao contrário, se o escritor acredita que a nossa vida é e continuará sendo essencialmente um mistério, se considera que somos seres que existem em uma ordem criada a cujas leis respondemos livremente, então, o que ele vê na superfície será de seu interesse apenas à medida que passar por isso o conduza a uma experiência do próprio mistério. Esse tipo de ficção vai sempre empurrar seus limites na direção dos limites do mistério, pois, para tal escritor, o sentido de uma história apenas começa em uma profundidade na qual se esgotam a motivação adequada, a psicologia adequada e as várias determinações. Esse escritor vai se interessar por aquilo que não compreendemos e não por aquilo que compreendemos. Ele vai se interessar mais pela possibilidade do que pela probabilidade. E vai se ocupar de personagens que são obrigados a encontrar o mal e a graça, e que agem com uma confiança que está além deles mesmos, não importando se sabem ou não sobre o que agem. Para a mentalidade moderna, esse tipo de personagem e seu criador são os típicos dom-quixotes, empunhando armas contra algo que não está lá.

Eu não gostaria de sugerir que esse tipo de escritor descuida do concreto por se interessar predominantemente pelo mistério. A ficção começa onde o conhecimento humano começa (com os sentidos) e todo autor de ficção está sujeito a esse aspecto fundamental de seu meio de expressão. No entanto, creio que o tipo de escritor que estou descrevendo usará o concreto de modo mais drástico, isto é, como deformação.

Henry James dizia que Conrad fazia coisas em sua ficção do modo que exigia a máxima elaboração. Creio que o escritor de ficção grotesca faz do modo que exige a mínima elaboração, pois em seu trabalho as distâncias são muito grandes. Ele está buscando uma imagem que vai conectar, combinar ou incorporar dois pontos: o primeiro é o ponto no concreto e o outro é um ponto que não se vê a olho nu, mas no qual o escritor acredita firmemente, e que, na verdade, é tão real para ele quanto aquele que todo mundo vê.

Não é necessário dizer que essa ficção parecerá selvagem, que será violenta e cômica quase que por necessidade, por causa das discrepâncias que ela quer combinar.

Embora o escritor de ficção grotesca não considere seus personagens nem um pouco mais monstruosos que o tradicional homem decaído, seu público, que não pensa assim, perguntará (ou mais frequentemente, dirá a ele) por que ele escolheu dar vida a almas tão mutiladas. Thomas Mann já dizia que o grotesco é o verdadeiro estilo antiburguês, mas penso que neste país o leitor em geral conseguiu associar o grotesco ao sentimental, pois sempre que falam dele favoravelmente, parecem associá-lo à compaixão do escritor.

Atualmente, considera-se uma necessidade absoluta que os escritores tenham compaixão. Compaixão é uma palavra que soa bem na boca de qualquer um e da qual nenhuma capa de livro pode prescindir. É uma qualidade que ninguém pode criticar, de modo que qualquer um pode usá-la sem perigo. Normalmente, acho que o que querem dizer ao usá-la é que o escritor desculpa todas as fraquezas humanas porque a fraqueza humana é humana. Esse tipo de compaixão vaga que se exige do escritor agora dificulta o fato de ele se colocar contra qualquer coisa. Certamente, quando o grotesco é usado de modo legítimo, os juízos morais e intelectuais implícitos nele terão primazia sobre os sentimentos.

Na literatura americana do século XIX, havia bastante ficção grotesca procedente dos territórios a oeste e que era considerada divertida; mas nossos personagens grotescos atuais, por mais cômicos que sejam, não o são, pelo menos em si mesmos. Eles parecem carregar um fardo invisível; seu fanatismo é uma reprovação e não mera excentricidade. Creio que se originam da visão profética própria aos romancistas cujas preocupações eu venho descrevendo. Para o romancista, a profecia é uma questão de ver as coisas próximas em toda a extensão de seu significado, e, dessa forma, ver de perto as coisas distantes. O profeta é um realista das distâncias, e é esse realismo que encontramos nos melhores exemplos do grotesco contemporâneo.

Sempre que me perguntam por que os escritores sulistas têm uma predileção para escrever sobre monstros, respondo que é porque nós ainda somos capazes de reconhecê-los. Para se reconhecer um monstro, deve-se ter alguma concepção do homem como um todo, e, no sul, a concepção predominante do homem ainda é teológica. Essa é uma afirmação muito séria e perigosa, pois quase tudo que se diz sobre as crenças sulistas pode ser negado no minuto seguinte. Mas ao tratar desse tema do ponto de vista do escritor,

creio que se pode afirmar que, se Cristo não ocupa uma posição central, ele assombra o sul. O homem sulista, mesmo sem estar convencido, tem muito medo de ter sido criado à imagem e semelhança de Deus. Fantasmas podem ser muito imponentes e instrutivos. Projetam sombras estranhas, em particular, na nossa literatura. Em todo caso, o personagem monstruoso só alcança alguma profundidade literária quando é percebido como uma representação de nosso exílio essencial.

Há outra razão para a tendência ao grotesco no sul, que é a predominância de bons autores sulistas. Creio que o escritor é impulsionado inicialmente mais pela literatura do que pela vida. Quando muitos escritores empregam o mesmo modo de falar, todos observando mais ou menos o mesmo ambiente social, cada autor terá que ser mais cuidadoso do que nunca para não fazer simplesmente mal feito o que já foi feito com perfeição. A mera presença de Faulkner entre nós faz uma grande diferença em relação ao que o escritor pode ou não se permitir. Ninguém quer a mula e a carroça paradas nos mesmos trilhos nos quais a locomotiva *Dixie Limited* vem roncando.

O escritor sulista é forçado, de todos os lados, a estender seu olhar além da superfície, além dos meros problemas, até tocar aquele âmbito do qual se ocupam os profetas e os poetas. Quando Hawthorne afirmou que escrevia romanesco, ele tentava, com efeito, salvar dos determinismos sociais um pouco da liberdade da ficção e conduzi-la em direção à poesia. Creio que essa tradição obscura e controvertida do romanesco-romance se combinou com a tradição do cômico-grotesco e com as lições que todos os escritores aprenderam dos naturalistas para evitar que a nossa literatura sulista, pelo menos por algum tempo, converta-se no tipo de coisa que o Sr. Van Wyck Brooks desejava quando disse que tinha esperança de que a nossa próxima fase literária restaurasse aquela literatura essencial que combina o grande tema dos autores comerciais com o conhecimento técnico legado pelos novos críticos e que, portanto, restaurasse a literatura como um espelho e guia da sociedade.

Para o tipo de escritor que tenho descrito, uma literatura que reflete a sociedade não seria um guia adequado, e um escritor que conseguisse, pela pura arte, fazer essas coisas, teria que ter acesso a meios mais violentos que temas comerciais e mero conhecimento técnico.

Não vivemos tempos em que o realista das distâncias seja compreendido ou tido em alta conta, ainda que ele possa estar na tradição dominante das letras americanas. Sempre que o público se faz ouvir exige uma literatura que seja equilibrada e, que, de algum modo, possa curar os estragos do nosso

tempo. Em nome da ordem social, do pensamento liberal, e às vezes até do Cristianismo, pede-se ao romancista que seja o criado de sua época.

Pensando bem, esse criado é muito semelhante ao carregador de malas negro que pousou o *nécessaire* de Henry James em uma poça quando o escritor saía do hotel em Charleston. James, então, viu-se obrigado a sentar na carruagem lotada com o *nécessaire* apoiado nos joelhos. Durante toda a viagem pelo sul, o pobre romancista foi muito mal servido, e depois escreveu que nossos empregados domésticos eram as últimas pessoas do mundo que deveriam exercer tal ofício, para o qual eram naturalmente inadequados. A mesma coisa sucede ao romancista a quem atribuem a função de criado: ele pousará a bagagem do público em todas as poças do trajeto.

O romancista deve se caracterizar não por sua função, mas por sua visão, e nós devemos recordar que essa visão tem que ser transmitida, e que limitações ou pontos cegos da audiência, sem dúvida, afetarão o modo como ele é capaz de mostrar o que vê. Esse é outro aspecto que, na nossa época, aumenta a tendência para o grotesco na ficção.

Os escritores que falam por e com a sua época são capazes de fazê-lo com muito mais facilidade e graça do que aqueles que falam contra as atitudes dominantes. Uma vez recebi uma carta de uma mulher idosa da Califórnia, que me informava que, à noite, quando o leitor cansado volta para casa, quer ler alguma coisa para aquecer o coração. E parece que nada do que escrevi aqueceu seu coração. Creio que se o coração dela funcionasse direito, teria ficado aquecido.

Pode-se dizer que o escritor sério não deve se incomodar com o leitor cansado, mas ele se incomoda, porque todos estão cansados. Não seria tão ruim uma mulher idosa que quer aquecer seu coração, mas se você multiplicá-la por 250 mil, o resultado é um clube do livro. Eu costumava pensar que seria possível escrever para uma suposta elite, para as pessoas que frequentam universidades e, que, às vezes, sabem ler, mas desde então me dei conta de que, embora você publique suas histórias em *Botteghe Oscure*[5], elas não são, de modo algum, consideradas boas, e uma hora dessas você recebe uma carta de alguma senhora da Califórnia ou de alguém da penitenciária federal, do hospício estadual ou do abrigo local, que vai lhe dizer em que ponto você deixou de satisfazer as necessidades dele.

[5] *Botteghe Oscure* foi uma revista literária fundada por Marguerite Caetani. A revista, publicada em Roma, circulou entre os anos de 1948 e 1960 e contribuiu para a difusão de autores contemporâneos, dentre os quais, Italo Calvino, Albert Camus, George Steiner, Tennesse Williams e Octavio Paz. (n.t.)

E a necessidade dessa pessoa, claro, é ter o coração aquecido. Algo em nós, enquanto narradores e ouvintes de histórias, exige o ato redentor, exige que as coisas decaídas tenham, pelo menos, a chance de ser restauradas. O leitor de hoje busca um impulso assim, e faz bem, mas se esqueceu do custo disso. Seu senso de maldade está diluído ou simplesmente ausente e, por isso, ele se esqueceu do preço da restauração. Ao ler um romance, quer que lhe atormentem os sentidos ou animem seu espírito. E quer ser transportado no mesmo instante para um simulacro de danação ou de inocência.

Frequentemente dizem que o modelo de equilíbrio para o romancista deveria ser Dante, que dividiu seu território em partes iguais entre inferno, purgatório e paraíso. Não há objeção a isso, mas também não há razão para supor que o resultado dessa divisão em nossa época seria a imagem equilibrada da época de Dante. O poeta viveu no século XIII, quando esse equilíbrio era alcançado pela fé. Agora vivemos em um tempo que duvida tanto dos fatos quanto dos valores, que é jogado de um lado para o outro por convicções momentâneas. Em vez de refletir um equilíbrio procedente do mundo à sua volta, o romancista agora precisa alcançá-lo a partir do equilíbrio que sente dentro de si.

Não se pode prescrever ortodoxia literária alguma como algo estabelecido para o escritor de ficção, nem mesmo a de Henry James, que equilibrou de forma tão admirável em suas obras os elementos do realismo tradicional e do romanesco. Mas uma coisa pode ser dita: os grandes romances do futuro não serão aqueles que o público pensa querer ou que os críticos exigem. Serão os romances que interessam ao escritor. E os romances que interessam ao escritor são os que ainda não foram escritos. São os que lhe impõem as maiores exigências, que o obrigam a operar no nível máximo de sua inteligência e de seu talento e que o forçam a ser fiel às particularidades de sua vocação. Muitos de nós seguiremos mais para a poesia do que para o romance tradicional.

A questão para tal romancista será a de saber o quanto ele pode deformar sem destruir, e, a fim de não destruir, ele terá que descer profundamente em si mesmo e alcançar as fontes subterrâneas que dão vida à obra maior. Essa descida em si mesmo será, ao mesmo tempo, uma descida até o seu território. Será uma descida através da escuridão do familiar até um mundo no qual, a exemplo do cego que recuperou a visão nos Evangelhos, ele vê os homens como se fossem árvores, mas árvores que andam. Esse é o começo da visão e sinto que é uma visão que nós, no sul, devemos, ao menos, tentar compreender se queremos tomar parte na continuidade de uma literatura sulista vital. Odeio pensar que daqui a vinte anos os escritores sulistas também

escreverão sobre homens em ternos de flanela cinza e que terão perdido sua capacidade de ver que esses homens são ainda mais monstruosos que aqueles sobre os quais escrevemos agora. Odeio pensar no dia que o escritor sulista satisfará ao leitor cansado.

memória

(n.t.) | Anipemza

Poesias escolhidas
Aleksandr Púchkin

O texto: Seleção de poemas que abrange duas décadas de vida de Aleksandr Púchkin datada a partir de 1818, quando o poeta ainda era adolescente ("A Tchaadáev"), passando por 1828, quando havia completado 29 anos ("Vida, dom vão e fortuito"), até 1836, um ano antes de seu falecimento ("Um momento ergui a mim, obra extra-humana"). As 17 composições foram selecionadas a partir da tradução brasileira de José Casado, *Poesias escolhidas*, de 1992.

Fontes consultadas: Púchkin, Aleksandr. *Poesias escolhidas*. Seleção, tradução e prefácio de José Casado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992; A. C. Пушкин. *Собрание Сочинений*. Москва: Государственное издательство, 1959.

O autor: Aleksandr Púchkin (1799-1837), poeta, romancista e dramaturgo russo, nasceu em Moscou. Dono de uma vasta obra que abrange diversos gêneros literários, é considerado o fundador da moderna literatura russa e um de seus maiores poetas, por ter sido o primeiro a fazer uso do discurso vernacular em seus poemas e peças teatrais, dando origem a um estilo de narrativa que mesclava drama, romance e sátira, que passou a ser associado à literatura russa, influenciando de modo notável escritores como Dostoiévski e Gógol. Escreveu, entre outras obras clássicas, *Ievguiéni Oniéguin* (1832), *O cavaleiro de bronze* (1833) e *Contos de Biélkin* (1831). Morreu em 1837, vítima de um duelo.

O tradutor: José Casado é poeta, prosador, ensaísta e tradutor alagoano. Assina a primeira tradução no Brasil, em língua portuguesa diretamente do russo, de Púchkin, publicada em 1992, pela editora Nova Fronteira. O volume bilíngue apresenta uma seleção de cem poemas.

Стихотворения Пушкина

“Раздайтесь, вакхальны припевы!”

АЛЕКСАНДР ПУШКИН

К ЧААДАЕВУ

Любви, надежды, тихой славы
Недолго нежил нас обман,
Исчезли юные забавы,
Как сон, как утренний туман;
Но в нас горит еще желанье,
Под гнетом власти роковой
Нетерпеливою душой
Отчизны внемлем призыванье.
Мы ждем с томленьем упованья
Минуты вольности святой,
Как ждет любовник молодой
Минуты верного свиданья.
Пока свободою горим,
Пока сердца для чести живы,
Мой друг, отчизне посвятим
Души прекрасные порывы!
Товарищ, верь: взойдет она,
Звезда пленительного счастья,
Россия вспрянет ото сна,
И на обломках самовластья
Напишут наши имена!

1818

ВАКХИЧЕСКАЯ ПЕСНЯ

Что смолкнул веселия глас?
Раздайтесь, вакхальны припевы!
Да здравствуют нежные девы
И юные жены, любившие нас!
Полнее стакан наливайте!
На звонкое дно
В густое вино
Заветные кольца бросайте!
Подымем стаканы, содвинем их разом!
Да здравствуют музы, да здравствует разум!
Ты, солнце святое, гори!
Как эта лампада бледнеет
Пред ясным восходом зари,
Так ложная мудрость мерцает и тлеет
Пред солнцем бессмертным ума.
Да здравствует солнце, да скроется тьма!

1825

СОЖЖЕННОЕ ПИСЬМО

Прощай, письмо любви! прощай: она велела.
Как долго медлил я! как долго не хотела
Рука предать огню все радости мои!..
Но полно, час настал. Гори, письмо любви.
Готов я; ничему душа моя не внемлет.
Уж пламя жадное листы твои приемлет…
Минуту!.. вспыхнули! пылают — легкий дым
Виясь, теряется с молением моим.
Уж перстня верного утратя впечатленье,
Растопленный сургуч кипит… О провиденье!
Свершилось! Темные свернулися листы;
На легком пепле их заветные черты
Белеют… Грудь моя стеснилась. Пепел милый,
Отрада бедная в судьбе моей унылой,
Останься век со мной на горестной груди…

1825

* * *

В степи мирской, печальной и безбрежной,
Таинственно пробились три ключа:
Ключ юности, ключ быстрый и мятежный,
Кипит, бежит, сверкая и журча.
Кастальский ключ волною вдохновенья
В степи мирской изгнанников поит.
Последний ключ — холодный ключ забвенья,
Он слаще всех жар сердца утолит.

18 июня 1827 г., Петербург

* * *

26 мая 1828

Дар напрасный, дар случайный,
Жизнь, зачем ты мне дана?
Иль зачем судьбою тайной
Ты на казнь осуждена?

Кто меня враждебной властью
Из ничтожества воззвал,
Душу мне наполнил страстью,
Ум сомненьем взволновал?..

Цели нет передо мною:
Сердце пусто, празден ум,
И томит меня тоскою
Однозвучный жизни шум.

ТЫ И ВЫ

Пустое *вы* сердечным ты
Она, обмолвясь, заменила
И все счастливые мечты
В душе влюбленной возбудила.
Пред ней задумчиво стою,
Свести очей с нее нет силы;
И говорю ей: как *вы* милы!
И мыслю: как *тебя* люблю!

23 мая 1828 г.

ЗИМНЕЕ УТРО

Мороз и солнце; день чудесный!
Еще ты дремлешь, друг прелестный —
Пора, красавица, проснись:
Открой сомкнуты негой взоры
Навстречу северной Авроры,
Звездою севера явись!

Вечор, ты помнишь, вьюга злилась,
На мутном небе мгла носилась;
Луна, как бледное пятно,
Сквозь тучи мрачные желтела,
И ты печальная сидела —
А нынче… погляди в окно:

Под голубыми небесами
Великолепными коврами,
Блестя на солнце, снег лежит;
Прозрачный лес один чернеет,
И ель сквозь иней зеленеет,
И речка подо льдом блестит.

Вся комната янтарным блеском
Озарена. Веселым треском
Трещит затопленная печь.
Приятно думать у лежанки.
Но знаешь: не велеть ли в санки
Кобылку бурую запречь?

Скользя по утреннему снегу,
Друг милый, предадимся бегу
Нетерпеливого коня
И навестим поля пустые,
Леса, недавно столь густые,
И берег, милый для меня.

1829

ПРИМЕТЫ

Я ехал к вам: живые сны
За мной вились толпой игривой,
И месяц с правой стороны
Сопровождал мой бег ретивый.

Я ехал прочь: иные сны…
Душе влюбленной грустно было,
И месяц с левой стороны
Сопровождал меня уныло.

Мечтанью вечному в тиши
Так предаемся мы, поэты;
Так суеверные приметы
Согласны с чувствами души.

1829

* * *

Я вас любил: любовь ещё, быть может,
В душе моей угасла не совсем;
Но пусть она вас больше не тревожит;
Я не хочу печалить вас ничем.
Я вас любил безмолвно, безнадежно,
То робостью, то ревностью томим;
Я вас любил так искренно, так нежно,
Как дай вам Бог любимой быть другим.

1829

* * *

На холмах Грузии лежит ночная мгла;
Шумит Арагва предо мною.
Мне грустно и легко; печаль моя светла;
Печаль моя полна тобою,
Тобой, одной тобой… Унынья моего
Ничто не мучит, не тревожит,
И сердце вновь горит и любит — оттого,
Что не любить оно не может.

1829

ПОЭТУ

Поэт! не дорожи любовию народной.
Восторженных похвал пройдет минутный шум;
Услышишь суд глупца и смех толпы холодной,
Но ты останься тверд, спокоен и угрюм.

Ты царь: живи один. Дорогою свободной
Иди, куда влечет тебя свободный ум,
Усовершенствуя плоды любимых дум,
Не требуя наград за подвиг благородный.

Они в самом тебе. Ты сам свой высший суд;
Всех строже оценить умеешь ты свой труд.
Ты им доволен ли, взыскательный художник?

Доволен? Так пускай толпа его бранит
И плюет на алтарь, где твой огонь горит,
И в детской резвости колеблет твой треножник.

7 июля 1830 г.

ЭЛЕГИЯ

Безумных лет угасшее веселье
Мне тяжело, как смутное похмелье.
Но, как вино — печаль минувших дней
В моей душе чем старе, тем сильней.
Мой путь уныл. Сулит мне труд и горе
Грядущего волнуемое море.

Но не хочу, о други, умирать;
Я жить хочу, чтоб мыслить и страдать;
И ведаю, мне будут наслажденья
Меж горестей, забот и треволненья:
Порой опять гармонией упьюсь,
Над вымыслом слезами обольюсь,
И может быть — на мой закат печальный
Блеснет любовь улыбкою прощальной.

1830

СТИХИ, СОЧИНЕННЫЕ НОЧЬЮ ВО ВРЕМЯ БЕССОННИЦЫ

Мне не спится, нет огня;
Всюду мрак и сон докучный.
Ход часов лишь однозвучный
Раздаётся близ меня,
Парки бабье лепетанье,
Спящей ночи трепетанье,
Жизни мышья беготня…
Что тревожишь ты меня?
Что ты значишь, скучный шёпот?
Укоризна, или ропот
Мной утраченного дня?
От меня чего ты хочешь?
Ты зовёшь или пророчишь?
Я понять тебя хочу,
Смысла я в тебе ищу…

1830

* * *

Когда в объятия мои
Твой стройный стан я заключаю
И речи нежные любви
Тебе с восторгом расточаю,
Безмолвна, от стесненных рук
Освобождая стан свой гибкой,
Ты отвечаешь, милый друг,
Мне недоверчивой улыбкой;
Прилежно в памяти храня
Измен печальные преданья,
Ты без участья и вниманья
Уныло слушаешь меня…
Кляну коварные старанья
Преступной юности моей
И встреч условных ожиданья
В садах, в безмолвии ночей.
Кляну речей любовный шёпот,
Стихов таинственный напев,
И ласки легковерных дев,
И слёзы их, и поздний ропот.

1830

* * *

Пред испанкой благородной
Двое рыцарей стоят.
Оба смело и свободно
В очи прямо ей глядят.
Блещут оба красотою,
Оба сердцем горячи,
Оба мощною рукою
Оперлися на мечи.

Жизни им она дороже
И, как слава, им мила;
Но один ей мил — кого же
Дева сердцем избрала?
«Кто, реши, любим тобою?» —
Оба деве говорят
И с надеждой молодою
В очи прямо ей глядят.

1830

ЭХО

Ревёт ли зверь в лесу глухом,
Трубит ли рог, гремит ли гром,
Поёт ли дева за холмом —
    На всякий звук
Свой отклик в воздухе пустом
    Родишь ты вдруг.

Ты внемлешь грохоту громов,
И гласу бури и валов,
И крику сельских пастухов —
    И шлёшь ответ;
Тебе ж нет отзыва… Таков
    И ты, поэт!

1831

* * *

Exegi monumentum

Я памятник себе воздвиг нерукотворный,
К нему не заростет народная тропа,
Вознесся выше он главою непокорной
        Александрийского столпа.

Нет, весь я не умру — душа в заветной лире
Мой прах переживет и тленья убежит —
И славен буду я, доколь в подлунном мире
        Жив будет хоть один пиит.

Слух обо мне пройдет по всей Руси великой,
И назовет меня всяк сущий в ней язык,
И гордый внук славян, и финн, и ныне дикой
        Тунгуз, и друг степей калмык.

И долго буду тем любезен я народу,
Что чувства добрые я лирой пробуждал,
Что в мой жестокой век восславил я Свободу
        И милость к падшим призывал.

Веленью божию, о муза, будь послушна,
Обиды не страшась, не требуя венца,
Хвалу и клевету приемли равнодушно,
        И не оспоривай глупца.

21 августа 1836

POESIAS ESCOLHIDAS

"Ressoai, canções licenciosas!"

ALEKSANDR PÚCHKIN

A TCHAADÁEV[1]

Amor, glória quieta e esperança
Foram nossa breve ilusão;
Passou dessa quadra a folgança:
Sono, matinal cerração.
Mas arde em nós inda vontade:
Nosso impaciente coração
Da pátria sob autoridade
Fatal ouve a convocação.
Aguardamos com fé estuante
Da hora da liberdade soar,
Tal como aguarda o moço amante
A hora do encontro regular.
Enquanto o ardente coração
Incitam honra e liberdade,
Do íntimo a nobre agitação
Demos à pátria, amigo, e à idade.
Crê, camarada: elevar-se-á
Feliz estrela de almo dia;
Do sono a Rússia acordará
E na aversão da autocracia
Teu nome e o meu escreverá.

1818

[1] Trata-se de P. Tchaadáev (1794-1856), pensador russo, crítico da autocracia czarista, um dos amigos mais velhos de Púchkin, que lhe dedicou ainda outras obras. (n.t.)

CANÇÃO BÁQUICA

Que fez calar a alegre voz?
Ressoai, canções licenciosas!
Bem-vindas, moças carinhosas
E esposas tão jovens que amáveis a nós!
As taças enchei sem tardança!
No vinho a espumar,
No fundo, o jogar
Vinde (e ouvi-las soar) cada aliança!
Cada taça se erga, de vez seja finda!
Bem-vindas, ó musas; Razão, sê bem-vinda!
Astro sagrado, arde tu, sol!
Como o lampião empalidece
Ao claro surgir do arrebol,
Assim o saber falso hesita e esvanece
Ante o imortal sol da Razão.
Bem-vindo sê tu, sol; vai-te negridão!

1825

A CARTA INCINERADA

Adeus, carta de amor, adeus; assim quis ela...
Muito procrastinei, muito à chama da vela
Meu regozijo eu não me decidi a opor!
Basta, o instante chegou: arde, carta de amor.
Minha alma (pronto estou) outro ato não concebe.
As páginas, voraz, o calor já recebe...
Inflamaram-se após instante... e a fumaçar,
sobem, perdem-se com minhas súplicas no ar.
A esvair-se a impressão fiel do anel – sinete
– Ó Providência –, o lacre, em brasa já derrete...
Cada folha se enrola, então cor de carvão.
Era fatal! Na cinza a oculta alma e expressão
Branqueja... O peito meu contrai-se. Cinza amada,
Refrigério infeliz de sorte desgraçada,
Serás sempre sobre este aflito coração.

1825

* * *

Na estepe do mundo, triste e infinita,
Brotaram em mistério três nascentes:
A da juventude, célere e rebelde,
Ferve, corre, mareja e cintila.
A de Castália, fonte de inspiração,
Mata a sede ao desterrado na estepe.
A última – a fria, do olvido – mata
Ânsias do coração, mais doce e estreme.

1827

"VIDA, DOM VÃO E FORTUITO"

Vida, dom vão e fortuito,
Por que foste dada mim?
Ou com que secreto intuito
Sentenciada a ter fim?

Quem, com hostil prepotência,
Do nada me suscitou,
Fez fogo a alma, e a inteligência
Com a objeção me agitou?

Não vejo meta futura:
A alma e a razão vão ao léu,
E com o esplim me tortura
Da vida o igual escarcéu.

26 de maio de 1828 –
data em que Púchkin fez 29 anos

O TU E O VÓS

Ela o vós neutro, sem querer,
Trocou no tu afetuoso;
Fez-me de ventura nascer
Sonhos no espírito amoroso.
Demoro, pensativo, ali:
Não mais fitá-la é-me impensável.
E digo: “Como sois amável!”
Mas penso: “Como quero a ti”.

1828

MANHÃ DE INVERNO

Há frio e sol: que manhã linda!
Tu, meu primor, dormes ainda.
É tempo, ó bela, de acordar.
Desvenda o olhar que o torpor cerra,
Encara a aurora sobre a terra
Qual fosses novo astro polar!

À noite, neve e tempestade
Houve e, no céu, névoa, verdade?
A mancha lívida do luar
Nos nimbos era amarelada.
Tristonha estavas e sentada;
E ora... à janela vem olhar:

Ao claro azul do céu que esplende,
Tapete raro que se estende,
A neve jaz a fulgurar;
O bosque, só, sobressai, preto;
Verdeja, sob a geada, o abeto;
Sob gelo, eis a água a lucilar.

Faz-se ambarino o quarto inteiro.
Vem estalido prazenteiro
Do recém-aceso fogão.
Meditar perto dele é grato.
Mas dize: queres que, neste ato,
A poldra parda atrele, não?

A deslizar na neve, amada,
Dar-nos-emos à galopada
Do equino e sua agitação.
Iremos ver os nus e imensos
Campos, faz pouco inda tão densos,
E a praia de minha afeição.

1829

PRESSÁGIOS

Eu ia vê-la, e profusão
De alegres sonhos me nascia;
À mão direita a lua então,
Ardente, a marcha me seguia.

Eu já voltava, a profusão
Era diversa: eu suspirava...
À mão esquerda a lua então,
Tristonha, a marcha me observava.

Aos surtos da imaginação,
Poetas, na calma, assim nos damos;
Assim, da crendice os reclamos
Convêm ao nosso coração.

1829

"EU VOS AMEI. AINDA TALVEZ VIVO"

Eu vos amei. Ainda talvez vivo,
O amor não se apagou no peito meu;
Mas não vos seja de aflição motivo:
Entristecer-vos não desejo eu.
Eu vos amei, mudo, sem cor de espera,
Ora acanhado, ora de ciúme a arder.
Eu vos amei com ternura sincera,
Deus queira amada assim venhais a ser.

1829

* * *

Jaz nos outeiros da Geórgia o véu da noite;
Ante mim o ruidoso Aragva.
Estou triste e leve; desta mágoa é clara a fonte;
Cheia de ti é minha mágoa.
De ti, só de ti… Não me tortura o quebranto,
Nada inquieta este pesar,
Meu coração outra vez arde e ama tanto
Porque não sabe não amar.

1829

A UM POETA

Não estimes, poeta, o amor da turbamulta.
Passará o eco do exaltado louvor;
Ouve o rir da alma fria e a máxima de estulta,
Mas permanece firme e calmo e superior.

És rei: por livre estrada (a ser nenhum consulta)
Vai ao fim que a razão livre te faz propor;
Frutos a aperfeiçoar da idéia amada, exulta,
Sem prêmios exigir por proezas de valor.

Acha-os em ti. És teu supremo tribunal;
Julga tua criação do modo mais cabal.
Contente dela estás, autocrítico atuante?

Estás? Deves deixar que a chusma a ataque então,
Cuspa no altar de sobre o qual vem teu clarão
E a trípode te abale com pueril desplante.

1830

ELEGIA

Dos anos loucos a alegria extinta,
Ressaca vaga, faz que eu mal me sinta.
Mas, como o vinho, é o remorso meu
Que mais forte ficou, se envelheceu.
É triste minha estrada. E me anuncia
O mar ruim do porvir dor e agonia.

Mas não desejo, amigos meus, morrer;
Quero ser para pensar e sofrer.
E sei que há gozos para mim guardados
Entre aflições, desgostos e cuidados:
Inda a concórdia poderei cantar,
Sobre prantos fingidos triunfar,
E talvez com sorrir de despedida
Brilhe o amor no sol-pôr de minha vida.

1830

VERSOS COMPOSTOS DURANTE UMA NOITE DE INSÔNIA

Tudo é sono e escuridão;
Não há luz, nem meu ser dorme.
Perto de mim, uniforme,
Só o som do carrilhão,
Da parca o senil gaguejo,
Da noite dormente o adejo,
Da vida de rato a ação...
por que me inquietas, então?
Que expressas, ruído aborrido?
Repreensão? Ou gemido por todo meu dia vão?
O que de mim ora exiges?
Convocas-me?
A logo predizes?
Gostaria de captar
Teu sentido, e o hei de achar.

1830

“QUANDO ESSE ESBELTO CORPO TEU”

Quando esse esbelto corpo teu
Entre meus braços aprisiono,
E às expressões deste amor meu,
Arrebatado, me abandono,
Das mãos prementes, sem um som,
O talhe airoso, sem detença,
Livras e me respondes com
Sorriso de funda descrença.
Lembrando com aplicação
Das mutações minha a história,
Pões-te a escutar-me, merencória,
Sem simpatia ou atenção.
Maldigo as proezas astuciosas
De minha juventude atroz
E as entrevistas amorosas
Nos jardins, nas noites sem voz.
Maldigo do oaristo os cicios,
Dos versos os encantos magos,
Das virgens simples os afagos,
O pranto e os queixumes tardios.

1830

"DE NOBRE ESPANHOLA DIANTE"

De nobre espanhola diante
Dois cavaleiros estão
O olhar franco e petulante
De um e do outro ao dela vão.
Um é belo, o outro é formoso,
E os dois ardem por igual.
Cada um o poderoso
punho põe no aço fatal.

Eles a amam mais que à vida,
Como à glória um e outro a quer,
E ela a um só: de quem, rendida,
Ela almeja ser mulher?
"Dize qual teu predileto",
Ambos lhe falam então
Com fé moça, e o olhar direto
De um e o do outro ao dela vão.

1830

O ECO

Se na floresta fera urrar,
Se guampa ouvir-se ou trovão soar,
Se moça além morro cantar,
        A cada som
Tens ricochete no ermo ar,
        Súbito e bom.

Atenção prestas ao fragor,
De onda e procela ao estridor,
Aos gritos de um e outro pastor,
        O eco a atender;
Não há fugir... Poeta, cantor,
        Tal é teu ser.

1831

UM MOMENTO ERGUI A MIM, OBRA EXTRA-HUMANA

Exegu monumentum.
Horácio (livro III, ode XXX)

Um momento ergui a mim, obra extra-humana.
Sua vereda o mato não há de ocultar.
Eleva-se bem mais sua cúpula ufana
Do que o alexandrino pilar.[2]

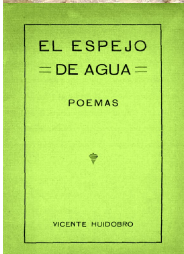
Todo não morrerei: a alma que pus na lira
As cinzas vencerá, da morte há de escapar;
Fama no orbe terei que sob a lua gira
Enquanto um poeta restar.

Ouvirá sobre mim toda a Rússia grandiosa,
Nela fará o meu nome a cada língua jus:
O finês, o calmuco estépico, a orgulhosa
Que herdou o eslavo, e a do tungus.

E o povo me amará durante longa idade,
Pois nobres propensões com a lira espertei,
Pois num tempo cruel cantei a Liberdade
E pelos caídos roguei.

Ao chamado maior, sê, Musa, obediente,
Sem ofensas temer, sem pedir galardão;
Elogio e calúnia acolhe, indiferente,
Nem dês ao paspalho atenção.

1836

[2] "Do que alexandrino pilar, ou mais precisamente", "do que a coluna alexandrina". Referência à coluna de granito vermelho escuro que o czar Nicolai I fez inaugurar, no dia 30 de agosto de 1834, em honra de seu pai, o czar Alexandr I, que governava a Rússia em 1812 quando Napoleão Bonaparte a invadiu e foi dela expulso graças à resistência combinada do povo e do exército russo. O monumento, em cujo topo acha-se um anjo segurando numa das mãos uma cruz, escultura que se deve a Bóris Orlóvski, tem 47,5m de altura e se localiza no Largo do Paço, em São Petesburgo. O projeto foi do arquiteto Auguste Montferrand, as composições em relevo, de bronze, do pedestal foram executadas por Svintsov, Leppe e Balin tomando por base desenhos de Montferrand e de Giovanni Batista Scotti. Púchkin presenciara os trabalhos de instalação do monumento, mas não assistiu à inauguração, que se deu em meio a desfile de tropas ao som de música militar. (n.t.)

CAPA:

Selos de Harappa, Paquistão
ARQUIVO (n.t.)

INTERNAS:
Aline Daka (p. 3)
Paisagem, 2020
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

VINHETAS:

Fotos de:
Gleiton Lentz (pp. 8, 132, 266 e 290)
Armênia
ARQUIVO (n.t.)

ENTRADAS:
William-Adolphe Bouguereau (p. 9)
Homero e seu guia, 1874
Óleo sobre tela
MILWAUKEE ART MUSEUM

Vicente Huidobro (autor) (p. 57)
Capa de *El Espejo de Agua*, 1915
Brochura
BIBLIOTECA NACIONAL DE CHILE, SANTIAGO

Robert Graves (autor) (p. 78)
Detalhe de *Robert Graves Reading Selected Poems*, 1959
LP Vinil
THE MARVELL PRESS, HULL

Sedat Pakay (p. 111)
Foto de James Baldwin, em Istambul, 1964 (detalhe)
Fotografia
WWW.SEDATPAKAY.COM

Motojirō Kajii (autor) (p. 133)
Monumento a Motojirō Kajii, em Osaka, Japão, 1981 [s.d.]
Pedra talhada
GOOGLE IMAGENS

Max Oppenheimer (p. 168)
Einstein, para o livro *Bebuquin*, 1917
Litografia
DIE AKTION, BERLIM

Fulvio Bianconi (p. 177)
Sem título, detalhe da capa de *Lettera aperta*, 1967
Ilustração
GARZANTI EDITORE, MILÃO

Bob Harvey (p. 190)
Ilustração para o conto "O braço mirrado", de T. Hardy, 2008
Ilustração
OXFORD UNIVERSITY PRESS

Armando Millares Blanco (p. 246)
Ky, para o livro *Niños de Viet Nam*, 1974
Ilustração
EDITORIAL GENTE NUEVA, HAVANA

Gabriele Münter (p. 267)
Ödön von Horvath de jaqueta vermelha, 1931
Óleo sobre cartão
SCHLOßMUSEUM MURNAU, MURNAU AM STAFFELSEE

Harry Clarke (p. 272)
O homem da multidão, para *Tales of Mystery and Imagination*, de Poe, 1923.
Ilustração
WIKIART.ORG

Ilya Repin e **Ivan Aivazovsky** (p. 291)
O adeus ao mar de Pushkin, 1877
Óleo sobre tela
NATIONAL PUSHKIN MUSEUM, SÃO PETERSBURGO

CONTRACAPA:
Gleiton Lentz (p. 328)
Escritório de Tradução em Yerevan, Armênia
Fotografia
ARQUIVO (n.t.)

A (n.t.) | 18º acabou-se de editar em 25 de setembro de 2020.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, **Baramond**
Russo e grego antigo: **Palatino Linotype**
Japonês: **MS Mincho**

ԹԱՐԳՄԱՆՈՒԹՅՈՒՆ
TRANSLATION
ԿԱՐՍ
KARS
ՌՈՒՍԵՐԵՆ
ԱՆԳԼԵՐԵՆ
ՎՐԱՑԵՐԵՆ
ՖՐԱՆՍԵՐԵՆ
ԻՍՊԱՆԵՐԵՆ
ԳԵՐՄԱՆԵՐԵՆ
ՈՒԿՐԱԻՆԵՐԵՆ
ՊԱՐՍԿԵՐԵՆ
ԱՐԱԲԵՐԵՆ
ՀՈԼԱՆԴԵՐԵՆ
ԵԲՐԱՅԵՐԵՆ